

UNIVERSIDADE DE LISBOA
FACULDADE DE LETRAS
ÁREA DE ARTES, LITERATURAS E CULTURAS



**DESCRIÇÃO SISTÊMICO-FUNCIONAL DA GRAMÁTICA DO MODO
ORACIONAL DAS ORAÇÕES EM *NYUNGWE***

Sóstenes Valente Rego

DOUTORAMENTO NO RAMO DE CONHECIMENTO DE LINGUÍSTICA
Especialidade de Linguística Geral

2012

UNIVERSIDADE DE LISBOA
FACULDADE DE LETRAS
ÁREA DE ARTES, LITERATURAS E CULTURAS



**DESCRIÇÃO SISTÊMICO-FUNCIONAL DA GRAMÁTICA DO MODO
ORACIONAL DAS ORAÇÕES EM *NYUNGWE***

Sóstenes Valente Rego

Tese orientada pelo Prof. Doutor Carlos A. M. Gouveia

DOUTORAMENTO NO RAMO DE CONHECIMENTO DE LINGUÍSTICA
Especialidade de Linguística Geral

2012

Descrição sistémico-funcional da gramática do modo oracional das orações em *nyungwe*

© Sóstenes Valente Rego, Faculdade de Letras da UL, Universidade de Lisboa.

A Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa e a Universidade de Lisboa têm licença não exclusiva para arquivar e tornar acessível, nomeadamente através do seu repositório institucional, esta tese, no todo ou em parte, em suporte digital, para acesso mundial. A Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa e a Universidade de Lisboa estão autorizadas a arquivar e, sem alterar o conteúdo, converter a tese ou dissertação entregue, para qualquer formato de ficheiro, meio ou suporte, nomeadamente através da sua digitalização, para efeitos de preservação e acesso.

A todos os *anyungwe*
discriminados na sua própria terra
por não falarem a língua oficial única.

Às hienas de Tete
tão badalados e odiados seres
eternos protagonistas
de mitologias, feitiços, magias...

AGRADECIMENTOS

Um trabalho desta índole e envergadura, envolve sempre, directa ou indirectamente, muitas pessoas. Mesmo correndo o risco de omitir algumas, sinto-me na obrigação moral de, através deste meio, publicamente fazer os devidos agradecimentos.

Queria, pois, em jeito de uma profunda gratidão, destinar os meus primeiros agradecimentos àqueles que estão na base deste trabalho. E são muitos. Desde logo, agradeço aos meus *mizimu*, ‘espíritos dos ancestrais’, que foram incansáveis, insistindo-me nos sonhos e nos pensamentos para que, volvidos tantos anos de dedicação exclusiva à língua, cultura e linguística portuguesas, dedicasse também a minha atenção, ao estudo da língua, cultura e linguística *nyungwes* e através delas ao estudo do seu povo. Fui eleito pelos *mizimu* para realizar esta nobre missão de descrever a gramática da língua *nyungwe*. Foi para mim uma grande honra e tenho muito orgulho nisso. Reconheço ter tido sobre os meus ombros uma grande responsabilidade, pelo que dei o melhor de mim para merecer essa confiança.

Agora, mais terrenamente, não poderia esquecer nunca de em primeiro lugar agradecer à Prof.^a Doutora Margarita Correia que, apesar de se ter mostrado indisponível para ser minha orientadora por não trabalhar com a teoria linguística envolvida, se comprometeu a contactar o Prof. Doutor Carlos Gouveia, especialista na matéria.

Faltam-me palavras para agradecer ao meu orientador, Prof. Doutor Carlos A. M. Gouveia. Ainda assim, queria agradecer-lhe a sua permanente disponibilidade para atender as minhas solicitações e para rever textos meus para esta dissertação e não só, o constante apoio, quer sugerindo leituras, quer emprestando livros seus. Foi para mim uma constante fonte de ideias, perspectivas e argumentos. Estar-lhe-ei sempre em dívida. Esta dissertação está-lhe irremediavelmente ligada, embora o seu conteúdo e forma sejam da minha inteira responsabilidade.

À Luzia Moniz, minha camarada irmã da imigração, uma mulher *très engagée*, agradeço a amizade, a camaradagem, a fraternidade, os afectos, as cumplicidades, os convívios, as empatias, a frontalidade, a assertividade, os debates, o encorajamento. Com ela, aprendi muito.

Ao meu conterrâneo e amigo, Diogo Mawanda, *nyungwe* assumido como eu, agradeço-lhe o ter-me possibilitado partilhar a mesma língua, a mesma cultura, os mesmos deuses, o mesmo chão, o mesmo Zambeze, as mesmas hienas, os mesmos crocodilos, coisas que nos nossos dias, em Portugal assim como em Moçambique, dificilmente se conseguem. Mawanda é um grande entusiasta do meu trabalho de investigação sobre a língua *nyungwe* e grande cultor e promotor também de tudo que se relacione com o *nyungwe*.

A outro *manyungwe*, Inácio Repolho Masaza, o único que me conseguiu convencer a cortar o meu *rasta*, agradeço a insistência, os estímulos já na fase final deste trabalho.

À Fundação para a Ciência e a Tecnologia (FCT), agradeço a Bolsa de Investigação com a referência SFRH/ BD/ 28353/ 2006, que me permitiu, durante quatro anos: pagar propinas e outras despesas inerentes à minha formação na Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa (FLUL) e no Instituto de Linguística Teórica e Computacional (ILTEC) e fazer face às minhas despesas correntes. Foi o oxigénio de que os atletas necessitam para lograrem algum sucesso em competições desportivas muito exigentes, como é o caso.

O Instituto de Linguística Teórica e Computacional (ILTEC), minha instituição de acolhimento, acolheu-me efectivamente. Senti-me como se estivesse em minha casa. Foi onde passei a maior parte do meu tempo nestes últimos anos. Tive excelentes condições físicas, materiais, psicológicas para realizar as minhas pesquisas. Desde a Direcção do ILTEC até ao restante pessoal, passando pelos meus colegas investigadores, todos, de uma maneira ou de

outra, foram de extrema prestabilidade e sempre me acudiram nas minhas incessantes solicitações de ordem linguística e de ordem computacional. O ILTEC proporcionou-me umas das raras oportunidades de trabalhar em equipa, num ambiente multidisciplinar e multicultural, onde colhi boas experiências. Do ILTEC não posso deixar de destacar alguns colegas e amigos: a Presidente do Instituto, Prof.^a Doutora Maria Helena Mira Mateus, a Prof.^a Doutora Margarita Correia, o meu orientador, Prof. Doutor Carlos Gouveia, o Tiago Freitas – que me iniciou no *Multimedia Annotator* (ELAN), um produto da *Language Archiving Technology*, e nas gravações de voz através do telemóvel –, o Roberto Carlos Assis, a Marta Alexandre, o Will Martínéz, o Mário Martins, o Pedro Morais, o José Pedro Ferreira, a Mafalda Mendes, o Nuno Carvalho; cada um deles, de uma ou de outra maneira, deu o seu contributo para este trabalho.

Na etapa final do trabalho, contei com a preciosa colaboração dos meus amigos Luísa Ramos de Carvalho, Frank Ulrich Seiler, Raja Litwinoff e Sílvia Barbosa, que me ajudaram na formatação final do texto. Por tudo, estou profundamente grato.

Permito-me finalmente agradecer a Sisito Matete, meu *alter ego*, que sempre me acompanhou e que me serviu de amparo nos momentos de fraquejo. Também lhe devo ter chegado até aqui. Esta tese de Doutoramento representa as vidas que eu não vivi para dar vida a esta outra vida. E uma vez que ela aqui está, não tenho dúvidas de que ganhei mais uma vida.

RESUMO

O presente trabalho tem como objectivo descrever o funcionamento do Modo Oracional da língua *nyungwe*. Esta descrição linguística baseia-se no modelo sistémico-funcional, concebido e desenvolvido por Michael Halliday. Neste modelo, a língua é encarada como um sistema semiótico com vários sistemas integrados e interligados. Esta descrição centra-se mais precisamente no Modo Oracional e tem em conta os diferentes contextos sociais e culturais em que as orações declarativa, interrogativa, interrogativa modulada e imperativa (e os seus diversos desdobramentos) são usadas. Embora todas as línguas naturais tenham um sistema do Modo Oracional, cada uma pode apresentar as suas especificidades que a distingue das outras. Nesta descrição, procura-se descrever as características gerais e as funções linguísticas básicas do Modo Oracional do *nyungwe*, salientando as semelhanças e dissemelhanças, com particular destaque para os seus padrões e realizações estruturais específicas.

Os tipos de oração da língua *nyungwe* descritos apontam para a existência de uma ordem flexível dos constituintes frásicos e para a ausência de Finito, tal como é encarado no inglês, língua que serviu de modelo devido ao seu elevado número de descrições do ponto de vista da Gramática Sistémico-Funcional. As funções de Finito são redistribuídas nos vários morfemas integrados no Predicador, tornando-o num elemento estruturante e no mais rico recurso da lexicogramática *nyungwe*, com potencial para gerar vários significados interpessoais, diversas variações semânticas e uma multiplicidade de funções, com particular destaque para os complementos e adjuntos clíticos, respectivamente Complementos-clíticos e Adjuntos-clíticos, na senda do conceito de Caffarel. Todos os exemplos e argumentos apresentados neste trabalho são baseados em textos orais autênticos e actuais recolhidos no ano de 2009.

Palavras-chave: *Nyungwe*, Modo Oracional, Orações, Predicador, morfema.

ABSTRACT

This work aims at describing Mood in the *Nyungwe* language. The description is based upon the Systemic-Functional Model, as thought of and developed by Michel Halliday. Under this model, language is taken as a semiotic system with several integrated and intertwined systems. Being a description of Mood, the present work is focused on declarative, interrogative, modulated interrogative and imperative clauses, and their several subtypes, taking into account the different social and cultural contexts in which they can be used. Although all natural languages have a Mood system, each can have its own particularities, setting it apart from others. This description aims at pinning down the general traits and functions of *Nyungwe* Mood, pointing out similarities and differences with other languages, with a focus in its specific patterns and structural productions.

The analysis of these clause-types points towards the existence of a flexible clause constituent order and to the inexistence of Finite as it is seen in English, the language which was taken as a model for this work, given the profusion of existent description from a Systemic-Functional Grammar perspective. The equivalent Finite functions are redistributed among the morphemes which are part of the Predicator, rendering it a structuring element and the richest resource of *Nyungwe*'s lexicogrammar. It can generate various interpersonal meanings, several semantic variations, and many functions, being of particular note the clitic-complements and clitic-adjuncts. Every example and argument presented is based upon real and authentic oral texts (2009)..

Keywords: *Nyungwe*, Mood, clauses, Predicator, morpheme.

ÍNDICE

AGRADECIMENTOS	vii
RESUMO	ix
ABSTRACT	xi
ÍNDICE	xiii
ÍNDICE DE FIGURAS	xv
ÍNDICE DE QUADROS	xvii
LISTA DE ABREVIATURAS E SÍMBOLOS	xix
LISTA DE SIGLAS	xxi
ÁREA LINGUÍSTICA DO NYUNGWE (MAPA 1)	xxiii
ÁREA LINGUÍSTICA DO NYUNGWE (MAPA 2)	xxv
INTRODUÇÃO	1
CAPÍTULO 1. MOÇAMBIQUE, MOSAICO ÉTNICO, CULTURAL E LINGUÍSTICO ...	9
1.1 INTRODUÇÃO.....	11
1.2 MOÇAMBIQUE, MOSAICO LINGUÍSTICO.....	15
1.3 ESTATUTO POLÍTICO E SOCIAL DAS LÍNGUAS DE MOÇAMBIQUE.....	23
1.4 CARACTERIZAÇÃO SÓCIO-GEOGRÁFICA DO NYUNGWE.....	31
1.5 DESENVOLVIMENTO SOCIAL E POLÍTICO DO NYUNGWE.....	38
CAPÍTULO 2. O NYUNGWE COMO SISTEMA LINGUÍSTICO: CARACTERIZAÇÃO LINGUÍSTICA	41
2.1. RELAÇÃO TIPOLOGICA COM OUTRAS LÍNGUAS BANTU DE MOÇAMBIQUE	43
2.1.1 Classificação tipológica das línguas <i>bantu</i> de Moçambique.....	53
2.2 INVESTIGAÇÃO CIENTÍFICA EM LINGUÍSTICA EM MOÇAMBIQUE.....	60
2.3 ESTUDOS SOBRE O NYUNGWE.....	61
2.4 PAPEL E IMPORTÂNCIA LINGUÍSTICA, SOCIAL, POLÍTICA DO NYUNGWE....	64
2.5 LINGUÍSTICA BANTU: ASPECTOS FUNDAMENTAIS.....	66
2.5.1 Línguas estudadas.....	68
CAPÍTULO 3. PRESSUPOSTOS TEÓRICO-METODOLÓGICOS	73
3.1 FUNÇÕES DA LINGUAGEM.....	75
3.2 FUNÇÕES GRAMATICAIS E DESCRIÇÃO LINGUÍSTICA.....	81
3.3 GSF E A DESCRIÇÃO DO NYUNGWE.....	89
3.4 ESTATUTO ORAL DO NYUNGWE E A SUA DESCRIÇÃO.....	95
3.5 CONCEITOS OPERATÓRIOS PARA A PRESENTE DESCRIÇÃO.....	103
CAPÍTULO 4. A GRAMÁTICA DA INTERPESSOALIDADE	109
4.1 A TROCA OU NEGOCIAÇÃO: ASPECTOS GERAIS.....	111
4.2 DAR E PEDIR INFORMAÇÃO E BENS-&-SERVIÇOS.....	117
4.3 A ESTRUTURA INTERPESSOAL DA ORAÇÃO.....	120

4.4 A ESTRUTURA INTERPESSOAL DA ORAÇÃO EM <i>NYUNGWE</i>	127
4.5 FUNÇÕES BÁSICAS DO <i>NYUNGWE</i> OPERATÓRIAS PARA A PRESENTE DESCRICÃO.....	133
CAPÍTULO 5. O MODO ORACIONAL EM <i>NYUNGWE</i>	139
5.1 ORAÇÕES DECLARATIVAS.....	141
5.2 ORAÇÕES INTERROGATIVAS.....	152
5.3 ORAÇÕES IMPERATIVAS.....	162
5.4 ORAÇÕES INTERROGATIVAS MODULADAS.....	170
5.5 O LUGAR DO <i>NYUNGWE</i> NA DESCRICÃO SISTÉMICO-FUNCIONAL.....	173
CONCLUSÃO	177
BIBLIOGRAFIA E SITOLOGIA	183
BIBLIOGRAFIA.....	185
SITOLOGIA.....	192
ANEXOS: <i>CORPUS</i>	195
ANEXO I - TEXTOS.....	197
ANEXO II - CALENDÁRIO ANUAL <i>NYUNGWE</i>	239

ÍNDICE DE FIGURAS

Figura 1.1: Mapa político de Moçambique.....	12
Figura 1.2: Zonas Linguísticas de Moçambique.....	17
Figura 1.3: Divisão administrativa da província de Tete.....	33
Figura 1.4: <i>Nyungwe</i> no espaço.....	34
Figura 2.1: Principais línguas africanas	51
Figura 2.2: Famílias de línguas e línguas africanas maioritárias.....	52
Figura 2.3: Zonas linguísticas das línguas <i>bantu</i>	54
Figura 2.4: Diagrama de filiação linear do <i>nyungwe</i>	56
Figura 2.5: Segundo diagrama de Línguas da Zona N.....	58
Figura 3.1: Diagrama de representação do movimento descritivo na gramática de topo-base (do texto para o morfema) e da escala de níveis.....	99
Figura 3.2: Diagrama de rede do sistema do Modo Oracional em <i>nyungwe</i>	101

ÍNDICE DE QUADROS

Quadro 1.1: Línguas de Moçambique segundo sua localização geográfica, afinidades linguísticas, número de falantes e sua percentagem.....	20
Quadro 1.2: Situação do Ensino Bilingue (língua <i>bantul</i> português) em Moçambique..	29
Quadro 1.3: Escolas onde funciona o EB em Tete (INDE 2008).....	30
Quadro 1.4: O <i>nyungwe</i> e a sua relação com outras línguas de Tete.....	35
Quadro 2.1: Classes e prefixos nominais em swahili.....	44
Quadro 2.2: Prefixos específicos do <i>nyungwe</i>	46
Quadro 2.3: Classes e prefixos nominais e prefixos de outras classes gramaticais em... Yao	47
Quadro 2.4: Resumo dos prefixos das classes nominais em línguas moçambicanas.....	48
Quadro 2.5: Classes nominais em <i>nyungwe</i> , com base nos Quadros 2.1, 2.2 e 2.3.....	49
Quadro 2.6: Relação e classificação tipológica do <i>nyungwe</i> no contexto das línguas <i>bantu</i> de Moçambique.....	57
Quadro 2.7: Línguas da Zona N.....	58
Quadro 2.8: Bilhete de Identidade do <i>nyungwe</i>	59
Quadro 3.1: Línguas africanas descritas em termos sistémico-funcionais.....	93
Quadro 3.2: Principais funções discursivas.....	100
Quadro 3.3: Etapas de descrição de uma oração.....	102
Quadro 4.1: Funções discursivas: dar e pedir informação ou bens & serviços.....	111
Quadro 4.2: Modo verbal em <i>nyungwe</i>	114
Quadro 5.1: Subsistema da Modalidade e outros sistemas relacionados.....	144
Quadro 5.2: Modalidade em português e em <i>nyungwe</i>	146

LISTA DE ABREVIATURAS E SÍMBOLOS

Abreviaturas

Adj - Adjunto

A(pl) - Aplicativo

A(sp) - Aspecto

C(omp) - Complemento

I(nd) - Indicativo

M(od) - Modo

M. verb - Modo verbal

N(eg) - Negativo

R(ad) - Radical

S(uj) - Sujeito

T(emp) - Tempo

s.d. - Sem data

MS - Marca de S(uj)

Símbolos

^ – Segue

[– Ou

—————> – Realiza-se ou condição de entrada

() – Palavra imperceptível

(?) – Incertezas quanto à palavra

... – Palavra ou discurso não conluído (no *corpus*)

-- – Palavra ou palavras truncadas

-- – Mudança de turno ou vez

LISTA DE SIGLAS

ARPAC – Arquivo do Património Cultural

AKA – Aula em Kacembe

BI – Bilhete de Identidade.

CEA – Centro de Estudos Africanos

CP – Censo Populacional

EB – Ensino Bilingue

ELAN – Multimedia Annotator, um produto da language Archiving Technology

FCT – Fundação para a Ciência e Tecnologia

FRELIMO – Frente de Libertação de Moçambique (Actual Partido no Poder)

FLUL – Faculdade de Letras de Lisboa

ILTEC – Instituto de Linguística Teórica e Computacional

INE (M) – Instituto Nacional de Estatísticas (Moçambique)

INDE – Instituto Nacional de Desenvolvimento da Educação

LOTE – Language Others than English

LSF – Linguística Sistémico-Funcional

MEC – Ministério de Educação e Cultura

NELIMO – Centro de Estudos de Línguas Moçambicanas (antigo Núcleo de Estudos das Línguas Moçambicanas)

ONG's – Organizações Não-Governamentais

OUA – Organization of African Unity

PEBIMO – Programa de Ensino Bilingue em Moçambique

PE – Português Europeu

PM – Português Moçambicano (de Moçambique)

RM – Rádio Moçambique

SIL – Sociedade Internacional de Linguística

WOCAL 6 – World Congress of African Linguistics

ÁREA LINGUÍSTICA DO NYUNGWE (MAPA 1)

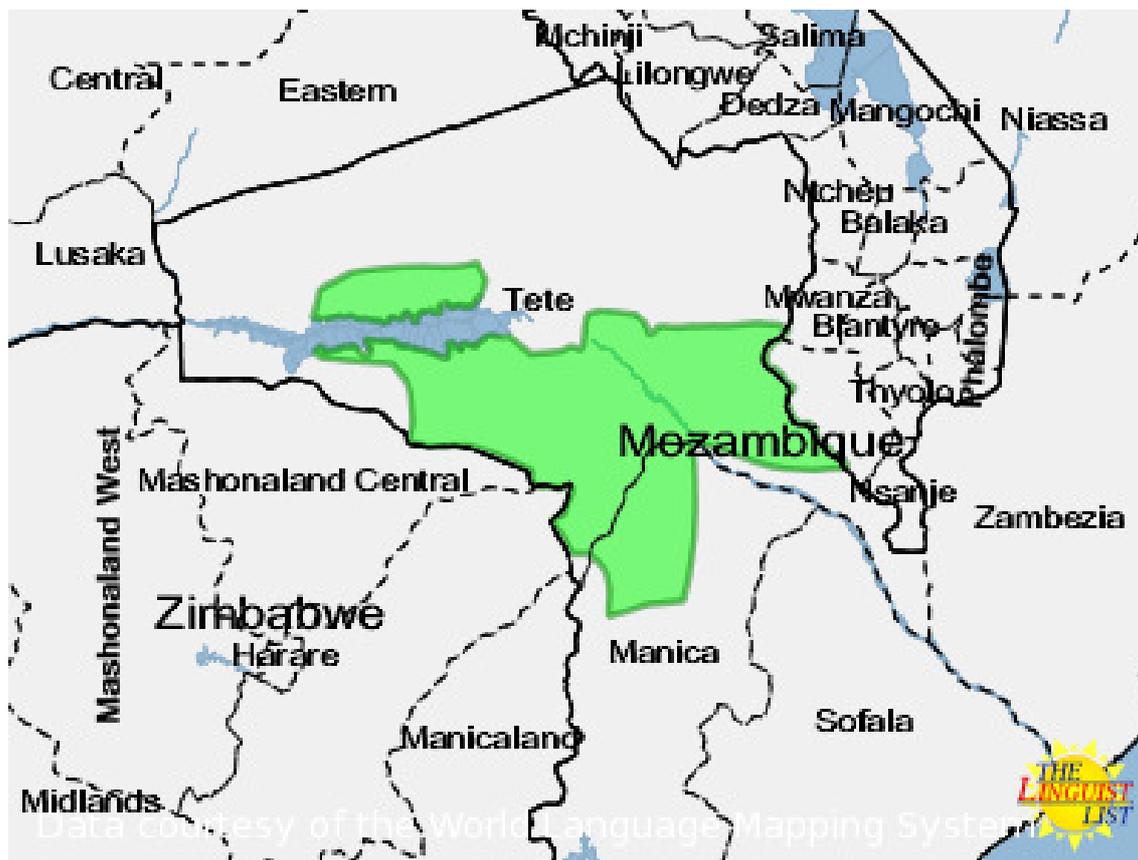
Este mapa (Mapa 1) representa a área linguística ocupada pela língua *nyungwe* o que não é nada comum nos poucos estudos existentes sobre esta língua. Nesta medida, esta representação afigura-se oportuna e pertinente uma vez que vem fazer luz sobre a dimensão geográfica desta língua. Corresponde a uma primeira versão existente na Biblioteca Electrónica de Publicações em Línguas Moçambicanas (Lidemo), site consultado no ano de 2011, tendo este primeiro mapa sido removido e substituído por um segundo mapa (Mapa 2), no ano seguinte.



Mapa 1: Fonte: <http://lidemo.net/nyungwe-nyu/> (Consultado em 15/02/11).

ÁREA LINGUÍSTICA DO NYUNGWE (MAPA 2)

Neste mapa (Mapa 2), disponível no site Biblioteca Electrónica de Publicações em Línguas Moçambicanas (Lidemo), pode ver-se a representação da área linguística ocupada pela língua *nyungwe*, confinada nas margens do rio Zambeze, mas sobretudo estendendo-se na sua margem direita, na província de Tete e parte da província de Manica, nunca atravessando as fronteiras nacionais. A vantagem deste segundo mapa sobre o Mapa 1, apresentado atrás, reside em apresentar o rio Zambeze, berço do *nyungwe*, com contornos muito mais visíveis.



Mapa 2: Fonte: <http://lmap.org/languages/nyu.html>. (Consultado em 30/05/2012)

INTRODUÇÃO

Esta tese é sobre a gramática interpessoal da oração da língua *nyungwe* e tem como objectivo descrever a gramática do Modo Oracional *nyungwe*, focando-se em determinados significados interpessoais e na forma como eles são construídos.

Os Mapa 1 e 2 acima ilustrados constituem uma espécie de preâmbulo deste trabalho. Há muito que mapas linguísticos desta índole, quer situando o *nyungwe* no panorama nacional (vd Figura 1.4, adiante), quer provincial (vd Mapa 1 e 2), faziam falta a todos, investigadores e não só. Cada um a seu modo fornece uma panorâmica geral da territorialidade do *nyungwe*, contribuindo, deste modo, para o seu melhor conhecimento.

A escolha do *nyungwe* como língua de análise prende-se acima de tudo com o facto de ser a minha língua materna, de que tenho um grande domínio oral, assim como escrito. Por outro lado, a premência, pertinência e oportunidade deste trabalho, dada a escassez de documentação actualizada e baseada nos conhecimentos da Linguística moderna motivaram-me e encorajaram-me a tomar em mãos esta empresa. Sublinhe-se que a pouca documentação que existe sobre o *nyungwe* foi escrita por missionários europeus, calcando modelos baseados em normas das línguas clássicas. Nurse (2008: 8) refere-se a todo o Grupo N40, onde o *nyungwe* (N43) se inclui, como sendo o de línguas pobremente descritas. Ou seja, o *nyungwe* é uma dessas línguas com uma pobre ou nenhuma descrição linguística. Esta será, aliás, a primeira tese de doutoramento sobre *nyungwe*. Que se saiba, não há mais nenhum linguista profissional moçambicano que se dedique a pesquisar esta língua. Por imperativos de vária ordem, senti-me na obrigação de fazer algo que pudesse contribuir para colmatar estas lacunas.

Lamentavelmente, na academia moçambicana, não constitui prática corrente a descrição de línguas *bantu* moçambicanas. Salvo honrosas excepções (*yao*, *makonde*, *makhuwa*, *xitshwa*, *changaná*), nenhuma outra língua foi até agora objecto de uma dissertação de doutoramento. Para as línguas referidas é importante notar que os doutoramentos efectuados foram realizados por investigadores que estudaram as línguas a partir do exterior do país, não eram falantes nacionais.

A opção pela descrição da língua deveu-se à influência de um grande bantuista, o Professor Erhard. Decorria o ano de 2003, quando contactei via e-mail o Professor Erhard Voeltz para orientar o meu projecto de doutoramento na área da Linguística Histórica. Na altura, o objectivo era esboçar a história (perspectiva evolucionista) da língua *nyungwe*, um projecto de continuidade do trabalho que iniciara no mestrado (Rego, 2000). Em boa hora, o Prof. Voeltz sugeriu-me que primeiro descrevesse, apresentasse a língua e só depois

investigasse a sua história. Desde então, a descrição do *nyungwe* tem estado no centro das prioridades da minha vida.

Em relação à escolha do quadro teórico, devo-a ao Professor Christian M. I. M. Matthiessen, que foi quem, em 2004, em resposta à minha mensagem de correio-e a solicitar-lhe que supervisionasse o meu projecto de descrição da língua *nyungwe*, me deu em traços gerais as linhas de pesquisa da Linguística Sistémico-Funcional (LSF) como um modelo de grandes potencialidades para a descrição linguística de línguas naturais, incluindo as *Language Others Than English* (LOTE). Mas, a falta de um certificado de *English for Academic Purposes* (EAP), exigível para as funções de investigador na Austrália, impediu-me de pertencer à equipa do *Centre for Language in Social Life*, pertencente ao *Department of Linguistics, Faculty of Human Science* da *Macquarie University*, Austrália. Este é, sem dúvida, o maior centro do mundo de investigadores em LOTE (chinês, francês, japonês, tagalog, vietnamita, *oko*, etc.). pelo que a referida mensagem de correio-e me marcou imenso.

Como se pode depreender do parágrafo anterior, o quadro teórico em que se move esta dissertação é a LSF, que é uma teoria linguística centrada em torno da noção de funções da língua. A visão da LSF sobre a estrutura sintáctica da língua coloca a função como o seu centro (o que a língua faz e como o faz), investigando assim o modo como a língua actua sobre o contexto e é por ele limitada.

A descrição sistémico-funcional é orientada para a construção dos significados e das funções realizados pela língua através dos textos. Os textos são o princípio, o meio e o fim da descrição de uma língua. As análises terão, pois, de ser determinadas pelos textos em concreto. Isto significa que a descrição é gramaticalmente baseada na análise de textos.

Sendo uma descrição sistémico-funcional da gramática interpessoal da oração *nyungwe*, este trabalho foca-se no sistema da metafunção interpessoal, enquanto componente da lexicogramática da oração (Teruya *et al.*, 2007: 866).

Na perspectiva interpessoal aqui adoptada, parte-se do princípio de que a língua é usada para interagir com outras pessoas, para estabelecer e manter relações com elas, para influenciar o seu comportamento e para expressar os nossos pontos de vista sobre as coisas do mundo que nos rodeia. O sistema do Modo Oracional, enquanto subsistema da componente interpessoal da gramática, compreende vários subsistemas, como, por exemplo, a Entoação, a Temporalidade, a Polaridade, a Modalidade, etc. Importa também não perder de vista que os significados interpessoais (assunto predilecto desta investigação) representam somente um dos três tipos gerais de significados, metafunções e que cada um dos três tipos de significados é tipicamente expresso por um tipo diferente de fraseado. É na componente interpessoal da

gramática que se descrevem todas as opções existentes para expressar significados interpessoais, nomeadamente os significados declarativos, interrogativos e imperativos, por exemplo.

O modelo teórico-descritivo eleito para esta dissertação é de operacionalização complexa. Desde logo, pela forma como encara a língua como um sistema com muitos sistemas por dentro; depois, pela enorme quantidade de novas terminologias que emprega, o que implica ter de descrever os aspectos teóricos e práticos do modelo. Mas, apesar disto, é o modelo que se me afigura mais viável para a descrição do funcionamento da língua e, por essa via, o modelo que mais instrumentos de análise oferece para a sua cabal descrição. Além da definição dos rótulos operatórios da LSF, houve que explicar e explicitar também conceitos típicos da nomenclatura da linguística *bantu* e, portanto, não comuns nem à linguística geral, muito menos à LSF. Acresce-se ainda o facto de os estudos interpessoais (aquilo que interessa aqui) e textuais estarem a ser negligenciados, se comparados com os estudos ideacionais, o que reduz sobremaneira as possibilidades de encontrar exemplos e exemplares que possam servir como fontes de inspiração a seguir.

Efectivamente, o estado actual da arte no que à descrição da gramática interpessoal da língua *nyungwe* diz respeito, ou os aspectos com ela relacionáveis em outros quadros teóricos, é muito pobre. Neste sentido, a revisão bibliográfica revelou sem surpresas a inexistência de obras que versem sobre a temática aqui abordada, o que reforçou sobremaneira o entusiasmo em prosseguir este empreendimento e justificou a razão da escolha do tema, ciente das dificuldades a enfrentar. Por isso, interessa verdadeiramente perspectivar o futuro à luz do presente estado da arte.

Para dar a conhecer uma língua (sem dúvida um dos objectivos desta dissertação), nada melhor que apresentá-la, descrevendo o seu funcionamento e as suas estruturas através de textos (onde texto significa qualquer instância da língua em uso) de vários registos e géneros e de uso real. Os textos seleccionados para o *corpus* desta dissertação tiveram em conta factores como serem ocorrências de uso e serem o mais diversificados possíveis, para terem uma maior abrangência de situações sociais de fala. Nos textos reais, é possível surpreender a língua nas suas mais variadas vertentes e manifestações. O *corpus* é da maior relevância na investigação da gramática funcional. Daí merecer uma atenção especial toda a sua concepção e construção. Quanto maior e mais diversificado for o número de textos analisados, mais fiável e mais acurada é a fotografia da língua em estudo (Thompson, 2004: 40). Mas uma vez que ainda não foram desenvolvidas ferramentas de análise lexicogramatical automática, a maior parte da análise gramatical funcional, continua a ser feita manualmente –

o computador não pode interpretar os significados – o que consome imenso tempo, sobretudo se o *corpus* for extenso (*idem*, 42), como é recomendado. Face a isto, o presente *corpus* não é demasiadamente pequeno nem suficientemente grande, constando de mais de vinte e cinco textos de diversos tamanhos e géneros, os suficientes para uma descrição gramatical da língua.

Os textos, na sua maioria, foram recolhidos em Tete-cidade e distrito de Changara, na província de Tete – Moçambique. A recolha foi feita através de gravação de falas espontâneas com um telemóvel NOKIA N95, 8GB. Mas também foram gravados do rádio programas em *nyungwe* emitidos pela emissora provincial de Tete, situada na cidade de Tete. O *corpus* inclui ainda gravações de conversas telefónicas feitas a três falantes nativos do *nyungwe* residentes em Portugal. Este material encontra-se digitalizado, transcrito (mas não traduzido) ortograficamente e disponível no Instituto de Linguística Teórica e Computacional (ILTEC), Lisboa, Portugal. Quanto a textos escritos, há um manual do professor da 7.^a Classe com mais de setecentas páginas.

Esta é a constituição do *corpus* de textos desta dissertação. Esta análise, como não poderia ser de outro modo, é necessariamente influenciada pelo tamanho e conteúdo deste *corpus*. O ponto de partida desta descrição da língua *nyungwe* é o significado e não a forma, pelo que a perspectiva de análise adoptada é *top down*, ‘de cima para baixo’, ou seja, dos fraseados (recursos léxicogramaticais da língua) nos seus devidos contextos para as estruturas (por exemplo, morfemas) que as realizam. Esta análise vai em busca dos significados dos fraseados e de como esses significados são construídos, são estruturados.

Como não poderia ser de outro modo, cada estudo tem em consideração um certo número de aspectos a analisar. Neste caso, o foco é nas orações no seu todo dentro do sistema do Modo Oracional, olhando sempre os contextos em que foram produzidos. A oração é a unidade central de processamento na lexicogramática onde significados de diferentes tipos são mapeados numa estrutura gramatical integrada (Halliday, 2004: 10). Só foram analisadas orações que tivessem todas as funções essenciais de uma oração, que fossem independentes e que apresentassem um sentido completo, ou seja, apenas foram analisadas as orações que no quadro da LSF se designam por orações maiores.

Do ponto de vista da teoria sistémico-funcional, uma oração é sempre multifuncional, qualquer que seja a língua. Representa simultaneamente três diferentes tipos de significados: textual (a oração encarada como mensagem), representacional (a oração encarada como representação) e interpessoal (a oração encarada como troca). Neste sentido, a gramática de uma língua qualquer pode ser abordada a partir de um destes pontos de vista ou de todos os

três juntos. Sublinhando de novo, nesta dissertação, o foco é a oração *nyungwe* em termos da metafunção interpessoal, especificamente a oração como troca ou negociação entre os interactantes (Caffarel, 1995: 1).

Interpessoalmente, cada língua constrói diálogos para trocar significados. A troca de significados consiste em dar ou pedir informação ou bens-&-serviços. O cruzamento de dar ou pedir, o papel na troca, com aquilo que se troca, informação ou bens-&-serviços, resulta nas quatro principais funções discursivas que são: afirmação, pergunta, oferta e ordem. Estas funções semânticas encaradas ao nível lexicogramatical encontram a sua realização no sistema do Modo Oracional. Todas as línguas naturais do mundo têm sistemas do Modo Oracional que se assemelham entre si (Caffarel, 1995: 2). Assim, grosso modo, a gramática do Modo Oracional *nyungwe* assemelha-se por exemplo à do português, tailandês, japonês, vietnamita, chinês. Mas como a própria descrição gramatical do Modo Oracional demonstra, quanto mais fina é a análise, mais notórias são as especificidades das várias línguas e o *nyungwe* não será a esse nível excepção. Na descrição fina da realização ou da configuração das estruturas destes sistemas, as diferenças vêm ao de cima.

Por uma questão metodológica, alicerçada numa série de princípios postulados sobre a natureza das línguas em geral, e tendo em conta as especificidades da língua *nyungwe* em particular, a descrição interpessoal da oração em *nyungwe* aqui desenvolvida começa com os fenómenos assumidos como sendo comuns a todas as línguas, como sejam o Modo Oracional e a forma de realização ou a estrutura típica e termina com aqueles aspectos de realização estrutural considerados específicos da oração *nyungwe* como troca ou negociação.

Tendo em conta tais premissas, esta dissertação está organizada em cinco capítulos. O Capítulo 1 faz a caracterização genérica de Moçambique como um país pluriétnico, pluricultural e plurilingue e depois centra-se na língua *nyungwe* para traçar o seu perfil geográfico, social e político. O Capítulo 2 faz uma caracterização linguística do *nyungwe*, em função da sua relação tipológica com outras línguas *bantu* de Moçambique e de África, dando conta do seu estatuto de língua local num país com uma língua oficial única – português. Em traços largos, expõe-se ainda o estado actual dos estudos linguísticos em Moçambique. O Capítulo 3 lida com os pressupostos teórico-metodológicos da presente dissertação e com a aplicação do modelo na descrição da língua *nyungwe*.

Os dois últimos capítulos, os Capítulos 4 e 5, são o forte desta dissertação. O Capítulo 4 introduz a gramática da interpessoalidade e sua operacionalidade em *nyungwe*, examinando como a sua oração é organizada estruturalmente como um evento interactivo, aflorando temáticas referentes à realização de proposições e de propostas (aspectos relacionados com a

Modalidade), trazendo à tona a parte da oração que faz a negociação avançar, recuar ou parar. O Capítulo 5, e último, descreve o sistema do Modo Oracional *nyungwe* e os seus desdobramentos e caracteriza os seus mais importantes padrões estruturais. Além destes cinco capítulos, e da presente introdução, a tese inclui ainda uma conclusão, que a encerra.

Com algumas conclusões genéricas e preliminares, de que se destaca o facto de este ser um estudo de caso – a gramática interpessoal do *nyungwe*, restringindo-se ao seu Modo Oracional – e não uma peroração ou revisão bibliográfica sobre a teoria da LSF, a conclusão dá ainda conta do facto de a teoria usada, a academia universitária envolvida, o grau académico em jogo e o facto de o protagonista principal ser um *m'nyungwe* conferirem a este trabalho o rótulo de pioneiro com as vantagens e desvantagens associadas a esse pioneirismo.

Esta dissertação deverá ser encarada e avaliada como uma primeira tentativa de trabalho sobre a gramática interpessoal *nyungwe*. De facto, esta é a primeira tentativa de sistematização sistémico-funcional das orações *nyungwes*.

CAPÍTULO 1. MOÇAMBIQUE, MOSAICO ÉTNICO, CULTURAL E LINGUÍSTICO

1.1. INTRODUÇÃO

1.2. MOÇAMBIQUE, MOSAICO LINGUÍSTICO

1.3. ESTATUTO POLÍTICO E SOCIAL DAS LÍNGUAS DE MOÇAMBIQUE

1.4. CARACTERIZAÇÃO SÓCIO-GEOGRÁFICA DO *NYUNGWE*

1.5. DESENVOLVIMENTO POLÍTICO E SOCIAL DO *NYUNGWE*

1.1. INTRODUÇÃO

Neste Capítulo, faz-se uma breve resenha histórica de Moçambique, das suas gentes, das suas línguas, incluindo o *nyungwe*, língua objecto desta dissertação. Com esse propósito, passam-se em revista aspectos do pluri-etnicismo e do plurilinguismo de Moçambique, do estatuto das línguas em presença, para, no fim, se falar do *nyungwe*, caracterizando-o sócio-geograficamente e dando conta do seu desenvolvimento político-social.

A República de Moçambique, independente desde 25 de Junho de 1975, situa-se na costa oriental da África Austral. Com uma superfície de 799.380 km² e cerca de vinte milhões e meio de habitantes, de acordo com o Censo 2007, do Instituto Nacional de Estatística (INE) de Moçambique, faz fronteira a norte com a Tanzânia, a noroeste com o *Malawi*¹, a Zâmbia, o *Zimbabwe* e a África do Sul, a sul com a África do Sul e a *Swazilândia* e a este é banhada pelo oceano Índico, numa extensão de 2.515 km. Administrativamente, está dividida em províncias, distritos, postos administrativos, localidades e povoações. As províncias são onze, a contar com Maputo-Cidade que tem estatuto de província, e estão distribuídas pela seguinte ordem: Niassa, Cabo Delgado, Nampula (norte), Zambézia, Tete, Manica, Sofala (centro), *Inhambane*, Gaza, Maputo e Maputo-cidade (sul). Os distritos são cento e vinte e oito e distribuem-se pelas onze províncias atrás indicadas.

Como adiante se desenvolve, o surgimento de Moçambique marca um facto político que veio alterar a geografia política e a correlação de forças na região com reflexos nas sociedades e nas línguas de então. Na Figura 1.1, podemos verificar como está desenhada a geografia política de Moçambique, observando-se partes de seus vizinhos e respectivas designações, nomes e áreas das províncias separadas por linhas pontuadas a vermelho, nomes de cidades capitais marcadas por uma esfera escura com uma gota branca ao meio e outras cidades com bolinhas negras cheias.

¹ Para as designações de línguas, países e etnias (grafadas em itálico por serem estrangeirismos), sigo a grafia recomendada por Afido, P. J. & G. Firmino & J. Heins & S. Mbuub & M. Trinta (Eds.) (1989) e Siteo & Ngunga, orgs. (2000) por: (i) serem usadas em Moçambique (influenciado pela tradição anglo-saxónica) e nos *fora* linguísticos internacionais e (ii) não haver, em muitos casos, uma grafia portuguesa estabelecida. O uso da grafia portuguesa poderia até introduzir factores de perturbação na própria identificação das línguas em questão. Senão, vejamos: a língua *yao* aparece grafada *iao*, *jao*, *jaua* ou *ajawa*, que pode sugerir tratar-se de línguas diferentes, quando não são. Por outro lado, por imperativos de uniformização, decidi também deixar cair uma miríade de variantes do prefixo designativo de línguas *bantu* (bi-, chi-, ci-, e-, gi-, ki-, shi-, txi-, xi-). Assim, *e-lomwe*, *gi-tonga*, *txi-txopi*, passam simplesmente a *lomwe*, *tonga*, *txopi*. Os falantes nativos referem-se às suas línguas tanto com ou sem o prefixo.



Figura 1.1: Mapa político de Moçambique. Fonte:

http://www.portaldogoverno.gov.mz/Mozambique/mapa_mocambique.jpg (consultado em 24/05/12)

Moçambique é um enorme mosaico étnico, cultural, religioso e linguístico, mercê da sua situação geográfica e histórica, marcada por vários processos migratórios, de que resultou um grupo populacional heterogêneo com características pluriculturais e pluri-étnicas. Ao longo dos tempos, o país foi sendo sucessivamente ocupado por muitos povos: populações

locais (*khoi-khoi, san*), pertencentes ao grupo autóctone, povos *bantu* (migrações *bantu*), a que se juntariam persas (árabo-*swahilis*), árabes, indianos, chineses, goeses (asiáticos) e, finalmente, povos longínquos europeus (portugueses, ingleses, franceses, belgas).

Assim, a população moçambicana forma-se da simbiose destes povos todos (negros, mestiços), sendo a grande maioria constituída por povos do grupo *bantu* (*changanas, copis, tswanas, rongas, bitongas, lomwes, chakas, metos, makondes, podzos, cirimas, nyanjas, yaos, ntsengas, nyungwes, maganjas, atendes, ngulus, senas, chuwabos, ngonis, etc.*). Cada uma destas diferentes etnias fala a língua da sua respectiva etnia, cujo nome coincide com o da etnia, como se pode observar pela seguinte lista, que serve de exemplo: *koti, ndau, makonde, utewe, lomwe, manika, chuwabo, tshwa, shona, changana, sena, tonga, lolo, copi, niyungwe, rongas*.

Os portugueses terão sido os primeiros europeus a contactar povos africanos e a instalar-se em África. Mas antes da ocupação efectiva dos territórios africanos, o controlo das principais rotas comerciais parece ter sido um dos desígnios no início da empresa portuguesa em África. Na prossecução desses desígnios, são fundados os primeiros entrepostos comerciais europeus (feitorias) em finais do século XV, estabelecendo contacto com vários reinos da África equatorial e austral (Congo e Monomotapa). As duas primeiras construções deste género a serem erguidas foram as de Arguim, na costa sariana, em meados do séc. XV, e de São Jorge da Mina, na Aldeia das Duas Partes, em Elmina, na costa do actual Gana, em 1482. No século XVI, os portugueses estabelecem-se na região de Moçambique, que foi sempre considerada estratégica na rota do caminho marítimo para a Índia. Nesse século, foram construídas muitas feitorias-fortalezas de menores dimensões: em 1530, foi fundada a povoação portuguesa de Sena, em 1537, de Tete, no rio Zambeze, e em 1544, de Quelimane, na costa do Oceano Índico, assenhorando-se assim os portugueses da rota entre as minas e o oceano. Em 1607, os portugueses obtiveram do rei *Mavura* a concessão de todas as minas de ouro do seu território, cuja administração (como a de todas as outras possessões portuguesas em Moçambique) esteve até meados do século XVIII a cargo do governador português da Índia.

A colonização efectiva de Moçambique só se inicia verdadeiramente sob o impulso da Conferência de Berlim, em 1885, quando as principais potências europeias procedem à partilha de África. Moçambique, à semelhança do que acontecia em outras colónias europeias, começa a ser administrada por grandes companhias a quem o Estado português concede vastos territórios. Entre as mais importantes, contam-se a Companhia de Moçambique (1888), a Companhia do Niassa (1893) e a Companhia da Zambézia (1892-1910), tendo esta última

exercido jurisdição na província de Tete. Além destas, destacam-se, nas margens do Zambeze, a Empresa Agrícola de *Lugela*, Companhia do *Boror*, Companhia de *Madala*, Companhia do *Luabo*, etc. Estas companhias, sobretudo as duas primeiras, comportam-se como verdadeiros estados dentro do estado. Têm a seu cargo a gestão do território, a construção de vias de comunicação, a educação, a exploração da mão-de-obra e até a cobrança de impostos.

Esta breve resenha histórica de Moçambique serve como pano de fundo para caracterizar o país como sendo um mosaico de povos, culturas e línguas de origens diversas: afro-asiática, nilo-sariana, *bantu*, indo-europeia (*afrikaans*), austronésia (malaios, filipinos, indonésios, chineses, indo-paquistaneses, malgaxes, escravos africanos que se instalaram em Madagáscar).

Em correlação directa com tal mosaico, as pessoas são na sua maioria bi- ou plurilingues, falando como língua materna², uma língua étnica (podendo esta coincidir ou não com a língua regional) e como línguas segundas uma ou mais línguas regionais e uma língua nacional³. Para a maioria da população, as línguas étnicas constituem as suas línguas maternas, sendo, portanto, as que mais são usadas na comunicação diária.

Esta diversidade é uma marca forte da identidade de Moçambique. Assim, um *nyungwe*, por exemplo, além de falar a sua língua étnica, pode falar também *nyanja*, *sena* e português. O bilinguismo ou plurilinguismo surge como um fenómeno natural e intrínseco aos moçambicanos. Como as pessoas nascem, crescem e vivem em ambiente plurilingue é natural que elas possam falar mais do que uma língua, incluindo a língua portuguesa, caso tenham frequentado a escola ou morem em zonas urbanas e suburbanas.

A implementação de uma política linguística que contemple e assegure o plurilinguismo no país é um imperativo de ordem estrutural que contribuiria para o desenvolvimento do país em todos os domínios da vida social, política, económica e cultural. Ngunga (2008), no seu artigo “The role of African languages in the development of the continent”, apresentado no *Special WOCAL 6–World Congress of African Linguistics*, Universidade de São Paulo, Brasil, de 11 a 15 Agosto de 2008, escrevia o seguinte:

² Língua que a criança ouve à sua volta e aprendida no ambiente natural que a rodeia (Halliday, 1978: 27).

³ No dizer de Lopes (1997: 15), hoje em dia, existe uma inflação de termos para designar as línguas autóctones: “os termos mais comuns que agora se ouvem são: línguas maternas, línguas nacionais, línguas africanas, línguas nativas, línguas *bantu*, línguas locais, línguas moçambicanas”. Neste trabalho, reservo a expressão “língua nacional” apenas para a língua portuguesa, na acepção de língua disseminada por todo o território nacional que constitui a nação moçambicana, e a expressão “língua local” para as línguas circunscritas dentro dos limites étnicos e, por isso, também designadas de línguas étnicas. Uma língua local é, em geral, língua minoritária, língua em perigo de extinção por razões históricas e por uma certa inércia dos poderes pós-independência. Não confundir língua local com variante local, i. e. variação geográfica da mesma língua, ou dialecto. À noção de língua local, contrapõe-se a de língua regional, de extensão maior que corresponde a uma região e falada por mais do que uma etnia/ povo.

The international diplomacy, the negotiations with other people can be undertaken in any language, but the language of development of any people is their own language. No wonder why after many years of use of Latin and Greek as languages of Science in the universities, the Europeans decided to adopt their own languages. It was under this movement that Germany decided in XVIII century to shift from those languages to their own language, the Deutch. So, the African and their friends need to invest in education through the languages the African children already speak simply because nobody goes to the moon as a scientific expedition in a borrowed language, no people on the earth will be developed without developing their own language.

É também um imperativo de uma democracia efectiva e sustentável que todos tenham acesso aos domínios oficiais da vida nacional, o que contribui para a vitalidade, diversidade e estabilidade democráticas. A adopção de mais línguas oficiais num país plurilingue afigura-se uma consequência natural. Na sua proposta de uma nova política linguística para Moçambique, Lopes (1997b: 10) defendia “que a promoção das línguas indígenas deveria implicar a aquisição de estatuto de língua oficial (não apenas a sua utilização como expressão de etnicidade)”. Isso reduziria a actual coexistência assimétrica entre o português e as outras línguas indígenas, que favorece aquela língua em detrimento destas.

De facto, parece pouco natural haver em Moçambique uma única língua oficial, ainda para mais indo-europeia, não suficientemente dominada pela esmagadora maioria da população, limitando ou excluindo até a participação plena na vida do país e no exercício dos seus plenos direitos e deveres. Mas a realidade é de facto esta: “o acesso individual ao poder, prestígio, tecnologia e mobilidade na sociedade tem sido associado, principalmente, à educação formal e proficiência em Português” (Lopes, 1997b: 45). Todavia, tem vindo a ser constatado que o uso quase exclusivo do português no ensino, na justiça, nos meios de comunicação social, entre outros domínios, cria dificuldades à maioria dos moçambicanos, que tem pouca facilidade em se expressar naquela língua.

1.2. MOÇAMBIQUE, MOSAICO LINGUÍSTICO

A divisão político-administrativa surgida com o sistema colonial criou uma realidade – Moçambique – nesta região austral de África que se distingue de outras realidades circundantes. A demarcação destas fronteiras com régua e esquadro, fazendo tábua rasa das antigas organizações locais – impérios, reinos, estados, chefaturas, etnias, clãs – inclui e exclui realidades políticas, culturais, administrativas tão (dis)semelhantes quanto hostis ou

amigas que torna o país num mosaico étnico, cultural e linguístico. Esta passa a ser a marca indelével dos destinos das gentes, das culturas e das línguas de Moçambique.

O perfil linguístico de Moçambique caracteriza-se, pois, por uma elevada diversidade linguística, que fica demonstrada pela sua localização dentro de quatro zonas linguísticas⁴ distintas, se seguirmos a caracterização proposta por Guthrie (1967-1971): Zona G, Zona P, Zona N e Zona S. Estas zonas são caracterizadas por haver uma maior afinidade entre as línguas da Zona G e as da Zona N do que entre as línguas da Zona P, por um lado, e as da Zona S, por outro, como se perceberá melhor quando falarmos mais adiante das zonas linguísticas de Moçambique. A diversidade acima referida é uma das marcas emblemáticas de Moçambique, é a natureza da sociedade moçambicana, que deve ser tida em consideração nas abordagens linguísticas e noutras a seu respeito. O mapa (vd Figura 1.2) adiante apresentado tenta dar conta disso. No mapa, podem observar-se os seguintes elementos de composição estruturantes: (i) mapa de Moçambique contendo quatro (4) zonas linguísticas⁵ identificadas pelas letras maiúsculas S, N, P e G, no sentido sul-norte, (ii) dez (10) grupos de línguas S.40 Zulu-Nguni, S.60 Gitonga-Chopi, S.50 Tsonga, S.10 Shona, N.40 Nsenga-Sena, N.30 Nyanja-Chewa, P.30 Macua-Lómue, P.20 Makone-Yao e G.10 Suaéli, marcados, como se pode observar, por letras das zonas, por numeração árabe do grupo e pelo respectivo nome e diferenciados por manchas coloridas, também no sentido sul-norte; (iii) línguas de cada zona/grupo representadas por tracejado e localizadas através da numeração árabe pertencentes, iv) lista numérica e por ordem alfabética das línguas *bantu* de Moçambique, colocadas num quadro ao lado do mapa, v) duas notas do autor sobre os nomes e ocorrências das línguas e vi) partes de alguns países limítrofes de Moçambique. Algumas das línguas estão seguidas por um número dentro de parêntesis curvos, assinalando áreas que ocupam. Por exemplo, o (5) cinco à frente do *nyungwe* na legenda do mapa indica áreas onde é falada esta língua. Isto traduz a dispersão geográfica (expansão territorial) do *nyungwe* que pode apontar para uma variedade dialectal desta língua.

A variedade da cidade de Tete é considerada a variedade padrão e é esta que foi tomada como objecto deste estudo. Esta característica exclusiva do *nyungwe* será abordada um pouco adiante com mais detalhes.

⁴ De acordo com Cole (1961:81), citado em Ngunga (2004: 37-38), zonas são agregados de línguas que têm uma certa uniformidade ou similaridade de fenómenos linguísticos, mas que não necessitam de ser mutuamente inteligíveis. A divisão em zonas é basicamente geográfica. Por sua vez, as zonas são subdivididas em grupos cujas línguas têm traços fonéticos e gramaticais comuns, e são tão similares que chegam a ser em grande medida mutuamente inteligíveis.

⁵ Assunto que será desenvolvido adiante.

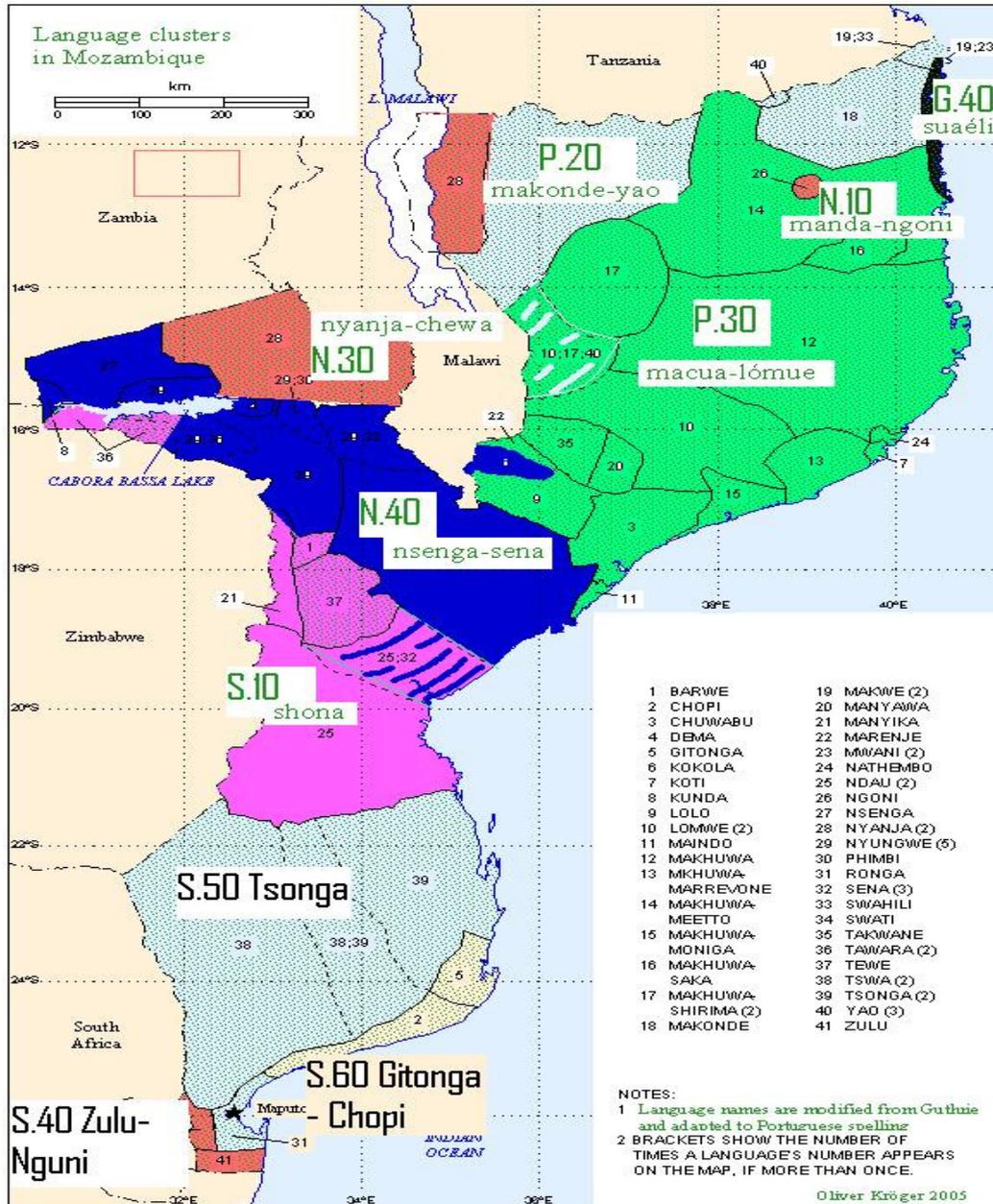


Figura 1.2: Zonas Linguísticas de Moçambique. Mapa gentilmente cedido por Oliver Kröger

Como foi referido, Moçambique é, como muitos países africanos, um país pluri-étnico, pluricultural e consequentemente plurilingue. Além do português, língua franca⁶ e única língua oficial, Moçambique possui ainda umas poucas línguas de origem asiática. Mas o grosso das línguas, em termos de quantidade e de número de falantes, pertence ao grupo *bantu*. Estas línguas indígenas distribuem-se em quatro zonas, como adiante se ilustrará.

⁶ Uso aqui o termo na acepção de língua de que se servem os falantes de uma comunidade multilingue para poderem comunicar entre si. O termo relacionado ou sinónimo é língua de contacto, por possibilitar dois ou mais falantes de diferentes vernáculos em contacto comunicarem entre si (cf. Xavier e Mateus, orgs., 1990: 230; sobre principais línguas francas de base africana vd. Wolff, 2000: 324-5)

O número exacto de línguas de Moçambique é difícil de indicar e quanto maior é o número de pessoas e entidades envolvidas, maiores são as divergências de dados apurados. Ngunga (1987) afirma ser prematuro apontar um número, mas alude a alguns estudiosos como Marinis (1981), que fala em oito, But Yai (1983), que fala em treze, e Katupha (1984), que fala em oito, o que confirma a afirmação anterior.

Estudos subsequentes vão no mesmo sentido: Lopes (1997) refere vinte línguas, dezassete é o número apontado por Sitori & Ngunga, (orgs.) (2000), vinte é a cifra indicada por NELIMO (1989), seguindo-se os números trinta e nove, quarenta e três ou quarenta e sete línguas, da responsabilidade do INE (Censo 2007). Por sua vez, Dalsgaard (2006)⁷, depois de citar dados do *Ethnologue* (2004 e 2005), indica a existência de quarenta e três, tal como Lewis (2009).

Como se depreende, todos eles chegaram a números díspares e contraditórios. Uma vez mais, isto vem provar que Moçambique é um país plurilingue. Disto já há certezas. Apenas resta saber se é plurilingue de dez, vinte, quarenta ou sessenta. As poucas descrições e a diminuta literatura escrita sobre as línguas, a dificuldade em distinguir línguas de dialectos, a falta de um atlas das línguas de Moçambique, a falta de um estudo dialectológico em larga escala e o próprio nome das línguas são algumas das causas apontadas como estando na origem destas disparidades numéricas.

O mapa político de Moçambique, apresentado na Figura 1.1, e o mapa das zonas linguísticas de Moçambique, apresentado na Figura 1.2, ilustram a dimensão plurilingue de Moçambique.

No estudo de fenómenos sociais, devem ser conjugados vários factores. No caso da língua, devem ser tidos em consideração factores linguísticos, obviamente, sem no entanto descurar factores extralinguísticos/ não-linguísticos (factores culturais, situacionais, etc.). Deste modo, proponho dois critérios de ponderação: i) relacionar o número de línguas com o número de etnias existentes no país; ii) contar as línguas em função de cada zona linguística e de cada grupo de línguas que nela se encontram.

A este propósito, é importante frisar que cada uma das línguas *bantu* de Moçambique está associada a um grupo étnico, a uma cultura, a um território distinto, tudo isto sob o mesmo nome. Logo, se cada etnia tem a sua própria língua materna, obviamente, o número de

⁷ Jørgen Dalsgaard, investigador de línguas moçambicanas, associado ao "Institute for Antropologi, Arkæologi og Lingvistik, Århus Universitet" desde Janeiro de 2005, mantém estreitas relações com a UEM, INDE, PROGRESSO e uma equipa de linguistas moçambicanos e estrangeiros e tem um projecto de investigação intitulado "Research project on the languages and language policy of Mozambique" com duas linhas de desenvolvimento, uma sobre "Research in the historical base for the Mozambican languages" e outra sobre "Research in the introduction of national languages in primary teaching.

etnias corresponde ao número de línguas, visto que não há etnia sem a sua própria língua, veículo privilegiado da sua cultura, da sua identidade e da sua existência enquanto organismo social pertencente a um determinado tipo de sociedade em particular e à humanidade em geral. A linguística deverá cooperar com a etnografia com vantagens perfeitamente calculáveis para ambos os lados.

Tendo já sido determinadas as zonas linguísticas de Moçambique – quatro zonas (G, P, N, S) – assim como os dez grupos de línguas destas zonas, faz todo o sentido que a contagem se faça tendo em conta esses dados.

No mapa atrás apresentado (vd Figura 1.2), as zonas linguísticas estão assinaladas por uma letra maiúscula do alfabeto latino. Exceptuando a Zona G, cada zona tem pelo menos duas cores diferentes, simbolizando a diversidade linguística aí existente.

Uma (dis)semelhança de cor retrata um (des)contínuo linguístico, assim como uma (des)contiguidade geográfica também é factor de (dis)semelhança linguística. Veja-se para o efeito a localização das cores laranja e rosa no mapa. Apesar das línguas *bantu* de Moçambique terem uma matriz comum, sendo até, em grande parte, lexical e estruturalmente semelhantes, a sua inteligibilidade mútua é no entanto fraca e, nalguns casos, mesmo nula.

Parece-me que por esta via (a soma das parcelas de um todo) se poderia chegar a resultados muito mais circunstanciados e consistentes e, desse ponto de vista, muito mais fiáveis e rigorosos também. Este critério também tem a vantagem de permitir determinar com alguma exactidão os dialectos de cada língua.

A conjugação destes dois critérios – critério étnico/ social e critério de zona linguística e de grupo linguístico – pode contribuir para fazer luz sobre uma matéria em que ainda se procuram consensos. Por outro lado, enquanto ainda não se conhecerem, ou pelo menos não forem muito claros os critérios utilizados na determinação do número de línguas actualmente existentes em Moçambique, esta proposta de critério pode colmatar essa lacuna ou ser uma alternativa aos já existentes.

O Quadro 1.1 (Dalsgaard, 2005) constitui uma primeira tentativa de condensação de dados dispersos para a identificação, determinação e localização das línguas de Moçambique, seguindo a ordem norte-sul do país. Dalsgaard apoiou-se em fontes escritas do NELIMO– Centro de Estudos de Línguas Moçambicanas, Universidade Eduardo Mondlane (antes Núcleo de Estudos das Línguas Moçambicanas), do *Ethnologue–Language of the World* (2007)⁸, do INE–Instituto Nacional de Estatística de Moçambique, do MEC–Ministério de

⁸ *Ethnologue – Language of the World* é uma enciclopédia de referência sobre as línguas vivas conhecidas do mundo, disponível em versão electrónica <http://www.ethnologue.com/home.asp>. Também existe edição em

Educação e Cultura de Moçambique e ainda em entrevistas a especialistas, a membros de organizações não-governamentais, a entidades e líderes religiosos e de organismos públicos e privados, a cidadãos anónimos e sociedade civil (associações e a pessoas singulares).

Grupo	n.º	Línguas	Localização	n.º falantes	%
1 5,10 %	1	<i>mwani</i>	Ibo (Cabo Delgado)	80.000	0,5
	2	<i>makonde</i>	Mueda, Muidumbe (Cabo Delgado)	233.358	1,46
	3	<i>yao</i>	Ngauma, Muebe (Niassa)	450.000	2,81
	4	<i>makwe</i>	(Nampula)	22.000	=
2 43,29 %	5	<i>makhuwa</i>	Mandimba, Cuamba (Niassa); Mocímboa da Praia, Namuno (Cabo Delgado); Rapale, Ilha de Moçambique (Nampula).	2.500.000	15,63
	6	<i>metto</i>	(Nampula)	800.000	5
	7	<i>saaka</i>		20.000	=
	8	<i>shirima</i>		500.000	3,13
	9	<i>marravone</i>		420.101	2,63
	10	<i>moniga</i>			=
	11	<i>lomwe</i>	Gurué (Zambézia)	1.300.000	8,13
	12	<i>chuwabo</i>	Nicoadala (Zambézia)	786.715	4,92
	13	<i>koti</i>	(Nampula)	64.200	0,4
	14	<i>manyawa</i>		150.000	=
	15	<i>takwana</i>		150.000	=
	16	<i>marenje</i>		75.000	0,47
	17	<i>lolo</i>		150.000	=

Quadro 1.1: Línguas de Moçambique segundo sua localização geográfica, afinidades linguísticas, número de falantes e sua percentagem. Fonte: Dalsgaard (2005).

papel. É propriedade da Sociedade Internacional de Linguística (SIL Internacional) com evangelistas linguistas e investigadores que se apresenta em Moçambique como parceira no desenvolvimento e na promoção de literatura das línguas moçambicanas, desenvolve as suas actividades na pesquisa linguística, elaboração de gramáticas, vocabulários, dicionários, materiais de alfabetização, desenvolvimento de materiais para a alfabetização e a formação de tradutores e alfabetizadores e outros. Para além da pesquisa académica, efectua a produção de Escrituras Sagradas para falantes das línguas em pesquisa, tradução da Bíblia Sagrada e a evangelização. O público-alvo são povos e países menos desenvolvidos da África, América Latina e Ásia. Tem sede em Dallas, Texas, EUA. O trabalho deles inclui ainda a análise gramatical e fonológica para a elaboração de ortografias das línguas em estudo, a pesquisa sobre o número e distribuição dessas línguas e compilação contínua de dicionários. Em Moçambique trabalham com as línguas *mwani*, *makonde*, *makhuwa-meetto*, *koti*, *sena*, *chuwabu*, *nyungwe*, *lolo* e *takwane*, curiosamente, todas do norte e centro e nenhuma do sul (vd. Santos, 2004: 14).

Grupo	n.º	Línguas	Localização	n.º falantes	%
3 18,84%	18	<i>nyanja (cewa)</i>	Angónia (Tete); (Niassa)	497.671	3,11
	19	<i>nsenga</i>		141.000	0,88
	20	<i>kunda</i>		4.929	0,03
	21	<i>nyungwe</i>	Changara (Tete)	262.455	1,64
	22	<i>phimbi</i>	(Tete)	6.000	
	23	<i>balke</i>	(Manica)	15.000	0,09
	24	<i>sena</i>	Mutarara (Tete); Dondo, Caia (Sofala)	876.570	5,48
	25	<i>mayindu</i>		20.000	=
	26	<i>maganja</i>	(Zambézia)		=
	27	<i>ngorongosa</i>	(Sofala)		=
4 7,04%	28	<i>ndau</i>	Sussundenga (Manica); Nyamatanda, Buzi (Sofala); Guvuro (Inhambane)	1.900.000	11,88
	29	<i>utee</i>	Gondola (Manica)	250.000	1,56
	30	<i>manyika</i>	(Manica)	145.331	0,91
	31	<i>tawara</i>	(Tete)	50.000	0,31
	32	<i>ndanda</i>		7.719	
	33	<i>mashanga</i>	(Sofala)	7.051	
5 4,77%	34	<i>copi</i>	Zavala (Inhambane); Manjacaze (Gaza)	800.000	5
	35	<i>tonga</i>	Jangamo (Inhambane)	233.971	1,46
6 20,97%	36	<i>changana</i>	Bilene (Gaza)	1.500.000	9,38
	37	<i>ronga</i>	Boane, Matutuine (Maputo)	640.947	4,01
	38	<i>tshwa</i>	Bilene (Inhambane)	695.212	4,35

Quadro 1.1 (Continuação): Línguas de Moçambique segundo sua localização geográfica, afinidades linguísticas, número de falantes e sua percentagem. Fonte: Dalsgaard (2005).

Dalsgaard elaborou este quadro de seis colunas com informações sobre numeração e percentagem de cada grupo de línguas (coluna 1), numeração de cada língua (coluna 2), nome de cada língua (coluna 3), localização de cada língua (coluna 4), número de falantes de cada língua (coluna 5), e percentagem de falantes de cada língua (coluna 6). O *nyungwe*, língua aqui estudada, figura com 1,64% de falantes num grupo em que é a terceira maior língua. A lista termina em 38 línguas e os falantes indicados no quadro (somatório não feito) totalizam os 15.755.230 num horizonte de mais de 20 milhões de habitantes.

Em relação ao mapa político de Moçambique apresentado na Figura 1.1, este quadro representa um grande avanço. A exposição acima feita, assim como os dois mapas anteriores e este quadro visam provar que Moçambique é efectivamente um mosaico étnico e linguístico.

Por seu turno, no seu site ([www.http:lidemo.net](http://www.lidemo.net)), no tópico referente às línguas, apresentam-se, uma a uma, as línguas de cada província de Moçambique e suas respectivas áreas geográficas: *chirima, nyanja, swahili, yao* (Niassa), *meetto, saaka, makonde, makwe, mwani, ngoni, swahili* (Cabo Delgado), *koti, lomwe, makhuwa, marevoni, nathembo* (Nampula), *chuwabu, kokola, lolo, lomwe, maindo, moniga, manyawa, manyika, marenje, nyanja, sena, takwane* (Zambézia), *dema, kunda, ntsenga, nyanja, nyungwe, phimbi, sena, tawala* (Tete), *ndau, sena* (Sofala), *balke, ndau, sena, tewe* (Manica), *copi* (Gaza), *copi, tonga, tshwa* (Inhambane), *rhonga, swati, zulu* (Maputo).

Nesta listagem, fica evidente que o número de línguas diferentes (com dialectos à mistura) atinge quarenta.

A localização destas línguas no mapa dá alguma garantia de fiabilidade aos dados, mas essa confiança é mitigada ou questionada quando se nota a omissão do *changana*, língua de Gaza por excelência.

Aliás, esta província aparece com apenas uma língua, o que é de estranhar. Também carece de explicação o facto de Sofala registar somente duas línguas. Como o site ainda está em construção, é provável que esta lacuna venha a ser corrigida. Apesar das fontes citadas evidenciarem números claramente superiores, a versão oficial do governo teima em apontar dezasseis línguas: *koti, ndau, makonde, utewe, lomwe, manika, chuwabo, tshwa, shona, changana, sena, tonga, lolo, txopi, nyungwe, ronga* (INE – Censo 2007), muito aquém das trinta e oito acima ou quarenta línguas que abaixo serão indicadas.

Perante este cenário, propõe-se como critério de identificação das línguas *bantu* de Moçambique, fazer corresponder o número de etnias existentes ao número de línguas, numa lógica de a cada etnia a sua própria língua materna. Mas, mais importante do que isso, é identificar o seu estatuto político e social num contexto plurilingue como é Moçambique, assunto que é desenvolvido no subcapítulo que se segue.

1.3. ESTATUTO POLÍTICO E SOCIAL DAS LÍNGUAS DE MOÇAMBIQUE

Como já referido no final do subcapítulo anterior, neste subcapítulo são tratados os aspectos relacionados com os papéis desempenhados pelas línguas moçambicanas no contexto nacional.

Enquanto o português em Moçambique tem um estatuto expresso e bem definido – língua de comunicação oficial e factor de unidade nacional – as línguas *bantu* locais, oficialmente, são línguas sem estatuto, a não ser que esse estatuto seja intuído ou deduzido através da realidade dos factos. E esses factos revelam na generalidade uma marginalização destas línguas, como a seguir se vai procurar descrever.

Com base na praxis, podem-se estabelecer várias categorias de línguas, desde língua local, língua vizinha, língua regional, língua nacional, até língua internacional. Com as devidas proporções e distâncias sociais e linguísticas, as línguas no seu contexto de uso e no seu conjunto são todas igualmente importantes, porque todas servem o mesmo: representar o nosso mundo interior e o mundo exterior que nos rodeia, estabelecer e manter relações interpessoais e organizar e veicular os dois aspectos anteriores.

No actual espectro linguístico plurilingue moçambicano, importa salientar que nem todas as línguas moçambicanas – línguas *bantu*, afro-asiáticas e o português – têm o mesmo peso, nem desempenham os mesmos papéis, nem tão pouco possuem o mesmo protagonismo. Constata-se, assim, existirem em Moçambique diferentes estatutos das línguas: (i) língua internacional – a língua portuguesa – uma língua ex-colonial que serve de comunicação entre os moçambicanos em toda a extensão do território nacional e serve ainda de comunicação nas suas relações internacionais; (ii) línguas transnacionais – *nyanja, cewa, nsenga, ngoni, nsenga, lomwe, makhuwa, yao, tumbuka, senga, bamba, kaonde, lunda, luvale* e os respectivos dialectos – línguas que são faladas simultaneamente em Moçambique, Malawi, Zâmbia, Zimbabwe, África do Sul; (iii) línguas regionais – línguas faladas em Moçambique numa vasta região, ocupando uma extensão territorial além das fronteiras geográficas da região ou província (por exemplo, o *sena* é falado em Sofala, Tete e Manica) e sendo numericamente mais expressivas; (iv) e línguas locais – línguas de uso local, de menor expressão geográfica e numérica. O *nyungwe* pertence a este último grupo. Falar um ou outro tipo destas línguas não é indiferente, uma vez que a amplitude de comunicação que lhes está associada varia de um tipo para o outro. Enquanto as línguas transnacionais e regionais tendem a ser faladas por indivíduos de diferentes etnias, as línguas locais ficam-se no domínio

estritamente étnico e/ou local e vocacionadas a servir os interesses também eles étnicos e locais. Daí serem conhecidas também por línguas étnicas.

Reportando-nos ao que atrás fica dito, em termos de dispersão geográfica, as línguas faladas em Moçambique, além de considerações de carácter tipológico, distinguem-se por serem línguas de escala internacional, transnacional, nacional e, por último, reduzidas à escala apenas regional. As línguas internacionais serão aquelas de uso internacional para fins e interesses internacionais; línguas transnacionais ou transfronteiriças são línguas de mesmos povos mas separadas por fronteiras administrativas artificiais; línguas nacionais⁹ são as que estão implantadas ao nível nacional e servem os interesses nacionais e comuns dos cidadãos do país. A língua nacional é comum a todos os moçambicanos; as línguas regionais incluem as línguas de nível local com as características já apontadas no anterior parágrafo. Daqui se infere que as línguas de Moçambique têm estatutos diferentes e conseqüentemente também exercem influências políticas, económicas e sociais diferentes. Ora, isto deve ser tido em conta na definição tanto de políticas linguísticas nacionais, como de políticas linguísticas internacionais, quer estas sejam comuns à região da Comunidade para o Desenvolvimento da África Austral (SADC, na sigla inglesa) quer no plano planetário.

A língua portuguesa é a única língua oficial¹⁰ num país plurilingue; é, porém, língua falada por apenas uma minoria da população moçambicana já que somente 6,5% a tem como língua materna e apenas é a língua falada com mais frequência para 9% da população, enquanto cerca de 40% a conhece e a fala minimamente (Censo de 1997)¹¹. Como língua materna, o português é ultrapassado por quatro línguas, nomeadamente o *makhuwa* (falado por 26,3% da população), o *changana* (11,4%), o *lomwe* (7,9%), e o *sena* (7,0%), que com o *chuwabo* (5,4%) perfazem 58% da população. Ainda assim, o português tem imensas vantagens sobre as outras, de que se destacam: (i) ser a língua mais disseminada ao longo de

⁹ Assumir que um país como Moçambique tem várias línguas nacionais é admitir implicitamente que tal país é constituído por várias nações, o que, no caso de Moçambique, até é verdade. Só que isto pode criar alguns embaraços evitáveis, bastando para tanto referi-las como línguas de Moçambique.

¹⁰ Apesar da política linguística actual em Moçambique favorecer teoricamente a promoção e o uso das línguas vernaculares como meio de instrução nos primeiros graus de escolaridade, a língua portuguesa continua a ser a única língua oficial (Funnell, 2004: 3). Dada a diversidade linguística de Moçambique e dada a situação da língua portuguesa no país, Moçambique mereceria ter mais do que uma língua oficial, nem que fosse pelo menos uma em cada uma das três regiões (norte, centro e sul) do país. Nem sequer tal seria inédito na Comunidade dos Países da Língua Portuguesa (CPLP). Timor Leste, país plurilingue como Moçambique, porém mais pequeno, tem duas línguas oficiais, tétum e português. O caso mais paradigmático é a África do Sul, com 11 línguas oficiais (*afrikaans* + inglês + *ndebele* + *pedi* + *sotho* + *swati* (*swazi*) + *tsonga* + *tswana* + *venda* + *xhosa* + *zulu*). Mas temos também, por exemplo, com duas ou três línguas oficiais o *Malawi* (inglês + *cewa*), o Quênia (inglês + *swahili*), a Tanzânia (inglês + *swahili* + *unguju*) e o Ruanda (*rwanda*, francês, inglês).

¹¹ Os números tornados públicos sobre a mesma matéria raramente coincidem de um autor para o outro. Vd. Lopes (2004), Ngunga (2002), Firmino (2000). Em 2007, a percentagem de moçambicanos que têm o português como língua materna é de 10,7% (Gonçalves, 2011).

todo o país (com predominância nas zonas urbanas e nas camadas jovens); (ii) funcionar como língua franca e língua de comunicação nacional entre todos os moçambicanos; (iii) ser uma língua literária (cult) com uma secular e vasta literatura escrita; (iv) ser neutral do ponto de vista étnico; (v) ser língua de comunicação internacional; (vi) ser língua de prestígio e de ascensão social; (vii) ser língua materna de tantos milhões de falantes espalhados por países de quatro continentes – Angola, Cabo Verde, Guiné-Bissau, Moçambique, São Tomé e Príncipe, Brasil, Timor Leste e Portugal –, compreendendo, para além de moçambicanos, cidadãos angolanos, brasileiros, cabo-verdianos, guineenses, santomenses, timorenses e portugueses.

A língua portuguesa foi oficialmente naturalizada na altura da independência de Moçambique em 1975 (Lopes, 1997: 40, 41). As entidades oficiais de Moçambique reconhecem o português falado no país como língua moçambicana, como dá conta um documento governamental sobre política linguística, de 1983, em que se defende a *moçambicanização* da sua estrutura, do seu léxico, da sua pronúncia, do seu ritmo, da sua musicalidade. E mesmo no seio dos moçambicanos, esse reconhecimento é praticamente consensual e pacífico. Mas apesar disso, ainda hoje, mais de trinta anos volvidos, Moçambique continua a usar a norma padrão europeia, o que vai ao arrepio de toda a lógica, porque a norma do Português Europeu (PE) não é dominada nem mesmo pelos professores moçambicanos da língua portuguesa.

Embora tenha sido atribuído um papel unificador à língua portuguesa em Moçambique, convém não esquecer que são as línguas *bantu* as que existem em maior número e são também as que são faladas pela maioria da população do país – 90-93% (Gonçalves, 2011). Estas línguas são transmitidas, via oral, de geração em geração e assim sobrevivem até aos nossos dias, estando tipicamente reservadas para os chamados domínios “baixos” (contextos familiar e informal, cerimónias e rituais tradicionais, comunicação entre pessoas da mesma origem étnica, etc.). São línguas ou de dimensão local (a grande maioria) ou regional (*makhuwa, sena, nyanja, changana*); são línguas não-oficiais, remetidas a papéis marginais, secundários, informais. São línguas que estão numa posição de desvantagem face ao português e em risco de extinção. O número de falantes das línguas *bantu* moçambicanas tem registado uma diminuição progressiva desde a era colonial, devido à sua proibição em domínios oficiais. Essa política foi mantida até nos primeiros anos da independência (Gonçalves, 2011: 5).

Segundo o III Censo Geral da População e Habitação em Moçambique (INE – Censo 2007), a língua materna mais falada em Moçambique é o *makhuwa*, com 26,3% de falantes;

em segundo lugar, está o *changana*, com 11,4%; e, em terceiro, o *lomwe*, com 7,9%. Como já vimos, o português é, de acordo com o censo de 2007, língua materna ou língua primeira (L1) apenas para 6,5% da população moçambicana, se bem que a percentagem dos que a usam na comunicação familiar seja um pouco maior (8,8%). A expressividade do português só atinge valores semelhantes ao do *makhuwa*, quando encarada em relação às pessoas que a têm como língua segunda (L2), caso em que atinge o máximo de 27,0% de falantes.

O estatuto político e social das línguas *bantu* de Moçambique depende de vários factores, nomeadamente do número de falantes e da atitude destes perante a língua, do estatuto e do papel desempenhado pelos seus principais protagonistas e elites em cada fase histórica, etc. Durante a luta armada de libertação nacional (1964-1975) e até aos primeiros anos pós-independência, as línguas *swahili*, *nyanja*, *nyungwe* e *sena* tinham um inegável protagonismo e prestígio: nos comícios, as letras das cantigas revolucionárias que serviam para a mobilização e a dinamização das massas populares para a luta armada de libertação nacional, para a longa marcha, para o combate em várias frentes, para que se envolvessem em acções e tarefas prioritárias da revolução, eram balbuciadas nestas línguas por todos os guerrilheiros e populações apoiantes da FRELIMO de todas as raças e etnias. Há uma mudança do paradigma. Hoje, o *changana*¹², língua das elites política, económica e académica, quase assumiu o estatuto de língua nacional, só comparável ao do português. O *changana* é tão dominante em Maputo cidade e distrito que até se confunde como sendo nativa, quando a língua nativa destas partes é o *ronga*.

Por razões endógenas relacionadas com a força da expressão numérica e atitude dos falantes de *makhuwa*, também esta língua tem grande pujança e grande projecção nacional. É disso exemplo, a popularizada expressão *muthiana orrera*, ‘moça bonita’, que se ouve e se conhece em todo o país. Na sua qualidade de língua *bantu* maioritária de Moçambique, falada por 4.989.281 (26,3%) da população, o *makhuwa* ocupa a maior extensão territorial – Nampula, Zambézia, Cabo Delgado e Niassa – e tem o estatuto de língua regional, já que predomina em toda a região norte; além disso, é língua de ensino em nove escolas primárias. Na zona sul – Inhambane, Gaza, Maputo e Maputo-cidade – predomina o *changana*, com 2.075.365 de falantes (11,4%), que é língua de ensino em oito escolas. O *sena*, falado em

¹² O domínio do *changana* é de tal forma avassalador ao ponto de ser frequente ouvir-se dizer que em Moçambique, país plurilingue, “obrigado” diz-se *khanimambo*, quando na verdade se diz assim apenas em *changana* *ronga*. Cada língua tem a sua forma de agradecer como a seguir se mostra: *tatenda* (*nyungwe*), *takhuta* (*sena*), *zikomo* (*nyanja*), *noxukuro* (*makhuwa*), *djambone* (*yao*), *dilambwalela* (*makonde*), *nothamalela* (*lomwe*), para apenas citar alguns exemplos. A tentativa de transformação da *marrabenta*, dança (sub)urbana dos bares da então Lourenço Marques (hoje Maputo), na dança representativa dos moçambicanos em alguns palcos internacionais, é também reflexo do poder hegemónico da língua e da cultura *changanas/ ronga*, que beneficiam hoje de um estatuto especial, sendo projectadas à escala nacional e internacional.

Sofala, Zambézia e Tete, tem 1.254.390 falantes e é usado como língua de ensino em cinco escolas. Em breves palavras, o *makhuwa* é uma língua franca da região norte, o *changana* é língua franca da zona sul, como também o *sena* é língua franca do centro do país. Estas três línguas a par do português são, sem dúvida, as quatro línguas francas de Moçambique. Estas poderiam ser as primeiras sérias candidatas ao estatuto de línguas oficiais, embora o ideal é que fossem todas ou pelo menos uma em cada província.

Em Moçambique, as províncias em que se concentram mais línguas *bantu* locais e mais falantes dessas línguas, por serem as zonas mais populosas, são Nampula e Zambézia, duas províncias do norte e centro, respectivamente. Segue-se a região do Vale do Zambeze, região do *nyungwe*.

Apesar de *de jure*, a Constituição da República de Moçambique, no seu Artigo 9º, expressar que “O Estado valoriza as línguas nacionais como património cultural e educacional e promove o seu desenvolvimento e utilização crescente como línguas veiculares da nossa identidade”, *de facto*, as línguas *bantu* continuam a ser pouco valorizadas¹³, alegadamente para evitar o incentivo ao tribalismo, ao regionalismo e ao divisionismo, factores potenciadores de conflitos que minariam a unidade nacional dos moçambicanos. Contra estes cenários catastróficos, pretextos usados para adiar a implementação de uma política linguística de preservação e valorização das línguas autóctones, os moçambicanos e as suas línguas têm coexistido harmónica e pacificamente.

No cumprimento do disposto no Artigo 9º da Constituição acima aludido, foi desenhado um projecto que previa a introdução, no ensino, de algumas línguas nativas. O projecto arrastou-se em gabinetes e em corredores do poder durante cerca de dez anos, período que ficou conhecido como o da fase experimental da sua implementação. Somente em 1992, o projecto piloto do Programa de Ensino Bilingue em Moçambique (PEBIMO) arrancou, em regime experimental, em duas províncias, Tete (centro) e Gaza (sul), abrangendo oito escolas e duas línguas, *nyanja* e o *changana*, respectivamente. E finalmente em 2003, o Governo moçambicano oficializou o ensino bilingue – português/ língua local – em vinte e três escolas primárias, onde foram contempladas dezassete línguas locais.

¹³ Essa minimização decorre tanto da fraca dotação orçamental do estado destinada às questões linguísticas como à pouca atenção dada pelo próprio estado às suas instituições vocacionadas para estas matérias. Um país como Moçambique, com a complexidade étnico-linguística que tenho vindo a salientar, possui, como centros cultores, dinamizadores e difusores das línguas *bantu* moçambicanas, somente duas ou três instituições, sendo de destacar: i) Centro de Estudos de Línguas Moçambicanas, sucedâneo do NELIMO (1981), ii) Centro de Línguas (CL, 2005), vinculados à Faculdade de Letras e de Ciências Sociais (FLCS), iii) Instituto Nacional de Desenvolvimento da Educação (INDE, 1981)-Ministério da Educação e Cultura (MEC).

A Assembleia da República acabaria por aprovar o PEBIMO como parte do novo *curriculum* escolar em 2004. Esta decisão política de extrema importância não somente para as línguas e as culturas que as sustentam como também para os seus próprios utentes é o corolário de um longo e complexo processo que mexe com aspectos muito sensíveis. Espera-se que haja vontade política para alocar os meios humanos, técnicos e materiais necessários, para que os objectivos preconizados por aquele órgão de soberania nacional sejam efectivamente alcançados.

Na altura da redacção deste trabalho, o PEBIMO encontrava-se em funcionamento em setenta e cinco das oito mil escolas de ensino básico existentes no país, cobrindo todas as províncias e abrangendo as línguas *copi, ndau, nyanja, nyungwe, sena, tshwa, utee, yao, chuwabo, lomwe, makhuwa, tonga, mwani, makonde, changana, rhonga*, o que perfaz dezasseis línguas (Dalsgaard, 2008).

As línguas maternas de grande número de crianças que frequentam o ensino público passaram, assim, finalmente, a ser utilizadas como línguas de instrução no ensino primário, isto é, do 1º ao 5º Grau, contexto em que antes a língua de instrução era unicamente o português. Este programa funciona nas zonas rurais, estando as suas setenta e cinco escolas primárias distribuídas pelas três zonas do país: (i) zona sul (*ronga, changana, copi, tshwa, tonga*); (ii) zona centro (*ndau, sena, nyungwe, lomwe, chuwabo, utee*;) e (iii) zona norte (*makhuwa, mwani, yao, makonde*) (vd. Nsiku, 2008: 7-17).

A actual situação do uso das línguas nativas na Educação Bilingue (EB) em Moçambique é apresentada no Quadro 1.2, com quatro colunas, onde se encontram listadas as línguas usadas como meio de ensino e disciplina curricular nos 4º e 5º Graus de escolarização (coluna 1), o número de escolas que cada língua possui (coluna 2), a localização dessas escolas por distritos (coluna 3) e por províncias (coluna 4). Cingindo-se no *nyungwe*, por exemplo, há três escolas, no distrito de Changara – Tete, que a usam como meio de ensino. Estas e outras informações podem ser obtidas em detalhe em Dalsgaard (2008a).

Os dados consubstanciados no Quadro 1.2 fornecem-nos muitas pistas para interpretações e deduções de várias ordens, desde logo, informações sobre as línguas de Moçambique, nomeadamente, o nome, o número e os locais onde se falam e também sobre a política de língua em marcha no país. As línguas do programa EB mais ensinadas nas escolas primárias do 1.º Grau são o *ndau* em treze escolas, o *makhuwa* em nove, o *changana* em oito, o *nyanja* em sete e o *utee* em sete; abaixo da tabela, estão as que se ensinam em menos escolas: o *mwani*, o *nyungwe* e o *yao* em três cada, o *rhonga* em duas e, no fim, o *lomwe*, o

chuwabo, o *tonga* e o *tshwa*, em apenas uma escola, isto à data da redacção deste trabalho (vd. Dalsgaard, 2008b).

Língua	Nº de escolas	Distrito	Província
<i>mwani</i>	1	Ibo	Cabo Delgado
<i>makhuwa</i>	5	Mocímboa da Praia (2) e Namuno (3)	
<i>makonde</i>	4	Mueda (3) e Muidumbe (1)	
<i>nyanja</i>	4	Lago	Niassa
<i>yao</i>	3	Ngauma (1) e Muembe (2)	
<i>makhuwa</i>	4	Mandimba (2) e Cuamba (2)	
	2	Rapale (1) e Ilha de Moçambique (1)	Nampula
<i>lomwe</i>	1	Gurué	Zambézia
<i>chuwabo</i>	1	Nicoadala	
<i>nyungwe</i>	3	Changara	Tete
<i>nyanja</i>	3	Angónia	
<i>sena</i>	3	Mutarara	
<i>ndau</i>	10	Sussundenga	Manica
<i>utee</i>	7	Gondola	
<i>sena</i>	2	Dondo (1) e Caia (1)	Sofala
<i>ndau</i>	2	Nhamatanda (1) e Buzi (1)	
<i>tshwa</i>	1	Homoine	Inhambane
<i>copi</i>	1	Zavala	
<i>tonga</i>	1	Jangamo	
<i>ndau</i>	1	Guvuro	
<i>copi</i>	5	Manjakaze	Gaza
<i>changana</i>	8	Bilene	
<i>rhonga</i>	2	Boane (1) e Matutuine (1)	Maputo
Total	74	Escolas abrangidas pelo sistema de EB.	

Quadro 1.2: Situação do Ensino Bilingue (língua *bantul* português) em Moçambique Fonte: Dalsgaard (2008a)

Ao contrário do Quadro 1.2, que dá conta do panorama geral do EB em Moçambique, o Quadro 1.3 circunscreve esse olhar à província de Tete onde funcionam nove escolas do EB nas línguas *nyungwe*, *nyanja* e *sena* nos distritos de Changara, Angónia e Mutarara, respectivamente. No que ao *nyungwe* diz respeito, nota-se que é língua de ensino em três escolas de Tete, todas localizadas no distrito de *Changara*. Por seu turno, o *nyanja* em Angónia e o *sena* em Mutarara são igualmente usadas em três escolas cada, como se pode observar no mesmo Quadro 1.3.

Distritos	Escolas	Línguas
Changara	Escola Primária Completa (EPC) de Nsawa	<i>nyungwe</i>
	Escola Primária Completa de Mufa Kakonde	
	Escola Primária Completa de Kacembe	
Angónia	Escola Primária Completa de Ulongwe	<i>nyanja</i>
	Escola Primária Completa de Mpenya	
	Escola Primária 1 de Binga	
Mutarara	Escola Primária 1 de Mandua	<i>sena</i>
	Escola Primária Completa de Charres	
	Escola Primária Completa de Missuaassua	

Quadro 1.3: Escolas onde funciona o EB em Tete (INDE 2008). Fonte: Adaptado de Dalsgaard, (2008a).

Tendo em conta que em Tete também se fala outras línguas que não apenas *nyanja*, *nyungwe* e *sena*, faz sentido conjecturar que continua a haver crianças em situação de desvantagem face às outras que iniciam o seu ensino na sua língua materna enquanto aquelas são sujeitas a usar uma língua não-materna na sua escolarização oficial, situação que, aliás, se verifica no resto do país em relação às outras línguas não contempladas por este sistema.

Mas voltando ao assunto deste subcapítulo, o estatuto político e social das línguas *bantu* de Moçambique pode ser descrito como sendo um estatuto baixo. Apesar da recente introdução destas línguas na Educação Bilingue, elas continuam, no entanto, a desempenhar papéis secundários, confinadas a zonas rurais e circunscritas às esferas informais, familiares ou dos domínios íntimos e não sérios. Nos próprios falantes, reina o sentimento de que a sua língua não merece tanto assim para ser objecto de estudo, de ensino ou de investigação. Chegam até a considerar as suas próprias línguas como sem utilidade, sem valor social e sem prestígio. Pelo contrário, a língua portuguesa, predominante em zonas urbanas e em actos formais, goza de um estatuto altamente privilegiado: é via de promoção social, política, profissional, educacional; é meio de acesso por excelência ao ensino médio, superior, à investigação e à literatura científica. Veja-se a predominância dos estudos portugueses face aos estudos *bantu* em Moçambique.

Parece não ser novidade para ninguém que a língua é inseparável da cultura. Logo, se o português é língua oficial em Moçambique, a sua cultura também é. E ainda que não sendo oficialmente assumido, os factos são indesmentíveis e estão aí a comprovarem isso. Os moçambicanos endinheirados põem os seus filhos a estudar em escolas portuguesas; passam férias em Portugal; saboreiam um bom bacalhau (que muitos julgam ser português) e uma boa comida portuguesa; apreciam livros portugueses; assistem a tv e a jogos da liga portuguesa.

Naturalmente, isto tudo é para quem pode. Mas, os que não podem, sonham todos os dias com isso. O casamento oficial é de véu branco e aliança no dedo; os nomes são de origem portuguesa (Artur da Rocha Diogo, Eusébio Vicente Zacarias, Joaquim Luís dos Santos, Maria Teresa de Jesus Reino). Tudo isto é consequência do facto da língua portuguesa ser oficial, o que leva a que a cultura portuguesa seja também oficial ou, sem dúvida, que esta seja uma cultura lusófona, uma emanção daquela. Assim, por exemplo, o *nyanja*, o *sena*, o *yao* de Moçambique distinguem-se dos seus congéneres da Tanzânia, Zâmbia, Malawi por aqueles serem lusófonos e estes não. Neste sentido, um moçambicano, face aos seus vizinhos, é visto como um africano com uma língua e cultura portuguesas.

Mas convém frisar que o português de Moçambique, apesar de todas as vantagens em relação às línguas *bantu* locais, não escapa a que ainda seja considerado como língua exógena, língua que veio do estrangeiro e língua da antiga potência colonial. Por outro lado, é uma língua que simultaneamente é encarada como língua estrangeira (em comunidades rurais), língua oficial (na generalidade das pessoas) e língua materna (em camadas jovens citadinas).

Para terminar esta parte, diria que o uso oral e escrito das línguas *bantu* moçambicanas em actividades religiosas e a sua transmissão radiofónica (fenómenos antigos), a sua utilização (esporádica) em campanhas políticas, sanitárias ou outras, a sua recente integração no ensino oficial através do EB e o surgimento, na última década, de equipas tradutoras da Bíblia em diversas línguas e dirigidas pela SIL podem contribuir para a sua progressiva valorização e elevação do estatuto dos seus falantes como das próprias autoridades competentes nestas matérias.

No que ao *nyungwe* diz respeito, estes dois últimos aspectos têm criado dinâmicas de recuperação de contos tradicionais e do aparecimento de textos escritos na língua até aqui não verificadas. E conhecer um pouco mais e melhor esta língua é o que nos propõe o subcapítulo que se segue.

1.4. CARACTERIZAÇÃO SÓCIO-GEOGRÁFICA DO NYUNGWE

O contexto social e geográfico em que a língua *nyungwe* se insere reflecte-se directa ou indirectamente nos seus padrões e características gramaticais. Tais padrões e características também se reflectirão em outras línguas vizinhas e do mesmo grupo. Daí ser pertinente a sua revisão antes de entrar na matéria gramatical propriamente dita.

O *nyungwe* é uma língua *bantu* falada principalmente na província de Tete, Moçambique, com maior predominância em Tete-cidade e nos distritos de Changara, Cabora-Bassa e em partes de Moatize e de *Magwe*, como se pode ver no mapa apresentado na Figura 1.3. Fala-se ainda no distrito de Guro (Manica), outrora pertencente à província de Tete. Estima-se que cerca de 431.442 pessoas (Dalsgaard, 2005) sejam falantes *nyungwes*, representando entre 1,64% (Gordon, 2007) a 2,62% (INE, 1998) da população moçambicana. Chama-se, porém, a atenção para a existência de outras cifras divergentes das que aqui apresento: 439.00 (*Ethnologue*, usando dados do Censo Populacional 1997), cerca de 1.000.000 (Maniacky, 2007). Uma contagem de falantes *nyungwes* por concelho poderá ser o melhor barómetro.

Segundo Ker (2012), no máximo 10% desta população tem o português como sua língua materna e talvez 30% a tenha como segunda ou terceira língua. *Nyanja* e *nyungwe* são as duas línguas predominantes da província de Tete, faladas talvez por 75% das pessoas, sendo o *nyungwe* a segunda maior língua (27,8%), o *nyanja* (48,6%), a primeira, e o *sena* (11,7%), a terceira.

Outra nota que parece ser digna de menção é o *nyungwe* existir em contexto plurilingue, estando em contacto com outras línguas envolventes, além das acima mencionadas, onde também se joga o seu estatuto. A percentagem dessas línguas chega a atingir os 14%, um valor nada negligenciável. De acordo com a classificação de Guthrie (1967-71), referida no início deste trabalho, o *nyungwe* é uma língua (N43). Desenvolvendo este número composto, tem-se: N é a zona, 40 é o grupo e 3 é a língua. A ausência neste número de qualquer letra minúscula do alfabeto latino a, b, c, etc., símbolos representando a indexação de dialectos, significa que o *nyungwe* é uma língua com uma relativa homogeneidade, havendo poucas ou nenhuma variantes dialectais dignas de relevo. Mas, caso fosse representado como (N43a), significaria que o *nyungwe* tem um dialecto. Ngunga (2004: 47) parece considerar **citonga* e **cidema* como dialectos desta língua.

A província de Tete, cuja capital é a cidade de Tete, localiza-se no centro-noroeste de Moçambique; externamente, faz fronteiras com o Malawi e a Zâmbia, a norte, e de novo com o Malawi, a leste, a Zâmbia e o Zimbábue, a oeste, enquanto, internamente, é delimitada pelas províncias centrais da Zambézia, de Manica e de Sofala, a sul. Possui treze distritos representados no mapa e aqui discriminados por ordem alfabética: Angónia, Cabora-Bassa, Changara, Chifunde, Chiúta, Macanga, Mágoè, Marávia, Moatize, Mutarara, Tete-cidade, Tsangano e Zumbo, dois municípios (cidade de Tete e vila de Moatize); goza ainda de trinta e seis postos administrativos e cento e vinte e quatro localidades. Tem 100.724 km² e 2.137.700

(censo populacional 2007) habitantes, pertencentes às etnias *nyanja*, *nyungwe* (etnias maioritárias), *ngoni*, *shona*, *zezulu*, *marave*, *chewa*, *ntsenga*.

O local onde está hoje edificada a cidade de Tete era uma antiga povoação *swahili* onde se realizava uma importante feira regional do Reino do Monomotapa, quando foi ocupada pelos portugueses em 1530. A primitiva fortificação de Tete, mais tarde Forte de São Tiago Maior, vulgo Fortaleza de Tete, remonta aos anos de 1575-1576 e simboliza a presença efectiva dos portugueses na região.

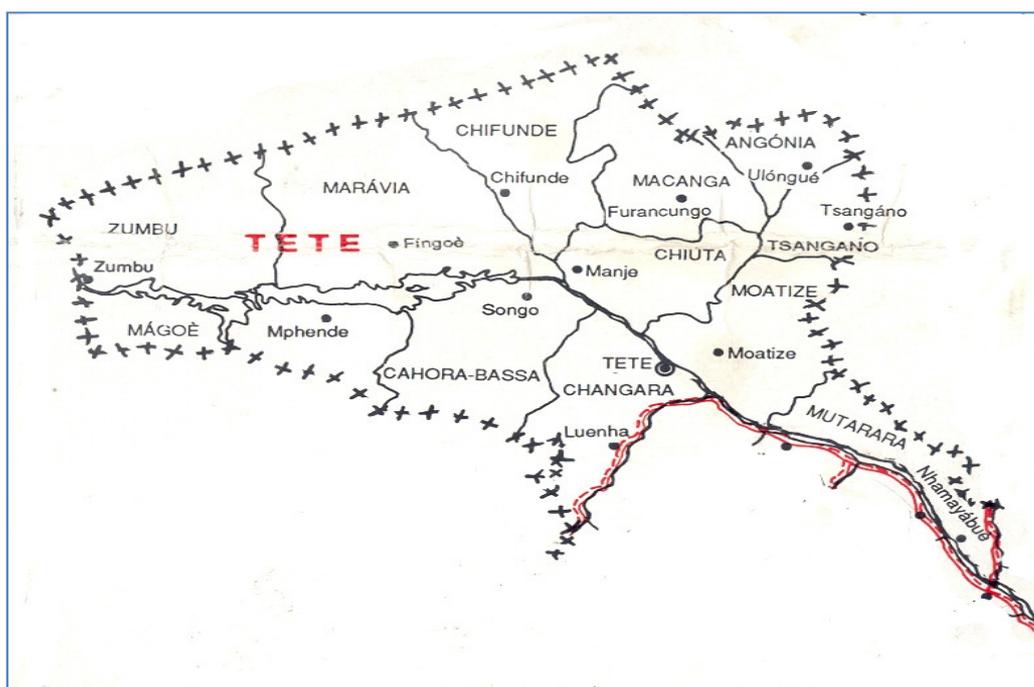


Figura 1.3: Divisão administrativa da província de Tete, adaptado do Mapa Divisão “Moçambique – administrativa”, de 1992, publicado pelo Ministério da Educação

Dos dados arrolados atrás, no início deste subcapítulo, salta à vista o facto de os números das línguas apresentados por quatro entidades distintas, quais sejam o Centro de Estudos de Língua Moçambicanos, antes Núcleo de Estudos das Línguas Moçambicanas (NELIMO), o Instituto Nacional de Estatística (INE-M), responsável pelos Censos Populacionais em Moçambique, a Rádio Moçambique (RM), órgão de comunicação social estatal, Departamento do Património Cultural da Direcção Provincial de Cultura, Juventude e Desportos de Tete (*vd.* detalhes adiante) serem também eles diferentes, sinal de que pela frente muito trabalho há ainda por fazer para se determinar o número de línguas existentes em Tete. No entanto, com os dados em presença, confirma-se que Tete tem mais do que três línguas, pelo menos.

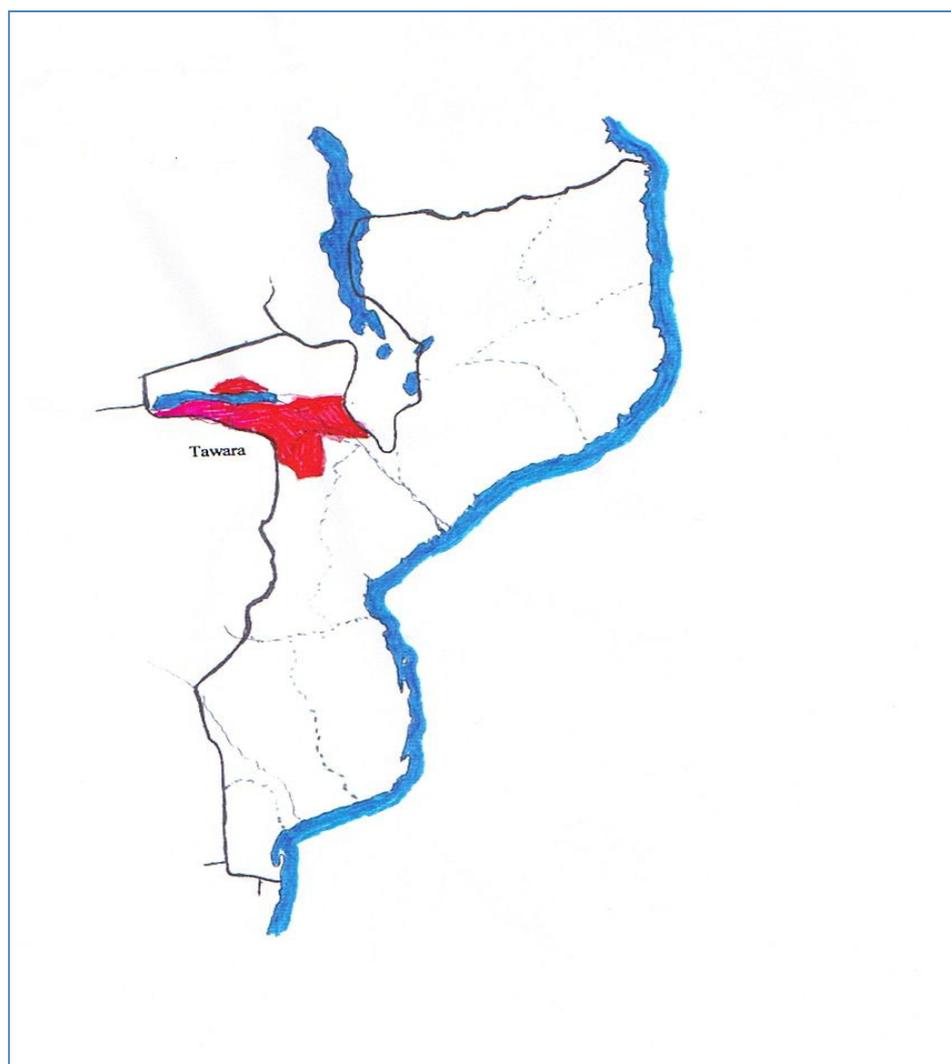


Figura 1.4: *Nyungwe* no espaço. Fonte: Dalsgaard (2005).

Na Figura 1.4 que antecede pretende ser um facilitador de leitura, fornecendo uma visão geral da mancha linguística do *nyungwe* na província de Tete (e Manica). Esta representação, pintada a vermelho, grosso modo, indica que 1/3 de Tete é ocupado, sobretudo na sua margem direita, pelo *nyungwe*. A parte sobejante (2/3) é preenchida por outras línguas já referidas atrás. A relação que se pretende estabelecer aqui é a da língua com o seu espaço físico, salientando somente a sua dimensão geográfica restrita ao contexto provincial. As manchas em tom azulado, representam, da esquerda para a direita, o rio Zambeze, o lago Niassa e o Oceano Índico, respectivamente.

No seu estudo etnolinguístico sobre a província de Tete, Dalsgaard (2005) fornece informações várias, destacando-se as de carácter: i) histórico, desde a altura em que Tete esteve sob a alçada da Companhia da Zambézia (1892-1933), competência essa transferida

depois para a administração colonial portuguesa; ii) demográfico, apresentando o número de habitantes de Tete (1.551.114).

No que toca a aspectos linguísticos, Dalsgaard (2005) contabilizou mais de sete (7) línguas na província de Tete, como se pode depreender da leitura dos dados do Quadro 1.4. Para o efeito, serviu-se dos dados estatísticos dos censos populacionais (CP) de 1980, 1995, 1997 e do inquérito realizado pela Rádio Moçambique (RM), em 2006, para construir este quadro. A par de Tete ser uma província plurilingue, fica também evidente que *nyanja* e *nyungwe* são línguas maioritárias, logo seguidas do *sena*. Assim sendo, localmente, o *nyungwe* é uma segunda língua maioritária em Tete (e também língua de Tete-cidade), mas ao nível nacional (como já se deu conta atrás), é uma língua minoritária e minorizada.

Línguas de Tete								
Fontes	<i>nyanja</i>	<i>nyungwe</i>	<i>sena</i>	<i>shona</i>	<i>ntsenga</i>	<i>chuwabo</i>	<i>phimbi</i>	outras LB
CP 1980	41,7%	27,8%	17,5%	4,4%	3,4%	---	1,8%	---
CP 1995	39,0%	26,0%	16,4%	---	---	---	---	---
CP 1997	48,0%	28,0%	12,0%	2,0%	---	3,0%	---	3,0%
RM 2006	48,60%	27,8%	11,7%	1,6%	---	2,7%	---	---

Quadro 1.4: O *nyungwe* e a sua relação com outras línguas de Tete. Fonte: Dalsgaard (2005).

Curiosamente, como se pode reparar, estamos a lidar com dados linguísticos coligidos por entidades que nem sequer trabalham na área, com todos os constrangimentos possíveis e imaginários inerentes a tal facto. Por isso, devem ser usados com todas as cautelas e complementados com outros dados, nomeadamente linguísticos.

Em todo o caso, este Quadro 1.4 é também revelador de quão díspares são os dados estatísticos fornecidos, neste caso, por organismos oficiais do estado, como INE(M) e a RM. Em todos eles, o *nyungwe* aparece como a segunda língua, logo a seguir ao *nyanja*.

O *nyungwe* é a língua local da cidade de Tete, centro decisor, onde é predominante, beneficiando, por isso, de uma maior visibilidade, o que lhe permite (em teoria) ter um estatuto social, político e cultural especial e determinante. Pelo contrário, o *nyanja* tem o inconveniente de ser língua da zona rural (apesar de ser de onde vem toda a produção agropecuária que abastece as cidades e onde se concentra maioritariamente a população moçambicana) e, portanto, afastada dos centros decisórios. O quadro também inclui o *shona* nas línguas de Tete. Em bom rigor, em Tete não se fala *shona* propriamente dito; fala-se, sim,

o *tawala*, um dialecto¹⁴ do *shona*. Da mesma forma, parece-me haver um equívoco considerar *chuwabo* língua de Tete pelo facto de *chuwabo* não ser uma etnia desta província.

Pelas contas do Instituto Nacional de Estatística de Moçambique, as línguas de Tete são cinco – *nyanja*, *chuwabo*, *sena*, *nyungwe*, *manika* –, mas o levantamento¹⁵ distrito a distrito da situação linguística da província de Tete feito logo após a independência de Moçambique, inventaria a existência de dez línguas: *nyungwe*, *tawala* (Changara); *ngoni*, *cewa* (Angónia); *tonga*, *tawala*, *dema*, *nyungwe* (Cabora-Bassa); *tawala* (Magwe); *tawala*, *ntsenga* (Zumbu); *ntsenga*, *cewa*, *phimbi*, *gowa* (Marávia); *cewa*, *phimbi* (Ciwuta); *cewa*, *phimbi* (Macanga); *nyungwe*, *cewa*, *weza*, *sena* (*Motize*); *sena*, *weza* (Mutarara); *ngoni*, *cewa* (Tsangano); *cewa*, *ntsenga* (Cifunde); *nyungwe* (Tete-cidade).

Evidências expostas ao longo deste texto mostram que há discrepâncias em termos de tipos e números de línguas consoante a autoria e os critérios usados na realização dos trabalhos; no que se refere ao *nyungwe*, saliente-se que não é a língua predominante da província de Tete (cf. Quadro 1.4 acima), protagonismo esse assumido pelo *nyanja* (o mesmo que *ngoni*, nesta referência) ou pelo *cewa* noutras literaturas.

Na lista das línguas do *Zimbabwe* e do *Malawi* fornecida pelo *Ethnologue* na sua versão online (<http://www.ethnologue.com/>), o *nyungwe* não consta como língua destes países, reforçando-se a ideia de que o *nyungwe* se fala exclusivamente em Moçambique, excepto em casos de diáspora. As únicas referências que poderiam ser aproximadas ao *nyungwe* surgem em relação ao *Zimbabwe*, afirmando-se que a língua *kunda* (N42) também é falada em Moçambique e que os dialectos desta são mais próximos do *nyungwe* (N43) do que do *sena* (N44), o que é compreensível atendendo à sua classificação. O que não é nada compreensível é esta colagem ao *nyungwe* do *nyongwe*, que de acordo com o *Ethnologue* acima referido, é um dos subdialectos de *korekore* (S11), dialecto de *shona* (S10), língua do *Zimbabwe*, a não ser pelas semelhanças fonéticas na sua representação gráfica.

Há muitos preconceitos e ideias populares em relação ao *nyungwe*. Há aqueles que acham que esta língua é um crioulo (aqui entendido como um falar, um linguajar de gente não

¹⁴ Apesar desta minha afirmação de o *tawala* ser um dialecto do *shona*, evitarei usar o termo dialecto ao longo deste trabalho devido: (i) à dificuldade de caracterização da noção que lhe subjaz; (ii) à escassez de estudos dialectológicos rigorosos em Moçambique; (iii) ao critério que sigo, segundo o qual a uma etnia corresponde uma língua materna (pelo que considero o *tawala* uma língua como o *nyungwe* ou o *changana*); (iv) ao facto de a noção de dialecto parecer ter sido concebida à medida de contextos monolíngues e, por isso, desadequada para ambientes plurilíngues como o de Moçambique.

¹⁵ Elaborado em Abril de 1996 pelo então Departamento do Património Cultural da Direcção Provincial de Cultura, Juventude e Desportos de Tete, órgão do estado com a tutela da pasta de assuntos culturais (onde se incluem os assuntos linguísticos e não só).

instruída) ou uma língua mista, mesclada, por ser associada à língua dos prazeiros¹⁶ e aqueles que se arrogam o direito de julgarem que as línguas dos outros, nomeadamente, as línguas *bantu*, são dialectos, não línguas, com o argumento de serem línguas orais ou de tradição oral e não escrita. Isto está na mesma linha de pensamento daqueles que acham que a língua (ou o texto) escrita é mais estruturada que a língua oral que é desestruturada, caótica, sem regras. Até afirmam que o *nyungwe* é uma língua sem gramática como se houvesse língua alguma sem gramática. Em qualquer destes casos, o que subjaz é uma recusa ou uma dificuldade em aceitar e em reconhecer o *nyungwe* como língua.

Em última instância, por detrás de tudo isto, esconde-se o menosprezo, a desvalorização e a minimização da língua. A escassez ou a falta de literatura escrita (glossários, dicionários, gramáticas, textos de grandes autores) por si só não faz com que uma língua deixe ou não de ser língua ou dialecto.

Por razões que não cabe aqui desenvolver por escaparem aos propósitos desta dissertação, importa referir que em Moçambique não houve condições para a formação de crioulos, embora Heine & Nurse (2000: 8) postulem a existência de crioulos em ambientes bi- ou multilingues:

Africa has, and had long had, many bi- or multi-linguals. It has older koinés, pidgins, and creoles, all used to facilitate communication among different linguistic populations. It has communities giving up their traditional form of speech for others. At the same time the language situation in Africa is changing rapidly. Some languages themselves are changing, some are disappearing, new languages are arising.

Até pode ter acontecido que, em determinada fase histórica, o *nyungwe* possa ter sido um crioulo, uma língua de comunicação comum, uma língua franca que *prazeiros*, escravos e povos provenientes de várias latitudes usariam para comunicar uns com os outros, e nesse processo ter sofrido influências¹⁷ quer do *árabo-swahili*, quer do português, quer do inglês,

¹⁶ Eram, na sua maioria, comerciantes, aventureiros, criminosos de delito comum portugueses e/ou goeses ou descendentes destes (mais tarde também mestiços) que em Tete detinham prazos. Eram donos dos prazos. Estes situavam-se sobretudo no interior e ao longo do Vale do Zambeze, onde se supunha existirem ouro, ferro, terras férteis. O termo prazo deriva do facto de, no século XVII, tendo em vista controlar o comércio e os territórios, a Coroa Portuguesa ter estabelecido um regime de concessões de terras aos portugueses e goeses por "prazos", ou seja, por um prazo de duas ou três gerações, mediante o pagamento de uma renda, prazos esses que o *prazeiro* transmitia à filha mais velha por herança. Os prazos são uma combinação de uma organização do tipo feudal português com estruturas tradicionais do Vale do Zambeze; podem-se equiparar a estados em miniatura: os donos detinham nas suas concessões todo o tipo de poder administrativo, jurídico e até cunhavam moeda. A principal actividade dos *prazeiros* era a guerra, além do comércio (incluindo o de escravos), da mineração, da agropecuária. A guerra proporcionava-lhes mais terras e mais escravos. Este sistema adquiriu alguma importância na fértil Zambézia, conhecida por Rios de Sena, tendo inclusive sobrevivido até ao século XX (Isaacman, 1972: 17-42; Newitt, 1995: 203-225; Serra (dir.), 1982: 117-121).

¹⁷ Influências linguísticas, todas as línguas as têm. Apenas para dar um exemplo mais paradigmático, refira-se que o grosso do léxico inglês não vem directamente do inglês velho (*Old English*) e que isso não faz com que

quer mesmo do *afrikaans* ou *fanakalo* e talvez até do *malgaxe*. Mas, neste momento, o *nyungwe* é uma língua de pleno direito como qualquer outra. Esse seu hipotético passado de língua franca, língua de contacto com os *swahilis*, até deveria abonar a seu favor já que uma língua franca é língua de alto prestígio sócio-económico (reportemo-nos ao caso paradigmático do inglês nos nossos dias) porque prestigiados eram os seus falantes e prestigiante era também a actividade comercial de então.

1.5. DESENVOLVIMENTO SOCIAL E POLÍTICO DO NYUNGWE

Neste subcapítulo, fala-se do desenvolvimento social e político do *nyungwe*. Como vimos no subcapítulo anterior, o *nyungwe* é uma das línguas *bantu* moçambicanas mais amplamente usadas na província de Tete. Além disto, é língua de EB em três escolas públicas em Tete. A utilização do *nyungwe* no EB veio institucionalizar a língua, o que sucedia pela primeira vez no pós-independência, apesar de antes da independência já funcionar em domínios ditos altos como são as transmissões radiofónicas.

Há ainda muito caminho para caminhar. É preciso alargar o EB a mais escolas e distritos de Tete; o uso do *nyungwe* deve ser estendido a mais domínios públicos – nas barras dos tribunais, em decretos, leis; paralelamente, o desenvolvimento da escrita nesta língua tem de acompanhar estes passos; esta dinâmica deveria ser levada até às universidades públicas, cooperativas ou privadas quer sob forma de cursos livres ou curriculares. Faz falta também um círculo de interesse, um núcleo, um centro, uma associação ou um instituto da língua *nyungwe* ou a reactivação do grupo que já existia. Este pode ser um passo no caminho da sua oficialização. Seria o corolário lógico disto tudo. O que está em causa é que se possa avançar gradualmente para a oficialização de todas as línguas *bantu* moçambicanas.

Fazendo um pouco de história, dir-se-ia que a história da língua *nyungwe* se confunde com o rio Zambeze e com o vale do mesmo nome, este por ser nele que algumas pessoas acabariam por se fixar e aquele por ter servido de via fluvial por onde afluíram pessoas e bens. Da confluência dessas pessoas com os locais, nasceriam os *anyungwe* e a sua língua *nyungwe*. Pelo meio, vários factos históricos que estariam na génese do povo, da cultura e da língua *nyungwe* tiveram lugar. Como testemunho disso, destacaria o tipo de colonização a que Tete foi sujeito e os colonos que teve. A colonização de Tete e de todo o Vale do Zambeze só

uma e outra variedades diacrónicas (inglês velho e inglês moderno) não sejam a mesma língua, ou que uma seja ou um dialecto ou um pidgin da outra.

se inicia oficialmente no século XVII, mas informalmente ela data do século anterior. A escassez de recursos humanos e materiais da coroa portuguesa levou a que a colonização se realizasse de dois modos: i) pelo aforamento de terras a portugueses ou “indo-portugueses” (indianos convertidos ao catolicismo, que adoptaram nomes portugueses), comerciantes ou soldados, a troco duma renda anual, ou ii) através da concessão de territórios às companhias monopolistas. Tete foi administrada pela Companhia da Zambézia (uma companhia majestática de capitais belgas) de 1892 até 1933, altura em que passa definitivamente para a governação colonial portuguesa.

Historicamente, os *anyungwe* estão associados aos *acikunda*¹⁸. Estes falariam com os seus avós uma língua que já seria o *nyungwe* ou muito próxima dele. E talvez se deva ao seu passado histórico a sua fraca auto-estima por tudo o que lhes diz respeito (a sua identidade, a sua história, a sua cultura, a sua gastronomia, a sua língua, etc.). E nem mesmo o facto de o *nyungwe* ser a segunda maior língua de Tete e língua da capital provincial é suficiente para aumentar a sua auto-estima. Em princípio, isto deveria dar-lhe um estatuto privilegiado face às línguas *nyanjala cewa*, *sena* e *barwe* com as quais está em contacto. Esse prestígio tem-no o *nyanja*, o que advém, por um lado, do facto de esta ser uma língua transnacional, no sentido em que é falada além fronteiras de Moçambique (Malawi, Zâmbia e Tanzânia), como vimos atrás, enquanto o *nyungwe* apenas se fala em algumas partes de Tete; por outro lado, do facto de as regiões de Moçambique onde se fala o *nyanja* – Angónia, *Tsangano*, Moatize, *Chiwuta*, *Chifunde* e parte de Marávia – além da sua vastidão, serem super-povoadas e zonas ricas em recursos naturais. Tais aspectos conferem cada vez mais ao *nyanja* um peso económico, político e social maiores não somente na província de Tete como em todo o país e quiçá na região austral da África. Também não é alheio o facto de o *nyanja* ter mais literatura escrita que o *nyungwe*.

Uma vez que Tete não é uma província linguisticamente homogénea (revelador como já vimos aliás de uma fragmentação política antiga) ocorrem empréstimos mútuos,

¹⁸ Escravos guerreiros que eram uma espécie de exército privado, guarda, milícia armada dos senhores prazeiros. Em *nyungwe* e noutras línguas locais, o termo *ncikunda* (plural, *acikunda*, do verbo *kukunda*) significa usurpador ‘vanquisher’, invasor, ocupante. Mais tarde, os *acikunda* rebelaram-se contra os seus senhores prazeiros, invadindo e ocupando partes dos territórios hoje pertencentes à província de Tete. Estes indivíduos militarizados, apesar da condição de escravos, possuíam prestígio que lhes advinha da posse e manejo das armas de fogo, detendo regalias que os outros autóctones não possuíam. Posteriormente, ainda durante a ditadura colonial, foram convertidos em *nsupay* (aportuguesado para *sipaio*), polícia indígena que actuava junto das populações ao serviço do sistema colonial e opressor. Por isso, são conotados ainda hoje como traidores do seu povo, já que se aliaram aos senhores prazeiros europeus e goeses (portugueses) na ocupação colonial portuguesa. Até ao momento, paira no subconsciente dos *anyungwe* este estigma.

principalmente nas urbes, onde existe um prolongado contacto entre *nyungwe*, *sena*, *nyanja* e português. Como consequência, surgem semelhanças linguísticas que tendem a esbater as distinções genéticas pré-existentes entre estas línguas. O *nyungwe*, língua mais influenciada neste sentido, sobretudo o da cidade, parece estar a tornar-se numa espécie de língua *sena-nyungwe-nyanja* (língua mesclada), uma variante do *nyungwe* da cidade. São perceptíveis certas mudanças fonéticas, alguns empréstimos, uma língua misturada e mesmo uma mudança linguística, principalmente nos falantes *anyungwe* não nativos. Os locutores da rádio e os músicos locais são os baluartes deste modelo linguístico. Isto indica a tolerância e a convivência desta língua com as diferenças.

O fenómeno acima poderia conduzir a um dos seguintes desenvolvimentos do *nyungwe*: mudança linguística, redistribuição dos seus falantes para uma das línguas em concorrência. Mas, como esta língua surgiu precisamente neste ambiente (vd. subcapítulo 3 deste capítulo), tais cenários parecem pouco prováveis. Os constantes *input* linguísticos vindos do campo, onde o *nyungwe* está sujeito a menor pressão de outras línguas, contribuem para que tal não aconteça. O mais provável será a prevalência de uma coexistência pacífica destas línguas, convivendo como línguas vizinhas distintas, como sempre foi e a extensão do bilinguismo dos seus falantes a mais línguas vizinhas.

Como consideração final, convém frisar que estas línguas étnicas manter-se-ão como línguas distintas, não se vislumbrando num horizonte próximo possíveis fusões, devido ao facto de ninguém estar disposto a abdicar da sua identidade. O *nyungwe* não quer transformar-se em *sena* ou *nyanja* e vice-versa. Por isso, cada uma das etnias tenderá a preservar a sua própria língua. A haver uma remota hipótese de cedência seria a favor do português e não de qualquer das línguas étnicas. Por outro lado, apesar das semelhanças linguísticas, muitas barreiras políticas, culturais e sociais permanecem latentes. Ainda estão na memória clivagens étnicas passadas. Mas, na conjuntura mundial actual, alguns linguistas prevêem que metade das 6.000-7.000 línguas do mundo estejam em risco de extinção (<http://lingweb.eva.mpg.de/numeral/>, consultado em 02/02/2012). O *nyungwe* não está incólume a esta situação; antes, pelo contrário, é uma das línguas em perigo de desaparecer devido a conjugação de vários factores, nomeadamente por ser não oficial, por ter escassa literatura escrita, por ter reduzida atenção de linguistas, por não ter importância política e económica, mas sobretudo por não estar a ser transmitida às crianças como língua materna.

CAPÍTULO 2. O NYUNGWE COMO SISTEMA LINGUÍSTICO:

CARACTERIZAÇÃO LINGUÍSTICA

2.1 RELAÇÃO TIPOLOGICA COM OUTRAS LÍNGUAS *BANTU* DE MOÇAMBIQUE

2.1.1 Classificação tipológica das línguas *bantu* de Moçambique

2.2 INVESTIGAÇÃO CIENTÍFICA EM LINGUÍSTICA

2.3 ESTUDOS SOBRE O *NYUNGWE*

2.4 PAPEL E IMPORTÂNCIA LINGUÍSTICA, SOCIAL, POLÍTICA DO *NYUNGWE*

2.5 LINGUÍSTICA *BANTU*: ASPECTOS FUNDAMENTAIS

2.5.1 Línguas estudadas

2.1 RELAÇÃO TIPOLOGICA COM OUTRAS LÍNGUAS BANTU DE MOÇAMBIQUE

Como anteriormente foi referido, as línguas *bantu* apresentam uma extraordinária homogeneidade estrutural, léxico-gramatical e semântica. Os sistemas das classes nominais¹⁹ constituem uma das características marcantes destas línguas. Em todos os ramos da família Níger-Congo, de que as línguas *bantu* fazem parte, um nome simples é normalmente analisado em termos de radical e afixos, em geral prefixos. Daí que no caso das línguas do ramo *bantu*, que aqui nos interessam em particular, os nomes sejam categorizados em numerosas classes, identificadas pelos prefixos que possuem. Esta categorização de classes nominais é, por regra, de base semântica e binária, organizada como se indica: 1/2 (sg./pl.): *mu-*, *mw-*, *nya-*, *tsa-/wa-*, *a-* (referente a seres humanos/ personificados ou divinizados, nomes próprios, termos de parentesco); 3/4 (sg./pl.): *mu-*, *m-*, *n-/mi-* (reúne designações de plantas, árvores e alguns objectos); 5/6 (sg./pl.): \emptyset -, *n-*, *mb-*, *mph-/ma-* (designação de partes do corpo humano aos pares, animais domésticos, frutos, portuguesismos, nomes não contáveis e termos de parentesco); 7/8 (sg./pl.): *ci-/bzwi-* (agrupa conjuntos de coisas, coisas pontiagudas, alguns objectos, referências a aumentativos, a depreciativos, à maneira de); 9/10 (sg./pl.): (nomes atribuídos a objectos diferenciados, animais domésticos, nomes diversos, excepções, portuguesismos); 12/13 (sg./pl.): *ka-/tu-* (diminutivos); estas últimas classes são excepção à regra, constituindo-se não na base semântica e aparecendo individualmente: 14: *u-* (abstractos, não contáveis, objectos de uso corrente, partes do corpo); 15 (morfema verbal): *ku-* (infinitivos); 16 (morfema locativo): *ku-* (locativo direcciona); 17 (morfema locativo): *pa-* (locativo situacional); 18 (morfema locativo): *mu-* (locativo de interioridade).

O número de classes varia de uma língua para a outra, podendo atingir um máximo de vinte e uma classes, como no caso do *ganda* (JE15), reduzindo-se, excepcionalmente, a três, como no *kako* (A93), ou a zero classes, como se dá em *komo* (D23), como refere Katamba (2003: 108).

Entre as classes nominais que temos vindo a retratar, há umas que são mais comuns e outras menos comuns a todas as línguas *bantu*. Por exemplo, as classes aos pares 1/2, 3/4, 5/6, 7/8 e as individuais 15, 16, 17, 18 são mais comuns; outras, pelo contrário, são menos comuns. Por exemplo, a classe 21: *ji*, é específica do *changana* (S53) e do *ronga* (S54); depois, surgem as classes nominais uniformes que aparecem ou no singular ou no plural.

¹⁹ Conjunto de nomes com o mesmo prefixo e/ou o mesmo padrão de concordância que por vezes podem pertencer à mesma categoria semântica (Bleek, 1862; Guthrie 1967, 1967-1971; Ngunga 2000; Sioe 1984).

A determinação das classes nominais (quantas e quais) em línguas *bantu* bem como os respectivos prefixos é absolutamente fundamental para compreender o funcionamento destas línguas. Porque essa determinação é essencialmente de natureza semântica, o assunto ainda gera muita controvérsia, mesmo naquelas línguas muito conhecidas e muito estudadas.

Classes	Prefixos	Exemplos
1	<i>m-, mu-</i>	<i>mtu</i> , ‘pessoa’
2	<i>wa-</i>	<i>watu</i> , ‘pessoas’
3	<i>m-, mu-</i>	<i>mji</i> , ‘cidade’
4	<i>mi-</i>	<i>miji</i> , ‘cidades’
5	<i>ji-, Ø-</i>	<i>jiwe</i> , ‘pedra’
6	<i>ma-</i>	<i>mawe</i> , ‘pedras’
7	<i>ki-</i>	<i>kisu</i> , ‘faca’
8	<i>vi-</i>	<i>visu</i> , ‘facas’
9	<i>N-, Ø-</i>	<i>mbuzi</i> , ‘cabra’
10	<i>N-, Ø-</i>	<i>mbuzi</i> , ‘cabras’
11	<i>u-</i>	<i>uzi</i> , ‘linha’
14	<i>u-</i>	<i>usafi</i> , ‘limpeza’
15	<i>ku-</i>	<i>kulala</i> , ‘dormir’

Quadro 2.1: Classes e prefixos nominais em *swahili*. Fonte: Mbangale (1998: 73-75)

O quadro apresentado (construído com base no modelo *swahili*) serve de paradigma, de referencial de organização e funcionamento das classes nominais nas línguas *bantu*. Nele, salientam-se três colunas, a das classes, dos prefixos e a dos exemplos-tipo dessas classes. Os prefixos são elementos de extrema importância que funcionam como determinantes, como identificadores de cada tipo de classe nominal. Por regra, o funcionamento das classes nominais obedece a uma relação biunívoca; a cada prefixo corresponde uma classe distinta, como pode ser visto no quadro acima.

Courtois (1899), Ferrão (texto manuscrito, não publicado), Martins (1991), Rego (2000) e Ker (2011) apresentam tabelas de classes nominais em *nyungwe*, revelando disparidades na determinação da quantidade e da natureza das classes nominais. Isto pode ser reflexo de que esta matéria ainda não é totalmente consensual e pacífica, o que exige a continuação da sua discussão. Além disso, estes autores não se referem aos critérios que presidiram à construção das suas tabelas. Provavelmente, a não uniformização dos critérios subjacentes a essas tabelas está na origem de tais discrepâncias. Para o efeito, propõe-se como critério para colmatar esta lacuna o inventário dos nomes realizado a partir da consulta de um

dicionário monolíngue *nyungwe* completo, isto é, o mais exaustivo possível.

Courtois (1899) refere-se a nove classes nominais, denominando-as de 1.^a, 2.^a, 3.^a, 4.^a..., cada uma com a respectiva flexão em número (singular e plural), excepto a 7.^a que não tem plural, totalizando, de facto, vinte classes (os casos com singular e plural correspondem, na prática, a duas classes). Courtois não contabiliza, e com razão, nem os locativos *ku-*, *mu-*, *pa-*, nem o infinitivo *ku-*, por não serem verdadeiras classes nominais. Por regra, os números pares indicam o plural dos nomes identificados pelos números ímpares. Mas existem excepções decorrentes do facto de haver umas classes que ocorrem só no singular (*mphete*, ‘brinco’, *nguwo*, ‘tecido’, objectos pertencentes a outras culturas) e outras somente no plural (*madzi*, ‘água’, *mafuta*, ‘óleo da cozinha’, *munyu*, ‘sal’, *mataka*, ‘terra’, líquidos ou coisas difíceis de contar).

Um pormenor não de somenos importância na tabela de Courtois é a apresentação das grafias alternativas onde as houver. Assim, por exemplo, os prefixos do singular da 5.^a classe podem grafar-se alternativamente *di-* (*di-so*, ‘olho’), *dzi-* (*dzi-no*, ‘olho’), *dza-* (*dza-ndja*, ‘mão’).

Esclareça-se ainda que, na referida tabela, o traço (–), que aparece no lugar do prefixo, significa a marcação da ausência do prefixo correspondente ou prefixo desconhecido, diferentemente do sinal minguado (-) a seguir aos prefixos, que separa o prefixo da palavra que caracteriza.

Julga-se merecer a pena tecer alguns comentários ainda que necessariamente breves acerca da classe dos nomes abstractos identificada pelos morfemas *u-* (singular) e *ma-* (plural) que remetem para um estado de coisas ou ideias abstractas. Exemplos: *utofu*, ‘estado de preguiça’, *ukhuzi*, ‘estado de asseio’. Porém, o prefixo *ma-*, além da abstractivização dos nomes, parece também tornar os abstractos menos abstractos, uma espécie de semi-abstractos ou abstractos de nível 1: *u-tenda/ma-tenda* ou *ma-utenda*, ‘doença(s)’. Os morfemas *mu-* e *ma-* apontam para o segundo nível de nomes abstractos, referentes à maneira ou ao modo de ser ou de estar como *mu-khalidwe*, ‘a maneira de ser/estar, ficar’, *mu-sungidwe*, ‘a forma de se guardar’, *ma-bvalidwe*, ‘o modo de vestir’, *ma-wonekedwe*, ‘o jeito de se apresentar’.

A importância dos prefixos é de tal ordem que, ao longo de qualquer abordagem da gramática *nyungwe*, se vai tornando evidente o seu relevo quanto ao papel que desempenha não só na flexão gramatical como na própria semântica dos itens lexicais²⁰.

O quadro com os dados do *yao*, que se segue, serve para contrastar com os dois

²⁰ Veja-se *mu-nthu*, ‘pessoa’, *ci-nthu*, ‘coisa’, em que uma simples mudança do prefixo provoca uma alteração não somente da própria classe nominal como até da sua semântica.

quadros anteriores com vista a: i) mostrar como as classes nominais nas línguas *bantu* variam de uma língua para a outra, ii) frisar que a variação pode até residir no mesmo autor (incompletude, diferença de finalidades (vd. quadro seguinte) ou de autor para autor.

Cls.	Prefixos		Exemplos	
	Sing.	Pl.	Sing.	Pl.
1. ^a	<i>mu-</i> –	<i>a-</i> <i>wa-</i>	<i>mu-kazi</i> (mulher), <i>mu-busa</i> (pastor) <i>sulo</i> ²¹ (coelho), <i>nyalugwe</i> (leopardo)	<i>a-kazi</i> (mulheres), <i>a-busa</i> (pastores) <i>wa-kazi</i> (mulheres) <i>a-sulo</i> (coelhos), <i>a-nyalugwe</i> (leopardos)
2. ^a	<i>mu-</i> <i>mo-</i>	<i>mi-</i> <i>mi-</i>	<i>mu-ala</i> (pedra), <i>mu-oto</i> (fogo), <i>m'-pando</i> (assento)	<i>mi-nyala</i> (pedras), <i>mi-moto</i> (fogos), <i>mi-pando</i> (assentos)
3. ^{a22}	<i>(i)m-</i> <i>(i)n</i> –	<i>zim-</i> <i>(zin-)</i> <i>zi-</i>	<i>m-phete</i> (anel, brinco), <i>n-guo</i> (pano) <i>nyoka</i> (cobra)	<i>zim-phete</i> (anéis, brincos), <i>zi-nguo</i> (panos) <i>zi-nyoka</i> (cobras)
4. ^a	<i>ci-</i> <i>ca-</i> <i>ce-</i> <i>co-</i> <i>cu-</i>	<i>bzwi-</i> <i>bzwa-</i> <i>bzwe-</i> <i>bzwo-</i> <i>bzwu-</i>	<i>ci-lombo</i> (fera, bicho) <i>ca-la</i> (dedo) <i>ce-ntse</i> (todo) <i>co-mbo</i> (bagagem, utensílio doméstico) <i>cu-lu</i> (formigueiro)	<i>bzwi-lombo</i> (feras, bichos) <i>bzwa-la</i> (dedos) <i>bzwe-ntse</i> (todos) <i>bzwo-mbo</i> (bagagens, utensílios domésticos) <i>cu-lu</i> (formigueiro)
5. ^{a23}	<i>di-</i> <i>dzi-</i> <i>dza-</i> – –	<i>ma-</i> <i>ma-</i> <i>ma-</i> <i>ma-</i> –	<i>di-so</i> (olho) <i>dzi-no</i> (dente) <i>dza-ndja</i> (mão) <i>phaza</i> (enxada) –	<i>ma-so</i> (olhos) <i>ma-no</i> (dentes) <i>ma-ndja</i> (mãos) <i>ma-paza</i> (enxadas) <i>ma-dzi?</i> (água)
6. ^a	<i>u-</i>	<i>ma-</i>	<i>u-tende</i> (riqueza)	<i>ma-u-tende</i> (riquezas)
7. ^a	<i>ku-</i>		<i>ku-tonga</i> (mandar), <i>ku-deka</i> (ser belo), <i>ku-pasa</i> (dar)...	
8. ^a	<i>ka-</i>	<i>tu-</i>	<i>ka-mwana</i> (criancinha)	<i>tu-mwana</i> (crianças)
9. ^a	<i>mu-</i>	<i>ma-</i>	<i>mu-khalidwe</i> (costume)	<i>ma-khalidwe</i> (costumes)
com mov. sem mov. no, na, sob Locativos		<i>ku-</i> <i>mu-</i> <i>pa-</i>	<i>ku-gombe</i> , 'à praia', <i>ku-nyumba</i> , 'à casa', <i>ku-moto</i> , 'ao fogo' <i>mu-gombe</i> , 'dentro da praia', <i>mu-nyumba</i> 'dentro de casa', <i>mu-moto</i> , 'dentro do fogo' <i>pa-gombe</i> , 'na praia', <i>pa-nyumba</i> , 'em casa', <i>pa-moto</i> , 'no lume' <i>pa-gombe</i> (na praia), <i>pa-nyumba</i> (em casa), <i>pa-moto</i> , 'no fogo'	

Quadro 2.2: Prefixos específicos do *nyungwe*. Fonte: Courtois (1899: 25-26).

Por outro lado, este quadro parece ser o mais elaborado, detalhado e actualizado em comparação com os anteriores. Isto comprova-se com a inclusão dos prefixos de concordância de adjectivos, numerais, possessivos, demonstrativos e verbos, pela delimitação de campos

²¹ Animais frequentemente personificados incluem-se na Classe 1, classe dos seres humanos.

²² Esta classe tem geralmente forma única para singular e plural.

²³ Parecem pertencer a esta classe todos os membros do corpo humano que existem aos pares: *–thako/ma-tako* 'nádega/s', *–khutu/ma-kutu* 'orelha/s', *–boko/ma-boko* 'braço/s', *–dzandja/ma-ndja* 'mão/s', *–pholo/ma-polo* 'testículo/s', *–thindji/ma-tindji* 'clítor/s', *–tsuku/ma-suku* 'seio/s', *–phewa/ma-pewa* 'ombro/s'.

semânticos predominantes e pelo uso do prefixo N-, símbolo linguístico *bantu* que indica nasal homorgânica²⁴.

Cls.	Pref. nom.	Prefixos de concordância					Categorias semânticas predominantes em cada classe nominal
		Adj.	Num.	Poss.	Dem.	Verb.	
1	<i>mu-, mw-, N-</i>	<i>ju-</i>	<i>ju-</i>	<i>jw-</i>	<i>jw-</i>	<i>ju-</i>	Seres humanos ou personificados (sg. de 2)
2	<i>a-, va-</i>	<i>va-</i>	<i>va-</i>	<i>va-</i>	<i>v-</i>	<i>va-</i>	Seres humanos ou personificados (pl. de 1)
3	<i>mu-, mw-, N-</i>	<i>wu-</i>	<i>wu-</i>	<i>w-</i>	<i>w-</i>	<i>wu-</i>	Plantas, partes do corpo humano (sg. de 4)
4	<i>mi-, my-</i>	<i>j-</i>	<i>ji-</i>	<i>j-</i>	<i>j-</i>	<i>ji-</i>	Plantas, partes do corpo humano (pl. de 3)
5	<i>di-, dy-, dii-</i>	<i>dy-</i>	<i>di-</i>	<i>d-</i>	<i>dy-</i>	<i>di-</i>	Frutos, animais, partes do corpo humano (sg. de 6)
6	<i>ma-, m-</i>	<i>ge-</i>	<i>ga-</i>	<i>g-</i>	<i>g-</i>	<i>ga-</i>	Frutos, animais, partes do corpo humano (plur. de 5, 11)
7	<i>ci-, c-</i>	<i>c-</i>	<i>ci-</i>	<i>c-</i>	<i>c-</i>	<i>ci-</i>	Coisas, objectos, línguas, culturas (sg. de 8)
8	<i>yi-, y-</i>	<i>y-</i>	<i>yi-</i>	<i>y-</i>	<i>y-</i>	<i>yi-</i>	Coisas, objectos, línguas, culturas (pl. de 7)
9	<i>N-/Ø-</i>	<i>j-</i>	<i>ji-</i>	<i>j-</i>	<i>j-</i>	<i>ji-</i>	Animais, partes do corpo humano (sg. de 10)
10	<i>N-/Ø-</i>	<i>s-</i>	<i>si-</i>	<i>sy-</i>	<i>sy-</i>	<i>si-</i>	Animais, coisas longas (pl. de 9 e de 11)
11	<i>lu-, lw-</i>	<i>lw-</i>	<i>lu-</i>	<i>lw-</i>	<i>lw-</i>	<i>lu-</i>	Coisas longas, membros de pares (sg. de 10)
12	<i>ka-, k-</i>	<i>k-</i>	<i>ka-</i>	<i>k-</i>	<i>k-</i>	<i>ka-</i>	Diminutivo, carinho (singular de 13)
13	<i>tu-, tw-</i>	<i>tw-</i>	<i>tu-</i>	<i>tw-</i>	<i>tw-</i>	<i>tu-</i>	Diminutivo, carinho (pl. de 12)
14	<i>wu-, w-</i>	<i>w-</i>	<i>wu-</i>	<i>wu-</i>	<i>w-</i>	<i>wu-</i>	Substâncias, massa, incontáveis, abstractos
15	<i>ku-, kw-</i>	<i>kw-</i>	<i>ku-</i>	<i>kw-</i>	<i>kw-</i>	<i>ku-</i>	Nomino-verbais (infinitivos verbais)
16	<i>pa-, p-</i>	<i>p-</i>	<i>pa-</i>	<i>pa-</i>	<i>pe-</i>	<i>pa-</i>	Locativo situacional
17	<i>ku-, kw-</i>	<i>kw-</i>	<i>ku-</i>	<i>kw-</i>	<i>kw-</i>	<i>ku-</i>	Locativo direccional
18	<i>mu-, mw-, m'/n'-</i>	<i>mw-</i>	<i>mu-</i>	<i>mu-</i>	<i>mw-</i>	<i>mu-</i>	Locativo de interioridade

Quadro 2.3: Classes e prefixos nominais e prefixos de outras classes gramaticais em *yao*.

Fonte: Siteo & Ngunga (2000: 74, 80).

Na sequência da caracterização do sistema linguístico das línguas *bantu* que temos vindo a desenvolver, especial enfoque tem sido dado às classes nominais, tentando demonstrar as semelhanças e dissemelhanças existentes entre as línguas *bantu*, incluindo aquelas que se situam no mesmo contexto geográfico, político e social do *nyungwe* como são as línguas *bantu* de Moçambique.

Neste sentido, Ngunga não se limitou apenas a determinar o paradigma das classes nominais em *yao* como tratou igualmente de apresentar uma tabela com um resumo dos prefixos nominais independentes de treze línguas moçambicanas, incluindo o *nyungwe* (Ngunga, 2004: 120). O quadro de classes nominais que adiante se apresenta (Quadro 2.4) foi extraído dessa tabela. Verifica-se que as classes 11, 12, 13, 21 não existem ou existem em muitas poucas línguas deste quadro.

Da observação deste quadro, saltam à vista alguns aspectos que importam reter: i) disposição das línguas segundo as suas afinidades: *ronga* tem mais afinidades com *changana*;

²⁴ Consoante nasal não especificada, i.e., não marcada em termos de lugar, que se adapta ao lugar de articulação da consoante seguinte (Ngunga, 2002: 37; 2004: 110).

makhuwa partilha maiores afinidades com *koti* e *chuwabo*; *nyungwe* é mais idêntico ao *nyanja*, *sena* (conforme temos vindo a dar conta); ii) classes mais comuns em todas as línguas 1/ 2, 3/ 4, 5/ 6, 7/ 8, 14, 15, 16, 17, 18; iii) *N* está em representação de uma nasal não-silábica; iv) \emptyset representa prefixo zero, morfema zero; v) apenas *ronga* e *changana* são línguas portadoras da classe 21.

Classe	<i>copi</i>	<i>tonga</i>	<i>ronga</i>	<i>changana</i>	<i>tshwa</i>	<i>makhuwa</i>	<i>koti</i>	<i>chuwabu</i>	<i>nyungwe</i>	<i>nyanja</i>	<i>sena</i>	<i>yao</i>	<i>makonde</i>
1	<i>mu-</i>	<i>mu-</i>	<i>mu-</i>	<i>mu-</i>	<i>mu-</i>	<i>mu-</i>	<i>mu-</i>	<i>mu-</i>	<i>mu-</i>	<i>mu-</i>	<i>mu-</i>	<i>mu-</i>	<i>mu-</i>
2	<i>va-</i>	<i>vba-</i>	<i>va-</i>	<i>va-</i>	<i>va-</i>	<i>a-</i>	<i>a-</i>	<i>a-</i>	<i>wa-/a-</i>	<i>wa-/a-</i>	<i>a-</i>	<i>a-/vaa-</i>	<i>va-</i>
3	<i>mu-</i>	<i>mu-</i>	<i>mu-</i>	<i>mu-</i>	<i>mu-</i>	<i>mu-</i>	<i>mu-</i>	<i>mu-</i>	<i>mu-</i>	<i>mu-</i>	<i>mu-</i>	<i>mu-</i>	<i>mu-</i>
4	<i>mi-</i>	<i>mi-</i>	<i>mi-</i>	<i>mi-</i>	<i>mi-</i>	<i>mi-</i>	<i>mi-</i>	<i>mi-</i>	<i>mi-</i>	<i>mi-</i>	<i>mi-</i>	<i>mi-</i>	<i>mi-</i>
5	<i>di-</i>	<i>li-</i>	<i>li-</i>	<i>li-/ri-</i>	<i>li-</i>	<i>ni-</i>	<i>ni-</i>	<i>ni-</i>	<i>li-/di-</i>	<i>li-</i>	<i>li-</i>	<i>di-</i>	<i>li-</i>
6	<i>ma-</i>	<i>ma-</i>	<i>ma-</i>	<i>ma-</i>	<i>ma-</i>	<i>ma-</i>	<i>ma-</i>	<i>ma-</i>	<i>ma-</i>	<i>ma-</i>	<i>ma-</i>	<i>ma-</i>	<i>ma-</i>
7	<i>ci-</i>	<i>gi-</i>	<i>xi-</i>	<i>xi-</i>	<i>ci-/xi-</i>	<i>e-</i>	<i>e-</i>	<i>e-</i>	<i>ci-</i>	<i>ci-</i>	<i>ci-</i>	<i>ci-</i>	<i>shi-</i>
8	<i>si-</i>	<i>si-</i>	<i>svi-</i>	<i>svi-</i>	<i>zvi-</i>	<i>i-</i>	<i>i-</i>	<i>i-</i>	<i>bzwi-</i>	<i>zi-/vi-</i>	<i>pi-</i>	<i>vi-</i>	<i>vi-</i>
9	<i>N-</i>	<i>N-</i>	<i>N-</i>	<i>N-</i>	<i>N-</i>	-	\emptyset	<i>N-</i>	<i>N-</i>	<i>N-</i>	<i>N-</i>	<i>N-</i>	<i>N-</i>
10	<i>ti-</i>	<i>(dzi-)/N-</i>	<i>N-</i>	<i>N-</i>	<i>N-</i>	-	\emptyset	<i>N-</i>	<i>N-</i>	<i>N-</i>	<i>N-</i>	<i>N-</i>	<i>di-</i>
11	-	-	<i>li-</i>	<i>li-</i>	<i>li-</i>	-	-	-	-	-	-	<i>lu-</i>	<i>lu-</i>
12	-	-	-	-	-	-	-	-	<i>ka-</i>	<i>ka-</i>	<i>ka-</i>	<i>ka-</i>	<i>ka-</i>
13	-	-	-	-	-	-	-	-	<i>tu-</i>	<i>tu-</i>	<i>tu-</i>	<i>tu-</i>	<i>tu-</i>
14	<i>u-</i>	<i>wu-</i>	<i>(v)u-</i>	<i>wu-</i>	<i>u-</i>	<i>o-</i>	<i>o-</i>	<i>o-</i>	<i>u-</i>	<i>u-</i>	<i>u-</i>	<i>wu-</i>	<i>wu-</i>
15	<i>ku-</i>	<i>gu-</i>	<i>ku-</i>	<i>ku-</i>	<i>ku-</i>	<i>o-</i>	<i>o-</i>	<i>o-</i>	<i>ku-</i>	<i>ku-</i>	<i>ku-</i>	<i>ku-</i>	<i>ku-</i>
16	<i>ha-</i>	<i>ha-</i>	<i>ha-</i>	<i>ha-</i>	<i>ha-</i>	<i>va-</i>	<i>va-</i>	<i>va-</i>	<i>pa-</i>	<i>pa-</i>	<i>pa-</i>	<i>pa-</i>	<i>pa-</i>
17	<i>ku-</i>	<i>gu-</i>	<i>ku-</i>	<i>ku-</i>	<i>ku-</i>	<i>o-</i>	<i>o-</i>	<i>o-</i>	<i>ku-</i>	<i>ku-</i>	<i>ku-</i>	<i>ku-</i>	<i>ku-</i>
18	<i>mu-</i>	<i>mu-</i>	<i>mu-</i>	<i>mu-</i>	<i>mu-</i>	<i>mu-</i>	<i>mu-</i>	<i>mu-</i>	<i>mu-</i>	<i>mu-</i>	<i>mu-</i>	<i>mu-</i>	<i>mu-</i>
21			<i>ji-</i>	<i>ji-</i>									

Quadro 2.4: Resumo dos prefixos das classes nominais em línguas moçambicanas. Fonte: Siteo & Ngunga (2000: 120).

À luz dos estudos acima expostos, temos que nem todas as línguas *bantu* têm a mesma qualidade ou quantidade de classes nominais pela simples razão, parece-me, de que as línguas não têm todas a mesma qualidade ou quantidade de palavras. A ser isto verdade, afigura-se-me corroborar com o princípio proposto atrás da determinação das classes nominais com base no levantamento dos nomes de cada língua.

Em todo o caso, o quadro das classes nominais *nyungwe* que se segue não foi

concebido partindo desse princípio mas seguiu a orientação das classificações já existentes. Nessa ordem de ideias, foram apuradas dezoito classes nominais para o *nyungwe*, dispostas, regra geral, aos pares. Cada par simboliza singular e plural. Como se verificou atrás, cada classe é representada pelos seus respectivos prefixos identificadores, diferentes de uma classe para a outra.

Cls	Pref. nom.	Pref. conc.					Categorias semânticas predominantes em cada classe nominal
		Adj	Num	Poss	Dem	Verb	
1	<i>mu-, mw-</i> ²⁵ , N-	<i>ju-</i>	<i>ju-</i>	<i>jw-</i>	<i>jw-</i>	<i>ju-</i>	Seres humanos ou personificados (sg. de 2)
2	<i>a-, va-</i>	<i>va-</i>	<i>va-</i>	<i>va-</i>	<i>v-</i>	<i>va-</i>	Seres humanos ou personificados (pl. de 1)
3	<i>mu-, mw-, N-</i>	<i>wu-</i>	<i>wu-</i>	<i>w-</i>	<i>w-</i>	<i>wu-</i>	Plantas, partes do corpo humano (s. de 4)
4	<i>mi-, my-</i>	<i>j-</i>	<i>ji-</i>	<i>j-</i>	<i>j-</i>	<i>ji-</i>	Plantas, partes do corpo humano (plur. de 3)
5	<i>di-, dy-, dii-</i>	<i>dy-</i>	<i>di-</i>	<i>d-</i>	<i>dy-</i>	<i>di-</i>	Frutos, animais, partes do corpo humano (sg. de 6)
6	<i>ma-, m-</i>	<i>ge-</i>	<i>ga-</i>	<i>g-</i>	<i>g-</i>	<i>ga-</i>	Frutos, animais, partes do corpo humano (pl. de 5, 11)
7	<i>ci-, c-</i>	<i>c-</i>	<i>ci-</i>	<i>c-</i>	<i>c-</i>	<i>ci-</i>	Coisas, objectos, línguas, culturas (sg. de 8)
8	<i>yi-, y-</i>	<i>y-</i>	<i>yi-</i>	<i>y-</i>	<i>y-</i>	<i>yi-</i>	Coisas, objectos, línguas, culturas (pl. de 7)
9	N-/Ø-	<i>j-</i>	<i>ji-</i>	<i>j-</i>	<i>j-</i>	<i>ji-</i>	Animais, partes do corpo humano (sg. de 10)
10	N-/Ø-	<i>s-</i>	<i>si-</i>	<i>sy-</i>	<i>sy-</i>	<i>si-</i>	Animais, coisas longas (pl. de 9 e de 11)
11	<i>lu-, lw-</i>	<i>lw-</i>	<i>lu-</i>	<i>lw-</i>	<i>lw-</i>	<i>lu-</i>	Coisas longas, membros de pares (sg. de 10)
12	<i>ka-, k-</i>	<i>k-</i>	<i>ka-</i>	<i>k-</i>	<i>k-</i>	<i>ka-</i>	Diminutivo, carinho (sg. de 13)
13	<i>tu-, tw-</i>	<i>tw-</i>	<i>tu-</i>	<i>tw-</i>	<i>tw-</i>	<i>tu-</i>	Diminutivo, carinho (pl. de 12)
14	<i>wu-, w-</i>	<i>w-</i>	<i>wu-</i>	<i>wu-</i>	<i>w-</i>	<i>wu-</i>	Substâncias, massa, incontáveis, abstractos
15	<i>ku-, kw-</i>	<i>kw-</i>	<i>ku-</i>	<i>kw-</i>	<i>kw-</i>	<i>ku-</i>	Nomino-verbais (infinitivos verbais)
16	<i>pa-, p-</i>	<i>p-</i>	<i>pa-</i>	<i>pa-</i>	<i>pe-</i>	<i>pa-</i>	Locativo situacional
17	<i>ku-, kw-</i>	<i>kw-</i>	<i>ku-</i>	<i>kw-</i>	<i>kw-</i>	<i>ku-</i>	Locativo direccional
18	<i>mu-, mw-, m'-/n'-</i>	<i>mw-</i>	<i>mu-</i>	<i>mu-</i>	<i>mw-</i>	<i>mu-</i>	Locativo de interioridade

Quadro 2.5: Classes nominais em *nyungwe*, com base nos Quadros 2.1, 2.2 e 2.3.

A África é um continente com uma grande diversidade linguística. Das 6.000 a 7.000 línguas existentes no mundo (Lewis, 2009), 700 a 3.000 são africanas (Heine & Nurse, 2000: 1), isto é, uma grande percentagem das línguas faladas no mundo inteiro encontra-se em África. Isto por si só deveria significar alguma coisa para os africanos em particular e para a humanidade em geral. Essas línguas são tão diversas que algumas delas apresentam pouca relação entre si e pertencem a uma das seis diferentes famílias linguísticas seguintes: 1) Afro-Asiática; 2) Nilo-Sariana; 3) Níger-Congo A; 4) Níger-Congo B (*Bantu*); 5) *Khoisan*; 6) Austronésia. Acrescente-se ainda a estas a família linguística Indo-Europeia representada pela língua *afrikaans*.

A contabilização do número de línguas *bantu* conhecidas em África depende dos

²⁵ Os prefixos terminados em consoante ou semivogal indicam que o segmento a seguir é uma vogal, enquanto os terminados em N indicam tratar-se de nasais não-marcadas em termos de ponto de articulação, uma vez que este é determinado pelo ponto de articulação da consoante seguinte.

critérios de contagem: de acordo com Maho (2008), oscilam entre 400 a 500/600; segundo Marten, Kula e Thwala (2007) serão entre 300 e 500, enquanto Nurse (2008: 1) calcula existirem entre 250 e 600. Em qualquer dos casos, é tido como sendo o maior grupo de línguas africanas e um dos maiores do mundo. Exceptuando-se pequenas bolsas de línguas não *bantu*, nomeadamente *khoi*, *san* e *hotentote* na região do *Kalahari* (África do Sul, Botswana, Namíbia), *masai* e *luo* (Quênia), *hadzahalhatsa*, *iraqw*, *maasai*, *sandawe* (Tanzânia), o grosso de línguas que se falam numa vasta região da África contemporânea que vai desde os Montes Camarões ao sul da linha que atravessa países como a Nigéria, a República Centro Africana, a República Democrática do Congo (ex-Zaire), o Uganda, o Quênia e a Somália, pertence ao grupo *bantu* e ao ramo Níger-Congo. Estima-se haver 240 milhões de falantes nativos de línguas *bantu* espalhados por vinte e sete países africanos: África do Sul, Angola, Botswana, Burundi, Camarões, Congo, Gabão, Guiné-Equatorial, Ilhas Comores, Lesoto, Madagáscar, Malawi, Maiote, Moçambique, Namíbia, Nigéria, Quênia, República Centro Africana, República Democrática do Congo, Ruanda, Somália, Sudão, Swazilândia, Tanzânia, Uganda, Zâmbia e Zimbábwe (vd. Nurse & Philippson, 2003: 1; Ngunga, 2004: 30).

Na Figura 2.1 apresenta-se o mapa de África (embora não actualizado) com a respectiva divisão política por países (cinquenta e quatro). Em cada um deles, podem ver-se os nomes das principais línguas, o que permite ter não só uma visão panorâmica da situação linguística de África, mas também adivinhar-se as afinidades e as diferenças entre as línguas. Estas estão escritas a cores distintivas, assinalando a sua filiação em sete famílias de línguas. A família Níger-Congo/ Congo-Kordofaniana, da qual faz parte o grupo *bantu*, aparece no mapa como a maior de todas e na realidade é a maior de todas. Mas, ao contrário do mapa (vd. Figura 2.1) também adiante apresentado, o mapa anterior provavelmente não deixa transparecer o hiato que existe entre as línguas do extremo noroeste e as do sul.

A representação linguística de África em famílias diferenciadas prefigura, por um lado, a aceitação da existência de semelhanças entre estas línguas, sustentada pelo agrupamento em tipologias e categorias específicas e, por outro, o reconhecimento tácito de haver línguas diferenciadas e dispersas.

Sendo assim, por línguas africanas, entenda-se uma panóplia de línguas diferenciadas, e não na acepção de línguas homogêneas ou uma massa uniforme de linguajares. Essa visão é infundada tendo em conta os dados da Figura 2.1 e o que já se disse atrás. Só um profundo desconhecimento desta riqueza linguística de África ou uma certa sobrançeria com que se olha para estas línguas e para as questões africanas em geral pode justificar tal ideia.

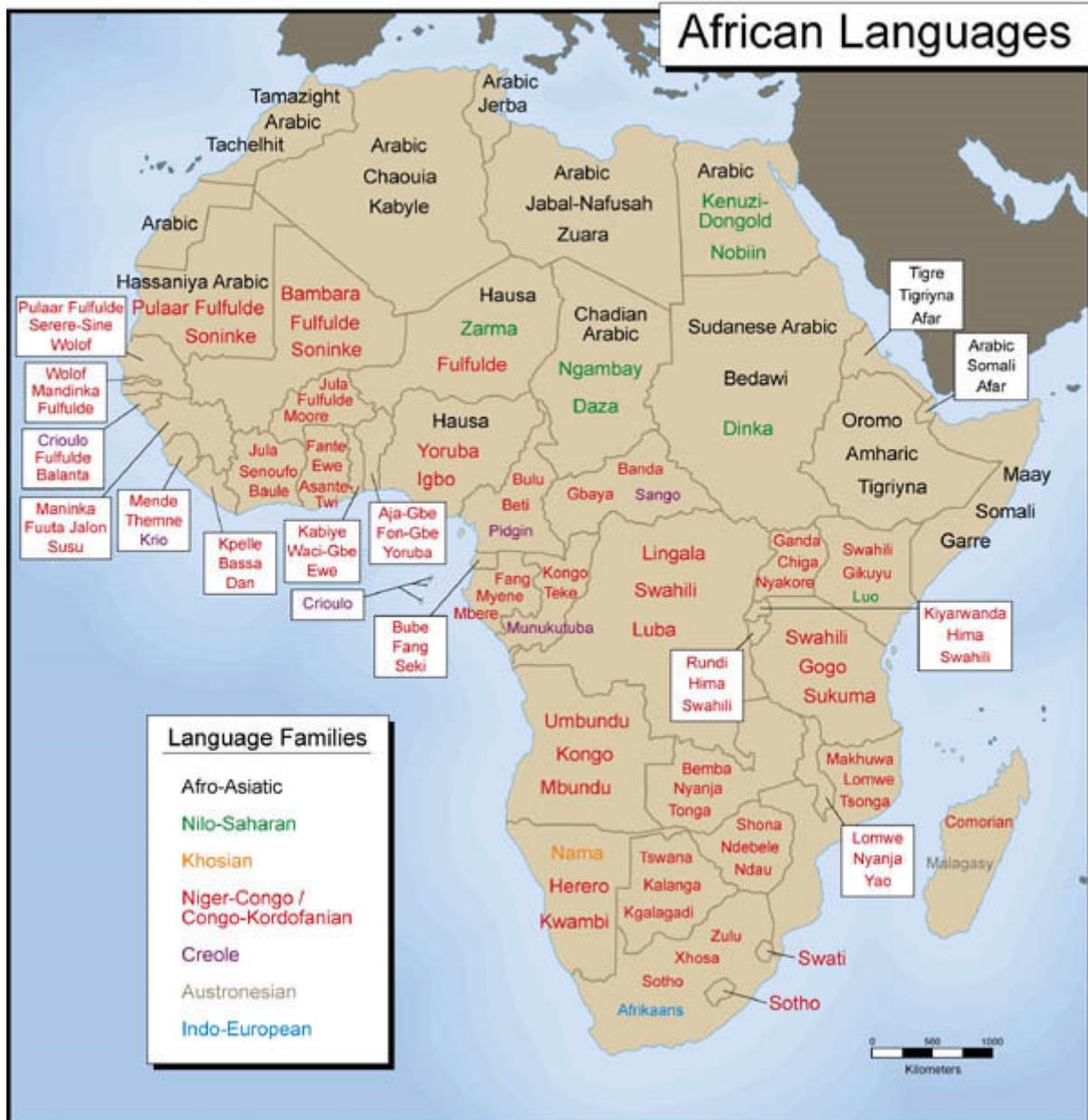


Figura 2.1: Principais línguas africanas, Fonte: African Languages at Michigan State University (MSU), African Studies Center (<http://www.isp.msu.edu/AfrLang/AfrLangMap.htm>, consultado em 08/10/2008)

Enquanto o mapa da Figura 2.1 dá sobretudo ênfase às línguas principais de cada país e às suas famílias, o mapa da Figura 2.2 ignora os países para se concentrar fundamentalmente na demarcação das famílias das línguas africanas através de faixas coloridas. A vantagem disto poderá ser a da nitidez da área abrangida por cada família. Outra vantagem é que a família Níger-Congo, normalmente apresentada com uma única tonalidade, é neste mapa apresentada com duas, encarnada na parte centro-oeste e alaranjada na parte austral, dadas as comprovadas diferenças destas duas regiões.



Figura 2.2: Famílias de línguas e línguas africanas maioritárias. Fonte: Heine & Nurse (2000: 2).

Em termos simbólicos, cada cor representa um contínuo linguístico, sendo a transição para uma outra cor, uma descontinuidade. Quanto mais afastadas estiverem as manchas coloridas umas das outras, mais diferenciadas são as suas línguas. A título exemplificativo, línguas afro-asiáticas do norte de África, mancha azul, terão mais diferenças que as línguas *khoisan*, mancha verde. Do mesmo modo, as línguas situadas nas manchas contíguas, azul e amarela, por exemplo, têm maiores probabilidades de reunirem algumas similitudes. Por esta ordem de ideias, as línguas abrangidas pela mesma cor partilham à partida maior número de traços e características comuns. Será o caso das línguas da família Níger-Congo B (*Bantu*).

Importa salientar que, de todas, a família Níger-Congo é a mais vasta e a mais diversificada linguisticamente, além de ser o maior ramo de línguas do mundo. O grupo *bantu* é uma das ramificações da família Níger-Congo. As línguas *bantu* são faladas na maior parte da África subsariana, dos Camarões ao Quênia, no sentido oeste-este, e daqui do norte ao sul do continente por cerca de 50 milhões de falantes. Apesar da sua dispersão geográfica, as línguas *bantu* são lexical e estruturalmente muito semelhantes. É natural, pois, que as línguas pertencentes a cada uma das famílias, ainda que situadas em países diferentes e até mesmo distantes, possam partilhar algo em comum.

Para elucidação dessas semelhanças, tome-se o exemplo da língua *sena* da província

de Tete que tem semelhanças com a das províncias de Sofala e Zambézia, isto dentro de Moçambique. Fora de Moçambique, assemelha-se com o *sena* do Malawi.

Uma das principais características das línguas *bantu* que as distingue das outras é o seu sistema de classes e os respectivos prefixos de concordância. É em torno das classes e dos prefixos que se realiza toda a concordância (i. e., toda a flexão). Nesta perspectiva, as línguas do grupo *bantu* têm todas, como vimos atrás, o sistema nominal.

2.1.1 Classificação tipológica das línguas *bantu* de Moçambique

Na classificação tipológica das línguas *bantu*, é costume apresentá-las em famílias, estas em zonas que por sua vez se subdividem em grupos e só depois surgem as línguas propriamente ditas. Este critério de abordagem obedece à lógica segundo a qual uma família é constituída por zonas, estas por grupos e estes, por sua vez, por línguas. Portanto, há um estreito relacionamento entre as unidades que constituem estas categorizações.

Sobre as famílias linguísticas, supõe-se que o essencial terá ficado dito. O passo seguinte aborda a questão das zonas linguísticas, representadas na Figura 2.3. De acordo com Guthrie (1967-71), baseando-se numa classificação geográfico-genealógica, as línguas *bantu* agrupam-se em 15-16 zonas linguísticas codificadas por uma letra maiúscula do alfabeto latino como se segue: A, B, C, D, E, F, G, H, J, K, L, M, N, P, R, S.

De acordo com estas zonas, e seguindo o mesmo critério geográfico (proximidade/afastamento-genealógico; semelhança/ diferença genética) que serviu de criação destas zonas linguísticas, saltam à vista os seguintes aspectos: i) predominância de um contínuo linguístico evidenciado pela sequência das zonas A, B, C, D, por exemplo, ii) ausência de três zonas, I, O, Q. O primeiro aspecto traduz uma característica e regra destas zonas linguísticas. O segundo remete-nos para as poucas exceções que resultam de descontinuidades (saltos qualitativos) circunstanciadas precisamente pelas lacunas provocadas pela falta de uma ou outra zona. Esta análise, no entanto, despreza os espaços de transição entre duas zonas contíguas, ambivalentes por natureza.

Como ficou frisado, cada uma destas zonas subdivide-se em vários grupos de línguas, estabelecidos em função de critérios assentes na dicotomia proximidade/ distanciamento linguístico e geográfico e ao mesmo tempo com certo grau de proximidade genealógica. Por sua vez, cada grupo possui as suas línguas típicas desse grupo.

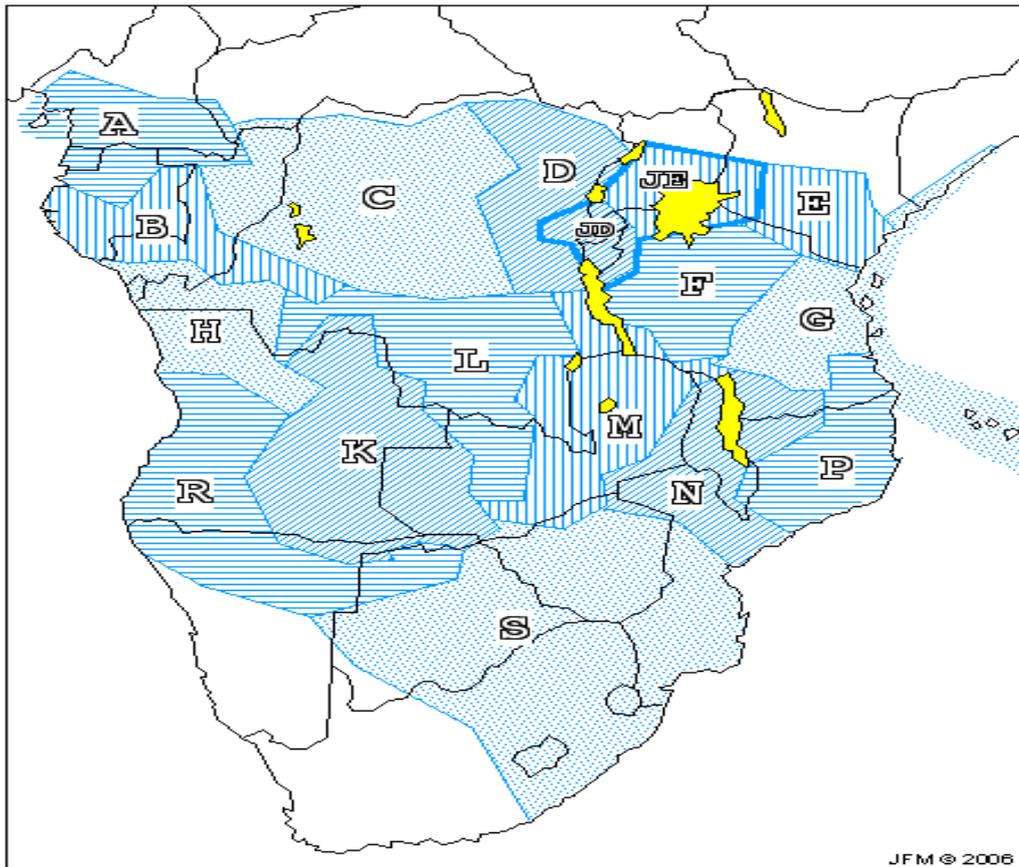


Figura 2.3: Zonas linguísticas das línguas bantu. Fonte: Maho (2008)

Cada grupo de línguas tem um código que consiste num número decimal precedido por uma letra maiúscula da respectiva zona: por exemplo, N40 significa Grupo 40 da Zona N; assim, G40 lê-se Grupo 40 da Zona G, e assim sucessivamente. Ao longo desta dissertação, o *nyungwe* é indicado como N43, que deve ser lido, da direita para a esquerda, como língua 3, grupo 40, zona N, ou seja, do particular para o geral.

Este método classificatório pode servir de ferramenta valiosa de verificação das afinidades ou não entre as línguas. O conhecimento assim alcançado pode ser fundamental no desenho de programas e manuais de ensino assentes nas realidades de cada caso e no perspectivar de políticas linguísticas baseadas no peso social e político de cada língua.

Cingindo-nos ao caso particular de Moçambique, país de onde é o *nyungwe*, Ngunga (2004: 46-48) e Maho (2003: 639) afirmam haver quatro zonas linguísticas distintas, G, P, N e S, distribuídas do norte ao sul, conforme o mapa da Figura 2.3 ilustra: i) Zona G (norte) – *mwani*; ii) Zona P (nordeste/ centro) – *yao, makonde, makhuwa, koti, lomwe, chuwabo*; iii) Zona N (noroeste/ centro) – *nyanja, nyungwe, sena*; e iv) Zona S (centro/sul) – *manyika, utewe, ndau, changana, rongga, copi, tonga*.

A Zona G, aquela que está menos representada em Moçambique, estima-se que possua

entre vinte e trinta línguas, sendo o *swahili* e o *gogo* as mais predominantes. As línguas desta zona são faladas numa extensa área da África Oriental, nomeadamente no sul da Somália, este do Quênia e da Tanzânia, norte de Moçambique e nas Ilhas Comores. A Zona P compreende dez a vinte línguas, destacando-se o *makhuwa* (língua maioritária em Moçambique), o *lomwe*, o *yao* e o *makonde*, faladas no sul da Tanzânia, no norte de Moçambique e no sul do Malawi. A Zona N, de que o *nyungwe* faz parte, abarca países como o Malawi, partes do norte e centro de Moçambique, uma parte do sul da Tanzânia, uma parte de este da Zâmbia e pequenas partes do norte do Zimbabwe. Nesta zona, existem entre dez a vinte línguas, sendo *cewa/nyanja*, *tumbuka* e *sena* as mais faladas. A Zona S, que ocupa a maior faixa do território moçambicano, conta com cerca de vinte a trinta línguas, de que sobressaem o *zulu*, o *xhosa*, o *shona*, o *tswana*, o *sotho* do norte, o *sotho* do sul e o *changana*. Esta zona ocupa a maior parte da África Austral e inclui países como a África do Sul, o Lesoto, a Suazilândia, o Botswana, Zimbabwe e a parte sul de Moçambique (Maho, 2008). Saliente-se que as línguas de cada grupo, pese embora o facto de pertencerem a países distintos, partilham mais traços entre si do que com as línguas do mesmo país mas que pertencem a zonas linguísticas diferentes.

Como já vimos, em cada zona linguística, as línguas estão organizadas por grupos. No caso específico de Moçambique, são seis os grupos, ordenados do norte ao sul: Grupo 1 – *yao*, *makonde*, *mwani* (norte); Grupo 2 – *makhuwa*, *lomwe*, *koti*, *chuwabo* (norte/centro); Grupo 3 – *ndau*, *utewe*, *manyika* (centro); Grupo 4 – *sena*, *barwe*, *nyanja*, *nyungwe* (centro); Grupo 5 – *copi*, *tonga* (sul); Grupo 6 – *changana*, *tshwa*, *ronga* (sul). O grupo é simbolizado por numeração árabe em unidades decimais (10, 20, 30, 40, etc.). *Vd.* também Dalsgaard (2005).

No âmbito da classificação tipológica das línguas de que temos vindo a falar, é prioritário destringer línguas dos dialectos. Esta empresa encerra normalmente algum grau de ambiguidade. Resolvida essa ambiguidade, pode então haver lugar para a classificação. Retomando o exemplo do *nyungwe* identificado como N43a, temos que N corresponde a Zona, 4 a Grupo, 3 a Língua e para Dialecto a. Tal como foi referido no Capítulo I, isto é interpretado como o *nyungwe* pertencendo à Zona N, ao Grupo 40, à terceira língua do grupo e tem pelo menos um dialecto. Caso uma língua tenha dialecto(s), este(s) é/ são representado(s) por uma letra minúscula do alfabeto latino (a, b, c, etc.), colocada a seguir ao número identificador da língua individual.

O *Ethnologue* (2003) classifica o *nyungwe* como língua pertencente à linhagem *Níger-Congo*, *Atlantic-Congo*, *Volta-Congo*, *Benue-Congo*, *Bantoid*, *Southern*, *Narrow Bantu*, *Central*, *Nyanja*, *Senga-Sena* (N40), *Sena* (N42), *Nyungwe* (N43). Esta filiação está

representada segundo uma linha horizontal que pode não espelhar bem a ideia de descendência que está por trás desta representação.

Uma representação vertical em árvore invertida (das raízes às folhas), e utilizando setas descendentes, parece ser aquela que melhor traduz essa ideia da filiação linear do *nyungwe*, ou seja, da sua ascendência/ descendência como a que se apresenta na Figura 2.4.

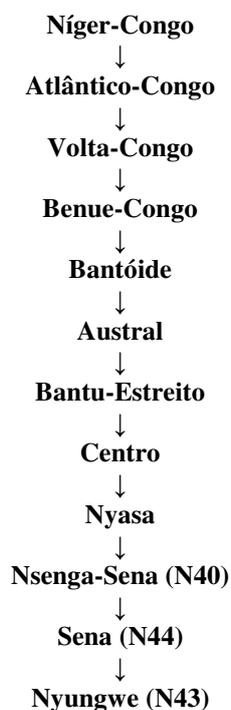


Figura 2.4: Diagrama de filiação linear do *nyungwe*. Fonte: Lewis (2009)

Se esta representação esquemática permite visualizar a linha sucessória de onde proveio o *nyungwe*, o Quadro 2.6 dá uma outra perspectiva do ambiente linguístico de Moçambique onde se insere o *nyungwe*, permitindo retratar o *nyungwe* no contexto geral das línguas de Moçambique, juntando no mesmo quadro tudo o que acima ficou dito (zonas, grupos e línguas de Moçambique). Os traços (–) que nele aparecem assinalam a ausência em Moçambique das línguas destes grupos. Ou seja, em Moçambique, a título exemplificativo, não há línguas dos grupos 10, 20, 30, 50 e 60. E, uma vez mais, as zonas estão dispostas no sentido norte-sul do país.

Além de servir o propósito acima indicado, o Quadro 2.6 permite ainda tirar algumas ilações de que se destaca o facto de a Zona S ser a zona linguisticamente mais disseminada, com maior número de grupos de línguas, três (3) no total: Grupo 10, este mais afastado e, por isso, mais dissemelhante dos restantes grupos, Grupo 50 e Grupo 60, estes dois mais próximos um do outro, implicando, por isso, maiores semelhanças nas suas línguas que são,

ao todo, onze (11) línguas e dialectos inventariados.

ZONA G					
Grupo 10	Grupo 20	Grupo 30	Grupo 40	Grupo 50	Grupo 60
–	–	–	<i>swahíli</i> (G41) <i>mwani</i> (G42)	–	–
ZONA P					
Grupo 10	Grupo 20	Grupo 30	Grupo 40	Grupo 50	Grupo 60
–	<i>yao</i> (P21) <i>makonde</i> (P23) <i>mabiha</i> (P25)	<i>makhuwa</i> (P31) <i>lomwe</i> (P32) <i>ngulu</i> (P33) <i>cuwabo</i> (P34)	–	–	–
ZONA N					
Grupo 10	Grupo 20	Grupo 30	Grupo 40	Grupo 50	Grupo 60
–	–	<i>nyanja</i> (N31a) <i>cewa</i> (N31b) <i>mananja</i> (N31c)	<i>ntsenga</i> (N41) <i>kunda</i> (N42) <i>nyungwe</i> (N43) <i>sena</i> (N44) <i>barwe</i> (N45) <i>podzo</i> (N46)	–	–
ZONA S					
Grupo 10	Grupo 20	Grupo 30	Grupo 40	Grupo 50	Grupo 60
<i>korekore</i> (S11) <i>zezuru</i> (S12) <i>manyika</i> (S13a) <i>tewe</i> (S13b) <i>ndau</i> (S15a)	–	–	–	<i>tswa</i> (S51) <i>gwamba</i> (S52) <i>tsonga</i> (S53) <i>ronga</i> (S54)	<i>copi</i> (S61) <i>tonga</i> (S62)

Quadro 2.6: Relação e classificação tipológica do *nyungwe* no contexto das línguas *bantu* de Moçambique.

Fonte: Rego (2000: 48)

Digno de destaque é também o facto de, no pólo oposto à Zona S, estar a Zona G, a menos disseminada em Moçambique, com apenas duas (2) línguas, todas pertencentes a um único grupo, o Grupo 40, e de as duas zonas intermédias às Zona G (norte) e Zona S (sul), a Zona P e a Zona N, situadas no centro e norte, terem dois grupos de línguas cada: a Zona P tendo o Grupo 20 e Grupo 30, somando sete (7) línguas e a Zona N, possuindo o Grupo 30 e Grupo 40 com nove (9). A contiguidade dos grupos de línguas destas duas zonas significa que se está perante línguas aparentadas. Deste modo, e pegando no caso do *nyungwe* (N43), temos que as línguas do mesmo grupo: *ntsenga* (N41), *kunda* (N42), *sena* (N44), *barwe* (N45), *podzo* (N46), exibem mais parecenças entre si do que com quaisquer outras línguas de uma outra zona e um outro grupo. Essas semelhanças tornam-se mais evidentes quanto maior for essa proximidade. Sem dúvida que o *kunda* (N42) de um lado e o *sena* (N44) do outro têm

semelhanças semânticas, léxico-gramaticais, fonológicas e fonéticas incomparavelmente mais elevadas do que as línguas da zona norte ou zona sul de Moçambique.

A partir do Quadro 2.6 acima esboçado, e centrando a atenção somente na Zona N, onde o *nyungwe* se encontra inserido, e contempladas todas as línguas dos seis (6) grupos existentes, exibem-se no Quadro 2.7 abaixo os dados informativos seguintes:

<p>Narrow Bantu N10 (Manda) Manda (proper), Matengo, Mpoto, Ngoni, Tonga</p> <p>Narrow Bantu N20 (Tumbuka) Lambya, Tumbuka (proper)</p> <p>Narrow Bantu N30 (Nyanja) Mazaro, Nyanja (proper)</p> <p>Narrow Bantu N40 (Nsenga-Sena) Senga (Nsenga) Sena Kunda, Nyungwe, Podzo, Sena (proper)</p>

Quadro 2.7: Línguas da Zona N. Fonte: Rego (2000: 56).

Este mesmo Quadro 2.7 pode ser apresentado em forma de árvore genealógica, como se faz na Figura 2.5, o que possibilita uma outra visualização da rede de ramificações e de relações em que o *nyungwe* se insere.

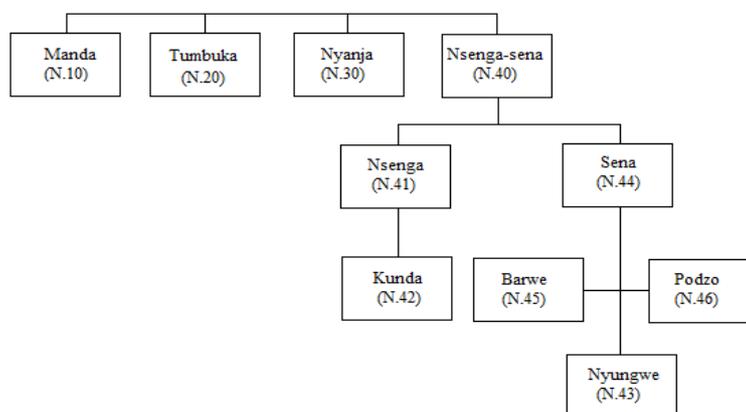


Figura 2.5: Segundo diagrama de Línguas da Zona N. Fonte: Rego (2000: 56).

A genealogia ora reconstituída é obviamente simplista e, por isso, susceptível de estar até desfasada da realidade, podendo inclusive distorcê-la de algum modo. Se isso aconteceu, não era essa a intenção. Pretendia-se fornecer uma pista possível das muitas que existem em teoria. Há a consciência de que a realidade poderá ser bem mais complexa e sinuosa, não tão

linear como aqui se afigura. Portanto, esta representação tem que ser encarada como uma das muitas pistas possíveis em busca do proto-*bantu nyungwe*.

Com base nos dados coligidos nos parágrafos anteriores sobre o *nyungwe*, apresenta-se, no Quadro 2.8, de modo conciso, uma espécie de Bilhete de Identidade (BI) da língua *nyungwe*, por forma a permitir uma identificação sumariada da língua. Podemos dizer que, tal como com um documento de identificação de uma pessoa, cidadão pertencente a um país, dele constam os seguintes elementos: nome completo, filiação, naturalidade, data de nascimento, residência, fotografia, assinatura. Estes elementos servem para fornecer informações úteis da identidade do *nyungwe* no contexto das línguas *bantu* de Moçambique.

N.º	Itens	Dados
1	Nome da língua	<i>nyungwe</i>
	1.1. Origem do nome	Ilhéu chamado <i>kanyimbi</i> (< <i>kanyungwi</i> ~ <i>kanyungwe</i> ?)
	1.2. Nome(s) alternativo(s)	<i>cinyungwe, chinyungwe, nhungue, tetense, yungwe, nyongwe.</i>
2	Língua(s) aparentada(s)	<i>barwe</i> (N45), <i>kunda</i> (N42), <i>phimbi</i> (47), <i>sena</i> (N44), <i>nyanja</i> (N31)
3	Família	Níger-Congo
	3.1 Ramo	Benue-Congo
	3.1.1. Grupo	<i>Bantu</i> Estreito/ Este
	3.1.1.1. Subgrupo	<i>Ntsenga-Sena</i> (N40)
4	Código	<i>Nyungwe</i> (N43)
5	Dialecto(s)	Não foram identificados nenhuns.
6	Variante(s)	Variantes de referência: Tete-cidade e distritos de Changara, Cabora-Bassa e Moatize (parte).
7	Estatuto	língua étnica, língua local.
8	Usos	ambiente familiar, informal, rádio, ensino básico.
9	Desenvolvimento da língua	Dicionários, bosquejos gramaticais, porções da Bíblia
10	Falantes	mais de 431.442 (27,8% de falantes em Tete)
11	Distribuição geográfica	Tete-cidade, distritos de Changara, Cabora-Bassa e partes de Moatize, Marávia e Mágoè.

Quadro 2.8: Bilhete de Identidade do *nyungwe*. Fonte: Lewis (2009)

O termo *kanyimbi* (< *kanyungwi* ~ *kanyungwe*?), que provavelmente terá dado origem à palavra *nyungwe* (há outras versões), é o nome da ilha situada no rio Zambeze em frente da cidade de Tete. No entanto, tem múltiplos sentidos, nome da terra, da etnia, da cultura, da língua, no fundo, de tudo o que seja relativo à mundividência desta etnia.

Quanto ao número de falantes, item 10, não há dados rigorosos. O número aqui

avançado é de Dalsgaard (2005), ao passo que Lewis (2009) indica 439.000 (2006).

2.2 INVESTIGAÇÃO CIENTÍFICA EM LINGUÍSTICA EM MOÇAMBIQUE

A investigação científica em linguística em Moçambique tem uma expressão residual. A relação entre o número de línguas a estudar e descrever e a extensão territorial do país *versus* quantidade e qualidade de linguistas é desequilibrada, pendendo a balança a favor da primeira. As variáveis número de publicações de dicionários, gramáticas, livros e de outros trabalhos linguísticos, a envergadura (apesar de o tamanho, por si só, não abonar necessariamente a favor do valor, da qualidade e da abrangência) das publicações, a quantidade e qualidade de autores envolvidos, o número de variedades dialectais descritas, o período de tempo que uma dada língua é descrita, o impacto da investigação no seio da academia e da sociedade e outros factores são reveladores da fraca actividade nesta matéria. Os escassos estudos existentes estão confinados na prática a uma só academia – a Universidade Eduardo Mondlane (UEM) e centram-se predominantemente no português, o chamado português de Moçambique (PM)²⁶.

Apesar da introdução em 1978 da primeira cadeira de linguística *bantu* na UEM, desconhecem-se graduados em Moçambique em Línguas e Linguística *Bantu*. As publicações sobre estudos das línguas *bantu* moçambicanas apenas cobrem algumas línguas (*changana, yao, makhuwa*) e chegam a poucos linguistas. Até há bem pouco tempo, uma única instituição ligada à UEM, o NELIMO, ainda para mais com exíguos recursos materiais e humanos, estes prestando serviços ocasionais, tinha a incumbência de realizar a missão histórica da «elaboração e publicação de gramáticas, dicionários, artigos sobre diferentes aspectos das línguas moçambicanas desde a sua estrutura até à sua função e utilização na sociedade» (Siteo & Ngunga 2000: 8). Uma empresa hercúlea.

Neste cenário de escassez de investigadores e de investimentos, são em menor número as obras de linguística e muitas questões da competência de linguistas ficam por tratar ou são tratadas por outras personalidades que não linguistas, pelo que ainda subsistem enigmas em relação a quais e quantas línguas e/ou dialectos existem em Moçambique, onde e por quem são falados, e por aí fora.

Em relação ao número de línguas e/ou dialectos que existem em Moçambique, os

²⁶ Perpétua Gonçalves e a sua vasta obra (livros, artigos, seminários, conferências, orientações de trabalhos académicos), bem como a equipa que a acompanha falam por si.

dados que têm vindo a público apontam para números na ordem das oito (8) a quarenta e nove (49) línguas, variando de autor para autor assim como de critério para critério. Os maiores problemas residem na destrição, necessariamente obrigatória, entre (i) nomes de línguas *versus* nomes de etnias; (ii) grupos de línguas *versus* línguas; (iii) línguas *versus* dialectos. Em geral, estes conceitos continuam a ser usados arbitrariamente.

Com base nos factores indicados no primeiro parágrafo deste subcapítulo, chega-se à conclusão de que é preciso: i) alocar e envolver mais recursos humanos (linguistas, professores, pessoal dos meios de comunicação social, sociedade civil, ONG's) e financeiros (mais materiais, mais centros, mais institutos de estudos de línguas moçambicanas); ii) estender a investigação a mais línguas e mais variedades dialectais.

Olhando para o panorama geral da investigação científica em linguística em Moçambique, verifica-se que o que de mais representativo existe nesta área a desenvolver actividades de pesquisa e de produção linguística são os seguintes organismos e instituições: i) Faculdade das Ciências Sociais e Humanas; ii) Centro de Estudos Africanos (CEA); iii) NELIMO – todos eles pertencentes à UEM e sediados na capital, Maputo; e iv) Sociedade Internacional de Linguística (SIL), com sede em Nampula e grupos de trabalho em Tete. Esta centralização e insuficiência de recursos tem reflexos negativos sobre as línguas *bantu* moçambicanas e prejudica mais as línguas das periferias como é o *nyungwe*.

2.3 ESTUDOS SOBRE O NYUNGWE

A política colonial portuguesa em Moçambique nunca encorajou o estudo e o desenvolvimento das línguas autóctones. Do pouco que existe sobre o *nyungwe* contam-se glossários, pequenos dicionários e uns bosquejos de regras elementares de gramática que resultam não de estudos realizados por uma equipa ou equipas com projectos e prazos a cumprir e dotado(s) de orçamento(s), mas por missionários (maioritariamente) de congregações diversas (jesuítas, combonianos), cujo objectivo principal era a missionação e por funcionários da administração colonial (muito poucos), geralmente a título individual, motivados por curiosidade ou pela circunstância de quererem compreender e fazer-se compreender. A juntar aos missionários e funcionários, encontravam-se também um e outro antropólogo ou etnólogo. Não há registo de ter havido participação de linguistas nestes trabalhos.

Relativamente ao *nyungwe*, são escassos os estudos publicados que se conhecem.

Estes datam de 1888. Na maioria, constam de dicionários, alguns aspectos gramaticais, traduções de partes da Bíblia, brochuras de catequeses e hinários. Consistem essencialmente em obras de carácter religioso, cuja finalidade última era a evangelização em línguas autóctones.

Um acervo bibliográfico actualizado e relativamente extenso de estudos sobre o *nyungwe* pertence a Dalsgaard (2005), que estabeleceu uma tabela contendo informações sobre ano de publicação, título, autor, referência, comentários e outros pormenores. Por outro lado, merece também destaque o trabalho de Maho (2003) que disponibiliza uma sistematizada literatura publicada sobre as línguas *bantu*. Mais recentemente, em “Lingamish/Nyungwe language”, página da internet relacionada com a SIL, pode-se aceder a uma listagem de referências bibliográficas sobre a língua *nyungwe*.

Mas os trabalhos inaugurais mais relevantes daquilo a que se pode considerar de linguística *nyungwe*, ainda que linguística tradicional, são os do padre Victor José Courtois, *Elementos da gramática tetense* (1888; 1900), *Diccionario Cafre-Tetense-Portuguez* (1899; 1900), *Gramática Cafre Tetense* (1939), e do padre Manuel dos Anjos Martins, *Elementos da língua nyungwe – Gramática e Dicionário* (1991).

Em linha de continuidade dos trabalhos acima citados, colocaria os estudos de Ker, nomeadamente Ker (2011), que podem ser designados de índole religioso-académico, mas que inauguram já a fase de transição para uma linguística moderna de vertente mais científica. Neste âmbito, destacaria as monografias inéditas em forma de teses de licenciatura de estudantes da UEM, que podem ser consultadas na página *web* da universidade. Esta dissertação e a que se lhe precedeu, Rego (2000), fazem parte da primeira vaga de trabalhos de descrição do *nyungwe* em termos de investigação científica em linguística.

Para que conste, os trabalhos de Courtois e Martins são de referência nos estudos *nyungwes* quanto mais não seja pelo seu grande valor histórico derivado do seu pioneirismo, marcando, portanto, a alvorada da linguística *nyungwe*. Como quaisquer outros trabalhos nas mesmas circunstâncias históricas, aqueles trabalhos são susceptíveis de poderem ter limitações contingenciais que se prendem com o amadorismo da sua produção, ligado a factores de vária ordem: recursos teóricos e metodológicos, técnicos e tecnológicos e toda a panóplia de meios hoje ao dispor de linguistas desde a recolha e tratamento de dados, passando pela armazenagem, análise, comparação até culminar com a edição.

Desta análise, e retrospectivando a situação da ciência linguística em *nyungwe*, constata-se que: i) os estudos sobre o *nyungwe* produzidos em academias são escassos; ii) desses estudos, trabalhos de carácter linguístico são raros e, na sua maioria, são meros

exercícios académicos; iii) pouca ou nenhuma atenção é dada à descrição léxico-gramatical; iv) a circulação destes produtos circunscreve-se à esfera académica (estudantes, investigadores, professores de ensino superior). Desses estudos, destacam-se: Mulatinho (1999), Rego (2000), Xavier (2004), Adalima (2005), Rego (2007).

Como acontecimentos de maior relevância para o *nyungwe*, destacam-se i) a introdução, em 2004, do *nyungwe* como língua de ensino e disciplina escolar na educação bilingue (*nyungwe*-português) em três escolas do Ensino Básico do Grau I (da 1.^a à 5.^a); ii) o estudo desde 1996 da língua *nyungwe* pela Sociedade Internacional de Linguística (SIL) em Tete para a tradução da Bíblia do inglês/ português para o *nyungwe*; iii) a criação em 1988 do Grupo III (*nyanja, nyungwe, sena, balke*) de investigação e de produção de materiais das respectivas línguas; iv) a publicação de uma brochura destacável da língua *nyungwe* (*II Seminário sobre a Padronização da Ortografia de Línguas Moçambicanas* (1999: 3 e 4).

A manutenção das cinco horas diárias do programa de rádio emitido em *nyungwe* desde a década de sessenta do século passado é um dos meios que podem contribuir para a preservação, valorização e difusão desta língua. Recentemente, para colmatar as carências de materiais de apoio decorrentes da introdução da educação bilingue em Moçambique que contempla o uso do *nyungwe* como meio de comunicação e como disciplina nas primeiras classes, iniciou-se a produção de materiais de apoio mas que reproduzem ambiências e experiências alheias ao povo *nyungwe*.

No entanto, apesar de todo este ambiente favorável actual à volta do *nyungwe*, constata-se que ainda não despertou interesse suficiente quer nos próprios linguistas moçambicanos, quer nos estrangeiros e muito menos no seio do cidadão moçambicano comum capaz de gerar sinergias em prol do desenvolvimento do *nyungwe*. A bandeira das línguas, tantas vezes agitada em cerimónias de circunstância por alguns políticos e governantes, ainda não foi hasteada bem alto. Continua a confundir-se promoção das línguas *bantu* (línguas de matriz étnico-cultural e portanto susceptíveis de despertar e fomentar a consciência étnica) com a eventual promoção do tribalismo e do divisionismo, que minariam a unidade (unicidade) do povo moçambicano, que tantos sacrifícios custou a conquistar. O caldo de etnias (povos), de culturas, de línguas que compõe Moçambique foi sempre pouco sublimado pelos vários agentes da acção governativa com o receio de que aquele se pudesse entornar.

A divulgação do *nyungwe* pela Internet é nula ou quase; não há revistas nem jornais em *nyungwe*; a televisão também não passa programas em *nyungwe*. Estes meios de comunicação social de massas poderiam em muito contribuir para a massificação da língua.

Fora do âmbito religioso, não consta haver instituições locais (instalados em Tete) ou no país, por exemplo, a Universidade Eduardo Mondlane (UEM), que estejam a investigar o *nyungwe*²⁷. Além-fronteiras, salvo esta minha investigação, também nada consta.

2.4 PAPEL E IMPORTÂNCIA LINGUÍSTICA, SOCIAL, POLÍTICA DO NYUNGWE

O pouco ou nenhum uso das línguas maternas em actos oficiais a diversos níveis e órgãos de poder político, legislativo e administrativo é, entre outros factores, apontado como uma das causas do subdesenvolvimento de África (Barnes & Barry, 2004: 2):

Several researchers have indicated that minimal use of local languages in education and other domains is one of the factors leading to Africa's underdevelopment.

Os líderes africanos reunidos em Adis-Abeba, Etiópia, em 1987, pronunciaram-se no mesmo sentido, reconhecendo que a língua está no centro da cultura dos povos e convenceram-se de que o desenvolvimento económico, social e cultural dos povos africanos não será possível sem o concurso das línguas africanas autóctones nesse avanço e desenvolvimento; reconheceram que a África precisa de afirmar e consolidar a sua independência e a sua identidade ancoradas nas línguas africanas.

Sabendo-se que a maioria da população moçambicana, sobretudo nas zonas rurais, comunica e realiza actividades económicas nas suas línguas locais, o contributo destas línguas no combate à pobreza e ao atraso do país é crucial. Ignorar ou discriminar as línguas moçambicanas em geral e o *nyungwe* em particular na construção da nação e da moçambicanidade é excluir uma parte vastíssima das forças vivas do país de participar em pleno neste processo. Para evitar isso, o acesso aos conhecimentos, às tecnologias e mesmo à propaganda política terá que ser feito nas línguas em que essas pessoas se comunicam regularmente.

Se é verdade que os destinos de Moçambique são conduzidos em português, não é menos verdade que a vida das massas continua a decorrer normalmente nas várias línguas de pendor *bantu*. Esta aparente e permanente tensão é sanável com o prestigiamento de todas as

²⁷ Os trabalhos monográficos referidos na página 93 surgem pontualmente no âmbito da avaliação na Cadeira de Linguística *Bantu* e não como uma actividade de investigação sistemática como há em português, por exemplo, que é cátedra em várias universidades de Moçambique, empregando docentes e investigadores e tem obra publicada.

línguas em palco.

A preservação do mosaico antropológico, cultural, linguístico que caracteriza Moçambique, a sua principal riqueza imaterial, passa necessariamente pela salvaguarda de cada uma das peças desse mosaico. As línguas são uma dessas peças fundamentais. À língua associam-se valores de pertença de grupo social ou outro, de identidade, de território, entre outros. A sua preservação e valorização afiguram-se como sendo de extrema valia nesta encruzilhada de povos, culturas e línguas.

Como já se referiu anteriormente, o estudo linguístico do *nyungwe* ainda não tem grande expressão. Aliás, o mesmo acontece com as outras línguas de Moçambique em proporções variadas. As aludidas Comissões de Línguas, em alguns casos, ou nem sequer chegaram a ser constituídas, ou se o foram, as acções por elas realizadas não tiveram visibilidade e impacto nenhuns. Como consequência, o impacte na comunidade de falantes *nyungwes* é praticamente nulo ou não surtiu os efeitos pretendidos, estando a passar ao lado de tudo e de todos. A comunidade linguística *nyungwe*, os titulares de cargos sociais, políticos ou outros estão à margem de qualquer dinâmica deste género. Esta questão nunca fez e ainda não faz parte das prioridades e dos interesses dos potenciais envolvidos.

Ainda hoje é recorrente ouvir-se dizer que o *nyungwe* não é uma língua mas um dialecto. E quando se pergunta – o que é uma língua? O que é um dialecto? De que língua faz parte o tal dialecto *nyungwe*? –, há basicamente duas reacções: ou as pessoas não sabem responder ou respondem com perguntas de censura do género: O *nyungwe* tem gramática? Tem regras? Na base destas perguntas, subjaz a acepção tradicional da gramática escrita, da gramática como um conjunto de regras e de enunciados escritos, ignorando a gramática implícita e inconscientemente interiorizada que cada falante nativo de uma dada língua possui, ou seja, a gramática como um modelo de conhecimento da língua do falante-ouvinte representativo de uma dada comunidade linguística. E gramática enquanto conjunto de recursos para a produção de significados, todas as línguas a têm.

Outra atitude reveladora do pouco prestígio que as línguas de Moçambique têm e da conseqüente falta de interesse pelo seu estudo é as pessoas ficarem estupefactas e até perplexas e intrigadas, reagindo com alguma estranheza, quando tomam conhecimento que alguém anda a investigar e a descrever o *nyungwe*.

O papel e importância social do *nyungwe* difere conforme se trate do campo ou da cidade. No campo, ele está presente na vida quotidiana das pessoas em todas as suas actividades e sem concorrente nenhum. Na cidade, não é tão relevante como no campo, diluindo-se devido sobretudo à forte concorrência do português e, em menor escala, devido à

concorrência das outras línguas *bantu* presentes na cidade. No seio dos falantes *nyungwes* até se reconhece e admite alguma importância social da língua, vendo nela alguma utilidade para a comunicação, mas não mais do que isso. Os falantes *nyungwes* ignoram ou não têm em conta que outrora o *nyungwe* já foi (como vimos no Cap. I) língua de comércio com os comerciantes árabo-*swahilis*, que há um dicionário-gramática bilingue *nyungwe*–português publicado no século XIX e que é a actual língua da cidade capital provincial de Tete. Faz todo o sentido narrar estes factos para resgatar o prestígio perdido a fim de melhor auto-estima *nyungwes*.

Em relação ao estudo científico do *nyungwe*, as pessoas encaram-no com indiferença, com grandes reservas ou até sem grandes entusiasmos. Interrogam-se se não haveria outra actividade melhor e mais útil para fazer na vida, como sejam fazer medicina, engenharia, gestão, informática, em vez de desbaratar recursos, energias e capacidades com o *nyungwe*. A falta de profissionais do *nyungwe* quer em tempo parcial quer em ocupação exclusiva, no ensino privado, associativo ou público, acrescido da falta de produtos de valor utilitário ou simbólico resultantes dessa dedicação contribuem para a baixa importância linguística do *nyungwe*. Refira-se que produtos linguísticos *nyungwes* praticamente não existem à venda. Não são comercializáveis ou por não existirem de facto ou, existindo, por serem de consumo particular ou privado e em circuitos fechados.

Paralelamente ao cenário acima exposto, e para agravar a situação, há um manifesto alheamento dos políticos à causa linguística *nyungwe*, patenteado pela ausência de acção política permanente em prol da língua; interesse pelo *nyungwe* está presente somente na altura da caça ao voto. A classe política em geral comporta-se como se governasse um país monolíngue de língua portuguesa, não dando muita importância às outras línguas do género do *nyungwe*. Portanto, o papel e a importância linguística, social, política, etc., são pouco notórios no quotidiano do comum dos cidadãos.

2.5 LINGUÍSTICA BANTU: ASPECTOS FUNDAMENTAIS

O conceito de línguas *bantu* foi introduzido pela primeira vez pelo teólogo alemão Wilhelm Heinrich Immanuel Bleek (n. 1827, m.1875) ao constatar, em 1851, a existência de semelhanças lexicais e regularidades nos padrões flexionais em muitas línguas da África subsahariana, que o levaram a conceber um sistema comum de concordância por meio de prefixos e a pensar tratar-se de línguas relacionadas umas com as outras, designando-as por

pronominal prefix languages (Nunga, 2004: 24).

Desde então a esta parte, uma nova área da linguística – a linguística *bantu* – tem feito o seu caminho e se afirmado na senda internacional. Tal como Bleek, outros nomes dedicaram-se ao estudo das línguas *bantu*: Carl Friedrich Michael Meinhof (n. 1857, m. 1944), Alice Werney (n. 1859, m. 1935), Sir Harry Hamilton Johnston (n. 1858, m. 1927), Malcolm Guthrie (n. 1903, m. 1972), autor dos quatro volumes sobre *Comparative Bantu* (1967-1971), contendo a classificação genética das línguas *bantu* e a reconstrução do proto-*bantu*, Joseph Harold Greenberg (n. 1915, m. 2001), que ficou conhecido pelo seu trabalho em tipologia linguística e classificação genealógica das línguas. Greenberg foi pioneiro na classificação das línguas *bantu*, base classificatória ainda válida até hoje. Uma das suas obras célebres é *The Languages of Africa* (1963).

A linguística *bantu* assume-se hoje como um campo autónomo da ciência linguística e reconhece-se que as línguas *bantu* não fazem parte de nenhuma outra família linguística. A sua autonomização permitiu que fossem hoje estudadas autonomamente e não apenas a outras línguas, sobretudo indo-europeias, como aconteceu durante muito tempo.

As línguas *bantu*, apesar de serem as mais numerosas e as que maior espaço territorial ocupam, varrendo quase toda a região da África sub-sariana a sul de uma linha horizontal sinuosa que liga Nigéria (oeste) e Somália (este), não estão nem completamente classificadas nem adequadamente descritas. A este propósito, os linguistas têm-se referido à falta de estudos actualizados. Neste sentido, excepção seja feita aos linguistas do SIL que estão no terreno (em Moçambique e não só) a traduzir a Bíblia para o *sena*, *nyungwe*, *nyanja*, *makhuwa*, etc., produzindo por esta via trabalhos de valor linguístico interessante.

Um dos aspectos mais marcantes em linguística *bantu* prende-se com o facto de, como já vimos, as línguas *bantu* formarem uma família por partilharem características comuns nomeadamente no léxico, na ordem das palavras, no tipo de concordância, ou seja, nas estruturas gramaticais.

No caso da divisão silábica, as línguas *bantu* têm sílabas abertas, isto é, terminadas em vogal. A sua estrutura varia da simples sílaba CV-CV (ConsoanteVogal- ConsoanteVogal-): *bona*, ‘cerimónia de fim de luto’) à sílabas complexas NGV-CV-NCV (NasalGlideVogal-ConsoanteVogal-NasalConsoanteVogal): *mwanangu*, ‘meu/ minha filho/a’, NCGV-GV (NasalConsoanteGlideVogal-GlideVogal): *mbwaya*, ‘cão’, NCCGV-CCGV (NasalConsoanteConsoanteGlideVogal-ConsoanteConsoanteGlideVogal): *mpswibzwi*, ‘ei-los/as’, só para referir estes exemplos.

Uma das suas características comuns mais notáveis talvez seja o seu sistema de classe

nominal corporizado por padrões de pluralização, por marcas de concordância e por modelos de referência pronominal profusos. Neste cenário, um nome ou qualquer outra palavra pertencente a uma classe nominal que desempenhe a função de Sujeito, por exemplo, força, num efeito de contágio, a que os restantes dos elementos da oração concordem com ela como se pode atestar nestes casos que se seguem: *Cakudya cincepalini, cincepa ncakubvala*, ‘Comida nunca é pouca, roupa pode ser pequena’. O morfema *ci-* presente em todos os elementos destas duas orações coordenadas advém do primeiro membro da primeira oração *cakudya (ci-a-kudya)*.

Outra característica comum é o seu léxico. De acordo com Ngunga (2004: 29), o termo para designar pessoas ou humanos é semelhante (com ligeiras variações fonéticas) na maior parte das línguas *bantu*: *wanthu (nyungwe, nyanja)*, *vanhu (shona, changana)*, *vaandu (yao)*, *vanu (makonde)*, *athu (makhuwa)*, *watu (swahili)*, *tonga (bathu)*. É, como já se fez notícia, devido a estas coincidências lexicais que Bleek designa estas línguas de *bantu*.

E, finalmente, outro aspecto que chama a atenção dos linguistas que se dedicam à linguística *bantu* tem a ver com o fenómeno conhecido por aglutinação ou conjugação de elementos morfémicos, lexicais ou oracionais que consiste em reunir em uma ou poucas palavras unidades discursivas inteiras: *Lewa dzina labzwene*, ‘Diz os seus nomes’, *Mwan’dabva (<Momwe ndidabva)*, ‘Como se diz’, em que *labzwene* deriva de *la ibzwo wene*, sendo o cúmulo da aglutinação situado nas formas verbais como *Tinkudyanyi?*, ‘Que estamos a comer?’ *ndikhadadzabakadya*, ‘acabei por ir comendo’. Mais adiante, retomar-se-á este assunto.

À luz dos desenvolvimentos supracitados, tem-se que a lexicogramática *nyungwe* recorre a estratégias de imbricações de estruturas, sobretudo nas formas verbais, podendo chegar a juntar muitas marcas, nomeadamente de Sujeito, de complementos, de adjuntos ao par das marcas de polaridade, de modalidade, da passiva. Outro tipo de marcas formam as extensões verbais que desempenham funções tanto sintácticas como semânticas (aplicativa, intensiva). Além, obviamente, das marcas de tempo, aspecto e modo.

2.5.1 Línguas estudadas

As línguas mais estudadas em África encontram-se em países sob influência anglófona e francófona. Mesmo durante a vigência de regimes coloniais britânico e francês, ingleses e franceses não só reconheceram o outro como dotado de existência própria, com suas leis, suas

instituições, sua cultura, sua história e suas línguas, como também se esforçaram por conhecê-lo nas suas múltiplas formas de existência. Isso permitiu que os autóctones desses domínios não só continuassem a usar as suas línguas e praticassem as suas religiões e outras manifestações culturais como inclusive as estudassem. Como consequência, nos chamados países anglófonos (e francófonos) em África, hoje em dia, há mais estudos e mais investigação do que nos países de língua oficial portuguesa.

Os portugueses, imbuídos da sua missão “civilizadora”, priorizaram mais a política assimilacionista, impondo a sua história, a sua cultura, a sua língua, a sua religião e rejeitando e reprimindo a história, a cultura, a língua, a religião do outro que eram naturalmente diferentes. Neste sentido, os testemunhos deixados no terreno por uns e outros são suficientemente esclarecedores.

Moçambique debate-se hoje com dificuldades a vários níveis: i) escassez de linguistas nacionais (residentes em Moçambique ou na diáspora dedicados à investigação e/ou docência de línguas e de linguística *bantu*; ii) fraca cobertura nacional de redes de centros de investigação nas áreas de línguas e linguística (veja pormenores adiante) num país plurilingue como Moçambique; iii) baixo rácio do número de linguistas moçambicanos e do número de línguas-alvo trabalhadas por esses linguistas bem como a quantidade e qualidade de suas publicações. Muito provavelmente há províncias do país onde não existe sequer um único linguista residente. Os esforços canalizados para a cruel guerra (1976-1992) de que o país foi vítima não explicam tudo. Apesar deste cenário, o país, durante este mesmo período, implementou um sistema de educação bilingue no cumprimento das recomendações da UNESCO; a par disso, empenhou-se na participação, organização e direcção de algumas conferências, seminários e congressos nacionais e/ou estrangeiros de que resultaram alguns documentos de grande valor. Mas, nestas mais de três décadas de independência, o que fica para a memória futura, em termos de obra digna de destaque e publicada, resume-se a pouco mais do que aquilo que no presente trabalho se regista.

A pujança ou o declínio das línguas *bantu* de Moçambique pode ser medido pela: i) quantidade e qualidade dos seus actores (linguistas, outros profissionais, dirigentes); ii) quantidade e qualidade dos resultados alcançados; iii) impacto e projecção do trabalho linguístico no seio de entidades e organismos públicos e privados e no seio da sociedade em geral (ao nível local, regional, nacional e internacional).

Neste cenário, as línguas *bantu* de Moçambique aparecem como sendo pouco documentadas, havendo casos em que não se conhece nenhum livro ou gramática publicado. E mesmo nas línguas com alguma documentação, o grosso delas tem apenas um ou dois livros

publicados. Excepcionalmente, as línguas como *yao*, *changana*, *makhuwa*, *makonde*, devido a existência de linguistas nativos destas línguas, exibem artigos científicos apresentados em oficinas, conferências, congressos internacionais e publicados em revistas de nomeada ao nível mundial.

No Anexo III, listo e comento algumas das obras linguísticas consagradas às línguas *bantu* de Moçambique. Em muitos casos, exceptuando-se as línguas referidas no parágrafo anterior, trata-se de dissertações de licenciatura, não publicadas, realizadas na Universidade Eduardo Mondlane e na Universidade Pedagógica.

Esta listagem é para que conste e é também uma homenagem dos que ousaram escrever em Moçambique sobre as línguas *bantu* moçambicanas que normalmente não têm sido objecto de estudo. Que esta homenagem sirva de incentivo para eles e para que muitos outros também se interessem pela descrição das suas línguas maternas.

É de lamentar que, num país carente de publicações deste tipo, os resultados destas pesquisas não estejam disponíveis em bibliotecas, livrarias, na internet, e a um público mais vasto. A sua disponibilização serviria não só para a promoção e valorização das obras em si como a dos seus autores.

Há um fio condutor em todos estes trabalhos: a sua vinculação às teorias linguísticas tradicionalistas ou às gramáticas generativas ou transformacionais, ambas de cariz estruturalista. E talvez uma ou outra obras se baseiem em gramática funcional da Escola de Sydney.

Em Portugal, onde decorre esta pesquisa, os estudos de línguas e linguística *bantu*, incluindo línguas daqueles países com os quais outrora Portugal manteve e mantém ainda fortes relações históricas, comerciais, que chegaram a existir, foram abandonados. Recorde-se, entre outros, Nogueira (1958), que estudou *ronga*, Prata (1983), que fez pesquisas sobre o *swahili*, Quintão (1951), que dedicou algum estudo sobre o *ronga*, Prata (1967) notabilizou-se com os estudos lexicográficos, Cabral (1975) escreveu sobre os empréstimos linguísticos nas línguas moçambicanas. De outros, deixo apenas a indicação dos seus nomes como testemunhos de terem enveredado na senda do estudo das línguas de Moçambique: António Lourenço Farinha, A. C. de Paiva Raposo, Júlio dos Santos Peixe, José Vicente do Sacramento, Francisco Manuel de Castro.

À parte o carácter residual e impressionista dos estudos acima citados, não invalida que possam ser considerados testemunhos das actividades e dos recursos envolvidos naquela época em Portugal e Moçambique em prol de linguística africana.

Depois de algum interregno, os estudos linguísticos africanos regressam timidamente

em Portugal. Surgem alguns linguistas africanos empenhados a desenvolver em Portugal e/ou nos seus países de origem estudos linguísticos africanos. Para o efeito, destaco: Machozi (República Democrática do Congo) investiga *swahili*, Cumbane (Moçambique) investiga *tshwa*, Domingos Nzau (Angola) investiga *ibinda*, Russo Domingos (Angola) está apostado a pesquisar *umbundu* e eu próprio (Moçambique) investigo o *nyungwe*. O reduzido número de linguistas envolvidos, as poucas verbas atribuídas para o efeito, a ausência de acções (seminários, *workshops*, conferências, congressos, cursos livres, intensivos, de graduação e pós-graduação) são expressão inequívoca da falta de protagonismo português na investigação nesta área.

Pelo contrário, em países como a França, a Inglaterra, a Alemanha, os EUA, a Suécia, a Dinamarca, a Holanda, a Bélgica, a Suíça, a Finlândia e até o Japão há alguma preocupação pela investigação e pelo investimento em línguas africanas, línguas e Linguística *Bantu*.

Relativamente a Moçambique, somente agora começa a existir um ambiente propício para a investigação em línguas *bantu*. Contribuiu para o efeito, a existência de instituições ligadas às matérias das línguas *bantu* mas não necessariamente estudos linguísticos: (i) NELIMO–Centro de Estudos de Línguas Moçambicanas; (ii) INDE–Instituto Nacional de Desenvolvimento da Educação; (iii) ARPAC–Arquivo do Património Cultural/ MEC–Ministério de Educação e Cultura; (iv) SIL–Sociedade Internacional de Linguística; (v) RM–Rádio Moçambique; (vi) UEM–Universidade Eduardo Mondlane (Faculdade de Letras e Ciências Sociais); (vii) Sociedade Bíblica de Moçambique; (ix) UP–Universidade Pedagógica (Faculdade de Línguas, Departamento de Português); (x) CCPIC–SADC (Comissão de Coordenação dos Programas de Informação e Cultura–*South African Development Community*)/ Progresso; (xi) Grupo/ Núcleo de Investigação de Línguas (Comissão de Línguas). Todas estas instituições (ou quase todas) estão sediadas na capital do país, Maputo, privando as restantes províncias desta atmosfera propícia à investigação.

Linguistas estrangeiros a trabalharem sobre as línguas de Moçambique também há poucos, comparado com equipas gigantescas de linguistas a trabalhar outras línguas *bantu* fora de Moçambique. Jouni Filip Maho tem uma extensa bibliografia electrónica das línguas *bantu*, onde constam algumas obras referentes a Moçambique; mas a principal fonte que neste momento detém a maior informação bibliográfica sobre as línguas e linguística de Moçambique é Dalsgaard (2005).

Uma pesquisa à página da Internet da Faculdade de Letras e Ciências Sociais (FLCS) da Universidade Eduardo Mondlane revela uma grande desproporcionalidade entre os trabalhos de licenciatura (teses) consagrados à língua portuguesa e aqueles consagrados às

línguas *bantu*, com a balança a pender para o lado do português. Por outro lado, entre as línguas *bantu*, as mais estudadas situam-se no sul de Moçambique, por sinal, zona linguisticamente menos diversificada.

Segundo Nsiku (2008: 12), as línguas que já há muito são usadas na escrita são: *nyanja, changana, lomwe, copi, makhuwa*. Pode-se acrescentar, no caso de Moçambique, que as línguas mais estudadas e com obra publicada nacional e internacionalmente, além das referidas acima, são o *yao* e o *tonga*.

Outro dado importante revelador do estado da arte das línguas e linguística *bantu* em Moçambique é o facto de até ao momento se contarem pelos dedos das mãos indivíduos graduados em Linguística *Bantu* e somente a partir do ano lectivo de 2009-10 ter tido início um curso de doutoramento em línguas e Linguística *Bantu*. Tão pouco existe um curso em *yao* ou em outra língua *bantu* qualquer. Todavia, a UEM, caso único e, por isso mesmo, merecedor de uma menção honrosa e de uma palavra de apreço, lecciona a cátedra de Linguística *Bantu* na Faculdade de Letras e Ciências Sociais, além de disponibilizar cursos livres e/ou complementares de línguas *changana* e *makhuwa*.

Portanto, não deixa de causar perplexidade que, Moçambique, país plurilingue, evidencie uma apatia face às suas línguas. Moçambique é um país que não estuda cientificamente as suas línguas. Somente cerca de meia dúzia de línguas no máximo podem ostentar o galardão de línguas estudadas. A maioria das restantes línguas está no pólo oposto das línguas menos estudadas, sem nenhuma descrição gramatical.

CAPÍTULO 3. PRESSUPOSTOS TEÓRICO-METODOLÓGICOS

3.1 FUNÇÕES DA LINGUAGEM

3.2 FUNÇÕES GRAMATICAIS E DESCRIÇÃO LINGUÍSTICA

3.3 GSF E A DESCRIÇÃO DO *NYUNGWE*

3.4 O ESTATUTO ORAL DO *NYUNGWE* E A SUA DESCRIÇÃO

3.5 CONCEITOS OPERATÓRIOS PARA A PRESENTE DESCRIÇÃO

A natureza da língua está intimamente relacionada com as necessidades que lhe impomos, com as funções que deve servir. Essas funções são, em parte, específicas de uma cultura. Mas há funções mais gerais que são comuns a todos os povos, a todas as culturas, porque próprias da espécie humana e do modo como esta se desenvolveu, como a função de comunicar as nossas ideias, trocar factos e opiniões, trocar informações, produzir significado dialogicamente motivado. Mas a língua não se limita apenas a realizar isto. Ela serve ainda para exprimir emoções, interagir com outro(s), interligar-se com divindades, registar factos, ser meio de expressão do pensamento e de afirmação de identidade (Crystal, 1997: 10-13).

Com vista à explicitação destes e de outros aspectos relevantes para o quadro teórico motivador da descrição linguística proposta nos dois capítulos seguintes (capítulos 4 e 5), o presente capítulo começará por tratar questões relativas ao papel da linguagem na caracterização do ser humano e às chamadas funções da linguagem (subcapítulo 1), passando depois para a caracterização das funções gramaticais na descrição linguística (subcapítulo 2). Posteriormente serão tratados aspectos relativos ao quadro teórico da gramática sistémico-funcional e ao seu desempenho no âmbito da descrição linguística de uma língua como o *nyungwe* e de outras línguas que não o inglês (subcapítulo 3) e ao estatuto oral desta língua no panorama das descrições linguísticas (subcapítulo 4). O capítulo termina com uma caracterização dos conceitos operatórios para a descrição efectuada nos capítulos seguintes (subcapítulo 5).

3.1. FUNÇÕES DA LINGUAGEM

A linguagem humana acompanha o ser humano desde os seus primórdios. A existência deste está íntima e dependentemente ligada à existência da linguagem. Sem ela, a vida humana seria muito difícil e até mesmo impossível. Esta moldou a existência e o desenvolvimento do ser humano e o ser humano moldou-a a ela. Experiências com bebés humanos fora do contexto familiar e/ou social provaram que estes não desenvolveram nenhum tipo de habilidade para uma interacção verbal ou linguagem humana. É conhecida a história do bebé perdido no mato e amamentado por lobos que se limitava apenas a guinchar. Só a acção e o contacto e interacção do bebé com adultos em sociedade é que fazem com que ele desenvolva a sua linguagem rudimentar e instrumental, evoluindo gradualmente para formas mais sofisticadas e mais abstractas.

A criança está, estamos todos, cercada por um mundo de palavras, cujo papel é também o de codificar o mundo e a experiência humana. Ao se nomear os objectos, as entidades, as realidades materiais e imateriais, está-se a criar um mundo, de tal forma que aquilo que não está nomeado não está criado, não existe. O *verbum* fez o homem e fez o mundo. O mundo é a palavra de nomeação do mundo. Todos os códigos sócio-culturais (ética, moral, religião, civil, jurídico, religioso) e todos os valores simbólicos têm o seu fundamento na sociedade. A língua e cultura têm como base a realidade situacional. Como afirma, Halliday (1978: 9), a língua é o principal veículo de transmissão de cultura:

Language is the main channel through which the patterns of living are transmitted to him [the child as a social being], through which he learns to act as a member of a 'society' - in and through the various social groups, the family, the neighbourhood, and so on - and to adopt its 'culture', its modes of thought and action, its beliefs and its values. This does not happen by instruction, at least not in the pre-school years; nobody teaches him the principles on which social groups are organized, or their systems of beliefs, nor would he understand it if they tried.

Em última instância, o que diferencia o ser humano dos outros animais é a forma como este se relaciona e se comunica com os seus semelhantes e isto alicerça-se na língua com que comunica, que bebe a sua matriz na cultura. Quanto mais afastadas forem as necessidades dos falantes de diferentes culturas tanto mais diferentes serão as línguas desses falantes. Os códigos sociais, linguísticos e culturais estão interligados e codificam as diferenças entre culturas e sociedades. Todos os significados são socialmente produzidos pelos seres humanos. Não há significados no mundo antes de os seres humanos começarem a produzir os seus significados próprios. No entanto, na natureza, há significados potenciais. Ou seja, os significados são potenciados pela natureza.

Os significados são de três tipos e realizam-se em simultâneo na oração: ideacionais (subdivididos em experienciais e lógicos), interpessoais e textuais. Metafunções é o termo técnico atribuído a estes três tipos de significados. O termo foi motivado pelas suas características de funções semânticas gerais, no sentido em que diz respeito às funções mais gerais da linguagem que são comuns a todas as culturas.

A linguagem portanto cumpre determinadas funções – as funções da linguagem, ou metafunções. A metafunção ideacional é aquela que nos serve para captar e retratar a realidade circundante e para dar conta das nossas experiências do mundo. Esta metafunção está directamente relacionada com o sistema da transitividade (processos realizados pelos grupos verbais) da linguagem. A metafunção interpessoal incide o seu raio de acção na forma

como a língua estabelece relações interpessoais entre os interactantes do discurso. A análise interpessoal básica envolve o modo verbal (Sujeito, Finito e/ou adjuntos modais). A metafunção textual está relacionada com toda a organização (da oração) do texto, centrando a sua atenção no Tema e Rema.

Investigar as funções da linguagem é descobrir os usos que os homens fazem da língua e a forma como o fazem, os propósitos que pretendem alcançar com ela. Além da função comunicativa, a linguagem desempenha três funções fundamentais, quer como meio de reflexão sobre as coisas quer como meio de acção sobre as coisas (Halliday 1978: 2).

De acordo com o quadro da LSF, com a língua, os homens procuram atingir três finalidades: (i) representar a experiência e a realidade (física e mental) envolvente (funções informativa, narrativa, representacional); (ii) interagir socialmente, por meio da expressão de emoções e sentimentos pessoais (funções expressiva, fáctica, activa); (iii) e produzir enunciados adequados ao propósito e ao contexto (funções criativa, poética, contextual). À primeira função, é dada o nome de função ideacional, à segunda, o de função interpessoal, e, à terceira, o de função textual.

Em Linguística Sistémico-Funcional, a língua é concebida como um fenómeno sócio-cultural, produto de uma determinada sociedade com uma identidade social, histórica, e cultural específica. Ela reflecte a sociedade de origem, as práticas/actividades dos seus membros e o meio material e imaterial envolvente. Daqui, resulta que a língua só possa ser melhor compreendida e interpretada tendo em conta o contexto sócio-cultural em que está inserida. Deste modo, analisar, compreender e interpretar uma língua, seja tanto para a falar como para a descrever e a caracterizar, implica analisar, compreender e interpretar a estrutura e os contextos situacionais e culturais em que a comunidade falante usa essa língua. Os significados não são gerados do nada, do vazio. Eles são fruto dos contextos de situação em que foram produzidos, que, por sua vez, estão ligados a todo um contexto social e cultural da vida das pessoas em comunidade, em sociedade. Daí que, os significados sejam sempre significados contextuais, significados contextualizados, significados contextualizáveis, significados em contexto.

A mundividência, a construção social da realidade, determina o tipo de instituições e de interacções sociais bem como dos seus discursos. O carácter social da língua advém do facto de ser um sistema semiótico que, como todos os sistemas semióticos, transforma as experiências em significados.

A língua é usada para construir ou interpretar o mundo em todas as suas manifestações. A experiência é a realidade que nós construímos para nós mesmos por meio da

língua (Halliday & Matthiessen 1999: 3; Butler 2003: 155). Por outro lado, a vida em sociedade requer uma permanente interacção de uns com os outros, uma constante negociação dos espaços vitais de cada um, individualmente, e de todos, colectivamente. Estamos rodeados de signos e de símbolos. A língua está relacionada com este ambiente semiótico. Esta é o veículo que permite a socialização da pessoa e o principal meio através do qual a cultura se torna disponível ao homem, sendo também factor de interacção e de interpessoalidade. Efectivamente, as pessoas no seu dia-a-dia quando estão a interagir umas com as outras não estão somente a trocar informações, estão também a relacionar-se umas com as outras e a produzir textos adequados aos contextos, como explicita Halliday (1978: 2):

Language does not consist of sentences; it consists of texts, or discourse - the exchange of meanings in interpersonal contexts of one kind or another. The contexts in which meanings are exchanged are not devoid of social value; a context of speech is itself a semiotic construct, having a form (deriving from the culture) that enables the participants to predict features of the prevailing register - and hence to understand one another as they go along. (...) by their everyday acts of meaning, people act out the social structure, affirming their own statuses and roles, and establishing and transmitting the shared systems of value and knowledge.

Mas a língua tem a capacidade de nos catapultar para outros patamares, influenciando, e, quiçá, mudando, até a realidade social/ cultural. Exemplo disso foi a promulgação (Agosto 2008) pelo Presidente da República da lei da Assembleia da República que cria a figura de Secretário Geral da Segurança Interna em Portugal com competências específicas e especiais; tal lei introduz necessariamente novas práticas sociais com reflexos na vida das pessoas a vários níveis: na sua segurança, nos seus direitos e deveres, etc. A materialidade da língua manifesta-se na exacta medida em que nela estão inscritos os códigos e as condutas pelos quais temos que nos pautar – papéis sociais constroem escolhas gramaticais (Eggins & Slade 1997: 181).

Sendo a língua um facto social, equivale isso dizer que a língua é um produto social. Nesta linha de raciocínio, note-se como em *Language as a Social Semiotic*, Halliday (1978: 1, 2) explica o que entende pela proposição que dá o título ao seu livro, dizendo que encarar a língua como uma realidade semiótica social “Significa interpretar a língua num contexto sociocultural em que a própria cultura é interpretada em termos semióticos – como um sistema de informação”²⁸.

Portanto, a língua é um fenómeno social por excelência; um património colectivo, um bem comum. Ela acontece e só pode acontecer em sociedade. Mesmo no extremo oposto da

²⁸ A tradução da citação em inglês é da minha autoria.

comunicação – o monólogo – está subjacente a existência de dois participantes: quem codifica a mensagem e quem a descodifica. A necessidade de comunicar com o outro criou a linguagem/língua. Ou seja, a linguagem desenvolveu-se para satisfazer necessidades humanas.

As funções da linguagem na semiótica social podem ser deduzidas na passagem abaixo de Halliday (1970: 141):

The nature of language is closely related to the demands that we make on it, the functions it has to serve. In the most concrete terms, these functions are specific to a culture (...). But underlying such specific instances of language use, are more general functions which are common to all cultures. We do not all go on fishing expeditions; however, we all use language as a means of organizing other people, and directing their behavior.

Assim, com a língua, o homem procura satisfazer as suas necessidades, os seus desejos e realizar os seus sonhos e anseios. Todo o tipo de actividades humanas – caçar, lavar, cortar cabelo, fazer compras, rezar e até o pensar – processa-se através da linguagem. A língua nasceu, evolui e mantém-se para satisfazer as necessidades de comunicação, alimentação, habitação, lazer, necessidades espirituais do homem, cumprindo desta feita certas funções. Os usos da língua gravam marcas na própria língua. Esta é como é, por causa das funções sociais que ajuda a realizar ao longo da sua existência (Kress, 1976: 17).

A reflexão explanada nas páginas anteriores autoriza-nos a considerar que a língua, quer no seu todo quer nos seus aspectos mais específicos, tem, em última instância, uma finalidade a cumprir. No deve e haver da língua, os papéis estão distribuídos pelos membros de uma determinada comunidade, que interagem entre si, usando determinados códigos, podendo estes ser específicos em certos casos ou não. Os códigos estão directamente associados a um tipo particular de papéis e actividades sociais e estes aos contextos sociais e culturais em que a língua está inserida. Os actores sociais – vendedor/ cliente, funcionário público/ público em geral, professor/ aluno, médico/ paciente, pais/ filhos, marido/ esposa, chefe/ subordinado, etc. – têm a sua linguagem específica e a estrutura dos textos que produzem também varia de acordo com cada actividade em concreto: entrevista, exposição, narrativa, etc. Daí que a língua, como foi repetidamente sublinhado, seja como é devido àquilo que faz ou possibilita fazer.

Nas situações do dia-a-dia, a língua é usada como um meio/ instrumento para atingir determinadas finalidades, desde as mais básicas necessidades do homem, como pedidos para nos proverem de informações ou de um determinado bem ou serviço (alimentação, vestuário,

abrigo) até às mais sofisticadas (planos ou estudos para a conquista do espaço, música, pintura, cinema, teatro, filosofia). Nessa medida, a língua e a vida mantêm uma estreita relação. Ela é vital para o ser humano ao ponto de se poder afirmar que homem só é homem por causa da língua; destituído dela, deixa de o ser.

O sistema linguístico, tendo-se desenvolvido em contexto social, é uma das formas de expressão da semiótica social. O homem, ser social, no seu acto de significar, cria a realidade social, mantém-na em boas condições e constantemente constrói-a, modifica-a, retoca-a. A realidade consiste em, é feita de, significados (Halliday, 1978: 139-40).

Recapitulando, a comunicação como troca e negociação do significado é a razão primordial e básica da existência da linguagem. O papel da língua na vida do homem é de extrema importância. Essa importância decorre do facto de ser através dela que o homem aprende os padrões de vida, aprende a agir como membro de uma determinada sociedade, aprende uma cultura. A língua e o homem social e a sociedade em que este se insere são indissociáveis. Não há homem social nem sociedade sem a língua, bem como esta não existe sem homem social e a sociedade.

A sociedade assenta em relações e estas definem as regras sociais. Ser um membro da sociedade significa desempenhar um papel social realizado através da língua. A visão funcional da língua orienta o interesse naquilo que a língua pode fazer, i.e., no que o falante, criança ou adulto, pode fazer com a língua. Ter em atenção os aspectos sociais da língua é ter em conta a língua como comunicação entre indivíduos da mesma espécie. Sendo assim, a natureza da língua, a sua organização interna e suas características são explicadas em termos das funções a que se adaptou para servir o ser humano.

A língua, por um lado, e a forma de pensamento e de comportamento, por outro, são socialmente condicionados. Do que ficou dito, pode-se depreender que a língua está repleta de carga cultural, ideológica, moral, religiosa, científica. As línguas têm conteúdos e, mais importante do que isso, têm vida. Elas (re)produzem modelos e estão ao serviço deles. Consequentemente, não há línguas neutras.

Tomar em consideração as metafunções da linguagem na descrição das línguas (Gouveia, 2009) equivale a verificar como as línguas naturais se estruturam, se organizam com base em princípios funcionais de caracterização da linguagem humana. As funções da linguagem (no seu aspecto semântico) relacionam-se com as funções gramaticais, na medida em que estas são a realização gramatical daquelas sob o ponto de vista lexicogramatical.

3.2. FUNÇÕES GRAMATICAIS E DESCRIÇÃO LINGUÍSTICA

As funções gramaticais são categorias abstractas construídas a partir das funções da linguagem, estas assumidas da observação da língua em uso. Uma função indica o papel desempenhado por um determinado item na estrutura da oração bem como o seu estatuto nela. As funções gramaticais providenciam uma interpretação da estrutura gramatical em termos de todo o potencial de significado da língua. (Halliday, 2004: 52).

Ao contrário das funções da linguagem, que dizem respeito às funções gerais, abstractas e intrínsecas da linguagem que são comuns a todas as culturas, as funções gramaticais são funções desempenhadas em estruturas particulares por unidades dos sistemas linguísticos particulares. Estas funções variam sempre, dependendo de que componente se trate, Textual (Tema, Rema), Ideacional (Actor, Meta), Interpessoal (Sujeito, Predicador). Em qualquer destes casos, as funções gramaticais dizem respeito a combinações, a configurações estruturais de uma oração.

A tradição gramatical na Europa Ocidental e nos EUA (o eixo atlântico) é marcada pelo domínio da descrição das gramáticas grega e latina, com origem no pensamento linguístico da Grécia Antiga, que se prolonga até aos nossos dias (Allan, 2007: 17). As descrições da gramática grega e latina tornam-se assim em modelos de todas as descrições de gramáticas posteriores, constituindo-se numa tradição gramatical de paradigma único de categorização e classificação ditadas pelo modelo aristotélico.

Com a helenização e mesmo antes dela, o grego era a única língua da cultura, da política e da administração. Quando a Grécia cai no domínio romano, a tradição grega é transportada e adoptada para o resto do império. As obras dos gregos são traduzidas e adaptadas para o latim. Gramáticos famosos como Varrão, Dionísio, Prisciano, Donato seguiram as pegadas dos gregos antigos. Os filósofos da linguagem enfatizaram de tal modo a universalidade do latim, ao extremo de considerarem que todas as línguas se pareciam com ele ou dele derivavam ou então que seriam versões toscas do mesmo. Partindo deste pressuposto, entenderam que o modelo de descrição do latim serviria para a descrição das restantes línguas do mundo. Como se pode depreender, isto fez com que, em parte, as teorias linguísticas gerais no Ocidente tivessem como base o grego e o latim.

Na tradição aristotélica, a realidade era encarada em termos de várias categorias que se relacionavam com classes linguísticas distintas (Allan, 2007: 40). A realidade era assim categorizável, o que leva ao surgimento de conceitos como categoria e função da linguagem. O principal interesse de Aristóteles era, por um lado, a forma das palavras, e, por outro, o

período, como sucessão das palavras no eixo sintagmático. As categorias gramaticais (também designadas classes linguísticas ou partes do discurso) usadas na análise sintáctica são devedoras da tradição de estudos da estrutura e composição do grego clássico. As categorias então estabelecidas por Platão e Aristotéles foram frase (oração, período), nome (sintagma nominal), verbo (predicado verbal), fonema, modalidade, número, texto, discurso, flexão, conjunção retórica, conectivos (artigos, preposições e algumas conjunções) (Allan, 2007: 7, 10, 36-7, 39, 40, 44, 46-7).

Os gregos foram tão longe nos seus pressupostos que estabeleceram as partes do discurso como qualquer coisa que nenhum gramático ou pessoa educada podia ignorar (Allan, 2007: 10). Como resultado, desenvolveram-se as áreas da fonética, da morfologia e da sintaxe como núcleo duro estruturante da gramática, numa visão da gramática completamente estanque, espartilhada em módulos autónomos sem um olhar de conjunto, do sistema como um todo. Foi esta concepção dos filósofos da Grécia Antiga – Platão, Sócrates, Aristóteles, estóicos, alexandrinos – que se adaptou ao latim e deste às línguas românicas, ao inglês e a todas as outras descrições por estas influenciadas, que prevaleceu até ao século XX.

No Império Romano Ocidental, o latim tornou-se no instrumento principal para a cristianização dos povos sob o jugo de Roma e passou a ter um estatuto de língua internacional. Neste sentido, a *versio vulgata da Bíblia* jogou um importante papel (vd. Corrêa, 2010).

As gramáticas grega, primeiro, e latina, depois, desenvolveram-se como modelos de descrições das gramáticas de todas as línguas. Na concepção dos seus mentores, estas gramáticas eram universais, no sentido em que eram válidas para todas as línguas. Em última instância, isto leva tão somente ao não reconhecimento das diferentes gramáticas das outras línguas ou ao seu menosprezo, tidas como gramáticas primitivas, gramáticas rudimentares ou gramáticas menos evoluídas. Embora actualmente faça pouco sentido preconizar a existência de modelos únicos de gramáticas ou de línguas, convém ter presente a especificidade daquele tempo, de imposição de culturas e de visões do mundo, para melhor se compreender o fenómeno que aqui está a ser referido.

As descrições linguísticas baseadas no modelo greco-romano são sobretudo de pendor estruturalista e classificatório, centrando a sua atenção na forma da palavra e da frase. Como resultado, potenciaram descrições enquadráveis em disciplinas mais ou menos estanques, como a fonologia, a morfologia e a sintaxe.

As categorias eram definidas com base nas suas funções semânticas. Assim, o nome expressa o actor; o verbo, a acção, etc. Nessa altura, estas categorias foram consideradas

como paradigmas de descrição de todas as línguas, no sentido em que se pressupunha a sua existência em todas as línguas do mundo e a inferência de que existiam gramáticas de valor universal e absoluto, próprias de línguas como o grego e o latim, modelos de todas as outras.

Se nos ativermos nas línguas objecto de estudo dos grandes linguistas que marcaram os primórdios da linguística moderna, de Ferdinand de Saussure (1857-1913) até Benjamin Lee Whorf (1897-1941), passando por Franz Boas (1858-1942) ou Edward Sapir (1884-1939), verificamos que, à centralidade do grego e do latim no período clássico e pós-clássico, corresponde, no século XIX e no princípio do século XX, uma maior diversidade das línguas objecto de estudo, muitas delas de estatuto apenas oral. Mas se atendermos ao que no resto do século XX aconteceu, com linguistas como Halliday (1925-), Basil Bernstein (1924-2000), Leonard Bloomfield (1887-1949), William Labov (1927-), ou Noam Chomsky (1928-), facilmente chegaremos à conclusão de que o inglês é a língua mais estudada de todas. Assim como outrora o domínio fora do latim, a partir do século XX, esse domínio passa a ser do inglês, como o ilustram os trabalhos de figuras eminentes da linguística acima indicadas. Desde então, a descrição linguística tem recaído maioritariamente na identificação, em múltiplas línguas, das características linguísticas encontradas no inglês ainda que frequentemente os investigadores não tenham consciência desse facto. Como consequência, as línguas têm sido tratadas como versões peculiares do inglês, que, assim, veio substituir o latim na centralidade que a este era reservada na descrição linguística (Halliday, 2003: 101). Desta feita, instalou-se uma visão etnocêntrica da linguística, com o predomínio do inglês na descrição. Daí que as mais abundantes descrições linguísticas existentes no mundo no momento actual sejam do inglês.

Na tradição linguística da Europa Ocidental, o maior período de tempo foi dominado pelo pensamento aristotélico (a era dos filósofos gramáticos), com uma visão sobre a língua tendencialmente absolutista. Somente no período do pós-Renascimento moderno, é que se começou a descrever mais do que uma língua. Deste modo, a partir do século XVII, os estudiosos europeus lançaram-se na empresa de descrição de línguas até aí não descritas, primeiro as línguas europeias modernas e depois as línguas de outras paragens. Havia então dois caminhos a seguir, ou i) tratar toda e qualquer língua como uma versão do latim, ou ii) descrever cada língua nos seus próprios termos (Halliday, 2003: 101).

Partir do pressuposto de que o verbo, o nome, o advérbio, etc. são categorias universais à luz da gramática inglesa (herdeira das gramáticas grega e latina) e daí tirar ilações do tipo “estas línguas são bárbaras ou primitivas por não possuírem este ou aquele tipo de componente gramatical”, é seguir o primeiro dos caminhos acima descritos (tratar toda e

qualquer língua como uma versão de outra língua, primeira e essencial) e pode ser uma faca de dois gumes, visto que, nessas línguas desqualificadas por este pressuposto, umas há que têm categorias gramaticais inexistentes nas línguas tidas como superiores.

Aquele pressuposto tornou impositiva a presença de certas características em línguas que efectivamente não as têm, mas cuja descrição seria entendida como incompleta sem tal descrição. Efectivamente, e por exemplo, quando os linguistas ocidentais fizeram extrapolações das categorias gramaticais das suas línguas maternas na descrição das línguas que encontraram noutras paragens longínquas, fizeram-no procurando categorias como Sujeito, por exemplo, em línguas sem Sujeito, como o *tagalog* ou o *pitjantjatjara* (Caffarel, Martin e Matthiessen, 2004: 12).

Uma mudança de paradigma, uma nova teoria geral parecem ser necessárias para libertar as línguas dos ditames das línguas e dos linguistas ocidentais. Essas mudanças podem ser protagonizadas pela Linguística Sistémico-Funcional (LSF) e os seus fundadores se, na descrição gramatical e tipológica, a LSF e os seus linguistas souberem construir um modelo de análise suficientemente aberto e abrangente, como preconizado por Matthiessen (2006a: 52):

The general theory has designed to be powerful so that it can support rich and comprehensive descriptions of languages; but it has also been designed not to incorporate categories that are specific to a particular language such as Latin, English or Chinese since if such language-particular categories were built into the general theory, they would then be projected onto all languages being described in these theoretical terms (as happened with traditional grammar).

A grelha e o tipo de funções gramaticais dependem muito do tipo de teoria linguística. Se a teoria for lógica e filosófica, que valoriza as palavras e os períodos, as funções gramaticais são Sujeito, Predicado, Objecto, Circunstanciais. Estas funções baseiam-se em línguas europeias e seguem descrições do grego e do latim, revelando limitações na interpretação de gramáticas de línguas não europeias (*vd.* Matthiessen & Halliday, 1997).

Na Linguística Sistémico-Funcional, uma teoria que considera a língua como um recurso para criar significados, com o texto (discurso) e a semântica a desempenharem um papel cimeiro, as funções gramaticais são reveladoras de diferentes modos de significar. É que dependendo do tipo de sistema e do tipo de nível ou estrato, várias funções gramaticais estão disponíveis. Por exemplo, ao nível da oração e no sistema do Modo Oracional, encontramos funções como Sujeito, Predicador, Complemento, Adjunto, etc., enquanto no sistema da Transitividade, as funções gramaticais são outras, como sejam Actor, Processo, Meta, etc.,

mesmo que realizadas pelas mesmas unidades linguísticas num caso e noutro. As funções gramaticais mantêm entre si uma estreita relação de dependência visto que uma só existe na relação directa com outra(s) da mesma natureza. Nesta conformidade, o Sujeito só faz sentido conjugado com Finito, Predicador, Adjunto, etc. assim também o Actor tem sentido se visto no seu conjunto com Meta, Meio e outros.

Na história da linguística ocidental, o estudo (a descrição) de línguas não ocidentais como o chinês, o japonês, ou o *bahasa* indonésio é uma empresa relativamente recente – mesmo numa abordagem sob o escopo do grego e do latim e posteriormente do inglês –, proporcionada por uma mudança na ideologia linguística, agora mais motivada para pesquisar línguas tão diferentes e tão distantes. Velhas questões vestem-se de novas roupagens e motivações, procurando-se mais uma vez saber em que medida são as várias línguas semelhantes ou diferentes entre si e como se caracterizam as especificidades de cada língua. Independentemente dos resultados até agora alcançados, não restam dúvidas de que a pesquisa de línguas geneticamente diferentes e distantes entre si não somente permitiu uma maior visibilidade de línguas como a que é objecto de estudo nesta dissertação, como também contribuiu para o reconhecimento do seu estatuto de língua como qualquer outra.

Como refere Halliday (2003: 101), todas as línguas têm determinadas características, mas nem todas têm as mesmas características:

All languages consist of meanings, wordings and sounds; they all have names for things; they all have melody, rhythm and syllabic articulation. Equally, everyone agrees that there are certain respects in which languages differ: not only do they obviously have different names for things, they also construct these names differently, have different kinds of melody and rhythm, and different ways of wording and sounding.

O modo como olhamos as diferenças e as semelhanças entre as diferentes línguas decorre da perspectiva adoptada na descrição. Genericamente, podemos dizer que há duas perspectivas principais de descrição linguística: (i) lógico-filosófica e (ii) etnográfico-descritiva. A primeira encara a linguística como parte da filosofia e a língua como pensamento; a gramática faz parte da lógica e é vista como um conjunto de regras; dá relevância à análise formal e à (a)gramaticalidade da palavra e do período isolados, acabando por assumir uma orientação prescritiva ou normativa; preocupa-se também com o significado mas na sua relação com a verdade. A segunda, de pendor etnográfico, vê a linguística como parte da antropologia e a gramática como parte da cultura; é de pendor descritivo e relaciona o significado à sua função retórica; encara a língua como um recurso para agir e um potencial de escolhas de significados, como refere Halliday (2003: 99-100):

The [philosophical-logical] stresses analogy; is prescriptive, or normative; and concerned with meaning in relation to truth. The [descriptive-ethnographic] stresses anomaly; is descriptive; and concerned with meaning in relation to rhetorical function. The former sees language as thought, the latter as action. The former represents language as rules; it stresses the analysis of sentences, and uses for purposes of idealization the criterion of grammaticality. The latter represents language as choices, or as a resource; it stresses the semantic interpretation of discourse, and uses for idealization purposes the criterion of acceptability or usage.

Fruto de um passado histórico que as favoreceu, as línguas melhor descritas neste momento são as ocidentais, nomeadamente o grego, o latim, o inglês, o francês, o alemão, o italiano e tantas outras. Do lado oposto, estão as línguas dos novos mundos conhecidos com a expansão e exploração europeia, como o *nyungwe*.

Como foi mencionado antes, a LSF é uma teoria geral de abordagem linguística das línguas. A Gramática Sistémico-Funcional (GSF²⁹) é a aplicação da teoria geral na descrição de uma língua particular. Embora a GSF tenha começado com a descrição da gramática chinesa moderna, desenvolveu-se sobretudo com a descrição do inglês e os resultados das suas pesquisas tiveram como objecto contextos e registos da língua inglesa. A descrição do inglês tem servido como um modelo para o trabalho em outras línguas.

Uma das marcas fortes do modelo de descrição linguística da GSF é que cada estrato, cada componente é descrito como uma rede de opções, como um conjunto de escolhas inter-relacionadas dentro de um todo, o sistema que é a língua em apreço. A descrição das interrogativas sim/não por exemplo implica necessariamente um olhar de todo o sistema de interrogativas dessa língua. Trata-se, portanto, de uma descrição paradigmática e ao mesmo tempo aberta já que sempre se pode subcategorizar mais até à unidade mínima (Webster, 2002: 23).

Este tipo de descrição é feito de cima para baixo, isto é, da unidade maior para a unidade menor, obedecendo a lógica de abordagem topo-base (*top-down*), diferenciando-se das abordagens dos modelos formais de descrição gramatical que são abordagens base-topo (*bottom-up*). Este modelo preconiza igualmente o uso da variável refinação, começando pela descrição menos refinada para a mais refinada possível.

Actualmente, a GSF estende as suas investigações a outras línguas LOTE (*Languages Other Than English*). Dessas línguas, destacam-se primeiramente as do ramo europeu da família indo-europeia, as línguas dos aborígenes da Austrália e as línguas indígenas dos índios dos EUA e da América Latina. Depois, seguiram-se as línguas da África, da Ásia, etc. A

²⁹ Para uma distinção entre as designações LSF e GSF, veja-se o parágrafo inicial de Gouveia (2009).

descrição das línguas LOTE surge da necessidade de suprir a lacuna existente no domínio da descrição das línguas naturais do mundo, até então confinada ao inglês. A grande viragem que se dá na descrição das LOTE é o facto de se ter passado a descrever as outras línguas não como versões de uma qualquer língua ocidental tida como protótipo mas com base na organização interna e externa de cada língua em particular.

A descrição das LOTE permitiu não somente reflectir sobre cada língua específica em particular, como efectivamente abriu amplas possibilidades para verificar *in loco* a diversidade e variedade, os contrastes (na sua organização estrutural) e as semelhanças (na sua organização sistémica) das línguas existentes no mundo. As semelhanças e diferenças tornam-se evidentes conforme a análise é mais ou menos refinada. A análise e descrição das LOTE tem como foco textos (discursos) autênticos e não textos artificiais produzidos por qualquer falante-ouvinte ideal de uma dada comunidade linguística.

Descrições baseadas na GSF incluem línguas específicas como o chinês, o rhasa thai, *tagalog*, o *telugu*, o vietnamita, o japonês, o inglês, o alemão, o francês, o português, o espanhol, o *bajjika*, o *quechua*, o *mbembe*, o *nzema*, o *akan*, o *oko*, o *kannada*, o *pitjantjatjara*, o árabe (vd. Matthiessen, 2006b), o que claramente mostra o que está feito e o que ainda está por fazer. O *nyungwe* encontra-se no extremo oposto, isto é, o extremo ocupado pelas línguas ainda não descritas sistémica e funcionalmente.

Como se pode inferir desta lista, o *nyungwe* não está sozinho – longe disso! – no conjunto das línguas que ainda não foram descritas em termos sistémico-funcionais. Uma descrição sistémico-funcional de qualquer língua é concebida para interpretar essa língua como um recurso rico para criar significados em contextos de cultura de uma sociedade. Torna-se necessário, pois, que, na descrição de línguas particulares como as indicadas acima, os linguistas (utilizando esta metáfora) mudem de óculos, usando lentes adequadas às línguas concretas que enfrentam.

A descrição das línguas com base na GSF dá visibilidade a muitos aspectos dessas línguas que dantes não eram visíveis. Isto acontece devido ao método de descrição das línguas em contexto de uso. Categorias funcionais como Sujeito ou Modo verbal, específicas de línguas particulares como o latim ou inglês, podem não ser verificáveis numa outra língua. Matthiessen (2006a: 52) sublinha os procedimentos a ter em atenção na descrição de línguas particulares:

Theory and descriptions have always been conceptually distinct in SFL. This ensures that the properties of a particular language such as English or Chinese is not built into the general theory. For example, the Mood element consisting of Subject and Finite is

part of the description of English; but it is not a feature of the general theory, and the descriptions of most languages around the world would not, in fact, include this Mood element.

Um número considerável de novas descrições de diversas línguas foi já produzido ou levado a cabo. Estudos como Caffarel (2006), Teruya (2006) e Caffarel, Martin & Matthiessen (2004), obra fundadora seminal, são alguns desses trabalhos, para apenas referir casos paradigmáticos.

Como atrás referido, o *nyungwe* é uma língua que nunca antes foi descrita em termos sistémico-funcionais. Por outro lado, como também já se fez alusão em ocasiões anteriores, as descrições existentes, baseadas em métodos de descrição na linha do que eram as gramáticas tradicionais – decalcando, portanto, as descrições do latim, do francês, do alemão ou do português –, confinam-se a trabalhos de pequena monta, acompanhados ou não de pequenas notas explicativas. Neste sentido, e de acordo com os princípios metodológicos da GSF, torna-se imperioso descrever a língua, tomando como base textos reais, orais e/ou escritos, porque só esses traduzem fielmente a natureza dessa língua. As categorias gramaticais a descrever surgem e são validadas com base em textos produzidos em contextos reais da língua em apreço. As perspectivas para o *nyungwe* são as de que seja possível identificar, analisar e exemplificar os diferentes subsistemas do sistema do Modo Oracional da língua *nyungwe* com o propósito de traçar o seu perfil de acordo com um mapa sistémico funcional que poderá servir de base para investigações mais aturadas e apuradas no futuro.

Desenvolver uma descrição destas e nas circunstâncias de uma língua do grupo *bantu*, situada em Tete, com um fraco estatuto social e longe dos corredores do poder central(izado), como é o *nyungwe*, requer uma grande conjugação de esforços e a concentração de algumas capacidades de realização. Espera-se que este trabalho, que apenas começou, possa continuar e encontre ecos junto das comunidades e dos políticos. Há uma clara e urgente necessidade de realização de descrições lexicogramaticais em todas as dimensões da língua – Taxis, Transitividade, Modo Oracional, Tema, Tempo, (Tipo de) Evento, Pessoa – para colmatar o vazio existente nestas áreas. Essa premência faz-se sentir cada vez mais numa altura em que o *nyungwe* é matéria disciplinar e meio de comunicação nas escolas, com a introdução do ensino bilingue em Moçambique.

3.3 GSF E A DESCRIÇÃO DO *NYUNGWE*

A descrição com base na GSF de uma língua LOTE como o *nyungwe* abre novas perspectivas uma vez que foi sempre considerado muito importante em linguística sistémico-funcional desenvolver uma descrição abrangente de uma dada língua, destacando o seu carácter particular. Outrossim, a maior parte do trabalho descritivo levado a cabo por esta teoria gramatical foi feito em línguas não indo-europeias, como atestam Caffarel *et al* (2004: 6-7). Assim sendo, a GSF representa uma mais-valia para as línguas pouco ou nada descritas já que passam a ser tratadas como entidades autónomas e não como variantes de uma língua universal como o latim ou outra língua dominante, evitando-se desta feita os vícios do passado inerentes a descrições de línguas do mundo concebidas a partir de uma dada língua tida como modelo, seja o inglês, seja o latim ou o grego. É necessário que a descrição de uma língua seja centrada nessa língua. Daí que a descrição do *nyungwe* por exemplo deva ser *nyungwe*cêntrica como a descrição do inglês é anglocêntrica porque uma descrição é-o sempre sobre uma língua particular.

Apesar de alguns equívocos, a teoria geral da LSF nunca foi anglocêntrica ou eurocêntrica. Muito do trabalho de Firth e seus colegas e estudantes dos anos 1930-1950 era sobre outras línguas que não o inglês. O próprio Halliday, em finais de 1940, começou a trabalhar com o chinês e não com o inglês. A LSF teve sempre como finalidade a análise detalhada que desse conta do carácter particular de uma língua específica, fosse ela inglês, francês, alemão, holandês, dinamarquês, finlandês, *gooniyandi*, chinês, vietnamita, *akan*, árabe, *telugu*, coreano, japonês, *tagalog*, *pitjantjatjara*, *gooniyandi*, *weri*, *zapotec*, inglês australiano ou outra qualquer. Saliente-se que pela primeira vez estas línguas eram tratadas no seu pleno direito e não como uma variante de uma gramática universal que actualmente é baseada no latim, inglês ou uma outra língua dominante (Caffarel, Martin e Matthiessen, 2004: 7). Indicando que logo nos seus primórdios (anos 1960 e inícios de 1970), a teoria da LSF foi aplicada a línguas das mais variadas origens e quadrantes como, por exemplo, o *mbembe* (Barnwell, 1969), o *urdu* (Hasan, 1972), o francês (Huddleston & Uren, 1969), o *nzema* (Mock, 1969), o *telugu* (Prakasan, 1972), além das já mencionadas atrás (Caffarel, Martin e Matthiessen, 2004: 7). Outro argumento forte que demonstra que a teoria Sistémico-Funcional não é anglocêntrica é apresentado por Matthiessen em resposta a Mark Durie num artigo de (1994)³⁰.

³⁰ Matthiessen, Christian M. I. M., disponível no web http://www.ling.mq.edu.au/nlp/network/debates/Matthiessen_Durieix94.html. (Consultado em 06-12-10).

The theoretical foundation was from the start anything but "Anglo-centric" - it drew on Firth's system-structure theory (applied to a variety of languages), which in turn drew on the Indian tradition; it drew on Chinese linguistics; it drew on the Sapir-Whorf tradition; and it drew on non-Anglo European work (in particular Glossematics and the Prague School).

Em relação à tarefa de descrição que aqui nos move, acresce-se que as descrições linguísticas bem conseguidas são como as fotografias bem tiradas: aquelas devem espelhar a língua descrita e estas devem retratar o fotografado. Caffarel, Martin e Matthiessen (2004: 7), na introdução da sua obra, formularam este princípio doutrinal da seguinte forma:

(...) the descriptions of particular languages should be designed to bring out the special features of these languages; they should not make them look like variants of some universal code derived from English, Latin or some other language with which linguists have had abundant experience. For example, the description of the interpersonal clause grammar of English (see Section 1.4.1) makes it look interestingly different from that of French (Section 2.3) and that of Vietnamese (Section 7.2.2); but this is a positive "feature", not a negative "bug".

Na senda do que se tem explanado, é objectivo deste trabalho a descrição do perfil da gramática interpessoal da oração da língua *nyungwe*. E, por uma questão de delimitação do trabalho, vai ser tratado apenas um sistema, o sistema do Modo Oracional, concebido segundo um mapa sistémico-funcional. De acordo com a GSF, uma língua, qualquer que ela seja, encontra-se organizada em vários sistemas (e subsistemas) que constituem uma rede de sistemas interrelacionados. Esta rede de sistemas organiza-se de tal sorte que o resultado é o sistema do sistema do sistema, num crescendo de complexificação que parte do geral ao particular, do maior ao menor, de grandes planos aos pormenores. É como o objecto russo, a *matrioska*. O tamanho do sistema depende antes de mais da língua em si e depois da metafunção em causa.

Obviamente, o ideal seria descrever todos os sistemas das três metafunções, ideacional (experiencial e lógico), interpessoal e textual. Ou, em alternativa, poder-se-ia descrever todos os sistemas de uma destas três metafunções. Mas, quer uma ou outra opção, comportam um aturado trabalho. Só para se ter uma ideia da dimensão do empreendimento, pegando a metafunção interpessoal, e restringindo-nos apenas ao nível léxicogramatical, temos os sistemas Negociação/Modo Oracional (Modo Verbal (Sujeito, Adjunto Modal, Finito), Resíduo (Predicador, Complemento, Adjunto Circunstancial), Finito (Tempo/Aspecto, Polaridade, Modalidade), Voz, Polaridade e Tempo. Dentro do sistema da Polaridade, por exemplo, temos o sistema Positivo e Negativo. Caffarel, Martin e (2004: 61) afirmam que

para se desenvolver uma nova descrição em moldes satisfatórios é deveras uma tarefa laboriosa.

To do a good job using systemic functional theory rather than what Dixon calls “Basic Theory” would, we think, take considerably longer - we would be inclined to multiply Dixon’s figure by three, giving us a total of nine years.

No meio desta rede de sistemas que é necessário nunca perder de vista, é de capital importância saber situar-se, sob pena de se perder no emaranhado dos sistemas e começar a navegar à deriva. Precisamente, por isso, este estudo tem um objecto bem delimitado – o sistema da interpessoalidade e, dentro dele, o Modo Oracional. No inglês, este é realizado prosódica (fonologicamente através da tonalidade) e gramaticalmente por meio de uma estrutura (Elemento Modal + Resíduo (+ *Tag* Modal)). Em *nyungwe*, a única tentativa para a sua determinação é a deste trabalho. Destes sistemas, priorizou-se a descrição somente da gramática da oração – declarativa, interrogativa e imperativa nas suas manifestações essenciais, deixando a prosódia para próximos desenvolvimentos (Caffarel, Martin e Matthiessen, 2004: 44-45).

Quando se explora a gramática interpessoal de uma língua, ainda para mais, pela primeira vez, que é o caso vertente, recomenda-se que se evite começar com questões acerca da estrutura interpessoal da oração, nomeadamente, a função do Sujeito.

What are the dialogic strategies open to the speaker in the grammar of the clause? How is the clause positioned as an interact (as giving or demanding goods-&-services or information)? Is there an identifiable part of the clause concerned with this dialogic positioning, and more generally with its arguability? (...) Is there a functionally motivated locus of modal responsibility in the clause, comparable to the English Subject function? Is there a functionally motivated locus of arguability, grounding the clause in tense/aspect or modality, comparable to the English Finite function? (...) How are related interpersonal meanings expressed (e.g. affect, honorification, quotative particles/affixes)? (...)

Em contrapartida, deve-se iniciar com abordagens que se relacionem directamente com a natureza interpessoal da oração em relação à construção do diálogo. Em termos dialógicos, as principais questões a ponderar são as que se incluem na citação que se segue (Caffarel, Martin e Matthiessen, 2004: 47-48). Por se considerar de extrema valia essas questões, esta citação teve que ultrapassar um pouco os limites de citações previamente definidos nesta dissertação.

Ainda que a LSF, teoria de predominância semântica, privilegie a abordagem topo/base, olha-se também para as outras facetas do fenómeno linguístico: base/ topo e dos lados.

Na perspectiva topo/ base, encontra-se a metafunção interpessoal em que a oração é vista como interacção, como troca, o que envolve um certo tipo e número de significados; na perspectiva base/ topo, faz-se face às estruturas (congruentes) que realizam aqueles significados e, finalmente, a visão dos lados permite lidar com as funções gramaticais que operam nas orações. É nestas vertentes que se move esta descrição. Assim fica traçado o percurso deste trabalho, localizando-o ao mesmo tempo no mapa sistémico-funcional.

Um trabalho académico como este que pretenda descrever uma língua nunca antes descrita (em moldes sistémico-funcionais seguramente que não), será ajuizado que seja feito parcialmente. Suponhamos, só descrever o sistema de Tempo/ Aspecto em *nyungwe*, saber se é construído no modelo lógico como no inglês, experiencial como no chinês ou modelo misto como o russo e outras línguas eslavas (Caffarel, Martin e Matthiessen, 2004: 10-11), é *per si* uma empresa gigantesca. Uma descrição total de uma língua particular será sempre relativamente prolongada no tempo.

Lidar com uma língua como o *nyungwe*, como já foi referido, é uma tarefa delicada. Importa por isso ter muito bem presente e claro o que e como descrever. A este propósito, nada melhor que apoiar-me nos ensinamentos dos mestres, Caffarel, Martin e Matthiessen (2004: 13-14):

If we embark on a description of a language that has not previously been described in terms of systemic functional theory or indeed any other linguistic theory, we can build up the description from scratch using only the general theory as a guide. In many ways, this would be the ideal approach because it would avoid the danger of imposing a description of another language on the new language being described - a danger manifested in the way that missionary linguists imposed the categories of traditional descriptions of Latin on languages around the world.

Convém referir, uma vez mais, que a imposição das categorias de uma língua conhecida para outras até então desconhecidas foi uma prática corrente e generalizada. Os linguistas generativistas modernos também impuseram as categorias das descrições formais do inglês nas línguas de todo o mundo. Esta circunstância é evitada a todo o custo nesta dissertação. Pelo contrário, a descrição do *nyungwe* tem pois de ser realizada e justificada a partir dos padrões existentes em textos *nyungwes*. Para o efeito, assevera-nos Caffarel, Martin e Matthiessen (2004: 13-14), há essencialmente dois importantes princípios metodológicos envolvidos:

The first is to base the interpretation on the language being described; the second is to develop the description of the language by reference to evidence from text instances.

No entanto, um tipo de descrição como este onde se preconiza a não utilização de pressupostos baseados noutras línguas e onde a descrição do sistema lexicogramatical é construída a partir das observações das instâncias discursivas demora (já foi notado) um tempo considerável. Por isso, como uma prática heurística, pode revelar-se útil usar o modelo de descrição de uma língua para descrever outra língua, por exemplo – é o chamado método de transferência por comparação (“*transfer comparison*”) ou simplesmente seguir o método de generalizações tipológicas, organizado de acordo com as metafunções e níveis, focando os sistemas chaves como Modo Oracional, Transitividade e Tema existentes em todas as línguas e contemplando as variações dentro de cada sistema (Caffarel, Martin e Matthiessen, 2004: 15). O método de generalizações tipológicas afigura-se ser o mais indicado de momento para usar como modelo de descrição do *nyungwe*.

Das línguas LOTE descritas (total ou parcialmente) com base na GSF (vd. Quadro 3.1), aquela que estará relativamente mais próxima do *nyungwe* é o *mbembe*, desde logo, por ser uma língua africana, da família Níger-Congo e subfamília Benue-Congo. No entanto, diferem principalmente porque o *nyungwe* é língua do grupo *bantu* e o *mbembe* não é; além disso, esta fala-se na Nigéria e aquela em Moçambique. As outras, *akan*, *oko* assemelham-se por pertencerem à família Níger-Congo, mas de subfamília diferente, a *Kwa*. De salientar que o *nyungwe* é, das línguas de Moçambique, a primeira a beneficiar da descrição sistémico-funcional e a sua primeira descrição científica. Este pioneirismo não deverá ser subestimado. Segue abaixo um quadro de línguas LOTE com relativas semelhantes ao *nyungwe* descritas já (total ou parcialmente).

n.º	Família	Subfamília	Grupo	Língua	Linguista	País
1	Níger-Congo	Kwa	Akan	akan	Matthiessen (1987)	Gana Costa Marfim
2	Níger-Congo	Kwa		oko	Akerejola (2005)	Nigéria
3	Níger-Congo	Benue-Congo		mbembe	Barnwell (1969)	Nigéria
4	Níger-Congo	Benue-Congo	<i>Bantu</i>	nyungwe	Rego (em preparação)	Moçambique

Quadro 3.1: Línguas africanas descritas em termos sistémico-funcionais. Adaptado do Quadro 1.7 de Caffarel, Martin e Matthiessen (2004: 62).

Uma língua é considerada não descrita cientificamente se não existirem descrições de nenhum dos sistemas dessa língua. Em *nyungwe*, o pouco que existe são descrições avulsas e preferencialmente na perspectiva lexicográfica, usando abordagens da gramática tradicional. Como tal, quando se descreve cientificamente pela primeira vez uma língua, é necessário que

a principal fonte de informação seja o texto (falado, escrito ou por sinal ou gesto). Os textos a usar devem ser de variados contextos, tamanhos, modos de organização, etc. Os textos em contexto são uma instanciação ao sistema geral da língua no contexto de cultura. O sistema é o total potencial de significados de uma língua e o contexto potencial da sua cultura (Caffarel, Martin e Matthiessen, 2004: 18, 38).

Em LSF, como atrás ficou dito, uma língua é um sistema semiótico compreendendo diferentes dimensões semióticas, cada uma definindo manifestações particulares em função de diferenças contextuais. Estas dimensões encontram-se hierarquizadas, isto é, estratificadas, do mais geral ao mais específico como se segue: contexto, semântica, lexicogramática e fonologia³¹. Cada escala de nível está organizada numa hierarquia de unidades gramaticais. Abaixo, Caffarel, Martin e Matthiessen (2004: 38) explicam o ambiente hierárquico ordenado em séries de níveis:

The number of orders within the hierarchy of rank varies according to level of stratification and according to language; that is, while the number of strata is fixed by the general theory for all languages, the number of ranks (within a given stratum) is not - it is determined by the description of every particular language. Within the lexicogrammar of English, the rank scale is: clause - group/phrase - word - morpheme.

A oração afigura-se ser daquelas unidades gramaticais comuns a todas as línguas, sendo o morfema o menos comum. Esta informação tem relevância se pensarmos na língua, objecto do nosso estudo, que é oral e que se debate com a escassez de descrições actualizadas em moldes das ciências da linguagem modernas e em que o morfema desempenha papel importante.

Apesar de não se ignorar de maneira nenhuma as interdependências das dimensões contextual, semântica, lexicogramatical e fonológica, todas elas relacionadas umas com as outras em sucessivas séries de contextualizações, o escopo desta dissertação é a dimensão lexicogramática com especial enfoque na oração. A escolha da oração como ponto de partida fundamenta-se no princípio geral do modelo sistémico-funcional aqui trazida por Caffarel, Martin e Matthiessen (2004: 42, 44):

The clause constitutes the most extensive domain within lexicogrammar and thus serves as the environment for other, lower-ranking units. It is also at the same time the most important lexicogrammatical interface to the systems of (discourse) semantics. In using the clause as the way in, systemic functional descriptions thus differ from traditional ones, where the starting point was the word and the grammar was

³¹ Vd. figura 1.9 de Caffarel, Martin e Matthiessen (2004: 37).

essentially developed out of questions about word forms first in Ancient Greek and then in Latin.

Na descrição de uma língua particular como o *nyungwe*, por um lado, afigura-se fundamental, diria mesmo, é condição *sine qua non* que se tenha dados reais e actualizados da língua em uso que sejam o mais abrangente possível, para que possam ser suficientemente representativos da realidade daquela língua e, por outro, que se tenha uns “óculos” adaptados especificamente para aquela língua, sem os quais estar-se-á a descrever uma outra língua qualquer, menos aquela em concreto. Assim precavidos e providenciados destas ferramentas, segue a etapa do mapeamento da língua nas suas metafunções e estratificações em vários níveis. Isto só é possível com uma descrição da língua toda, empresa a que aqui apenas se dá início e que poderá servir de base para investigações futuras, mais detalhadas e aprimoradas.

No final deste subcapítulo, quer parecer que o *nyungwe*, provavelmente, terá os mesmos *ranks* que o inglês: oração, grupo/sintagma, palavra, morfema, tal como parecem ter o chinês, vietnamita, *tagalog*, *pitjantjatjara*. As diferenças, quando existem, costumam manifestar-se nos pormenores em que se desenvolve uma determinada unidade gramatical. O maior labor do *nyungwe*, por exemplo, parece concentrar-se ao nível morfémico, uma vez que o morfema afigura-se ser o portador do maior número de funções gramaticais fundamentais na descrição gramatical desta língua.

Como nota final, e secundando Caffarel, Martin e Matthiessen (2004: 6), tem-se que a GSF dá conta de que toda e qualquer descrição linguística é necessária e inerentemente uma descrição de uma língua particular.

3.4 ESTATUTO ORAL DO NYUNGWE E A SUA DESCRIÇÃO

O *nyungwe*, como todas as línguas *bantu* moçambicanas, é língua oral e ao mesmo tempo língua não oficial. Por causa destes dois factores, acaba na prática por ser uma língua marginalizada e, com isso, correr o risco de extinção. É minha convicção de que todas as línguas não oficiais de Moçambique são línguas tendencialmente condenadas a desaparecer, quer através de um decreto (cenário improvável), quer pela contínua limitação dos papéis sociais oficiais que desempenham, quer pela conjugação destes dois factores. Aliás, o que é oral, não fixado em letra de forma, voa. Portanto, a sua descrição, como forma de fixar e salvaguardar o que ainda existe, afigura-se ser uma urgência nacional e internacional.

Como a língua é estruturada e é determinada pelos usos que os seres humanos dela fazem, e como o texto é tudo o que é dito ou escrito em algum contexto de uso, descrever e caracterizar uma língua é, em última instância, descrever os textos em uso por uma determinada comunidade. Isto porque o texto é a unidade fundamental de comunicação em qualquer evento discursivo. Por isso, para quem elege a LSF como *constructo* teórico-metodológico de descrição da língua, o texto deve ser a base indiscutível do trabalho. Como afirma Gouveia (2010: 7), é com textos que a LSF trabalha em termos de descrição e análise, procurando entender o que os textos nos revelam sobre o sistema que é a língua. Neste caso, o texto é visto na perspectiva de espécime, dado que o propósito é conhecer a gramática do *nyungwe*.

Além do que se afirmou no primeiro parágrafo, acresce-se que o *nyungwe* ainda continua a (sobre)viver na esfera familiar, principalmente das zonas rurais, onde é transmitido de geração em geração por via oral. Fora deste âmbito, continua a ser marginalizado ou ignorado, ou, quanto muito, encarado com indiferença e/ou desconsideração (nas zonas urbanas), a começar pelo cidadão comum, indo até aos actores políticos e os governantes.

Ao descrever em termos sistémico-funcionais a gramática do *nyungwe* há que estabelecer e definir com rigor critérios, prioridades e metas. Um dos critérios (já aflorado no item anterior) é o de não se partir com nenhuma das suposições descritivas baseadas no inglês ou numa outra língua qualquer; o outro critério (também apresentado no item acima aludido), pelo contrário, vem-nos dizer que (sobretudo quando se rema contra o tempo) é conveniente ter por base uma língua já descrita, se possível, em termos sistémico-funcionais ou funcionais, ou até descrita nos moldes tradicionais. O inglês leva a vantagem de ser usado como modelo já que é uma língua muito descrita em qualquer dos modelos. Mas, em vez do inglês, o mais vantajoso para o *nyungwe* seria trabalhar com as línguas LOTE da família *nyungwe* pelas semelhanças que podem evidenciar.

Apesar de apontarem para sentidos não convergentes, as duas posições podem-se aproximar. Aliás, diz o ditado popular, no meio estará a virtude. Pelo que, sempre que as necessidades o exigirem, lançar-se-á mão a um ou outro critério, até porque, em última instância, nenhuma das línguas LOTE já descritas (total ou parcialmente) em termos sistémico-funcionais pertence ao grupo *bantu* de que o *nyungwe* faz parte.

O modelo de descrição e a forma como se começa têm muita influência na forma como a investigação se desenvolve bem como nos resultados daí obtidos. Por exemplo, começar pelo comum, pelo geral a todas as línguas afigura-se ser um método eficaz na descrição dos fenómenos linguísticos. Afirmar, perguntar ou ordenar acontece em todas as

línguas. Por outras palavras, em todas as línguas se fazem declarações, se fazem interrogações ou imperativas. É na adequação a cada uma destas funções discursivas que se revela a verdadeira alma, o âmago de uma língua; é aqui que se surpreende a língua na sua função natural, na sua função primordial de significar. Assim sendo, começar pelos domínios comuns a todas as línguas oferece mais vantagens aos iniciados nestas lides e para os estudos pioneiros como este.

Ora, se, por um lado, se deve começar do geral para o particular, do comum para o individual, da unidade maior para a unidade menor, por outro lado, uma descrição de base semântica, privilegiará o texto (um instante da língua) em detrimento do morfema ou da palavra. Na verdade, o texto constitui uma unidade de análise e de descrição da GSF.

A quantidade e a qualidade dos dados também têm uma grande influência no resultado final da descrição. As recolhas e gravações dos textos para a constituição do *corpus* para esta dissertação foram feitas pelo candidato num trabalho de campo realizado em Tete, entre os dias 01 e 14 de Maio de 2009. As localidades abrangidas foram nomeadamente Tete-cidade (local onde me estabeleci e realizei a maior parte das recolhas), *Misawa* e *Marara-Kacembe* (gravações de aulas), estas duas últimas distam 60km uma da outra. No local, também se tomaram algumas notas das circunstâncias envolvidas em cada um dos textos. Posteriormente, já em Lisboa, Portugal, esses textos foram transcritos ortograficamente, usando o sistema ELAN, coligidos e arquivados em suporte informático.

Os dados foram recolhidos discretamente por mim, sem o conhecimento dos visados, cidadãos anónimos entretidos nas suas labutas para garantir autenticidade e eliminar artificialismos. Visava-se surpreender a língua no seu estado e produção naturais, onde as influências fossem mínimas, a tender para o zero. O aparelho usado na recolha dos dados foi um telemóvel Nokia N95 8GB, tendo-se revelado bastante discreto, eficaz, de fácil transporte e manuseamento, grava som de alta qualidade e imagem fotográfica e vídeo aceitáveis. Apenas se registou um percalço quando ficou sem bateria numa zona rural sem electricidade pública.

As gravações que foram realizadas na Emissora Provincial da Rádio Moçambique (RM), em Tete, careciam da autorização da Directora, necessidade que não se colocou nas que eu próprio realizei a partir do rádio. No primeiro caso, não houve envolvimento directo da minha parte. Eles gravaram-me sobretudo a programação em *nyungwe* – noticiários, reportagens, etc. No segundo, eu interfeiri, escolhendo o que gravar e quanto tempo. As outras gravações foram feitas por mim quer nas ruas da cidade de Tete quer em sala de aula. Nas duas salas de aula onde gravei, a minha presença teve influência negativa na de *Misawa*, onde

foi notória a inibição da professora que, apesar dos esclarecimentos prévios, agiu como se estivesse a ser avaliada, tendo alterado a sua programação normal, gerindo o tempo de aula com silêncios longos. Na outra sala de aula, em *Kacembe*, aconteceu exactamente o contrário, alunos e professor sentiram-se galvanizados com a minha presença, não se tendo registado tempos mortos como na outra. A aula foi muito dinâmica e bastante participada. Estas gravações foram feitas com a devida autorização das respectivas direcções das escolas que foram bastante colaborantes e sensíveis às minhas solicitações. A contrastar com isto, estive a Directora Provincial de Educação que depois de dois dias à espera de uma audiência para falar com ela, quando me recebeu, recusou-se a ceder-me uma credencial para levar às escolas porque exigia credencial da minha universidade. As gravações nas ruas foram prejudicadas principalmente com os ruídos do meio ambiente e devido à distância imposta para se manter a discrição do acto.

Em função da apreciação e definição dos contextos críticos do quotidiano das pessoas (Caffarel, 2000: 18), foram recolhidos textos o mais variados possível e na maior quantidade possível que constam de: conversas de vendedores ambulantes, de mulheres vendedeiras do Mercado OUA, de rapazes puxadores de trotinetas de carga, de grevistas da Empresa Águas de Tete; uma sessão de missa católica; uma entrevista informal de emprego doméstico; conversas de um grupo de crianças na feitura de deveres de casa; gravações directamente do rádio e na emissora de programas emitidos em *nyungwe*, etc.

O corpus é portanto constituído por textos de fala espontânea e textos escritos de falantes nativos *nyungwes*. A recolha foi feita de forma directa e indirecta através de: (i) gravações feitas pelo próprio investigador (em alguns casos como mero observador e noutros como observador-participante) e (ii) recolha de programas radiofónicos emitidos em *nyungwe*.

Eleito o texto como o ponto de partida, a descrição segue o padrão de descrição topo-base. A Figura 3.1 procura ilustrar que na base da análise descritiva assumida neste trabalho está o texto, mas o centro nevrálgico dessa análise e descrição é a oração. Tudo se processa à volta da oração: acima de, abaixo de, para além de. A oração é a unidade principal de processamento da lexicogramática. Esta realiza-se em função de uma escala de níveis que, estruturada de topo para a base, apresenta a oração no centro à volta do qual tudo gravita e o morfema no fim, passando pelo sintagma/grupo e pela palavra. Interessa aqui saber como a oração significa o que significa e porquê. Isto remete-nos para os fraseados, realizáveis em orações, organizadas em funções gramaticais estruturadas de uma determinada maneira. No

caso do *nyungwe*, as principais funções gramaticais do Modo Oracional acabam sendo, Sujeito, Predicador, Complemento, Adjunto. São estas as principais funções a descrever.

A Figura 3.1 representa a caracterização da descrição em movimento do topo (texto) para a base (morfema) que temos vindo a descrever.

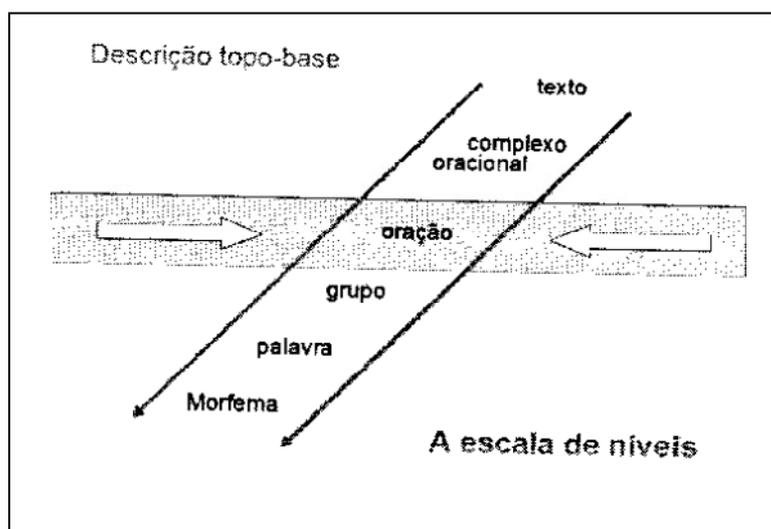


Figura 3.1: Diagrama de representação do movimento descritivo na gramática de topo-base (do texto para o morfema) e da escala de níveis. Gouveia (2009: 8)

Os textos que foram referidos atrás não são mais do que as actividades de cada um no dia-a-dia. Todos os dias, nós pedimos e damos informações ou bens & serviços. As pessoas quando querem saber (sobre) uma língua perguntam como é que se diz isto, como é que se diz aquilo e aqueloutro; como se faz uma pergunta *x*, *y* ou *z*, como se responde a esta ou aquela pergunta. Isto é, querem saber como é que se dão e pedem informações ou bens-&-serviços. Perguntar é pedir algo e quem pede espera receber; por sua vez, receber implica alguém dar. Para cada uma destas funções discursivas de dar informações, pedir informações; dar bens-&-serviços, pedir bens-&-serviços, há recursos gramaticais típicos que realizam determinadas funções gramaticais.

No pedir e dar informações, as trocas são verbais e a língua aparece simultaneamente como meio e fim da troca; enquanto no pedir e dar bens & serviços, as trocas são não-verbais e a língua surge apenas como meio, mas não fim. Da conjugação destas quatro variáveis, dar e pedir, quer informação, quer bens & serviços, resultam quatro funções discursivas primárias que podem existir em todas as gramáticas das línguas naturais do mundo. Esquemáticamente, o que acima é dito pode ser representado como no Quadro 3.2.

O que é trocado	Função no discurso	
Informação	Proposição	Afirmção (Declarativa)
		Pergunta (Interrogativa)
Bens & Serviços	Proposta	Ordem (Imperativa)
		Oferta (Interrogativa Modelada)

Quadro 3.2: Principais funções discursivas. Adaptado de Gouveia (2009:22)

A forma congruente de dar informações é através de uma afirmação, de uma declaração; o pedido de informações faz-se normalmente por meio de perguntas; para pedir bens-&-serviços usa-se em geral a ordem. É destas três funções de interacção social que surgem as três designações genéricas de orações declarativa, interrogativa e imperativa.

Como atrás já foi assumido, o objecto deste estudo é a oração. Esta pode ser analisada sob vários ângulos de visão, ideacional (experiencial e lógica), interpessoal e textual. Neste estudo, priorizou-se a metafunção interpessoal. A interpessoalidade está munida de vários recursos ou sistemas: o sistema central do Modo Oracional (MOOD), o da Polaridade, o da Modalidade, etc. O Modo Oracional absorverá grande parte da atenção desta dissertação, por um lado, por causa sua potencialidade de desencadear outros sistemas e, por outro, pela sua capacidade de gramaticalizar as funções discursivas, proporcionando ao falante uma série de escolhas que lhe permitem assumir um papel discursivo relevante, atribuindo ao mesmo tempo um papel complementar ao seu ouvinte. A opção pelo Modo Oracional também resulta da vontade de explorar uma área menos estudada até mesmo em GSF (Caffarel, Martin e Matthiessen 2004: 59).

Mas o argumento mais forte ainda para esta escolha reside no facto de ser um bom ponto de partida para quem trabalha com textos que natural e efectivamente ocorre(ra)m. Isto mesmo afixam-nos Caffarel, Martin e Matthiessen (2004: 60).

If one approaches the description of the grammar of a language through naturally occurring texts, both the interpersonal and the textual need to be part of the picture **from the start**. In fact, either of these metafunctions may prove to be a better way into the language than the ideational one.

Do ponto de vista interpessoal, a oração representa um *quantum* de interacção num diálogo como uma troca de uma proposição (onde o bem trocado é informação) ou de uma proposta (onde o bem trocado é bens-&-serviços). As funções gramaticais a descrever são aquelas com relevância na negociação – Sujeito, Predicador, Complemento, Adjunto – já assumidas antes como matéria de descrição.

De seguida, apresenta-se esquematicamente o Modo Oracional *nyungwe* e alguns dos sistemas que o integram que serve como roteiro imprescindível por onde passa a descrição da presente dissertação. Com isto, fica assim traçado aquilo que é possível descrever neste quadro de descrição em função da realidade oral do *nyungwe* e daquilo que se conseguiu recolher.

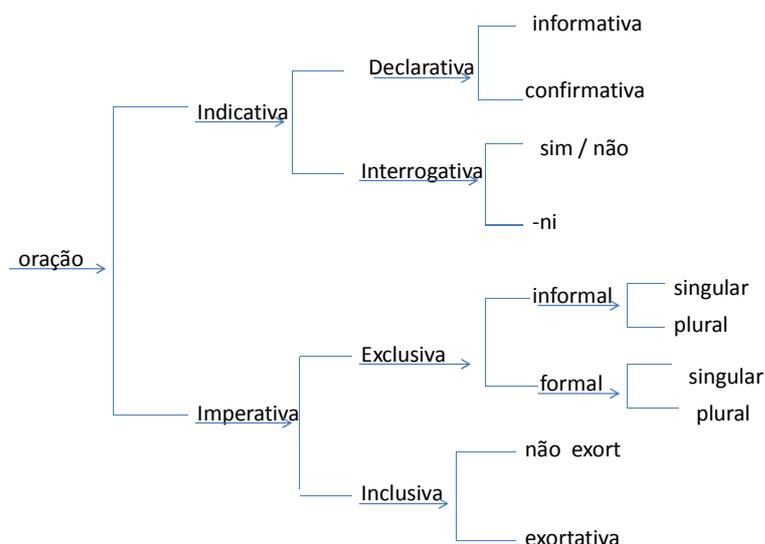


Figura 3.2: Diagrama de rede do sistema do Modo Oracional em *nyungwe*. Adaptado de Gouveia (2009)

A Figura 3.2 mostra uma rede de sistemas do sistema oração e as escolhas disponíveis. No caso do *nyungwe*, tem-se o seguinte: se a condição de entrada for a oração, abrem-se duas possibilidades, ou ela é (i) indicativa ou (ii) imperativa. Se for indicativa, a oração pode ser (i) declarativa ou (ii) interrogativa e esta, por sua vez, ramifica-se em (i) interrogativa polar (Sim/Não) ou (ii) interrogativa de conteúdo (-ni). Quando a opção é pela imperativa, as escolhas são duas, ou (i) imperativa exclusiva ou (ii) imperativa inclusiva. A exclusiva exhibe um grau de (i) informalidade ou (ii) formalidade que em ambos os casos levam a marca de singular ou plural e, finalmente, a inclusiva subdivide-se em, por um lado, (i) exortativa e, por outro, (ii) não-exortativa.

Depois destes preliminares todos e depois de tomadas as decisões de carácter metodológico, são seleccionadas orações de textos do *corpus* previamente constituído no âmbito desta dissertação. Com base nessas orações, descrevem-se os significados e as funções das mesmas e a forma da realização gramatical desses significados. A sua apresentação

esquemática é feita em quadros com um máximo de três camadas de significados, a primeira é a da oração (1) e as duas restantes as dos seus significados. De fora do quadro, mas fazendo parte da apresentação esquemática, ficam a segmentação morfológica (2), seguida da tradução literal (3) e, em último lugar, a tradução pragmática da oração (7). Os passos (4) e (5) foram, no entanto, (como veremos no Capítulo 5) excluídos da presente descrição, por se considerarem irrelevantes já que a língua *nyungwe* parece ter aí menor produção de significados. O Quadro 3.2 esquematiza tal descrição.

n.º	Descrição de tarefas de cada linha
1	oração <i>nyungwe</i>
2	segmentação da oração em morfemas
3	tradução literal da oração
4	divisão da oração em grupo/sintagma
5	identificação das funções ³² de cada grupo/sintagma
6	identificação das funções* dos blocos de significados
7	tradução pragmática

Quadro 3.3: Etapas de descrição de uma oração

Já se fez alusão de que em *nyungwe* o maior número de construções de significados se desenrolavam ao nível do morfema. Acresce-se agora que o nível do grupo/sintagma parece ser pouco dinâmico em termos de produção de significados, sendo poucas vezes activado para esse efeito. Os significados jogam-se assim ou ao nível do morfema (já mencionado), ou da palavra, ou da oração.

Como ponto de partida para a descrição de uma língua, a teoria sistémico-funcional põe em primeiro plano o sistema (relações paradigmáticas) acima da estrutura (relações sintagmáticas). Mas como as estruturas são um meio de realização das escolhas, de realização dos fraseados, o linguista tem de estar atento a estas duas realidades que se interpenetram e se tocam. Afinal, sistema e estrutura formam um *continuum* do mesmo fenómeno linguístico. Ou seja, o fenómeno linguístico deve ser analisado sob dois eixos: (i) o eixo sistémico ou paradigmático e (ii) o eixo estrutural ou sintagmático. E, uma vez mais, é no primeiro eixo onde as línguas mais convergem, para divergirem no segundo. Ou seja, os sistemas (Modo Oracional, Transitividade, Tema, etc.) até podem ser comuns, mas a maneira como esses sistemas são realizados ou organizados ao longo do eixo estrutural geralmente não é a mesma.

³²*Funções interpessoais

3.5 CONCEITOS OPERATÓRIOS PARA A PRESENTE DESCRIÇÃO

Este subcapítulo visa dar conta dos conceitos operatórios específicos para a descrição do *nyungwe* que se revelam ser relevantes no quadro de uma descrição sistémico-funcional da língua como a que aqui se realiza.

O *nyungwe* é uma língua que faz grande uso de combinação de morfemas livres (lexicais) e sobretudo presos³³ (gramaticais) na sua estrutura/ organização gramatical. Como veremos adiante, através da adição e da alteração de morfemas, esta língua consegue não só flexionar palavras como fundamentalmente construir palavras ou orações, empresa que em outras línguas como o português se consegue à custa de perífrases e de uma engenhosa sintaxe. Alguns dos aspectos fundamentais da gramática *nyungwe* tais como a aglutinação, a reduplicação, a complexificação verbal, a posposição de atributos, possessivos, etc., implicam um grande envolvimento de morfemas.

A aglutinação manifesta-se de diversas formas e feitios, *mwen'dabva* (*mwene+ndidabva*, 'como se costuma dizer'), *sabwanyi* (*sabwa+la+ciyani*, 'porquê'), *indedi* (*inde+cadidi*, 'certamente'). Como possíveis exemplos de reduplicação destaco: *macibesebese*, 'de manhãzinha', *kudzodzodeka*, 'dizer coisas sem sentido', *kale kale*, 'antigamente', *kwene kwene*, 'muito', e *bo bo bo*, 'luvas'. A complexificação verbal resulta no facto de que uma só forma verbal, porque prenhe de morfemas estruturais e estruturantes, requer mais do que uma palavra para a traduzir para português, *ndipasenimboni* (*ndi-pas-e-nimbo-ni*, 'dê(em)-me também, por favor'), *mungandicitenyi* (*mu-nga-ndi-cit-e-nyi*, 'que me podeis fazer'). Com a posposição passa-se como nestes exemplos: *gole lino* (ano este, 'este ano'), *gole libodzi* (ano um, 'um ano'), *babangu* (*baba+wangu*, pai meu, 'meu pai').

Na mesma sequência da reduplicação, surgem os ideofones, expressões, no dizer de Martins (1991: 120), com as quais se representa brevemente a maneira de ser, aparecer ou agir por meio de sons, movimentos, cores, etc.. Como exemplos de ideofones temos: *go go go* (*kugogoda nsuwo*), 'bater a porta', *khotso khotso* (*kukhotsomola*), 'tossir', *mweee* (*kumwetuka*), sorrir. Ngunga (2004: 198) diz que os ideofones são palavras cujo grau de expressividade supera qualquer palavra de qualquer outra categoria gramatical. Não raras vezes, os ideofones confundem-se com as onomatopeias, mas em abono da verdade, ao

³³ Ngunga (2004: 99-100; 103) define o morfema como sendo a menor unidade da língua portadora de sentido (lexical ou gramatical), na hierarquia da palavra. Há morfemas de vários tipos: radicais, prefixos, infixos, sufixos, suprafijos e reduplicativos, dependendo da sua função e da sua localização. Podem aparecer na sua forma livre ou presa. O morfema preso (ou afixo) usa-se para marcar tempo, aspecto, voz, sujeito, objecto, número, classe, etc.

contrário dos ideofones, aquelas apenas se limitam a reproduzir certos sons ou outros ruídos (Ngunga, 2004: 196).

De facto, aquilo que mais atenção chama aos estudiosos das línguas *bantu* reside precisamente na forma sistemática como os morfemas são organizados ou combinados para a formação da oração e das suas funções. Em última instância, o morfema parece ser aquilo que faz mover o *nyungwe* enquanto sistema semiótico complexo.

Tendo em conta que o verbo flexionado é de todas as palavras aquele que mais variação sofre em *nyungwe*, ele foi tomado como paradigma ilustrativo desse fenómeno. Assim, por exemplo, a forma verbal flexionada *adafumula*, ‘difamou’, possui a estrutura: *a-da-fumul-a*. O primeiro morfema *a-* corresponde à marca de Sujeito, é um morfema co-referente do Sujeito ligado ao verbo que, regra geral, ocupa a posição inicial e é obrigatório. A sua função é representar e realizar a concordância com o Sujeito (realizado ou não) da oração; o *-a* final é a marca do modo indicativo. Quando é conjuntivo, a vogal final é *-e*. No meio, aparecem a marca de Tempo *-da-*. Recorde-se que, nesta língua, a relação Tempo e Aspecto pode ser caracterizada como sendo de três dimensões: (i) Tempo confundir-se com o Aspecto (T=A), Tempo substituir-se pelo Aspecto (T/A) ou então ocorrerem em simultâneo (TA). O Radical verbal *-fumul-* é esta parte invariável do verbo que tem conteúdo lexical. Para mais pormenores, *vd.* Ngunga (2004: 156-171).

A estrutura acima traçada permite-nos identificar o tipo de morfema e a sua posição relativa na forma verbal. Detalhando um pouco mais sobre a posição, verifica-se que a posição³⁴ inicial é ocupada pela marca de Sujeito, o seu lugar predilecto. Mas também esta posição pode ser ocupada ou pelo Complemento-clítico *mu-* (*mufumule= mu-fumul-e*, ‘difama-o’) ou pelo morfema negativo *si-* (*sinimufumula=si-ni-mu-fumul-a*). A seguir à marca de Sujeito, aparece a marca de Tempo ou Aspecto. Depois, segue-se o Radical. Entre a marca de Tempo e o Radical, pode aparecer alternada ou simultaneamente o Complemento e o Adjunto-clíticos. No fim, figura em geral a marca do Modo (Indicativo ou Conjuntivo).

Com base no exposto acima, teremos que estes morfemas verbais que se aglutinam em torno do verbo (núcleo) obedecem a uma certa ordem interna. Segundo Ngunga (2004: 211), é esta ordem interna que permite depois aos constituintes oracionais possuírem relativa

³⁴ A posição tem valor significativo. A sua alteração, quando isso é aplicável, implica alteração do significado. Nesta conformidade, o mesmo morfema em posições diferentes resulta em significados diferentes, fruto da diferença de funções.

liberdade de movimento, ilustrado neste exemplo: *Bzwamala₁ bswire₂ bzza₃ ukhuzi₄*, ‘Acabou aquilo de vaidade’. *Bzza₃ ukhuzi₄ bswire₂ bzwamala₁, Bzwamala₁ bzza₃ ukhuzi₄ bswire₂*.

Dada a oração imperativa *Ndipasenimboni madzi yakumwa*, ‘Dê(em)-me água para beber, por favor’, adaptada de Martins (1991: 74) e atendendo somente ao seu primeiro elemento, *Ndipasenimboni* (*Ndi-pas-e-ni-mbo-ni*), doravante Predicador, temos que compreende vários morfemas, tais como os de Complemento-clítico (*ndi-*), parte lexical do verbo (*-pas-*), de modo conjuntivo (*-e-*), plural (*-ni-*), de ênfase (*-mbo-*), de plural (*-ni-*), e representa já uma estrutura verbal algo desenvolvida. O verbo, aliás, é a palavra mais flexionável de todas. Basta reparar na quantidade e qualidade destes morfemas face aos da estrutura verbal anterior para chegar a esta conclusão. Cada um daqueles morfemas de *per se* ou concomitantemente com os outros actua(m) para que este pedido de bens-&-serviços seja o menos directivo possível para que possa ser bem sucedido. Estes morfemas são aquilo que constitui o motor e os padrões das estruturas da realização gramatical desta língua.

Como foi destacado no parágrafo anterior, a maior variação morfemática verifica-se ao nível do Predicador. Sublinhou-se também que o Predicador integrava vários morfemas que marcam diversas funções. Uma dessas funções respeita às marcas temporais, que podem reportar vários tempos verbais como: presente durativo *-ni-* (*a-ni-fumula*, ‘vai difamar’), passado recente/ de hoje *-a-* (*a-a-fumula*, ‘difamou’), passado remoto/ antes de hoje *-da-* (*a-da-fumula*, ‘difamou’), passado progressivo/durativo *-kha-* (*a-kha-fumula*, ‘difamava’), passado *-dza-* (*adzafumula*, ‘veio a difamar’), futuro distante *-ni-dza-* (*anidzafumula*, ‘há-de (vir a) difamar’).

Ao par dos morfemas de tempo, existem também os de aspecto que estruturalmente se podem assemelhar com aqueles. No entanto, a sua semântica ajuda a desambiguar já que aponta para valores aspectuais como habitual, costumeiro, continuidade, iteratividade *-mba-* (*ambafumula*, ‘costuma difamar’), condicional, continuidade, movimento, futuridade, permanência *-ka-* (*akafumula*, ‘quando difamar’), hipotético, potencial *-nga-* (*angafumula*, ‘se difamar’), só para citar estes.

Pode-se distinguir ainda um outro subconjunto rotulado por extensões verbais que tomam diferentes designações consoante as funções que exercem: applicativa/benefativa, relação *-er-/ir-* (*kufumulira*, ‘difamar por alguém, indica uma relação (ligação) com algo /alguém’); causativa, intensiva *-es-/is-* (*kufumulisa*, ‘difamar demasiado’); associativa, recíproca *-an-* (*kufumulana*, ‘difamarem-se’). Aqui também se podem incluir os morfemas da passiva *-edw-/ew-* (*abedwa/abewa*, ‘foi roubado’) ou *-idw-/iw-* (*afumulidwa/afumuliwa*, ‘foi difamado’) e pseudo-passiva e estativa *-ek-/ik-*, (*kufumulika*, ‘passível de ser difamado’).

Ao contrário do que acontece em outras línguas *bantu* em que a marca de tempo não tem posição fixa na estrutura da forma verbal (Ngunga, 2004: 164), em *nyungwe*, o marcador temporal (e aspectual) tem uma posição fixa – fica entre a marca de Sujeito e o Radical verbal.

Um outro conjunto passível de ser criado é o formado por aquilo que se pode designar por partículas negociadoras com diferentes significados, preferencialmente situadas em pós-nominal ou em final de palavra, embora também possam ocorrer no início, tendo em comum um forte valor interpessoal. As partículas negociadoras notam-se com bastante recorrência em propostas, onde normalmente as negociações têm de ser conduzidas com cuidado e cooperação para que resultem bem sucedidas. É o caso de *Ndi-pas-e-ni-mbo-ni*, ‘Por favor, dê(em)-me’, em que os dois últimos morfemas, *-mbo-ni*, que grosso modo se equiparam a ‘por favor’, mais não fazem a não ser negociar muito cordatamente a transacção de bens-&-serviços.

Digamos que partículas como *-mbo* (*fumulambo*, ‘difama também’), *-di*, (*afumuladi*, ‘difamou mesmo’), *-tu* (*afumulatu*, ‘difamou em grande medida’); *-letu* (*adafumulaletu*, ‘difamou a valer’); *ka-/tu-*, (*kafumulidwa*, ‘a criaturazinha foi difamada’); *ci-/bzwi-* (*bzwinfumula*, ‘(os velhacos) vão difamar’) têm um forte pendor negocial em contextos de propostas.

As pós-nominalizações ou pós-posições de numerais, demonstrativos, possessivos são um outro conceito operatório recorrente em *nyungwe*. Alguns exemplos ilustradores disso: *trêsjuuyuyu* (*três-uyu-uyu*), ‘de facto, este três’, *tsokalo* (*tsoka-ilo*), ‘esse azar’, *ntsiku zinango*, ‘noutros dias’, *ntenepoyolini* (*ntenepo-iyo-lini*), ‘não é assim’, *kumbuyoko* (*kumbuyo-uko*), ‘aí nas costas’.

A marcação da Polaridade negativa em *nyungwe* é outra das suas marcas distintivas. Ela resulta de duas formas morfemáticas: (i) *si-* (prefixado) e (ii) com *-lini* (sufixado). A primeira forma é menos produtiva, arcaizada (Ker, 2011) (geralmente usada na literatura escrita), podendo ocorrer presa ou livre – *sinkufumula/ si nkufumula*, ‘não é difamar’. A segunda é forma corrente e ocorre sempre presa, evitando-se que se confunda com o advérbio de tempo *lini*, ‘quando’ – *nkufumulalini*, ‘não é difamar’. Uma ocorrência do tipo *sindikufumulalini*, ‘não estou a difamar, não’, é possível mas seria interpretada como sendo dupla negação para efeitos de ênfase.

Outros elementos morfemáticos que devem ser tidos em consideração nesta descrição são as chamadas cópulas verbais. Elas resultam de verbos copulativos ou defectivos como *ni*, ‘ser, estar, haver, ir’, que aglutinadas (ou não) ao nome, verbo ou outra classe de palavras,

formam uma unidade semântica como *nkufumulalini* (*n'kufumulalini* ou *ni kufumulalini*), 'não é difamar'.

É frequente as cópulas verbais confundirem-se com os verbos auxiliares que também ocorrem nos mesmos contextos (mesma forma e mesmo lugar na organização interna da palavra). Atente-se ao exemplo *ninkufumulalini* (*ndi-ni-kufumula-lini*), 'não te vou difamar', onde o verbo auxiliar e o verbo copulativo têm a mesma forma *-ni-*.

Em jeito de conclusão, pode-se afirmar que a maior parte (senão a totalidade) da gramaticalização em *nyungwe* é feita por meio de morfemas. Estes podem-se subdividir essencialmente em três categorias: (i) os que servem para marcar as classes de palavras, (ii) os chamados morfemas temporais/ aspectuais e (iii) as extensões verbais ou morfemas derivacionais.

Os morfemas interpessoalmente relevantes são de tempo, aspecto, modalidade, polaridade, de concordância.

Uma das principais características dos morfemas é a sua possibilidade de se combinarem uns com os outros para construir significados complexos. Esta característica pode ser a pedra angular da gramática *nyungwe*, tendo em conta que muitas vezes encontramos orações resultantes destes processos realizados apenas por um único constituinte, *mungandicitenyi*, 'que me podeis fazer', para pegar num exemplo já utilizado acima.

CAPÍTULO 4 - A GRAMÁTICA DA INTERPESSOALIDADE

- 4.1. A TROCA OU NEGOCIAÇÃO: ASPECTOS GERAIS
- 4.2. DAR E PEDIR INFORMAÇÃO E BENS-&-SERVIÇOS
- 4.3. A ESTRUTURA INTERPESSOAL DA ORAÇÃO
- 4.4. A ESTRUTURA INTERPESSOAL DA ORAÇÃO *NYUNGWE*
- 4.5. FUNÇÕES BÁSICAS DO *NYUNGWE* OPERATÓRIAS PARA A PRESENTE
DESCRIÇÃO

4.1 A TROCA OU NEGOCIAÇÃO: ASPECTOS GERAIS

Sem dúvida nenhuma que um dos objectivos principais da comunicação humana é a interacção com outras pessoas, estabelecendo e mantendo relações sociais apropriadas com elas. Uma interacção é naturalmente dialógica, uma negociação, uma relação biunívoca, lembrando um vector de dois sentidos, um para lá e outro para cá, criando um fluxo e refluxo permanente de informações e/ou bens & serviços. É isto que se entende por interacção, uma troca em que dar implica receber e pedir implica dar em resposta.

Além do mais, nós interagimos uns com os outros com o objectivo de trocarmos significados. Nesta troca, os propósitos são ilimitados, ordenar, desculpar-se, confirmar, convidar, rejeitar, avaliar, descrever, etc. Mas em qualquer troca ou negociação os propósitos mais importantes são dar (e receber) ou pedir (e ser dado) informação ou bens-&-serviços de qualquer tipo (Thompson, 2004: 46). Se a troca envolver informação, a língua é o meio e o fim dessa troca; se envolver bens-&-serviços, a língua é o meio mas não o fim, que, por regra, é uma acção não-verbal. Ou seja, as duas trocas distinguem-se entre troca verbal e troca não-verbal.

Estes quatro elementos combinados, dar ou pedir, por um lado, e informação ou bens-&-serviços, por outro, resultam em quatro funções discursivas básicas existentes nas gramáticas das línguas naturais e que fazem parte do quotidiano das pessoas. Por estas funções discursivas – (i) dar informação, (ii) pedir informação, (iii) dar bens-&-serviços, (iv) pedir bens-&-serviços – se encontrarem em todas as línguas, entram naquele grupo restrito dos chamados universais linguísticos.

Geralmente, a informação é dada através de uma afirmação, enquanto que o pedido, através de uma pergunta; dar bens-&-serviços faz-se por meio de oferta, ao passo que pedi-los é com uma ordem. O que acima é dito resume a estrutura da gramática da negociação que se apresenta no Quadro 4.1.

o que é trocado → ↓ papel da troca	Bens-&-Serviços	Informação
Dar	Oferta	Afirmação
Pedir	Ordem	Pergunta

Quadro 4.1: Funções discursivas: dar e pedir informação ou bens-&-serviços. Adaptado de Gouveia (2009: 22)

Consoante a natureza daquilo que se troca, a oração realiza diferentes funções semânticas. Assim, a função semântica de uma oração é proposição, quando o que é trocado é informação; é proposta, quando se trocam bens-&-serviços.

Ora, estas funções discursivas de dar e pedir informação ou bens-&-serviços estão directamente relacionados com estruturas gramaticais particulares. Assim, a ordem é mais naturalmente expressa pela oração imperativa, a afirmação pela oração declarativa e a pergunta pela interrogativa. A oferta não está associada a nenhum tipo de oração específico. Isto porque a verbalização não joga um papel crucial na oferta. Na imperativa, a linguagem verbal também é passível de ser dispensada no que toca à resposta. Estas são também as três principais escolhas no sistema do Modo Oracional.

Quando se observa atentamente a gramática da negociação, verifica-se que há uma parte da oração que desempenha um papel crucial que a outra parte não desempenha na dinâmica da negociação. Num diálogo, os elementos preponderantes desse dinamismo são muito mais evidentes. Os elementos que se destacam são Sujeito e Finito. Juntos formam uma componente da oração que se chama Modo verbal (*Mood*, em inglês). O Modo verbal (a combinação de Sujeito e Finito), no inglês, tem um papel vital de levar por diante as funções interpessoais da oração como troca (Thompson, 2004: 49).

Com o Modo verbal destacado da parte restante da oração, ela fica dividida em duas partes, a primeira, o Modo verbal, aquela que leva a cabo o grosso do trabalho interactivo da oração e, a segunda, o resto da oração, que contém elementos com papel secundário. Esta parte da oração que não é o Modo verbal é o Resíduo (o remanescente), assunto que será desenvolvido mais adiante.

Como vimos atrás, do ponto de vista semântico, as orações ou são proposições ou são propostas. As proposições realizam o tipo de oração indicativa. Em inglês, a ordem dos elementos no Modo verbal – Sujeito, Finito – determina o tipo de oração indicativa: se a oração é declarativa, a ordem é Sujeito ^ Finito; se a ordem é Finito ^ Sujeito, automaticamente deixa de ser declarativa e passa a interrogativa.

Em *nyungwe*, a ordem, quer seja destes quer seja de quaisquer outros elementos, não é determinante de coisa nenhuma. Desde logo, um elemento com função de Finito tal como no inglês não existe nesta língua. A distinção entre oração declarativa e interrogativa faz-se por meio do tom baixo e alto, respectivamente. Em termos estruturais, o que é registado gramaticalmente na troca, além do Sujeito, realizado ou não na forma de grupo nominal (nome, pronome, oração encaixada), são três morfemas, o primeiro, concorda em pessoa, número, classe com o Sujeito, por isso, na literatura *bantu* se designar Marcador de Sujeito,

Concordância do Sujeito ou Co-referente; o segundo, tem função temporal, marcando tempo primário, tempo secundário, aspecto e, o terceiro morfema, que ocorre no fim, marca a modalidade do real ou do irreal. Já o imperativo, quando este seja exclusivo, além do tom, caracteriza-se ainda pela ausência da marca temporal, da marca do Sujeito.

Retomando o Modo verbal, e pegando nos seus elementos constitutivos, Sujeito e Finito, há que os definir em termos interpessoais para que se saiba o que significa cada um deles. Na verdade, o Sujeito é a entidade a que o falante atribui responsabilidade pela validade da proposição enunciada pela oração; é sobre ele que se apoia a validade da oração. Neste sentido, a oração debruça-se sobre o Sujeito. Ora, o Finito ancora e baliza a oração no aqui-e-agora e revela a atitude do falante, fazendo com que seja possível argumentar (aceitar, rejeitar, questionar, qualificar) acerca da validade da proposição ou proposta; indica o tipo e o grau de validade do que é dito. Quanto ao lugar que ocupa na oração, é o primeiro elemento funcional do grupo verbal; pode aparecer fundido com o verbo lexical, nos casos em que é usado no tempo presente como no passado simples (de facto, os dois casos mais frequentes em inglês). No entanto, não se deve descurar a existência de dois elementos funcionais, o verbo lexical em si mesmo e o tempo primário nele envolvido (Finito); mas também aparece separado, quando assume a forma de verbo auxiliar. Há testes para comprovar a existência da função Finito amalgamado no verbo lexical, nomeadamente, transformando a oração numa pergunta, ou introduzindo a polaridade negativa, ou ainda usando a forma enfática.

Tanto o Sujeito como o Finito podem ser identificados pela pergunta *tag* que não faz mais senão recuperar a parte inicial da oração onde se encontra o Finito e o Sujeito e situá-los no fim. Além disso, o Finito em inglês pode ser reconhecido porque é realizado apenas por um número restrito de verbos, como afirma Thompson (2004: 51):

(...) the Finite is drawn from a small number of verbal **operators**. These can be divided into two main groups: those that express **tense** ('be', 'have' and 'do', plus 'be' as the marker of passive voice) and those that express **modality** ('can', 'may', 'could', 'might', 'must', 'will', 'would', 'shall', 'should', 'ought to'). (...) There are some less central operators, for example 'used to' for tense and 'have to' and 'needed to'; () 'dare' (...). If present, the negative marker 'n't' is included as part of the Finite (...).

Enquanto em inglês a negociação se processa através do Sujeito e do Finito, em *nyungwe*, ela é realizada pelo Sujeito e por elementos interpessoais (marcadores de Sujeito, Tempo, modo) espalhados ao longo de todo o Predicador (grupo verbal). Portanto, o Modo verbal *nyungwe* será constituído pelo (Sujeito e pelo) Predicador. No Quadro 4.2, pode-se ver um extracto de uma lengalenga *nyungwe* que remete para as perguntas insistentes das crianças

por tudo e por nada e que não poucas vezes deixam os adultos impacientes. Pode-se verificar a repetição do Predicador (elidido) a partir da terceira linha da coluna da esquerda.

nyungwe	português (tradução)
C(riança) – <i>Wadyanyi?</i>	C – Que comeste?
A(dulto) – <i>Ndadya titi.</i>	A – Comi <i>titi.</i>
C– (<i>wadya</i>) <i>Titinyi?</i>	C – (comeste) Que <i>titi?</i>
A – (<i>ndadya</i>) <i>Titiwombo.</i>	A – (comi) <i>Titiwombo.</i>
C – (<i>wadya</i>) <i>Wombonyi?</i>	C – (comeste) Que <i>wombo?</i>
A – (<i>ndadya</i>) <i>Wombokadzi.</i>	A – (comi) <i>Wombokadzi.</i>
(...)	(...)

Quadro 4.2: Modo verbal em *nyungwe*

Portanto, o Modo verbal *nyungwe* é formado pelo Sujeito e pelo Predicador, definido como o grupo verbal sem o Finito. O Predicador *nyungwe* pode ser repartido em duas partes, uma que contém os elementos interpessoais obrigatórios e outra que contém elementos experienciais (referenciais), onde se incluem o radical do verbo, obrigatório, e outros elementos opcionais. Esta divisão em duas partes parece justificar-se já que existem dois tipos de significados em competição, interpessoais e experienciais, veiculados por elementos (morfemas) que concorrem para o significado total do Predicador. Os significados textuais foram desprezados por serem subsidiários daqueles. Possivelmente, aqui, podem estar as diferenças entre o Modo verbal *nyungwe* e os modos verbais do inglês (*vd* § anterior) assim como do português que é constituído pelo Sujeito e pelo Predicador, mas com características diferentes das do *nyungwe*.

Tomando o inglês como modelo, temos que, quando o Predicador é um grupo verbal com mais do que um verbo, o primeiro é verbo auxiliar, esvaziado do seu conteúdo lexical, toma as marcas de finitude, aspecto, delimitando a oração em termos de tempo, número e pessoa, e o(s) restante(s) é(são) verbo(s) que emana(m) conteúdo lexical. O mesmo fenómeno acontece no português, como a passagem de Gouveia (2010: 11, 12) indica:

(...) where we have a compound verb being used, we do have the first verb in the verbal group carrying the marks of finiteness, that is, it is this verb that is limiting the clause in terms of tense, number and person, whereas the second verb shows no finiteness. These are common cases in Portuguese. In fact, the existence in Portuguese of a large number of verbs that can be used as auxiliars in compound verbal structures allows for a growing number of periphrastic constructions with aspectual, temporal or modal meaning.

A temporalidade em *nyungwe* é marcada sobretudo por morfemas, havendo morfemas específicos para formas variadas de tempo, aspecto e modo que juntos perfazem a

temporalidade, assim entendida como unidade maior da marcação temporal. Quer isto dizer que em *nyungwe* a temporalidade funciona ao nível do morfema e não ao nível do grupo verbal como em português ou ao nível da oração no caso do inglês (vd. Gouveia, 2010: 12). O grupo verbal *nyungwe* é um elemento aglutinador de morfemas diversos onde se encontram elementos experienciais como a raiz do verbo (seu núcleo) e morfemas complementares e circunstanciais, podendo ser agrupados em interpessoais e experienciais.

Além do Modo verbal a que já se fez alusão, a oração possui ainda o Resíduo, aquela parte da oração que fica de fora quando se determina o Modo verbal. O Resíduo conjugado com o Modo verbal contribui para a caracterização do Modo Oracional. Portanto, Modo verbal e Resíduo configuram o Modo Oracional. No Resíduo inglês, há três tipos de elementos funcionais, Predicador (obrigatório), um ou dois elementos com a função de Complemento (opcionais) e um ou mais elementos com a função de Adjunto (opcionais).

O Predicador em inglês é expresso pelo grupo verbal com exceção do Finito; em português, é expresso pela totalidade do grupo verbal; em *nyungwe*, o Predicador também é expresso pelo grupo verbal. Saliente-se, no entanto, que o Predicador *nyungwe* é um formigueiro de morfemas, uma pedra de toque da oração. Em termos temporais, marca tempos primário e secundário, marca Aspecto, Modo, Voz; carrega as características da finitude da oração; desempenha ainda funções de concordância de pessoa, número e classe com o Sujeito e as funções experienciais. Desta feita, pode-se inferir que a negociação é levada a cabo pelo Predicador que carrega todos os elementos que sustentam a oração no seu todo e, portanto, negociável, argumentável, i. e., passível de ser refutado, confirmado, aceite. Ou seja, parece que toda a informação relevante está (com)centrada no Predicador. Os elementos interpessoais (vd acima) fazem parte do Modo verbal; ao contrário do inglês que apenas possui dois elementos (vd atrás), o *nyungwe* tem mais do que dois, indo até a um máximo de nove. Um outro elemento do Resíduo é o Complemento, que é realizado tipicamente por um grupo nominal que até poderia ter sido escolhido como Sujeito mas não foi. E o último é o Adjunto, constituído por um grupo adverbial ou um sintagma preposicional. Tem funções várias conforme seja de tipo circunstancial (quando, onde, como, porque – experiencial), conjuntivo (unir as partes – textual), ou modal (comentário – interpessoal). Destacam-se duas características típicas dos adjuntos, a sua capacidade de possuírem uma grande mobilidade na oração e a de poderem co-ocorrer até a um elevado número. Mas não têm capacidade de funcionarem como Sujeito.

Na análise do Modo verbal-Resíduo inglês, o Adjunto modal e o Adjunto de comentário são incluídos no Modo verbal (Thompson, 2004: 65). O Modo verbal também

serve para marcar Polaridade. A Polaridade enquadra-se na assunção de que, uma informação, seja ela qual for, pode ser positiva ou negativamente validada. A marcação da polaridade negativa (uma vez que a polaridade positiva não tem marca nenhuma) varia consoante a língua em apreço. Mas, em geral, é marcada por um elemento adicional, identificável, a que se associa uma estrutura gramatical específica. Esse elemento negativo aloja-se no Modo verbal, mas também se pode encontrar fora dele (Thompson, 2004: 69). A polaridade negativa também pode ser expressa através de adjuntos modais (*never* ou *hardly*, em inglês). Nestes casos, o Finito é positivo. Em *nyungwe*, uma estrutura paralela a esta é conseguida à custa dos chamados verbos negativos.

A Modalidade começa por ser definida como um espaço entre o ‘sim’ e o ‘não’ (Thompson, 2004: 66). Deste ponto de vista, ela tem relação de proximidade com os verbos modais. Daqui decorre que a Modalidade esteja incluída na estrutura do Modo verbal em inglês. O tipo de Modalidade depende do tipo de bens trocados. Se forem informações, a Modalidade refere-se a quão defensável é a informação que é apresentada em termos de probabilidade (possível, provável, certo) ou habitualidade (às vezes, muitas vezes, sempre); se forem bens & serviços, a Modalidade diz respeito à fiabilidade do falante em relação ao eventual sucesso da troca. Nos casos de ordens, a Modalidade avalia o grau de obrigatoriedade da outra pessoa cumprir a ordem (admissível, recomendável, obrigatório), enquanto na oferta tem a ver com o grau de predisposição ou inclinação do falante em satisfazer o pedido (habilidade, predisposição, determinação).

Com base nestas últimas linhas, parece poder dizer-se que a Modalidade reflecte a atitude do falante no momento da fala. Para terminar, resta referir que há dois tipos básicos de Modalidade, Modalização (de informação) e Modulação (da ordem). Recapitulando, cite-se Gouveia (2009: 22-23, nota 20) que sobre o sistema da Modalidade, matéria complexa, diga-se, refere o seguinte:

A Modalidade é a tradução do julgamento/opinião das probabilidades, ou das obrigações, que envolvem o que se está a dizer. Por exemplo, uma proposição (afirmação ou pergunta) pode ser refutável, por ser apresentada como possível ou impossível, desejável ou indesejável, i. e., por ter a sua relevância específica em termos modais.

A explanação prossegue com a tipificação e caracterização da Modalidade (*idem*, 23):

Existem 4 tipos de Modalidade: probabilidade, habitualidade, obrigação e inclinação. A probabilidade e a habitualidade (frequência) estão associadas à troca de proposições e agrupam-se sob a designação de modalização; a obrigação

e a inclinação estão associadas à troca de propostas (ofertas e ordens) e agrupam-se sob a designação de modulação.

Como nota final, é importante cimentar a ideia de que o Predicador em *nyungwe*, mesmo quando é apenas um grupo verbal simples (um só verbo), tem que ser olhado (quase) sempre como uma unidade linguística complexa com uma estrutura interna formada por constituintes ou morfemas que desempenham funções de natureza interpessoal ou experiencial. Se o grupo verbal é complexo (mais do que um verbo), então aí há mesmo que partir para a análise interna das estruturas do complexo para distinguir as diferentes funções de cada um dos seus elementos. Assim, tal como em português (*vd.* Gouveia, 2010: 13), é o primeiro elemento do verbo complexo que carrega as marcas de tempo, modalidade, polaridade negativa (raro em *nyungwe*), etc.; os outros elementos verbais reservam-se para as funções experienciais. O Predicador *nyungwe* termina ou em vogal *-a*, em orações independentes ou em *-e*, em certas orações independentes e dependentes. Isto reflecte a forma como o falante encara a oração como real ou irreal.

Para concluir diga-se que uma das diferenças fundamentais entre o inglês e o *nyungwe* é o facto de, em inglês, Tempo (primário), Polaridade e Modalidade serem expressos pelo Finito (*ibidem*) enquanto em *nyungwe* são expressos pelo Predicador.

4.2. DAR E PEDIR INFORMAÇÃO E BENS-&-SERVIÇOS

Sempre que se usa a língua, estabelece-se uma relação com o outro. Nessa interacção, pode-se estar a dar ou a pedir. Dá-se ou pede-se informação ou bens-&-serviços. O cruzamento destas quatro dimensões – dar, pedir, informação, bens-&-serviços – torna o diálogo operacional e resulta nas quatro funções discursivas – afirmação, pergunta, ordem e oferta. Excepto a oferta, estas funções são realizadas tipicamente por estruturas gramaticais como declarativa, interrogativa e imperativa, respectivamente (Eggins, 2004: 144-7).

Como vimos no ponto anterior, no seu aspecto de oração como troca, a oração é organizada como um evento interactivo, envolvendo dois tipos de intervenientes: um falante e um ouvinte. Os dois entram numa interacção verbal em que cada um assume um papel particular. Assim, o falante pode estar a dar ou pode estar a pedir informação, mas, também, em vez disso, pode estar a dar ou pode estar a pedir bens-&-serviços. Ao agir assim, o falante espera que o ouvinte coopere, sem o que, a troca não se concretiza. Portanto, falante e ouvinte complementam-se. Os dois precisam um do outro para comunicarem: o falante assume um

papel e responsabiliza o ouvinte a agir conformemente, até porque num diálogo os papéis falante/ouvinte invertem-se constantemente, a tal ponto que o falante passa a ouvinte e este passa a falante, e assim sucessivamente. Ao perguntar, o falante assume o papel de quem procura informação, o que requer que o ouvinte assumo o papel de provedor dessa informação solicitada. Portanto, a troca em si mesma resume-se em dar e receber mas não se esgota apenas nisto como veremos já de seguida.

Do exposto acima, decorre que os papéis discursivos fundamentais são, (i) dar e (ii) pedir. No nosso dia-a-dia, cada vez que falamos, ou damos ou pedimos algo a alguém. Ou damos e pedimos bens & serviços, ou damos e pedimos informações. Mas dar implica receber, bem como pedir implica dar. Ou seja, é a troca por excelência, troca por troca. Comunicar é isso mesmo: negociar, trocar. Tudo o que fazemos na comunicação é trocar, é negociar. Estamos num mundo de negociação e em permanente negociação.

Também daqui decorrente, temos que os produtos transaccionados são principalmente (i) bens & serviços e (ii) informações. Na troca de bens & serviços, o que é pretendido é um objecto ou uma acção. Aqui, a linguagem verbal aparece para ajudar, mas não é essencial, é dispensável. A pessoa que vai providenciar as coisas é parca em palavras, ou simplesmente pode não as proferir sequer. A linguagem dominante é não-verbal. Bem pelo contrário, na negociação de informação, a língua é crucial para o sucesso do evento e apenas a reacção verbal é espectacular, i.e., a língua é o fim e o meio da troca.

Cruzando os dois eixos em que assenta uma troca, por um lado, dar e pedir, com a natureza dos bens trocados, por outro, informação e bens & serviços, resultam quatro funções discursivas principais: oferta, ordem, afirmação e pergunta. Ao reagirem, as pessoas podem aceitar, cumprir, corroborar e responder (reacção esperada) ou rejeitar, recusar, contradizer e não responder (reacção não desejável). Fruto desta interrelação, podem surgir funções discursivas de gama variada, como indica Halliday (1985: 68-69):

These two variables, when taken together, define the four primary speech functions of OFFER, COMMAND, STATEMENT and QUESTION. These, in turn, are matched by a set of desired responses: accepting an offer, carrying out a command, acknowledging a statement and answering a question. (...) Of these, only the last is essentially a verbal response; the others can all be non-verbal. But typically in real-life situations all four responses are verbalized, with or without some accompanying non-verbal action.

Um olhar sobre os papéis dos dois intervenientes na negociação, falante e ouvinte, mostra que o ouvinte tem um leque enorme de opções ao seu dispor: pode recusar responder; pode responder logo ou protelar a resposta; e, se decidir responder logo, também aqui se

abrem possibilidades várias, sendo as mais comuns o sim, o nem sim nem não (*ni*), e o não. O falante, quanto muito, pode blindar a sua proposição ou proposta através de uma *tag*, procurando, desta forma, condicionar a resposta, induzindo o ouvinte a responder de acordo com os anseios do falante.

Conforme se fez menção em cima, na troca de bens & serviços, a linguagem é escassa e, como consequência, as escolhas abertas ao ouvinte são relativamente limitadas, cingindo-se a aceitar ou rejeitar a oferta, obedecer ou recusar a ordem, não obstante poder esquivar-se, o que só adia a escolha.

Prosseguindo acerca da troca ou negociação, Halliday (1985: 70) assevera que a troca de informação ou de bens-&-serviços tem implicações directas na função semântica da oração. Assim, quando a linguagem é usada para a troca de informação, a função semântica de uma oração é a de uma proposição. A proposição tem uma gramática cujos contornos são bem definidos. Daí que seja algo que pode ser questionável, algo que pode ser afirmado, negado, duvidado, contradito, insistido, aceite com reserva, qualificado, atenuado, lamentado, etc. Portanto, interpretando a proposição com as suas estruturas de afirmações e perguntas pode-se ter uma visão geral da oração como troca. Por sua vez, quando a linguagem é usada para a troca de bens-&-serviços, a função semântica de uma oração é a de uma proposta. Regra geral, as línguas não desenvolvem recursos específicos para realizar ofertas e ordens³⁵ porque, como foi salientado acima, a língua funciona apenas como um meio para atingir finalidades essencialmente não linguísticas.

Saliente-se que analisando as relações entre as categorias semânticas de afirmações, perguntas, ofertas e ordens, por um lado, e as categorias gramaticais do sistema do Modo Oracional, por outro lado, se verifica que para afirmações e perguntas há padrões claros de congruências³⁶ gramaticais: tipicamente, uma afirmação é realizada como declarativa e uma pergunta como interrogativa. Mas também há realizações alternativas, não congruentes; para ofertas e ordens, a imagem é difusa. Uma ordem é normalmente referida, em exemplos gramaticais, como imperativa, mas também pode ser uma interrogativa ou uma declarativa modulada; para oferta, definitivamente, não há uma categoria modal distinta, socorrendo-se o falante para o efeito de várias realizações possíveis (Halliday, 1994: 95). É de realçar que, como característica geral, as línguas revelam grande tendência para realizações congruentes

³⁵ Ofertas e ordens podem ser realizadas através de afirmações e perguntas que servem para uma grande gama de diferentes funções retóricas.

³⁶ Uma realização congruente é aquela que pode ser vista como típica e que é seleccionada na ausência de uma boa razão para que se escolha uma outra realização. Caracteriza-se por ser uma oração maior, na ordem básica, em termos de o que segue a o quê e de como cada elemento é realizado.

na troca de informação, o que não acontece tanto na troca de bens-&-serviços (Halliday 1984: 19-20).

Partindo da constatação de que a língua tem uma função interpessoal, Butt *et al.* (2000: 86) chegam à conclusão lógica de que ela também tem significados interpessoais, na medida em que nós usamos a língua para codificar as nossas interações.

4.3. A ESTRUTURA INTERPESSOAL DA ORAÇÃO

Na oração como troca ou negociação, há elementos que se destacam claramente na negociação e que permitem avançar o diálogo. Dependendo das línguas, destacam-se os seguintes elementos: no inglês, Sujeito e Finito; no francês, Sujeito, Finito e Predicador; no japonês e no vietnamita, Predicador e Negociador; no português (tal como no espanhol), Finito e Predicador (Teruya *et al.*, 2007: 912-13).

Até ver, o *nyungwe* parece pertencer ao grupo das línguas que possuem a composição Sujeito e Predicador como elementos cruciais na interação verbal.

Em cada língua, esse conjunto de elementos que fazem avançar o diálogo tem designações específicas: Modo verbal (inglês), Negociador (francês), etc.

A gramática da negociação tem como componente semântica a Metafunção interpessoal. Esta é a parte interpessoal da gramática da oração que lida com a interação entre falante e ouvinte e que dá ao falante os recursos necessários para interagir com o ouvinte, estabelecendo e mantendo uma troca contínua entre eles. A noção de troca é a base para interpretar a semântica interpessoal de funções discursivas (Caffarel, 2006: 120).

É ponto assente que a estrutura interpessoal da oração não é igual em todas as línguas naturais do mundo. Há uma variação mais ou menos significativa entre as línguas, neste particular. Em relação ao inglês, e como já referido, variadíssimas descrições atestam a existência de duas componentes principais da oração como troca, o Modo verbal e o Resíduo. Esta partição em dois blocos apoia-se no facto de que, à medida em que a negociação avança (bem notório em diálogos), nota-se que uma parte da estrutura, a primeira, é dinâmica, repetindo-se ou alterando-se ligeira e constantemente ao longo de toda a conversação; a outra parte não tem essa exuberância, servindo para complementar a primeira parte e, não raras vezes, esta segunda parte chega até a elidir-se. Daí o nome de Resíduo no sentido estrito de subsidiário.

As línguas também diferem quanto à estrutura interna das partes em que se divide uma oração como troca. Em inglês, o Modo verbal resulta da combinação do Sujeito com o Finito e os dois juntos são o motor da negociação. O Resíduo compõe-se de Predicador (obrigatório), complementos e adjuntos (ambos facultativos).

Numa perspectiva discursiva, o Modo Oracional é um recurso para negociar significados em diálogo. Nesta abordagem, considera-se como elementos interpessoalmente relevantes aqueles elementos que servem para negociar os significados interacionais. Esses elementos variam (podem variar) de língua para língua.

Considerando a oração como troca, Gouveia (2010: 13-14) assume que em português ela se divide em dois blocos, o Modo verbal e o Resíduo. Aquele composto por Sujeito e Predicador ou pelo Predicador sozinho³⁷, enquanto este último por Complemento(s) e Adjunto(s) circunstancial(is). A negociação é levada a cabo pelo Predicador, no sentido em que é ele que é ou repetido ou mudado à medida que a negociação avança. Este pode ser simples, dotado de um só verbo, ou complexo, caso de locuções verbais, expressões fixas, verbos compostos e construções perifrásticas (*idem*: 12); O Predicador em português, segundo o mesmo autor, realiza as funções de tempo primário/secundário, aspecto, modalidade, além de marcar pessoa e número, tornando-se numa função fundamental da oração como negociação que não deve ser visto como um elemento residual como acontece no inglês. Para melhor esclarecimento, cito o próprio autor, Gouveia (2010: 7 e 8), que recentra a questão em torno do Predicador, dando informações de que o Predicador é elemento de proa na negociação e que quando este muda, o que é negociado também muda.

The entire negotiation (...) is centred in the Predicator (...), in the sense that it is Predicator that is either repeated or changed as the exchange goes on, carrying with it the characteristics of clauses finiteness. (...) We can therefore say that during the entire Exchange in Portuguese it is the Predicator that is carrying the negotiation forward. With the change of tense a new exchange begins and with it a new negotiation is developed (with a new Finite in English and a new Predicator in Portuguese).

Por outro lado, Gouveia afirma que, em português, a negociação da polaridade é levada a cabo pelo Predicador sozinho ou pelo Predicador juntamente com o Sujeito. Também defende não haver função Finita, argumentando que a finitude não tem existência independente do Predicador, estando contida nele, portanto, fazendo parte dele (*idem*: 11 e 12).

³⁷ Português, tal como espanhol, chinês, vietnamita, tem a possibilidade de não possuir o Sujeito lexicalmente realizado, ou seja, pode ou não ser usado na oração (Gouveia, 2010: 10, 11).

Na análise do processo de negociação (dialogal) em francês, Caffarel (2004: 94) identifica Sujeito, Finito e Predicador como sendo as três funções interpessoais mais salientes no diálogo, ora realizando-se, ora repetindo-se ou elidindo-se. À parte da oração que compreende estas três funções deu o rótulo de Negociador. A progressão da troca em francês joga-se muitas vezes em torno do uso do Negociador. O total da estrutura modal do francês consiste em Negociador e Resíduo, este último compreende Complemento(s) e Adjunto(s) circunstanciais. Caffarel (*idem*: 95) conclui que três categorias de funções interpessoais podem ser identificadas na oração em francês: (i) a categoria Negociador que junta Sujeito, Finito, Predicador, complementos e alguns adjuntos circunstanciais de lugar ou modo em forma de clíticos³⁸, adjuntos modais e negativos; (ii) a categoria Resíduo onde entram Complemento(s) e/ou Adjunto(s) não-clítico(s), realizados por sintagmas nominais e preposicionais, respectivamente; e (iii) funções como *Mood interrogator* e outras que são periféricas tanto ao Negociador como ao Resíduo. Mas sublinha que, ao contrário do inglês, o Negociador e o Resíduo são os componentes mais cruciais para negociar a troca discursiva em francês e juntos formam, de acordo com Caffarel (2006: 126), a estrutura modal da oração em francês, no sentido em que são componentes de charneira nesta estrutura e são relevantes na interação, razão pela qual chamou-lhe de estrutura negocial (*Negotiator structure*).

A grande diferença entre francês e línguas similares a ele, por um lado, e inglês e línguas afins, por outro, pode estar precisamente aqui: naquela língua, quando Complemento e Adjunto são realizados por um clítico, fazem parte do Negociador. Os clíticos, quer realizem Polaridade, Complemento e/ou Adjunto, estão assim integrados no Negociador. Deste modo, o Negociador é um complexo que consiste em Sujeito, Finito, Predicador e os clíticos envolvidos na negociação. Tal não se passa assim em inglês; quando são realizados pelos grupos nominais e sintagmas preposicionais, respectivamente, são inclusos no Resíduo (Caffarel, 2006: 131). A outra diferença nota-se no que respeita a elipses. Em francês, a elipse ou é total ou é parcial. Se for total, Negociador e Resíduo somem, sobrando apenas elementos textuais; em caso da elipse ser parcial, acontece das duas, uma: ou todo o Negociador é elidido ou é elidido o todo ou a parte do Resíduo. Nestes casos, parte ou a totalidade do Resíduo chega a conduzir a negociação (*idem*, 132). Caffarel (2006: 136) deixa antever o que entende serem as diferenças entre o Negociador francês e o Modo verbal inglês, afirmando que a este, por si só, não pode ser atribuído uma estrutura experiencial. E, apoiando-se nas

³⁸ Os clíticos mais os elementos negociadores estão todos eles envolvidos na negociação (Caffarel, 2006: 131).

reflexões de Halliday e Hasan (1976, 1985) e Martin (1992), ela (p. 138), sumaria as diferenças acima invocadas:

One strong motivation for dividing the clause into the Negotiator and the Remainder was provided from a consideration of the behaviour of ellipsis, which is defined in relation to these two parts. Thus, ellipsis may either be of the entire Negotiator or Remainder or both, when simply a P-marker, e.g. *oui* or *non*, might occur. If there is an ellipsis of the Negotiator, all of its functional parts must be ellipsed. Thus, unlike English, a move cannot be expressed by a replay of just Subject and Finite.

Apesar de tudo, conclui Caffarel (2006: 164), a estrutura *Negotiator-Remainder* em francês é funcionalmente análoga à estrutura *Mood-Residue* do inglês, porquanto em ambas as línguas é o primeiro membro que joga o papel preponderante na negociação de uma troca. No entanto, Caffarel atribui um peso relativamente maior ao elemento Resíduo em francês do que aquele que lhe é atribuído em inglês. Por este mesmo motivo, não partilha da ideia de que o Resíduo seja um elemento de somenos importância na negociação, antes pelo contrário, ele integra, em certas ocasiões, a estrutura negocial. Ou seja, o Resíduo é parte estruturante da oração como troca. Os rótulos Negociador e Resíduo são semanticamente orientados. Eles sublinham o papel de cada um na oração como troca em que o primeiro se notabiliza por ser aquele que enforma o diálogo, ao passo que o segundo, não.

Caffarel (2004: 98) deixa outro sublinhado que se prende com a analogia funcional entre Negociador-Resíduo do francês e o Modo verbal-Resíduo do inglês. A diferença, desde logo, é denunciada pelos rótulos, Negociador (francês) vs Modo verbal (inglês), mas é sobretudo visível na sua composição (estrutura interna). Senão vejamos: o Negociador tem três elementos principais, Sujeito, Finito, Predicador (para mais pormenores *vd.* acima) e, o seu equivalente, o Modo verbal, basta-se apenas com Sujeito e Finito. O estatuto argumental da proposição, diz Caffarel, depende das funções de Sujeito, Finito e Predicador, enquanto em inglês isso é acomodado no Sujeito e Finito sozinhos. Além do Finito, a Polaridade e a Modalidade, recursos que tornam a oração argumentável, são também realizados no Negociador em francês. Portanto, os elementos interpessoais da oração que são cruciais tanto no processo de negociação como na realização das opções de modo são Sujeito, Finito e Predicador, que perfazem o elemento Negociador, isto, na oração indicativa, e Predicador (único elemento obrigatório) na oração imperativa.

Uma oração que consistisse apenas em Sujeito + Finito como acontece em inglês seria impossível em francês porque faltar-lhe-ia o Predicador, elemento essencial tanto no processo de negociação como na realização de opções modais. A entoação (meio prototípico da

prosódia³⁹) é também outro elemento fundamental que distingue a oração declarativa da interrogativa em francês. Tudo o que esteja fora deste escopo, ou seja, do Negociador, é chamado *Remainder*. Incluem-se, neste, todos os elementos opcionais ou não essenciais para a realização do modo, tais como Complementos, Adjuntos, clíticos adjuntos, clíticos negativos (Teruya *et al.*, 2007: 886-8).

A convocação da nova nomenclatura como Negociador e *Remainder* por parte de Caffarel enquadra-se na sua concepção teórica, que refuta mormente que um elemento tão activo no francês como Predicador acima descrito possa ser reduzido à mera categoria de Resíduo – elemento interpessoal que não joga nenhum papel interpessoal central e, assim, acabe sendo atirado para fora do centro da negociação.

Por sua vez, relativamente à oração como troca no japonês, Teruya (2004: 190, 191) atribui grande relevância ao Predicador por ser ele que realiza vários significados (funções) interpessoais dentro do mais geral sistema interpessoal, o Modo Oracional. Quanto à estrutura, o Predicador pode ser constituído por um grupo verbal, adjectival ou nominal e coloca-se no fim da oração. É o Predicador, mais precisamente, uma partícula ou morfema, que distingue os diferentes tipos de oração como a oposição entre declarativa e imperativa, por exemplo. Mas também dentro de si incorpora outras potenciais funções dos sistemas interpessoais maiores como Polaridade, Modalidade e Delicadeza.

O Predicador pode ser morfologicamente muito complexo, contando com a presença de muitos morfemas que estendem o significado do Modo verbal, cada um contribuindo para realizar grosso modo padrões ou interpessoais ou experienciais. Assim sendo, o Predicador pode realizar vários significados interpessoais (e experienciais). Esses morfemas, diz Teruya (2004: 192), não são separados; actuam colectivamente (e não cada morfema por si só), cada um contribuindo como um constituinte a representar um significado interpessoal particular⁴⁰.

Predicador, Sujeito, Adjunto modal e Negociador formam o Modo verbal em japonês. O outro elemento relevante é o Negociador. Ele adiciona valor negocial ou atitudinal à oração como pergunta, insistência ou asserção, aumentando a potência interpessoal do Predicador. A presença do Negociador é geralmente opcional; aparece no final da oração, depois do Predicador, e serve para reforçar o estatuto da função discursiva da oração já que permite ao falante indicar a sua atitude perante a proposição ou proposta.

³⁹ Engloba elementos fonológicos e gramaticais.

⁴⁰ A oração interpessoal *nyungwe* tem também um Predicador complexo, cheio de morfemas com funções interpessoais e experienciais. Mas, ao contrário do que acontece com o japonês, cada morfema contribui com o seu significado particular para o conjunto da significação geral da oração.

A importância interpessoal do Predicador vem ao de cima não somente na identificação dos tipos de oração (*vd.* § anterior) como ainda por incorporar outros sistemas interpessoais maiores como Polaridade e Modalidade. Tudo isto pode ser realizado simultaneamente, graças à complexidade morfológica das unidades gramaticais que servem de Predicador, em particular do grupo verbal. Essa complexidade morfológica advém da existência de muitos morfemas, não separados, realizando funções quer experienciais quer interpessoais. De preferência, o Predicador fica no final da oração onde vê aumentado o seu potencial.

Definitivamente, o Predicador em japonês convoca e concentra em si a maior parte das funções interpessoais da oração, podendo realizar vários tipos de interpessoalidade a partir dos sistemas do Modo Oracional, Polaridade, Negociação, Delicadeza, Honorificação. Outro tanto, o estatuto da função discursiva da oração é em geral realizado no Predicador, indicando o papel discursivo adoptado pelo falante e pelo ouvinte, simultaneamente. Esse papel discursivo sai reforçado, se a ele se lhe juntar uma outra função interpessoal, Negociação, que possibilita ao falante posicionar-se em termos da sua atitude face à proposta ou à proposição em curso. O final da oração é também apontado como tendo um considerável potencial interpessoal, que aumenta à medida que se aproxima do final da oração (Teruya, 2004: 197-99).

Além do Predicador, o Sujeito é também uma variável interpessoal significativa em japonês; é ele o fulcro do argumento e assume a responsabilidade modal pela validação da proposta ou da proposição. O Sujeito realiza função significativa na oração como troca e na sua relação com o Predicador, estabelece o significado de predicatividade. Isto porque o Predicador coloca o Sujeito na sua relação com vários significados interpessoais como Polaridade e Modalidade. Tanto o Sujeito como o Predicador têm o potencial de serem independentemente negociados, carregando ambas as linhas de temas semânticos para conduzir para diante uma mudança dinâmica. Equivale dizer que a combinação do Sujeito com o Predicador (*vd.* Teruya, 2004: 204) constrói um movimento dialogal. Manipulando estes dois elementos, o diálogo ganha dinamismo. Outrossim, em japonês, ambas terminações da estrutura prototípica da oração interpessoal é Sujeito ^ (Complement ^) Predicador (^ Negociador) têm importância para a organização dinâmica da interacção. A mais saliente característica da realização de significados interpessoais no japonês será possivelmente o facto de vários sistemas interpessoais serem agregados no final da oração (Teruya, 2004: 206-7).

Passando para a língua vietnamita, na sua abordagem da oração como troca, a fim de explorar a gramática interpessoal, merecem a particular atenção de Thai (2004: 410) as orações declarativas e interrogativas, que destacam dois elementos funcionais na troca: (i) um elemento envolvendo o grupo verbal e uma partícula que é lançada para trás e para frente, fazendo avançar os argumentos – elemento Negociador; e (ii) um elemento deixado de fora como o argumento em aberto – Resíduo. Ao primeiro elemento chamou-se-lhe Negociador e ao segundo, *Remainder*.

Estruturalmente, no vietnamita, o elemento Negociador consiste no Predicador sozinho ou no Predicador juntamente com o Negociador (pelas partículas interpessoais que normalmente estão situados no final da oração). O Predicador é realizado pelo grupo verbal. E só pode realizar a opção declarativa. Através da escolha dos elementos negociadores, os falantes indicam o seu papel discursivo e do bem a trocar. No vietnamita, tal como no japonês, também se verifica que o final da oração só por si joga um importante papel interpessoal. O *Remainder* consiste em três elementos funcionais: Sujeito, Complemento e Adjunto. A gramática interpessoal típica do vietnamita é constituída pelos elementos negociadores mais a estrutura Resíduo (Thai, 2004: 417, cf. Thai 1998). Portanto, no vietnamita, a oração na sua função interactiva necessita de dois elementos funcionais para a troca de argumentos avançar, um grupo verbal e um outro elemento mantido à parte da argumentação.

Os sistemas da negociação em diálogo são conhecidos por sistemas de modo. Explorando os sistemas dos modos oracionais do francês, do japonês, do vietnamita, do português e de outras línguas, constatou-se que estes sistemas são muito similares uns dos outros mais sistemicamente do que estruturalmente; são também mais similares em sistemas de menor pormenorização e mais variados em sistemas de maior pormenorização. Outra constatação é a de que, estruturalmente, os sistemas dos modos oracionais das diferentes línguas variam na forma como são realizados, mas há semelhanças entre eles, na medida em que há uma forte tendência para serem realizados prosodicamente. A estrutura interpessoal básica da oração numa dada língua pode ser estabelecida pela investigação das trocas em diálogo (Teruya *et al.*, 2007: 870-72).

No cômputo geral, quando se olha para o comportamento de algumas línguas face à forma como os falantes negociam e trocam os bens de que necessitam, verifica-se que os recursos usados na negociação dialogal diferem e organizam-se diferentemente entre as línguas. Em inglês, por exemplo, basta-lhe o Modo verbal (Sujeito e Finito) para que a negociação, o diálogo, tenha lugar. Para tanto, conta com unidades gramaticais capazes de

codificar responsabilidade modal, codificar Polaridade, Modalidade, Tempo, etc.; mas, outras línguas há que precisam de mais do que estes dois elementos, como é o caso do francês, que requer três elementos funcionais, Sujeito, Finito e Predicador, que compõem o Negociador, para activar uma negociação; apesar de haver línguas que funcionam com dois elementos como o fulcro da negociação, nelas esses elementos são de natureza diversa, que não o Sujeito e o Finito do inglês.

Abreviando, a estrutura negociadora básica do inglês é o Modo verbal (Sujeito e Finito); do francês é o Negociador (Sujeito, Finito e Predicador); a do japonês e do vietnamita é o Predicador + (Negociador) e a do português é Modo verbal e Resíduo. Por outro lado, verifica-se que o Predicador é tipicamente um lugar para a realização das opções dentro do Modo Oracional e outros sistemas interpessoais da oração, incluindo Polaridade, Modalidade, Evidencialidade e outros tipos de avaliatividade modal, Delicadeza, Honorificação, etc. Além disto, muitas línguas mostraram ter tendência para destacar um elemento da oração (qualquer que seja a oração) com um estatuto interpessoal especial, encarregue da responsabilidade para o sucesso da proposição ou proposta – o Sujeito (*vd. Teruya et al., 2007: 871-2*).

4.4. A ESTRUTURA INTERPESSOAL DA ORAÇÃO EM NYUNGWE

A forma como se processa o avanço numa troca discursiva em *nyungwe* é o que está na mira neste momento. Conforme já referido anteriormente, na perspectiva da metafunção interpessoal, todas as línguas naturais do mundo constroem diálogos para trocar significados, isto é, para dar e pedir informação (proposições) ou bens-&-serviços (propostas). Como metodologia preconizada pela própria GSF (Caffarel, 2006: 121), a apresentação da organização interpessoal da oração *nyungwe* parte de fenómenos assumidos como sendo similares em todas as línguas, tais como as categorias básicas das funções semânticas discursivas, nomeadamente os sistemas do Modo Oracional e o modo de expressão ou estrutura-tipo. Só depois segue a descrição particular que, tanto em termos de escolhas sistémicas como de realização estrutural, são específicas à oração *nyungwe* como interacção, respeitando as particularidades da língua. Para o efeito, interessa, pois, analisar os seguintes aspectos: (i) como a oração *nyungwe* é organizada estruturalmente como evento interactivo em textos dialogados, (ii) como as trocas são iniciadas e respondidas, (iii) que parte da oração é em geral retomada com ou sem modificação num diálogo, (iv) como proposições e propostas são realizadas na lexicogramática no seu grau básico de pormenorização, (v) quais

são as particularidades da estrutura do Modo Oracional do *nyungwe* e, finalmente, (vi) qual o padrão típico de fusões de elementos textuais e interpessoais.

Saliente-se que, apesar de o objectivo fixado neste ponto ser a estrutura interpessoal da oração em *nyungwe*, o ponto de partida é o sistema semântico das proposições e das propostas comum a todas as línguas naturais do mundo inteiro. Isto vem a propósito das reflexões de Caffarel (2006: 152) na passagem que se segue abaixo.

(...) we are more likely to find congruence across different languages by approaching their linguistic system from discourse semantics rather than in terms of syntagmatic structure.

Numa oração maior como troca, o *nyungwe* exhibe a estrutura Modo verbal-Resíduo. Destas duas partes da oração, constata-se que aquela que está muito envolvida no avanço da negociação é o Modo verbal. Este compreende o Predicador, o seu elemento decisivo, podendo ser acompanhado ou não de Sujeito ou outros elementos. O Predicador pode ou não possuir um coreferencial do Sujeito. A oração imperativa exclusiva não possui um co-referente de Sujeito. Note-se que, quando o Sujeito é lexicalmente realizado como um grupo nominal, o co-referente continua inserido no Predicador e a desempenhar as mesmas funções que desempenha como quando o Sujeito não está.

Pegando o exemplo da oração interrogativa *Anyungwe ali tolo komweko*, ‘Os *nyungwes* estão cheios lá’, com os contornos Sujeito ^ Predicador ^ Complemento ^ Adjunto, o seu Modo verbal é Sujeito ^ Predicador, podendo-se destacar o coreferencial do Sujeito *a-* fundido no Predicador *a-li*.

(4.4.1) *Anyungwe ali tolo komweko?* (SIL)

<i>Anyungwe</i>	<i>ali</i>	<i>tolo</i>	<i>komweko</i>
anyungwe	estão	cheio	lá
Sujeito	Pred.	Compl.	Adjunto
Modo verbal		Resíduo	

Os *nyungwes* estão cheios lá.

Ao que se depreende da oração declarativa *Ali tolo*, ‘Estão cheios’, de natureza Predicador ^ Complemento, parece que, devido ao verbo copulativo, o Modo verbal é Predicador ^ Complemento. Ao longo do diálogo, muitas vezes, o Sujeito é elido por razões contextuais e textuais, podendo, em casos de necessidade, ser facilmente recuperável. Por exemplo, o próprio Predicador, através de marcas de pessoa, número e classe, dá pistas suficientes que levam à recuperação do Sujeito em questão. Sendo a oração (2) resposta à

pergunta da oração (1), constata-se a elisão do Sujeito (*A-nyungwe*) bem como a manutenção do co-referente do Sujeito *a-* no Predicador.

(4.4.2) *Ali tolo.* (SIL)

<i>Ali</i>	<i>tolo</i>
estão	cheio
Pred.	Compl.
M. ver	

Estão cheios.

O exemplo abaixo que encerra a oração interrogativa *Mwabzwiwona, na*, ‘Estão a ver, não é’, estruturada em Complemento/Predicador ^ PI, mostra que o Modo verbal é Complemento/Predicador. O Complemento assim associado ao Predicador designa-se por Complemento-clítico. Este Predicador é um grupo verbal composto, onde convergem e se alojam diversos elementos funcionais, tais como morfemas⁴¹ de Complemento, de Adjunto, de Modalidade, de Polaridade, etc. onde podem estar fundidos mais do que uma função interpessoal. No caso em apreço, o destaque vai essencialmente para a marca de Complemento (*-bzwi-*) que modifica o Predicador, tornando-o em Complemento/Predicador, responsável pela negociação e andamento do diálogo. A oração apresenta também na posição final a partícula interpessoal (PI, sigla minha) *na*, um dos recursos da negociação.

(4.4.3) *Mwabzwiwona, na?* (SIL)

mu-	a	bzwi	on	a	na
		coisas	ver		
Complemento/Predicador					PI
Modo verbal					

Estão a ver, não é?

O Predicador *Mwabva*, ‘Ouviram’, tem potencial suficiente para funcionar só por si como uma oração completa, neste caso, oração interrogativa polar, que tem no grupo verbal o seu domínio de existência e de realização. Não há Modo verbal que não tenha explícita ou implicitamente Predicador. É esta parte da oração – o Modo verbal – que é mexida e remexida e que dá dinamismo ao diálogo.

(4.4.4) *Mwabva?* (SIL)

mu-	a	bv	a
		ouvir	

⁴¹ Aos morfemas aqui referidos, Caffarel (2006) designa-os por clíticos enquanto que outros autores preferem designá-los por partículas. Nesta dissertação, a preferência vai para o termo morfema tal como normalmente vem tratado na literatura *bantu* especializada.

Predicador
Modo verbal

Ouviram?

O Modo verbal Predicador ^ Sujeito da oração interrogativa polar *Wa, ndine wanu ine*, ‘Oh pá, sou vosso eu’, abaixo, realizada por Partícula Interpessoal ^ Predicador ^ Complemento ^ Sujeito, tem de peculiar o facto de possuir um Complemento intercalado como se mostra na grelha que se segue. O intercalamento do Complemento supõe-se que seja consequência directa da posição do Sujeito no final da oração. Esta posição do Sujeito assim como a sua entoação proeminente fazem dele um Sujeito marcado.

(4.4.5) *Wa, ndine wanu ine?* (SIL)

wa	ndine	wanu	ine
	sou	vosso	eu
PI	Pred.	Compl.	Suj.
	Mod.	Resíd.	verb.

Oh pá, sou vosso eu?

A oração declarativa *Ine ninfuna cinyungweco, basi*, ‘Eu quero esse *nyungwe* apenas’, baseada na estrutura Sujeito ^ Predicador ^ Complemento ^ Partícula Interpessoal, brinda-nos com o seguinte Modo verbal diferente – Sujeito ^ Predicador como se mostra em baixo.

(4.4.6) *Ine ninfuna cinyungweco, basi*. (SIL)

ine	ninfuna	cinyungwe	ico	basi
eu	quero	língua <i>nyungwe</i>	esse	basta
Suj.	Pred.	Complemento		PI.
Modo verbal		Resíduo		

Eu quero esse *nyungwe* apenas.

A oração declarativa *Ndinerini m’nyungwe ine*, ‘Não sou *nyungwe* eu’, de estrutura Predicador ^ Complemento ^ Sujeito, mostra um Modo verbal de tipo Predicador ^ Sujeito com um Complemento pelo meio. Embora qualquer ordem ou sequência dos constituintes seja possível em *nyungwe*, em termos interpessoais, o facto do Sujeito se situar no fim da oração é irrelevante.

Assim, por exemplo, o facto de o Sujeito estar no final, *Ndinerini m’nyungwe ine*, ‘Não sou *nyungwe* eu’, ou no início, *Ine ndinerini m’nyungwe*, ‘Eu não sou *nyungwe*’, não faz com que a oração declarativa deixe de o ser. Daqui resulta que a ordem Sujeito + Predicador não selecciona o Modo Oracional. Aquilo que verdadeiramente selecciona o Modo Oracional

é a prosódia com elevação de tom no final de sílaba nas interrogativas e abaixamento de tom no final de sílaba nas declarativas.

(4.4.7) *Ndinerini m'nyungwe ine.* (SIL)

ndine	lini	mu	nyungwe	ine
sou	não	nyungwe		eu
Predicador		Complemento		Suj.
Modo ver-		Resíduo		bal

Não sou *nyungwe*, eu.

Atente-se ao Modo verbal da oração interrogativa polar *ngwathu umweyo?*, ‘é nosso esse’, oração retirada do complexo oracional *Nkhumbati ngwathu umweyo?*, ‘Será que é nosso esse’. Verifica-se que o Complemento-clítico *wathu*, ‘nosso’, é elemento principal da oração que não deve ser relegado para o Resíduo mas faz parte do Modo verbal.

Este facto parece autorizar que se afirme que em *nyungwe*, quando o Complemento é clítico, ele pertence ao Modo verbal onde se encontra anexado.

(4.4.8) *Nkhumbati ngwathu umweyo?* (SIL)

ni	kumbati	ni	wathu	Omweyo
É	dizer	é	nosso	Esse
Predicador		Pred./Compl.		Sujeito
		Modo verbal		

Será que é nosso esse?

A oração interrogativa de *-ni Mbani acita terepayu*, ‘Quem é que fez assim’, dotada da estrutura Partícula Interpessoal/Sujeito ^ Predicador ^ Adjunto, cujo Modo verbal é Partícula Interpessoal/Sujeito ^ Predicador, tem o morfema interrogativo *-ni* precedido pela cópula verbal *ni-* que torna a oração numa interrogativa marcada ou enfática, *mbani*, ‘quem é que’, por oposição a *yani*, ‘quem’, não marcada.

Também aqui, a ordem dos elementos funcionais é irrelevante, abrindo desta feita a possibilidade de haver a inversão dos elementos funcionais.

(4.4.9) *Mbani acita terepayu?* (SIL)

ni	a	ni	acita	terepa	uyu
É	quem	fez	assim	este	
PI/Sujeito		Pred.	Adjunto		
Mod. Verbal			Resíduo		

Quem é que fez assim?

Esta oração interrogativa *-ni* que se segue *M'nyungwe nkulewanyi*, ‘Nyungwe que quer dizer’, com as características Sujeito ^ Predicador/Complemento, exhibe o Modo verbal coincidente com a oração. Aquele tem no seu seio o Complemento-clítico.

(4.4.10) *M'nyungwe nkulewanyi?* (SIL)

mu	nyungwe	ni	kulewa	a	Ni
	<i>nyungwe</i>	é	falar		Que
Sujeito		Predicador/Complemento			
Modo Verbal					

Nyungwe que quer dizer?

Da oração interrogativa *-ni Timbacemera ciyani?*, ‘Costumamos designar o quê’, regista-se o facto de o Modo verbal possuir apenas um elemento, o Predicador *Timbacemera*, ‘costumamos designar’. Como se tem vindo a falar, importa tornar claro que o que se afigura de capital importância na troca de significados em textos dialogados é o elemento Predicador, enquadrado na estrutura do Modo verbal.

(4.4.11) *Timbacemera ciyani?* (AKA)

tí	mba	cemera	Ciyani
costumamos		chamar	o quê
Predicador			Compl.
Modo verbal			Resíduo

Costumamos designar o quê?

Mais uma oração, desta vez, uma imperativa exclusiva, *Lekani mantha*, ‘Não tenham medo’, em que o Predicador *Lekani*, ‘Deixem’, preenche sozinho o Modo verbal. Este pode ser considerado um dos Modos verbais mais simples.

(4.4.12) *Lekani mantha.* (SIL)

leka	ni	mantha
deixem		medo
Predicador		Compl.
M. verbal		Res.

Não tenham medo.

Esta oração imperativa inclusiva *Mbatiyimbeni, ndipo*, ‘Cantemos, então’, também tem um Modo verbal formado pelo Predicador *Mbatiyimbeni*, ‘Cantemos’.

(4.4.13) *Mbatiyimbeni, ndipo.* (AKA)

mba	tí	imb	e	ni	Ndipo
		cantar			Então
Predicador					PI

Modo verbal	
-------------	--

Cantemos, então.

Em conclusão, poder-se-á afirmar que é certo e seguro que não há diferença de organização interpessoal entre a oração imperativa e as orações de tipo indicativo – declarativa e interrogativa; não há Modo verbal que não tenha explícita ou implicitamente Predicador estrutura que se alojam os elementos interpessoais (e não só) responsáveis pela dinâmica da oração como troca. É esta parte da oração – o Modo verbal – que é mexida e remexida e que dá dinamismo ao diálogo; que entre orações declarativas, interrogativas ou imperativas, há uma constante em todas elas: o Predicador. Enquanto o Sujeito, o Complemento ou o Adjunto nem sempre são obrigatórios, o Predicador é sempre.

4.5. FUNÇÕES BÁSICAS DO NYUNGWE OPERATÓRIAS PARA A PRESENTE DESCRIÇÃO

De acordo com Teruya *et al.* (2007: 870, 887), a estrutura interpessoal básica da oração de uma dada língua pode ser estabelecida investigando as trocas num diálogo. Nesta ordem de ideias, as orações indicativas (declarativas e interrogativas) são as mais indicadas para a determinação dos elementos essenciais de uma oração. Por outro lado, e regra geral, o início da interacção realiza-se com uma oração completa. Na resposta e no seguimento da interacção, abundam orações elípticas, dado que só se limitam a confirmar ou a infirmar a proposição ou a proposta da abertura do diálogo (*vd.* Teruya *et al.*, 2007: 912).

Línguas como o inglês, o francês, o japonês, o vietnamita, o português, o *oko*, o *nyungwe*, o espanhol, só para citar estas, podem ser interpretadas como se situando num *continuum* em que num pólo o padrão é baseado no Modo verbal e no outro o padrão é baseado no Predicador. O *nyungwe* parece situar-se neste último. Nesse sentido, o *nyungwe* aproxima-se ao português, tailandês, japonês, vietnamita, chinês e afasta-se do inglês.

Em conformidade com o princípio exposto no parágrafo anterior, em *nyungwe*, a negociação da Temporalidade, da Polaridade, e da Modalidade baseia-se no Predicador, a única função incontornável, à volta do qual gravitam outras funções, como o Sujeito, o Complemento, o Adjunto, e algumas partículas interpessoais. A centralidade do Predicador na estrutura interpessoal da oração em *nyungwe* decorre do facto desta língua privilegiar o seu trabalho de realização ao nível da palavra (o verbo, neste caso) que tem no Predicador o seu

expoente máximo de gramaticalização, tornando-o altamente composto de todos os elementos funcionais que se conhecem. Como Teruya *et al.* (2007: 871) afirmam, o Predicador é um lugar predilecto de realização de opções do Modo Oracional e outros sistemas interpessoais da oração, incluindo Polaridade, Modalidade, Avaliatividade, Delicadeza, Respeitosidade, etc. Tudo isto pode ser ilustrado pelo exemplo seguinte, extraído de um diálogo registado (*vd* Texto 7) numa sala de aula de Kacembe (AKA):

(4.5.1) – *Bzwinangobzwi, ibzwi, ibzwi, mphswiciyani, ibzwi?* (AKA)

bzwinango	ibzwi	ibzwi	ibzwi	Ni	bzwi	ciyani	ibzwi
outras	isto	isto	isto				isto
Sujeito				Pred./Complemen		Suj.	
Modo verbal							

Tudo isto, que é isto?

– *Matumati.*

tomates
Compl.
Resíduo

Tomates.

– *Maciyani?*

os quê
Compl.
Resíduo

O quê?

– *Matumati.*

tomates
Compl.
Resíduo

Tomates.

No exemplo abaixo, temos cinco proposições com dois participantes a trocarem informações entre si. No primeiro par de pergunta/ resposta, há duas orações menores, oração interrogativa e oração declarativa, respectivamente. No segundo par, já aparecem três orações todas elas menores, sendo as duas primeiras, orações interrogativas e a terceira e última, oração declarativa.

Da observação das suas estruturas interpessoais, verifica-se a ocorrência simultânea ou alternadamente de elementos funcionais de Sujeito e de Predicador, o que indicia serem estas funções mais o Complemento as funções básicas do *nyungwe*.

(4.5.2) (...) – *Mbani yakanati?*

ni	a	ni	yakanati
é		quem	ainda não está

PI/Sujeito	Predicador
Modo verbal	

Quem ainda não [amadureceram]?

– *Yine.*

Ine
eu
Sujeito
M. verb.

Eu.

(...)

– *Tawalewenga(...)?*

tawalewenga
os contámos
Predicador
Modo verbal

Contámo-los [ou] não [contámos]?

– *Tawalewenga.*

tawalewenga
os contámos
Predicador
Modo verbal

Contámo-los

Note-se que o Predicador *nyungwe* é realizado por um verbo ou grupo verbal que forma (pode formar) uma unidade morfológicamente complexa, marcando, além do modo e do tempo primário, tempo secundário, Aspecto, Polaridade, Modalidade, Respeituosidade, Complementaridade, Circunstancialidade. Estas funções interpessoais são realizadas através de morfemas gramaticais que, para efeitos de explicitação, são segmentados por meio de hífen como em *mu-da-ndi-dzi-ir-a* (S-T-C-conhecer-A-I)⁴² da expressão “*Mudandidziwira kuponi?*”, ‘De onde me conheceu?’, que caracterizava a mulher *nyungwe* de então (anos 80/90), conhecida como irredutível a quem queria se meter com ela. Assim, -T-, por exemplo, é morfema de tempo, marca a maneira como o falante encara o enunciado no momento da enunciação, se o encara como se referindo ao passado, presente ou futuro. Portanto, a noção de Finito não se enquadra neste âmbito. À luz dos pressupostos teóricos do que é o Finito em inglês, como é definido por Halliday (2004), estes dados servem de prova irrefutável para inferir que o *nyungwe* não possui uma unidade linguística que preencha simultaneamente os

⁴² Por razões de espaço, as funções que normalmente são indicadas por abreviaturas compostas por três letras, aqui foram reduzidas a uma letra cada que passo a desenvolvê-las: S=Sujeito, T=Tempo, C=Complemento, A=Aplicativo, I=Indicativo, respectivamente. As funções desempenhadas por cada morfema dentro do Predicador estão separadas por hífen.

requisitos definidores de um Finito. Esses requisitos, em número de seis, são enumerados por Gouveia (2010: 12) nos seguintes termos:

In English, the Finite is used (i) to distinguish tense (primary tense), (...) (ii) to express modality, (...) (iii) to distinguish polarity, (...) (iv) separately in most verbal forms except in the simple past and simple present tenses of active (voice), positive (polarity) and neutral (contrast) clauses, (...) (v) in conjunction with the Subject to distinguish declaratives ($S \wedge F$) from interrogatives ($F \wedge S$), (...) (vi) with the Subject alone to produce tag questions.

Por tudo o que foi referido, conclui-se que efectivamente Finito não existe em *nyungwe*. Mas, já o Sujeito existe e pode ser realizado por um nome ou grupo nominal, oração que funciona ao nível do grupo, etc. É o elemento responsável pelo sucesso da proposição ou da proposta e da indicação de formalidade/ informalidade e concorda em classe, pessoa e número com o Predicador. Em *nyungwe*, tal como no tailandês (Teruya *et al.*, 2007: 904), joga um papel de menor relevo. Não só a sua presença estrutural não é obrigatória como a sua ordem em relação ao Predicador não exerce nenhuma influência decisiva na distinção de diferentes tipos oracionais como acontece no inglês.

Outros elementos interpessoais muito activos na conversação são as partículas interpessoais, realizadas por partículas gramaticais como *iya*, *eya* (confirmativos), *ekani* (aprovação), *na-/mba-* já vistos em anteriores ocasiões. Normalmente, aparece no final da oração, no exacto momento em que o falante pretende passar a palavra ao seu ouvinte ou quer proceder à mudança temática. Serve para adicionar valor negocial ou atitudinal à oração, como incentivar, concordar, aceitar, insistir, inquirir, empatia, etc.

Em retrospectiva, é condição suficiente e necessária para que uma oração em *nyungwe* seja maior (plena) a existência de pelo menos um elemento funcional – o Predicador – que, para efeitos de extensão do significado inicial, pode contar com outros elementos funcionais. Eis, esquematicamente, representada a estrutura da oração *nyungwe*:

(^ Partícula Interpessoal) (^ Sujeito) ^ Predicador (^ Complemento) (^ Adjunto)
(^Partícula Interpessoal)

Traduzindo a linguagem esquemática acima exposta, dir-se-ia que o Predicador tem uma importância capital para a organização dinâmica da interacção. Isto mesmo é reflectido no esquema acima pelo facto de não estar entre parêntesis. No entanto, em situações extremas

como saudações – (*muli*) *Tani moyo?* (Texto 9), ‘Como (vai) a vida?’, e não só, o Predicador é elidido. Nos parêntesis, estão as funções que frequentemente são omitidas em diálogo vivo.

A estrutura interpessoal básica da oração vietnamita é Predicador (+ Negociador) e é afirmado (Teruya *et al.*, 2007: 871) ser este modelo de estrutura, aquele que é provavelmente o mais comum entre as línguas de todo o mundo. Assim, o caso *nyungwe* parece corroborar esta hipótese.

CAPÍTULO 5 - O MODO ORACIONAL EM NYUNGWE

5.1 ORAÇÕES DECLARATIVAS (AFIRMAÇÕES)

5.2 ORAÇÕES INTERROGATIVAS (PERGUNTAS)

5.3 ORAÇÕES IMPERATIVAS (ORDENS)

5.4 ORAÇÕES INTERROGATIVAS MODULADAS (OFERTAS)

5.5 O LUGAR DO *NYUNGWE* NA DESCRIÇÃO SISTÊMICO-FUNCIONAL

Este Capítulo dedica-se em exclusivo à descrição das orações simples e independentes, deixando de fora os complexos oracionais. A descrição centra-se na metafunção interpessoal. Como refere Eggins (2004: 184), descrever a estrutura do Modo Oracional é descrever como a língua é usada para expressar significados interpessoais através de diálogos. A metafunção interpessoal permite verificar a existência em cada oração de três estruturas interpessoais básicas: (i) interrogativas, (ii) imperativas e (iii) declarativas.

5.1. ORAÇÕES DECLARATIVAS

O ponto de partida para esta descrição é a oração declarativa, porque, por um lado, as pessoas passam a maior parte das suas vidas a produzir declarações, dando ou recebendo informações e, por outro, por serem susceptíveis de poderem servir de base na construção das restantes orações, interrogativa e imperativa.

A oração declarativa é a realização característica da afirmação. Emprega-se para descrever uma realidade, expressar uma ideia ou opinião, confirmar ou infirmar informações, responder a perguntas. Em muitas línguas, ela é marcada oralmente por um tom tendencialmente descendente e na escrita é assinalada por um ponto final. Nesse aspecto, o *nyungwe* não é excepção.

Normalmente, a oração declarativa *nyungwe* inicia-se com o Sujeito ainda que este possa não estar expresso, dando a falsa imagem de se iniciar com o Predicador. Também pode iniciar a oração declarativa qualquer dos outros componentes oracionais, excepto o Complemento.

Geralmente, a oração declarativa tipo em *nyungwe* caracteriza-se por possuir uma estrutura funcional caracterizada pelas seguintes funções: (i) Sujeito⁴³ realizado ou omissivo, não realizado; (ii) Predicador⁴⁴; (iii) Complementos e Adjuntos. Tanto o Sujeito, como o

⁴³ Grupo nominal formado por nome comum ou próprio, pronome, oração encaixada ou qualquer das restantes classes gramaticais nominalizadas. Tanto pode ser simples, i.e., formado por um nome próprio, nome comum concreto ou abstracto, ou verbo, advérbio, adjectivo nominalizados ou por um grupo nominal complexo, apresentando uma constituição diversificada: (i) um grupo nominal com mais do que um elemento, (ii) um grupo nominal com um pós-modificador oração encaixada, (iii) uma oração encaixada, etc.

⁴⁴ Estrutura compósita complexa, compreendendo a marca de pessoa/ número, a marca de tempo/ aspecto, Polaridade, podendo conter as marcas de Adjuntos clíticos, Complementos clíticos (também designados por Adjuntos internos, Complementos internos, respectivamente). A marca de tempo/ aspecto parece derivar de um verbo pleno que funcionava como um verbo auxiliar, especializando-se exclusivamente na marcação de tempo gramatical. Com o transcorrer do tempo, foi perdendo a sua natureza e função originais, restringindo-se a uma mera partícula temporal, marcadora de tempo primário, secundário e do aspecto. Estes três valores temporais tanto podem ser realizados separadamente ou fundidos numa só partícula.

Predicador, o Complemento, e o Adjunto podem ser simples ou complexos. Os simples funcionam com um núcleo apenas; os complexos com vários. A complexificação pode ser levada a cabo por morfemas ou palavras desempenhando funções várias desde a ênfase, a intensificação. Podem ocupar a posição pré- ou pós-modificação do radical ou da palavra em questão. Esta é a estrutura da oração declarativa em *nyungwe* que pode ser caracterizada por: (i) opcionalmente ter Sujeito realizado ou não, (ii) ter marcas de pessoa/ número no Predicador, (iii) os grupos verbal, nominal, adverbial funcionarem como Predicador, (iv) a forma verbal estar no modo indicativo ou conjuntivo (em orações dependentes), (v) o Predicador deixar-se saturar por várias partículas gramaticais.

Assim sendo, desde que esteja salvaguardada a condição mínima de haver pelo menos um Predicador, explícito ou implícito, o leque de opções de estruturas da oração *nyungwe* é bastante alargado, como se tenta demonstrar nesta apresentação esquemática:

(^Partícula Interpessoal) (^ Enfático) (^ Sujeito) ^ Predicador (^ Complemento) (^ Adjunto) (^ Enfático) (^ Partícula Interpessoal) (vd. ponto 5, Cap. 4).

Para estas estruturas, não há uma ordem específica, dando lugar a qualquer tipo de ordem. Mas já a entoação serve para as distinguir das interrogativas, ascendente na penúltima sílaba, nestas e, naquelas, normal (neutra). Mas o mais comum é o Predicador ser o elemento central e as outras estruturas Sujeito, Complemento, Adjunto gravitarem em torno dele. As estruturas enfáticas são uma presença constante e fazem parte da estratégia de focalização.

A oração declarativa *nyungwe* revela potencialidade de conter um número significativo de componentes oracionais que, em termos de sua ordem, obedecem a critérios lógico-semânticos bem determinados.

Embora influenciem o significado global da oração, a estrutura e a ordem não são determinantes na caracterização de nenhum tipo de oração em *nyungwe*.

Aquilo que efectivamente é crucial é o Predicador, parte lexical do verbo, e respectivos morfemas. Deste modo, um Predicador em *nyungwe* pode ter os seguintes morfemas esquematicamente representados como se segue: Suj.-(Tem.-Asp.-Com.-Adj)-Rad.-Mod.(-Neg.). Há só um Predicador em cada oração. O peso do Predicador é bem patente num diálogo devido a sua recursividade, aparecendo ora explícito (inalterado ou alterado), ora apenas implícito (em orações resposta, por exemplo). O radical (lexema) é a parte obrigatória do Predicador que, em geral, é acompanhado do seu respectivo morfema de Sujeito.

O Predicador desempenha as funções seguintes: expressar (i) processo, (ii) tempo primário, (iii) tempo secundário/auxiliar, (iv) aspecto, (v) modalidade, (vi) polaridade, (vii) formalidade, (viii) circunstancialidade, (ix) complementaridade, (x) voz passiva.

O Sujeito, entidade responsável por levar a cabo a proposição, tem um papel complementar e raramente é explicitado a não ser em situações específicas, como tematização ou ênfase.

O Complemento é outro elemento da oração declarativa e assemelha-se em tudo ao Sujeito, ao ponto de ser definido como sendo um grupo nominal que poderia ter sido escolhido como Sujeito mas não foi, como refere Thompson (2004: 61) a propósito do inglês. É recorrente na oração *nyungwe* e mormente na declarativa haver morfemas de complementos e de adjuntos no interior do Predicador, designados aqui por Complementos e Adjuntos-clíticos (vd Caffarel 2006). A ordem costumeira do Complemento é depois do Predicador.

Finalmente, o Adjunto é realizado por um sintagma preposicionado, marcado pelos morfemas locativos *ku-*, *mu-* e *pa-*, combinados ou não com preposições *na*, *a*, indicando circunstâncias de tempo, lugar, etc.

Como se disse logo no início, as orações declarativas expressam afirmações, servindo para passar informações que se incorporam sob a forma de proposições. Para que uma proposição seja argumentável, ela deve ser especificada como sendo positiva ou negativa. Algo ou é ou não é, não pode ser uma coisa e o seu contrário ao mesmo tempo. Assim, a oração declarativa pode ter polaridade positiva ou negativa. A primeira é não marcada, i.e., não há nenhuma unidade linguística que esteja presente para marcar a polaridade positiva. Em contrapartida, a polaridade negativa é por natureza marcada porque, segundo Thompson (2004: 66), nós precisamos de uma razão particular para falarmos do que não é, do que do que é.

Em *nyungwe*, há pelo menos três tipos de marcação de polaridade negativa através de estruturas gramaticais específicas, cada um traduzindo diferentes estratégias de negação: (i) por meio de morfemas ou partículas negativos tais como, *-lini*, ‘não’, que ocorre no final do verbo a que se pretende atribuir essa marcação, ou *se*, (*si*), *si-/(-si-)*⁴⁵, ‘não’, e *ne*, ‘não, nem’, *ayayi*, ‘não não’, *nyonyo*, ‘forma de recusar’, que tanto se podem colocar no início, no meio ou no final de oração, isolados ou ligados; (ii) através de verbos de significação negativa, como *kuleka*, ‘deixar de’, *kusaya*, ‘não ter, não encontrar’, *kulibe*, ‘não ter’, *penu*, ‘não saber’, *kulamba*, ‘negar, recusar’, *kunati*, ‘ainda não (aconteceu)’, *kutaza*, ‘não saber’, que funcionam

⁴⁵ Parece ser uma forma arcaica, menos produtiva, que tende a cair em desuso.

como verbos auxiliares; e (iii) com base em adjuntos modais de negação como *cipo*, ‘nunca’. Os marcadores da Polaridade negativa podem estar fundidos (morfemas) ou não (unidades linguísticas distintas, formando estruturas separadas) a qualquer das classes gramaticais. A forma mais (re)corrente da Polaridade negativa é a marcada pelo morfema *-lini*.

Além de ter que ser ou sim ou não, a oração admite também outros estágios intermediários situados entre o sim e o não. Esses estágios intermediários são expressos pela Modalidade. Em termos simples, a Modalidade⁴⁶ define-se como sendo o espaço entre o sim e o não (Thompson, 2004: 66). Trata-se da avaliação que o falante faz da sua proposição ou proposta; é a expressão da visão pessoal do falante dos eventos e estados do mundo exterior (*idem*, 7).

A marcação modal está directamente ligada à natureza daquilo que é trocado – informação ou bens-&-serviços. Quando trocamos informação, a oração toma a forma de uma proposição. Quando trocamos bens-&-serviços, a oração toma a forma de uma proposta. Uma proposição pode ser discutida, pode ser afirmada ou negada. Uma proposição é algo que pode ser refutado – pode ser afirmado ou negado, posto em dúvida, contrariado, contraditado, aceitado, rejeitado, etc. – por ser apresentada como possível ou impossível, desejável ou indesejável, i. e., por ter a sua relevância especificada em termos modais. As proposições estão relacionadas com o tipo de orações declarativas e interrogativas assim como as propostas têm uma vinculação nas orações imperativas.

A Modalidade divide-se em dois tipos – Modalização (informação), usada para discutir, argumentar sobre a possibilidade ou frequência das proposições e Modulação (bens-&-serviços), usada para discutir, argumentar sobre a obrigação ou inclinação das propostas, dos pedidos. A Modalização como a Modulação subdividem-se em duas partes cada, perfazendo quatro no total, aquela desdobra-se em possibilidade e frequência e esta em obrigação e inclinação.

O que é trocado	Função no discurso	Tipo de Modalidade		Tipo de oração
Informação	Proposição (afirmação, pergunta)	Modalização	Possibilidade Frequência	Indicativa
Bens-&-serviços	Proposta (ordem e oferta)	Modulação	Obrigação Inclinação	Imperativa

Quadro 5.1: Subsistema da Modalidade e outros sistemas relacionados.

⁴⁶ Saliente-se que a Modalidade é uma complexa área da gramática que tem a ver com os diferentes modos como o usuário da língua pode encarar a sua mensagem, expressando atitudes e julgamentos de vários tipos. Para uma definição mais abalizada e alargada de Modalidade, veja-se Eggins (2004: 172), Gouveia (2009).

O Quadro 5.1 dá uma vista panorâmica do sistema da Modalidade no contexto geral do sistema do Modo Oracional. Este quadro junta no mesmo espaço sistemas linguísticos a fim de mostrar o seu inter-relacionamento sistémico.

Posto isto, todos os dados disponíveis apontam para que o *nyungwe* expresse de forma diferente a Modalidade. No inglês, na sua forma congruente, a Modalidade é essencialmente realizada pelos operadores modais finitos *can, may, could, will, would, should, must, need*, etc. (Halliday, 2004: 116); pelos adjuntos modais (*probably, possibly, certainty, perhaps, maybe, usually, sometimes, always, (n)ever, often, seldom*) (Halliday, 2004: 82) e por combinação dos dois. Desde logo, no *nyungwe*, não há verbos modais. No seu lugar, encontram-se os morfemas *mba-, -nga-, -e*, este último associado ou não com o morfema anterior.

Nesta conformidade, tudo indica existirem três maneiras diferentes de realizar a Modalidade em *nyungwe*: (i) através de morfemas infixos ao Predicador (que nas línguas *bantu* se designam por extensões verbais⁴⁷): *-mba-* (usualidade), *-nga-* (permissão, possibilidade), *-nga-da-* (possibilidade hipotética) que, quando combinados (natureza cumulativa de significados interpessoais) com o morfema *-e*, tomam as formas de *-nga...-e, -nga-da...-e*, (ii) a partir da vogal final *-e* (potencialidade, incerteza) e (iii) por meio de adjuntos modais como *pinango*, ‘talvez’, *pinango pinango*, ‘às vezes, raramente’, *pinango pentse*, ‘talvez, provavelmente’, *kabodzi kabodzi*, ‘raramente, uma vez e outra’, *cadidi*, ‘verdade’, *cadidiretu*, ‘certeza absoluta, mesmo verdade’, *kazindji kentse*, ‘muitas vezes’, *ntsiku zentse* ‘sempre’.

A avaliar pelas estruturas acima, o *nyungwe* parece tender a usar poucas opções de Modalidade e a preferir mais as opções de Temporalidade. Tempo e Modalidade, explica Thompson (2004: 68), são pontos de referência alternativos, auto-excluem-se ou, pelo menos, onde a Modalidade se manifesta, o Tempo é normalmente neutralizado. Em *nyungwe*, por exemplo, os morfemas de um e de outro confundem-se porque ambos ocorrem na mesma posição dentro do Predicador, podendo exprimir tanto valor temporal como modal.

Para testar a existência ou não da Modalidade em *nyungwe*, foram escolhidas quatro orações tipo do português, passíveis de comparação, e outras tantas equivalentes do *nyungwe*. Os testes confirmam a existência de diferentes opções, de diferentes realizações da Modalidade nesta língua, pelo menos nos moldes em que ela é encarada em português e no

⁴⁷ Morfemas derivacionais que se acrescentam ao radical verbal para lhes modificar o sentido, a morfologia e, geralmente, alterar-lhe as relações de transitividade (o número inerente de argumentos internos) (Ngunga, 2004: 174).

inglês. De facto, o *nyungwe* escolhe outras estratégias para expressar Modalidade como reportado aliás no parágrafo anterior e que no Quadro 2 se procura ilustrar com alguns exemplos. As partes sublinhadas contêm as formas de realização da Modalidade numa e noutra língua. No exemplo 4, por exemplo, enquanto a Modalidade em português se realiza através de um modificador advérbio, em *nyungwe*, fá-lo por meio do morfema *-di*.

N.º	Oração	Modalidade
01	O João comeu o bolo. Juwaw adadya bolo.	Verdadeiro, positivo (+)
02	O João <u>provavelmente</u> comeu o bolo. Juwaw <u>pinango pentse</u> adadya bolo.	
03	O João <u>terá</u> comido o bolo. Juwaw n' <u>ninti</u> adadya bolo.	
04	O João comeu <u>mesmo</u> o bolo. Juwaw adadya <u>di</u> bolo.	
05	O João <u>não</u> comeu o bolo. Juwaw <u>alibe</u> kudya bolo.	Falso, negativo (-)

Quadro5.2: Modalidade em português e em *nyungwe*

Pegando nas questões de Tempo e da Temporalidade, interessa referir que os diferentes tempos – passado perfeito/remoto (*-da-*), passado imperfeito (*-kha-*), passado recente ou presente progressivo (*-a-*), presente habitual (*-Ø-*), presente durativo/contínuo (Verbo+Verbo)⁴⁸, presente progressivo (*-ni-*), futuro próximo (*-ni-*), futuro distante (*-dza-*) e os valores modais nas suas variadas matizes – são expressos através de morfemas que se distribuem ao longo de todo o Predicador.

Importa desde logo frisar que o tempo e o aspecto, em *nyungwe*, são realizados através dos mesmos morfemas e, como é óbvio, susceptíveis de induzir em erro de análise e de apreciação. Por isso, e citando Ngunga (2004: 167), em alguns momentos, é mais correcto falar-se destas duas categorias em simultâneo, onde a marca de tempo é também marca de aspecto (tempo/aspecto) do que separadamente (tempo e aspecto), em que tempo e aspecto exibem marcas distintas.

Posto isto, passemos então a ver alguns dos exemplos que espelham o que foi tratado até aqui.

No exemplo abaixo, *Tin'dzagumana ntsiku zinango*, ‘Vamo-nos encontrar um dia destes’, funciona como uma oração declarativa com duas estruturas – Predicador e Complemento nesta ordem Predicador ^ Complemento. Portanto, a oração não tem Sujeito realizado, mas é facilmente recuperável pelo morfema *ti-* presente no Predicador. Este tem,

⁴⁸ Estruturas como estas geram construções do tipo *Estou a pedir água* (PM) em vez de *Peço água* (PE).

além da marca de Sujeito *ti-*, as marcas de Tempo e Aspecto *-ni-* e *-dza-*, respectivamente. O Complemento *ntsiku zinango*, ‘um dia destes’, é de dois membros (nome + determinante indefinido). Este Complemento mostra como em *nyungwe* determinantes e outros modificadores ficam em posição pós-nominal. A entoação é constante (tom baixo) em toda a oração. A Polaridade é positiva e, portanto, não é marcada. Doravante, só se aludirá à Polaridade caso esta seja negativa.

(5.1.1) – *Tin’dzagumana ntsiku zinango*. (Texto 9)

ti	ni	dza	guman	a	ntsiku	zinango
viremos encontrar					dias	outros
Predicador					Complemento	

Vamo-nos encontrar um dia destes. [Vemo-nos um dia destes.]

A oração *Cakokoma, ninkudziwa*, ‘Cakokoma, conheço’, apesar de possuir duas estruturas como a anterior, estas vêm numa ordem e entoação diferentes. A ordem é Vocativo ^ Predicador. A entoação é alta no primeiro membro da oração talvez motivada pela inversão da ordem. Também esta oração prima pela ausência de Sujeito, representado pelo marcador de Sujeito existente no Predicador. A marca *-n-* (*-ni-*), é marca de Tempo Presente, o tal Presente contínuo. O *ni-*, em posição inicial, representado por *ndi-*, é marca do Sujeito.

(5.1.2) – *Cakokoma, ninkudziwa*. (Texto 1)

cakokoma	ndi	ni	ku	dzi	a
cakokoma	conheço				
Vocativo	Predicador				

Cakokoma, conheço.

Por sua vez, a oração abaixo tem uma estrutura organizacional onde se destacam os elementos dispostos em Sujeito ^ Adjunto ^ Predicador/Complemento. A entoação sofre uma oscilação desprezível. O Sujeito *matsamba*, ‘cartas’, é um nome comum. O Predicador/Complemento é *m’mazindji yentse* (*ni-mazindji yentse*), ‘são muitas mesmo’, ou seja, cópula verbal *ni-* (*m’*), ‘é’, associada ao quantificador *mazindji*, ‘muitos’, núcleo do Complemento, e determinante indefinido *yentse*, ‘todos’. Este membro da oração pode ser representado assim Predicador/Complemento⁴⁹ *m’mazindji*. O mais importante é que esta língua parece sugerir que em certos contextos como é este, as cópulas verbais são quase-

⁴⁹ Também representado por (Predicador)Complemento significa que neste par incluem-se morfemas ou partículas do Predicador ou do Complemento. Matthiessen (2004: 545, 659, nota 8) utiliza a mesma representação para Finito/Predicador no sentido de uma ou outra função.

verbos ou mesmo não-verbos, não activando, portanto, nenhum processo. Praticamente, *m'mazindji* pode ser simplificado para *mazindji*, i.e., sem a cópula verbal *ni-*. Com *yentse*, o falante modifica o quantificador, enfeitando grande valor interpessoal. A referida acoplagem só é possível com verbos copulativos que se acoplam facilmente a qualquer dos elementos da oração ou até se elidem. Todos os três elementos oracionais desta oração têm uma grande liberdade de movimento. O Adjunto *mu-no*, 'aqui', funciona com um locativo (de interioridade) *mu-*.

(5.1.3) *Matsamba muno m'mazindji yentse*. (Texto 10)

ma	tsamba	mu	no	ni	ma	zindji	yentse
folhas		aqui dentro		é	muitos		todos
Sujeito		Adjunto		Predicador/Complemento			

As dedicatórias aqui são tantíssimas.

Tal como no exemplo anterior, a oração *Ntenepoyolini*, 'Não é assim', tem um Predicador que se pode considerar fraco, quase inexistente, na exacta medida em que é possível o seu esvaziamento *Tenepoyolini*, 'Assim, não', portanto, sem *n-* (*ni-*), o pseudo-Predicador. A oração tem um único constituinte, o Predicador/Adjunto *ntenepoyolini* (*ni-tenepoyo-lini*), que junta forma verbal copulativa *ni-*, 'é', Adjunto circunstancial *tenepoyo*, 'assim', e morfema negativo *-lini*, 'não', marca de Polaridade negativa. Conforme alusão anterior, *-lini* ocorre sempre sufixado e é a forma mais frequente da negação em *nyungwe*. Uma vez mais a aglutinação funcionou aqui, juntando três funções numa só palavra.

(5.1.4) *Ntenepoyolini*. (Texto 10)

ni	tenepoyo	lini
é	assim	não
Predicador/Adjunto		

Não é assim.

A oração declarativa *Tsokalo lacokera kutali kwentse, abvesere wathu*, 'Esse azar vem de muito longe, caros ouvintes', funciona com as seguintes estruturas assim ordenadas: Sujeito ^ Predicador ^ Adjunto ^ Vocativo. O Sujeito, expresso, é um nome comum abstracto *tsokalo* (*tsoka-iro*⁵⁰), 'esse azar'. No Predicador *lacokera*, 'veio', as marcas de Sujeito (*li-*) e de Tempo (*-a-*) estão fundidas em *la-*. E o que torna *kutali kwentse*, 'de muito longe', num Adjunto funcionando como indicativo de circunstância de lugar, é o locativo (direcciona) *ku-*. O Vocativo *abvesere wathu*, 'caros ouvintes', é a função mais móvel de todas. Os elementos

⁵⁰ O morfema *-iro* funciona como uma estrutura de expansão, estendendo ou intensificando o seu núcleo. É recorrente em *nyungwe* o demonstrativo aliar-se ao nome (vd. Martins, 1991: 30-1).

frásicos desta oração caracterizam-se por de alguma forma funcionarem com estruturas de expansão, estendendo ou intensificando os seus núcleos.

(5.1.5) *Tsokalo lacokera kutali kwentse, abvesere wathu.* (Texto 10)

tsoka	iro	lacokera	ku	tali	kwentse	abvesere	wathu
azar	este	saiu	longe		todo	ouvintes	nossos
Sujeito		Pred.	Adjunto			Vocativo	

Esse azar veio de muito longe, caros ouvintes.

A oração *Atola nkhani wowa akudikiridwa lero lino*, ‘Estes jornalistas são aguardados hoje mesmo’, apresenta-se-nos na seguinte ordem: Sujeito ^ Predicador ^ Adjunto. *Atola nkhani wowa*, ‘Estes jornalistas’, mostra como às vezes o Sujeito pode ser constituído por mais do que um elemento (Nome + Nome + demonstrativo). O Predicador *akudikiridwa*, ‘são aguardados’, tem a particularidade de estar na forma passiva⁵¹ com o verbo auxiliar *-li*, ‘ser/estar’, omitido + o verbo principal *kudikiridwa*, ‘ser esperado’. A marcação temporal é feita pelo verbo auxiliar⁵² que, como referido, está omissa. Portanto, a marca de tempo pode não estar expressa. A estrutura *lero lino* funciona como Adjunto porque a palavra *lero*, ‘hoje’, indica uma circunstância de tempo. Tal como o possessivo, o demonstrativo na condição de Modificador apresentam-se em posição pós-nominal.

(5.1.6) *Atola nkhani wowa akudikiridwa lero lino.* (Texto 10)

a[nyaku]tola	nkhani	owa	a[li]	kudikiridwa	lero	lino
levadores	conversa	estes	estão	ser esperados	hoje	este
Sujeito			Predicador		Adjunto	

Estes jornalistas são aguardados hoje mesmo.

Esta estrutura oracional Predicador ^ Adjunto não seria aqui chamada se não fosse para servir de comparação deste Predicador *alibe kunemba*, ‘não escreveu’, com o anterior *akudikiridwa* que têm em comum o facto de possuírem uma estrutura verbo auxiliar + verbo principal. Diferem por aquele apresentar o verbo auxiliar separado, além de ser semanticamente negativo e este ter auxiliar e principal aglutinados e com duas particularidades, a primeira consiste em o principal estar na passiva de *-idw-* (*akudikir-idw-a*) e a segunda ter o auxiliar semi-omisso *a-* (*ali-*).

(5.1.7) *Alibe kunemba bwino.* (Texto 7)

alibe	kunemba	bwino
-------	---------	-------

⁵¹ A forma passiva em *nyungwe* é realizada pelos morfemas *-idw-* ou *-iw-*, se a vogal precedente for [e], [i] ou [u], *-edw-* ou *-ew-*, se for [e] ou [o] (Martins, 1991: 94).

⁵² Os actuais morfemas verbais eram outrora verbos auxiliares que se tornaram em simples morfemas verbais, depois que se uniram aos verbos principais.

não tem	escrever	bem
Predicador		Adjunto

Não escreveu bem.

A estrutura desta oração não tem Predicador explícito: Sujeito ^ Adjunto ^ Sujeito. O Sujeito *uyu*, ‘este’, é repetido no final da oração. Este tipo de expediente que consiste na repetição de seja qual for a estrutura é recorrente em *nyungwe*. E, como afirma Eggins (2004: 312-13), numa conversação rápida, não é raro encontrar o Sujeito da oração mencionado duas vezes, logo no início e seguidos ou separados, um no início e outro no fim. O Adjunto modal *akanati*, ‘ainda não’, é um Adjunto de Polaridade negativa que aqui funciona como auxiliar do verbo principal. O Predicador é o tal verbo principal que está omitido mas que pode ser tornado explícito, *kunemba*, ‘escrever’.

(5.1.8) *Uyu akanati, uyu.* (Texto 7)

uyu	akanati	uyu
este	ainda	este
Suj.	Adj.	Suj.

Este ainda não.

Considerando a ordem Predicador ^ Complemento ^ Complemento, nota-se a omissão do Sujeito, recuperável ao longo do texto, e a presença de dois complementos exigidos pelo verbo *kupfhuyira*, ‘arrancar’. Aqueles estão seguidos um do outro, não existindo nada a intermediá-los e podem permutar de posição entre si. Apesar disso, a entoação destaca-os como estando um independente do outro. O Predicador *Ankupfhuyira*, ‘está a arrancar’, tem como marca temporal do presente o verbo auxiliar *-ni-* (*-li-*) que no caso está grafado *-n-*.

(5.1.9) *Ankupfhuyira andzace malivro.* (Texto 7)

an	kupfhuyira	andzace	malivro
está	puxar	outros	livros
Predicador		Compl.	Compl.

Está a arrancar aos outros os livros.

A oração *Unfunu kutoswola nawo andzako*, ‘Queres ferir a vista aos outros’, tem a estrutura Predicador ^ Complemento ^ Complemento. O seu Predicador *Unfunu kutoswola* possui verbo auxiliar *unfunu*, ‘queres’, e verbo principal *kutoswola*, ‘ferir nos olhos’. Depois, seguem-se o Complemento preposicionado *nawo* (*na-awo*), ‘com [vara]’, e o Complemento *andzako*, ‘colegas’.

(5.1.10) *Unfunu kutoswola nawo andzako.* (Texto 7)

unfunu	kutoswola	na	awo	andzako
--------	-----------	----	-----	---------

queres	ferir nos olhos	com	[vara]	colegas
Predicador		Complemento		Compl.

Queres ferir nos olhos os teus colegas.

A oração abaixo estrutura-se nestes termos: Adjunto ^ Predicador ^ Complemento. O Adjunto *M'nfolo wakuyamba*, 'Na primeira linha', que inicia a oração, tem o numeral ordinal *wakuyamba*, 'primeira', em posição pós-nominal.

O Predicador *tinkanemba*, 'iremos escrever', tem marcas de Aspecto *-n-* e Tempo *-ka-*, indicando prolongamento no tempo e futuridade, respectivamente, o que sugere que podemos ter também a ordem Aspecto-Tempo além de Tempo-Aspecto. O Complemento *três, três, três, três* composto por quatro nomes.

(5.1.11) *M'nfolo wakuyamba, tinkanemba três, três, três, três.* (Texto 7)

mu	nfolo	wakuyamba	tí	n	ka	nemba	três três três três
na	linha	iniciadora	vamos depois escrever				três três três três
Adjunto			Predicador			Complemento	

Na primeira linha, iremos escrever três, três, três, três.

Adjunto ^ Complemento ^ Sujeito ^ Adjunto ^ Predicador é a estrutura da oração em baixo. Tem mais do que um Adjunto, conjuncional *Thangwe*, 'porque', o primeiro, e de tempo *lerolino*, 'ainda hoje', o segundo. O Sujeito *azindji*, 'muitos', está incrustado no meio de outras funções oracionais, podendo-se mover para qualquer posição. Aliás, os outros também podem, excepto o conjuncional. O Predicador *munkum'gadamisa* ostenta o Complemento-clítico *-m'* que é co-referente do Complemento *trêsjiyuyu*, 'realmente, este três'. A entoação nesta oração varia muito como que a distinguir cada componente e sua função.

(5.1.12) *Thangwe trêsjiyuyu, azindji, lerolino, munkum'gadamisa.* (Texto 7)

thangwe	três	uyu	uyu	azindji	lero	lino	muli	ku	mu	gadamisa
motivo	três	este	este	muitos	hoje	este	estão		ele	dormir c.
Adjunto	Complemento			Suj.	Adjunto		Predi		Cpl	cador

Porque, este três, muitos, ainda hoje, escrevem-no de barriga para o ar.

Para fechar esta parte, dir-se-á que, em *nyungwe*, a oração declarativa aceita qualquer ordem dos elementos funcionais da oração. E como se referiu logo no início deste subcapítulo, a oração declarativa *nyungwe* serve de antecâmara às orações subsequentes. As orações interrogativas que se seguem corroboram com este pressuposto como se verá de seguida.

5.2. ORAÇÕES INTERROGATIVAS

Na nossa interacção diária, além de produzirmos afirmações, pedimos também informações. A forma congruente de pedir informação é através da pergunta, produzindo uma oração interrogativa. Efectivamente, como refere Thompson (2004: 36), uma oração interrogativa é aquela em que o falante usa a língua para obter informações do seu interlocutor. A forma como se estruturam as orações interrogativas é o assunto deste subcapítulo.

Há dois tipos de orações interrogativas: (i) interrogativas de sim/ não ou interrogativas polares e (ii) interrogativas de conteúdo ou elementares, que visam alcançar informação que está em falta. A função principal da interrogativa sim/ não é confirmar a polaridade de uma proposição; afinal, uma mensagem ou é positiva ou é negativa (Thompson, 2004: 66). A função primária da interrogativa de conteúdo é pedir ao interlocutor informação em falta porque se parte do pressuposto de que o falante possui uma parte, mas não a totalidade, da informação.

Em *nyungwe*, os tipos de orações interrogativas são os mesmos dos acima indicados. Diferem na sua realização. As interrogativas polares diferem das declarativas na entoação e não na ordem dos constituintes funcionais Sujeito/ Finito como acontece no inglês. As interrogativas de conteúdo caracterizam-se principalmente pela presença da partícula interrogativa *-ni*⁵³, sufixada. Isto é, necessitam de um hospedeiro onde se possam alojar para realizar a sua função na oração. Por um lado, o hospedeiro tanto pode ser um Sujeito, um Complemento, como um Adjunto. Deste modo, há que salientar o seu carácter clítico⁵⁴. Por outro lado, o Complemento clítico interrogativo pode ou não ser seguido de outros componentes frásicos. Esses podem ser o próprio Complemento, o Sujeito ou o Adjunto, individualmente ou co-ocorrendo entre si.

⁵³ Morfemas interrogativos das línguas *bantu* da família do *nyungwe* como *-ni* (*swahili*), *-ci* (*yao*), *-ni* (*sena*), *-ni* (*makhuwa*), etc., autorizam-nos a conjecturar que é o morfema *-ni*, combinado com elementos de natureza diversa que está presente e é o responsável pela formação de interrogativas do tipo *-ni* em *nyungwe*, equivalentes a *wh-*, em inglês, e *qu-*, em português. Os morfemas interrogativos usados para a formulação de interrogativas de conteúdo são essencialmente constituídos por uma partícula *-ni*. Esta ocorre presa a ou dependente de elementos linguísticos (pronomes, verbos, advérbios) que com eles forma, através de mudanças fonético-fonológicas, aquilo que comumente se designa por pronomes ou advérbios interrogativos. Por uma questão de adequação, doravante, serão tratados por partículas interrogativas.

⁵⁴ Convocando Ngunga (2002, 54), clíticos são partículas gramaticais que se “hospedam” em outras palavras. Podem hospedar-se no princípio, no meio ou no fim da palavra, podendo, por conseguinte, chamar-se proclíticos, mesoclíticos e enclíticos, respectivamente.

A realização da partícula interrogativa *-ni* varia segundo a natureza da pergunta. Se a pergunta se refere a seres humanos, seres personificados, divindades e a tudo que se relacione com eles, toma a forma de: *yani (a-ni)*, ‘quem’, *mbani (ni-a-ni)*, ‘quem é’, *ninyi*⁵⁵ (*ni-ni*), ‘que é’, *ciyani/ciyanyi (ci-a-ni)*, ‘que (coisa), o quê’; em perguntas temporais, a partícula adquire a forma de *lini (li(-le)-ni)*, ‘quando’; se em questão está o lugar dos eventos e/ou a escolha entre mais de duas pessoas ou coisas, aparece na forma *-poni (-po-ni)*, ‘onde, qual’; em se tratando de apurar como os eventos foram realizados, somos confrontados com a forma *tani (ti-a-ni)*, ‘como, quanto’; se a pergunta pretende saber a quantidade de pessoas, coisas ou objectos, surge-nos a forma *-ngasi/-ngati (ni-ga-ni(?))*, ‘quanto’; se se pretende referir às causas, motivos ou motivações que precipitaram os eventos, recorre-se às formas *thangwe* (forma apocopada)/*thangweranyi (thangwe-la-a-ni)* ou *sabwa* (forma apocopada)/*sabwanyi (sabwa-la-a-ni(?))*, ‘causa, porque’.

Como se pode depreender do exposto acima, as diferentes formas de realização da partícula interrogativa *-ni* são motivadas pelos diferentes contextos em que ela ocorre. Assim, esses contextos diferentes prefiguram também diferentes papéis, diferentes funções associadas, que podem ser as de Sujeito, Predicador, Complemento ou Adjunto, normalmente funcionando em combinatórias, tais como Predicador/Sujeito, Predicador/Complemento, Predicador/Adjunto⁵⁶.

Uma característica geral das orações interrogativas é a seguinte: a ordem (excepto a entoação) e as marcações temporal, polar e modal realizam-se da mesma maneira como nas orações declarativas já descritas no primeiro subcapítulo deste capítulo.

Tanto a interrogativa polar (sim/não) como a interrogativa de *-ni* têm as mesmas estruturas em *nyungwe*. Diferem no funcionamento. Por exemplo, nas interrogativas polares, mais do que a ordem, a entoação tem um papel crucial. Caracteriza-se por uma curva da entoação ser tendencialmente ascendente, situando-se o seu pico no fim. É ela que distingue por exemplo estas interrogativas das declarativas. A ordem serve apenas para efeitos de tematização.

Já nas interrogativas *-ni*, a sua entoação subdivide-se em duas categorias: (i) de tipo sobe-desce⁵⁷, i.e., alta no início e baixa no fim, se a estrutura contendo o elemento *-ni* estiver no início; (ii) de tipo em crescendo, se esta estiver no fim, sendo que, nestas casos, aproxima-

⁵⁵ O morfema interrogativo *-ni* é transformado em *-nyi* provavelmente por razões de harmonia vocálica, encontrando-se em amálgama com outros morfemas como se pode constatar nas descrições que se seguem.

⁵⁶ Eventualmente, também poderão ser designados por Predicador sujeitificado, Predicador complementarizado, Predicador adjuntizado, respectivamente.

⁵⁷ Esta formulação é devedora de Rose (2004: 488) e da sistematização que o autor apresenta das várias opções de entoação disponíveis em pitjantjatjara.

se mais das declarativas que das interrogativas polares, distinguindo-se de ambas pela partícula interrogativa, acrescida, na escrita, da marca gráfica correspondente (ponto de interrogação). Refira-se que estes cenários verificam-se em orações interrogativas *-ni* com mais do que um componente oracional. Em orações com um só componente, passa-se o mesmo que em (i), entoação de tipo sobe-desce, mas desta feita em relação às sílabas. A ordem não tem papel relevante, podendo ocorrer no início, meio ou final da oração. A relevância é dada à forma como o morfema interrogativo *-ni* se estrutura e se combina com outras estruturas para produzir diferentes significados interrogativos como sejam, inquirir o Sujeito (*yani*, ‘quem’, *mbani*, ‘quem é’), o Complemento (*mangasi*, ‘quantos’), ou o Adjunto (*kuponi*, ‘onde’) conforme foi mencionado acima. Nos exemplos constantes mais abaixo, serão dados mais pormenores.

Muito embora afirmássemos que as interrogativas *-ni* se regem pelos mesmos princípios assinalados para as outras orações, quando a unidade linguística que possui a partícula interrogativa desempenha a função de Sujeito, esta tende a ocupar a posição inicial. Qualquer outra posição, tematiza-a. Se, pelo contrário, a função do elemento interrogativo for outra, Complemento ou Adjunto, por regra, tende a ocupar a posição pós-verbal, podendo ou não possuir outros elementos depois dele.

Os elementos interpessoalmente relevantes na oração interrogativa polar *Uli bwino?*, ‘Estás bom?’, são Predicador e Complemento, nesta ordem. *Bwino*, ‘bom’, é o Complemento e *Uli*, ‘estás’, o Predicador. A marca temporal neste exemplo não é expressa, o que acontece no caso de tempos presentes gnoseológicos marcados pelo morfema zero (0). A entoação é ascendente.

(5.2.1) *Uli bwino?* (Texto 9)

uli	bwino
estás	bom
Pred.	Compl.

Estás bom?

A oração acima, que é uma das formas de saudação, pode ser mais expandida. Veja-se a oração *Kodi muli bwino aBrás Verniz M’sangazi?* (Texto 10), ‘Então, está bom sr. Brás Verniz M’sangazi?’. Esta oração que tem mais elementos estruturais, como sejam Partícula Interpessoal ^ Predicador ^ Complemento ^ Vocativo. Há uma nota de formalidade nesta oração que é introduzida na interpelação ao Brás, tratando-o por *aBrás*, ‘sr. Brás’, que está ausente na oração anterior. Essa formalidade é também reflectida no seu Predicador *mu-li*, ‘está/ estais’ (formal), em vez de *u-li*, ‘estás’ (informal). Num e noutra casos, as marcas dessa

formalidade são concretizadas pelos morfemas *a-* e *mu-*, respectivamente. A ordem dos elementos funcionais da oração *nyungwe* afigura-se ser livre ou pelo menos muito flexível.

No caso da oração (2), abaixo, temos a seguinte ordem dos elementos: Partícula Interpessoal ^ Predicador ^ Complemento ^ Sujeito. Este Sujeito, em final de oração, é repetição do primeiro Sujeito que aparece como morfema *-ine* no Predicador *ndi-ine* para efeitos de marcação contextual, como veremos adiante num outro contexto. A Partícula Interpessoal *wa* pode aparecer no início como um introdutor discursivo (como neste caso) como também pode aparecer no fim.

(5.2.2) *Wa, ndine wanu ine?* (Texto 1)

wa	ndi	ine	wanu	ine
wa	sou		vosso	eu
PI.	Pred./Suj.		Compl.	Suj.

Irra, sou vosso, eu?

A entoação, na oral, e o sinal de pontuação (?), na escrita, são os grandes responsáveis pela distinção destas interrogativas das orações declarativas e interrogativas *-ni*.

Da estrutura Partícula Interpessoal ^ Sujeito ^ Predicador ^ Complemento ^ Sujeito desta oração, merece destaque o Sujeito *uyu*, ‘este’, em posição final, uma meramente repetição do primeiro *uyu*.

Tal como no anterior exemplo, este Sujeito repetido funciona como Tema posposto com o propósito de confirmação do Tema inicial como informação nova. Portanto, configura uma estratégia de reforço da informação. A Partícula Interpessoal *apa*, ‘então’, é um mero iniciador discursivo de valor textual de que os falantes se servem para iniciar, manter ou encerrar a vez ou a conversa. Como vimos em exemplos anteriores, são raras as vezes em que o verbo *ni*, ‘ser/estar’, funciona como verbo pleno. Por isso, este Predicador *ni*, ‘é’, trata-se aqui de um caso notável pela sua raridade.

(5.2.3) *Apa uyu ni três uyu?* (Texto 7)

apa	uyu	ni	três	uyu
assim	este	é	três	este
NEG.	Suj.	Pred.	Compl.	Suj.

Mas este é três, este?

Em relação às interrogativas *-ni*, como no início se referiu, caracterizam-se por exibirem o morfema interrogativo *-ni*, preso a uma determinada estrutura, desempenhando funções várias. No caso da oração (4), abaixo, funciona como Complemento dentro da Cópula verbal *ni-* que, devido a esta sua natureza compósita, se convencionou representá-la por

(Pred.)Complemento. Assim, (Pred.)Complemento ^ Predicador é a estrutura desta oração. A cópula verbal *ni-*, que funciona como um pré-modificador, intensificando a interrogação, fundiu-se com a partícula interrogativa também ela *-ni* com função de Complemento para dar lugar a estrutura *mbani (ni-a-ni)*. O Predicador *ndiribe kuwona*, ‘não vi’, como se vê, tem duas formas verbais: *ndiribe*, ‘não tenho’, verbo auxiliar negativo ou de significação negativa (vd. subcapítulo anterior), funciona como marca de tempo e de polaridade negativa ao mesmo tempo e *kuwona*, ‘ver’, funciona como verbo principal. Esta oração não se presta muito a aceitar mudanças na ordem das suas estruturas.

(5.2.4) *Mbani ndiribe kuwona?* (Texto 7)

ni	a	ni	ndiribe	kuwona
é		quem	não tenho	ver
Pred./Comp.			Predicador	

A quem não vi?

A oração interrogativa (5), abaixo, tem a ordem Predicador ^ Complemento, elementos esses também eles com os seus movimentos limitados. Neste Predicador *tiyambe*, ‘comecemos’, Tempo e Modo (T/M) coincidem. Ambos estão assinalados com o morfema *-e*. Isto parece verificar-se quando o Modo é presente do conjuntivo⁵⁸.

O Complemento preposicionado *na yani*, ‘com quem’, tem a preposição *na* e o morfema interrogativo *-ni*, posto no final da oração. Este é dos menos carregados morfemas interrogativos que se conhecem nesta língua.

(5.2.5) *Tiyambe na yani?* (Texto 10)

tiyambe	na	yani
comecemos	com	quem
Predicador	Complemento	

Comecemos com quem?

A oração (6) *Muti ngwanyi nawo?*, ‘Pau é para quê?’, abaixo, com o fraseado Complemento ^ Predicador/Complemento ^ Complemento, tem o Complemento *muti*, ‘pau’, marcado por estar na posição inicial e por ser pronunciado proeminentemente.

A oração não marcada seria *Ngwanyi nawo muti?* O Complemento preposicionado *nawo (na-iwo)* compõe-se da preposição *na-* e o demonstrativo *-iwo*, ‘isso’. Em *ngwanyi (ni-wa-ani)*, ‘é para quê’, gerou-se um hibridismo resultante de dois factores: a cópula verbal *ni-*

⁵⁸ Em *nyungwe* tal como em *swahili*, o modo conjuntivo usa-se, entre outras, para expressar um desejo, um propósito, uma dúvida, ou recomendação ou uma ordem delicada (Pelt, 1992: 63). Portanto, é o domínio da eventualidade, do hipotético, do *irrealis*, do não factual, do hipotético.

com função de Predicador e a partícula interrogativa *-wanyi* a funcionar como Complemento interno ou Complemento clítico (clitic-Complement, *vd.* Caffarel, 2006). Uma vez mais está exibida a natureza clítica da partícula interrogativa *-ni* em *nyungwe* que aqui sofreu transformações morfêmicas.

(5.2.6) *Muti ngwanyi nawo?* (Texto 7)

muti	ni	wa	ni	na	iwo
pau	é		quê	com	isso
Comp.	Pred./Compl.			Compl.	

Pau é para quê?

A oração *Nciciyani*, ‘É o quê’, é em si mesma Predicador/Complemento, seu único membro. Sirva este exemplo para mostrar outra forma de representar o morfema interrogativo *-ni* (*vd.* nota 2), desta feita, alojado no Predicador e realizando a função de Complemento clítico.

Aliás, as evidências vão no sentido em que sempre que o morfema interrogativo esteja inserido no Predicador, a função que realiza é a de Complemento clítico, seguido ou não de outros componentes frásicos.

Esses podem ser outro Complemento, o Sujeito ou um Adjunto. No caso vertente, o Complemento clítico não é acompanhado.

(5.2.7) *Nciciyani?* (Texto 7)

ni	ci	ci	a	ni
é	cl.7	cl.7		quê
Pred.	Comp.			

É o quê? [O que é?]

Na oração interrogativa *Mundicitanyi ine*, ‘Que me fazem a mim’, ordenada em Predicador/Complemento ^ Complemento, o Predicador/Complemento *Mundicitanyi* (*Mun’ndicitanyi*), ‘Que me fazem’, tem a marca de tempo presente *-ni-*, provavelmente fundido no *-ndi-*, marca do Complemento-clítico, ou então terá caído. Este *-ndi-* é precedido da marca do Sujeito *mu-*, que nos elucida que o Sujeito omissivo é o pronome pessoal *imwe*, ‘vós’. A partícula interrogativa *-ni* (mascarada em *-nyi*) também desempenha aqui a função de Complemento-clítico, ficando a oração com dois Complementos-clíticos.

Em final da oração, aparece o Complemento *ine*, ‘eu’.

(5.2.8) *Mundicitanyi ine?* (Texto 10)

mu	ndi	cita	ni	ine
vós	me	faz	quê	eu

Predi	Comp.	cador	Comp.	Comp.
-------	-------	-------	-------	-------

Que me fazem a mim?

Sendo Predicador/Complemento ^ Aposto, a organização da oração *N'nidyanyi kolo*, 'Como o quê, macaco', o Aposto *kolo*, 'macaco', é, desde logo, uma raridade, senão mesmo caso único em todos os dados compulsados.

Esta raridade vincada pela posição final que ocupa e ainda para mais sem o seu Sujeito *ine*, 'eu', expresso.

De resto, de novo o morfema interrogativo *-ni*, Complemento-clítico, encontra-se hospedado no Predicador.

Como já fora aludido antes, o Complemento-clítico parece que surge quando forma uma única unidade linguística com o Predicador.

(5.2.9) *N'nidyanyi kolo?* (Texto 14h)

ndinidya	ni	kolo
como	quê	macaco
Predicador/Compl.		Aposto

Que como [eu] macaco?

A estrutura Adjunto ^ Predicador/Complemento, presente no exemplo (10), apresenta uma ordem muito flexível, totalmente livre, aliás. A expressão *apa* é um introdutor discursivo que parece ter valor Textual, que está fora da estrutura interpessoal. O Adjunto *masikati*, 'ao meio dia', precede o Predicador/Complemento, *wadyanyi*, 'que comeste', sendo este da mesma natureza dos que até aqui foram tratados. Mas também poderia segui-lo, dada a liberdade de movimentos acima invocada.

(5.2.10) *Apa, masikati, wadyanyi?* (Texto 19)

apa	masikati	wadya	ni
assim	meio-dia	comeste	quê
	Adj.	Pred./Compl.	

Assim, ao meio dia, que comeste?

A estrutura da oração (11) abaixo, *Nchiyani ndanembaci*, 'Que é isto [que] escrevi', é Predicador/Complemento-clítico ^ Oração, tendo como novidade a oração *ndanembaci*, 'isto [que] escrevi', a funcionar como Predicador/Complemento-clítico (*ndanemba-ici*). Portanto, é uma oração com uma oração encaixada por dentro que funciona como um dos elementos oracionais daquela. Uma vez mais, em *nchiyani (ni-ci-a-ni)*, a partícula interrogativa *-ni* aparece associada ao Predicador, desempenhando a função de Complemento-clítico. Em

nyungwe, estes complementos-clíticos parecem ser referentes de um outro Complemento presente na oração já que aqueles só existem se existir este.

(5.2.11) *Nchiyani ndanembaci?* (Texto 7)

ni	ci	a	ni	ndanemba	ici
é	cl.7		que	escrevi	isto
Pred./Compl.			Oração		

Que é isto [que] escrevi?

A oração anterior e esta ambas têm estruturas de encaixe. A oração (12) *Kodi ambati niyani umweyu?*, ‘Afimial, dizem que se chama o quê a este?’, funciona como uma oração interrogativa de conteúdo com a estrutura Predicador ^ Complemento. O seu Predicador *ambati*, ‘dizem’, introduz uma oração encaixada *niyani umweyu*, ‘chama-se o quê a este’, e toda ela funciona como Complemento, portanto, ao nível de grupo como um constituinte da oração (de uma oração passou a constituinte de um grupo, *vd.* Halliday, 2004: 426-27). Saliente-se que os componentes desta oração têm uma ordem totalmente flexível, podendo cada um deles ocupar qualquer posição. A expressão *Kodi* é um introdutor discursivo de valor Textual que está fora do escopo da estrutura interpessoal.

(5.2.12) *Kodi ambati niyani umweyu?* (Texto 7)

kodi	ambati	niyani	umweyu
afimial	dizem	é quem	mesmo este
	Pred.	Oração	

Afimial, dizem que se chama o quê a este?

A oração (13), *Nkazi uponi umweyo?*, ‘Que mulher essa?’, contém os elementos estruturantes Sujeito ^ Complemento ^ Sujeito. Este exemplo parece representar o grau máximo da fusão da cópula verbal *ni* (*Ni-nkazi uponi umweyo*), que implica a sua total omissão. Portanto, uma vez mais, o seu Predicador *ni*, ‘é’, não está realizado, podendo ser presumível do contexto. Este fenómeno é recorrente com verbos de ligação. Nesta oração, a ser realizado o Predicador, estaria de preferência no início. Conforme já sublinhado em anteriores ocasiões, a partícula interrogativa *-ni* nunca funciona livre. Desta vez, funciona na estrutura do Complemento *uponi* (*u-po-ni*) em que não só não funciona livremente como até pode ser omitida: *Nkazi wu umweyo?* O Sujeito, *Nkazi ... umweyo*, ‘essa ... mulher’, desta feita, é descontínuo, mediado pelo Complemento *uponi*, ‘qual’.

(5.2.13) *Nkazi uponi umweyo?* (Texto 9)

nkazi	uponi	umweyo
mulher	qual	mesmo-esse

Suj.	Compl.	Sujeito
------	--------	---------

Qual mulher [é] essa?

A estrutura da oração que se segue, a oração (14), é Predicador ^ Adjunto ^ Sujeito. O Predicador *ambacita*, ‘costuma fazer’, tem o morfema *-mba-* a introduzir a modalidade da usualidade no verbo *kucita*, ‘fazer’. Este marcador modal *-mba-* substitui a marca de tempo, ocupando precisamente o lugar que seria ocupado por esta, na tal exclusão mútua referida no anterior subcapítulo, página sete. Desta estrutura oracional, pode-se alterar a sua ordem mas o Adjunto *tani*, ‘como’, revela alguma relutância nessa mexida.

(5.2.14) ...*ambacita tani minyendo?* (Texto 7)

<i>ambacita</i>	<i>tani</i>	<i>minyendo</i>
costuma fazer	como	pernas
Predicador	Adj.	Sujeito

A como estão as pernas?

Em *Lero, tinfuna kukanemba minfolo mingasi?*, a oração (15) abaixo, a estrutura oracional é Adjunto ^ Predicador ^ Complemento. O Complemento *minfolo mingasi*, ‘quantas filas’, tem a partícula interrogativa *-ni* transformada em *-si*⁵⁹: *mingasi (mi-nga-si)*. O Predicador é *tinfuna kukanemba*, ‘queremos ir escrever’, com *tinfuna*, ‘queremos’, no papel de verbo auxiliar a funcionar como marcador temporal e *kukanemba*, ‘ir escrever’, o seu verbo principal. Note-se a subtilidade emprestada pelo morfema *-ka*⁶⁰ ao verbo principal que o torna em *ir escrever* e não somente em *escrever*. Com o Adjunto *Lero* à cabeça e conservando a integridade física do Predicador, todos os constituintes frásicos desta oração são flexíveis.

(5.2.15) *Lero, tinfuna kukanemba minfolo mingasi?* (Texto 7)

<i>lero</i>	<i>tinfuna</i>	<i>kukanemba</i>	<i>minfolo</i>	<i>mingasi</i>
hoje	queremos	ir escrever	filas	quantos
Adj.	Predicador		Complemento	

Hoje, queremos ir fazer quantas filas?

A mobilidade dos constituintes frásicos invocada na parte do enquadramento geral deste subcapítulo nem sempre se verifica como é o exemplo em apreço *Ndati tani?*, ‘Que disse’. Portanto, **Tani ndati* é uma realização não aceitável na língua. Isto parece acontecer sempre que o interrogativo envolvido é *tani*, ocorrendo com um Predicador seja ele qual seja. Mas se ocorrer com Complemento ou Adjunto, o problema não se põe: *Tani moyo? Tani e lini*

⁵⁹ Em *nyungwe*, além de *-ni* e *-si*, *-ti* é outra forma alternativa.

⁶⁰ Morfema conotado com movimento de cá para lá e com eventos posteriores e, por isso, associado à marca de tempo futuro.

(vd. adiante) são os únicos casos em que a partícula *-ni* não coabita com outras funções - Complemento, Sujeito, Adjunto - como se verifica noutros contextos.

(5.2.16) *Ndati tani?* (Texto 7)

ndati	tia	ni
disse	como	
Pred.	Compl.	

Disse quê?

Na oração *Thangweranyi unsaya kucita*, ‘Porquê não fazes’, abaixo, a estrutura é Adjunto/Complemento ^ Predicador. O Adjunto/Complemento *thangweranyi* (*thangwe-la-ni*), ‘causa de quê’, é uma estrutura compósita. Este é um dos casos em que a própria partícula interrogativa *-ni* é enfática, portanto, dispensável, agindo como pós-modificador do nome *thangwe*, intensificando-o. Por isso, não raras vezes, *thangweranyi* é reduzido a *thangwe* sem prejuízo do significado. O Predicador *unsaya kucita*, ‘não fazes’, é um grupo verbal com duas formas verbais, *unsaya*, verbo auxiliar e *kucita*, verbo principal. O verbo auxiliar funciona como marcador de tempo e de polaridade negativa ao mesmo tempo.

(5.2.17) *Thangweranyi unsaya kucita?* (Texto 9)

thangwe	la	ni	unsaya	kucita
causa	de	quê	não encontras	fazer
Adj./Compl.			Predicador	

Porquê não fazes?

A oração *Haa, sabwanyi tenepayu?* é daquelas que por razões contextuais não tem Predicador expreso. Mas esse mesmo contexto sugere-nos que o seu Predicador será provavelmente *kucita*, ‘fazer’. Os elementos realizados são: Partícula Interpessoal ^ Complemento ^ Adjunto.

As expressões interrogativas *thangweranyi* e *sabwanyi* equivalem-se, podendo-se substituir entre si. As suas estruturas também são idênticas.

(5.2.18) *Haa, sabwanyi tenepayu?* (Texto 10)

haa	sabwa	ni	tenepa	uyu
haa	causa	quê	assim	este
NEG.	Adj./Compl.		Adjunto	

Óh, porquê [faz] assim?

O pano de fundo da oração abaixo é a estrutura Complemento ^ Predicador ^ Adjunto ^ Sujeito. Da estrutura acima indicada, para não ser demasiado repetitivo, apenas são feitas referências ao Predicador e ao Adjunto. Há que sublinhar que *lini*, ‘quando’, é uma partícula

interrogativa que funciona como Adjunto e, ao contrário dos outros casos, ocorre livre e também tem uma maior mobilidade dentro da oração. Quanto ao Predicador *an'dzabala* (*a-ni-dza-bala*), ‘virá nascer’, interessa referir a presença dos morfemas *an'dza*, ‘virá’, verbo auxiliar a marcar Tempo a partir do presente para a frente, i.e., futuro e *bala*, ‘nascer’, verbo principal.

(5.2.19) *Wana an'dzabala lini umweyu?* (Texto 9)

wana	anidza	bala	lini	umweyu
crianças	virá	nasce	quando	mesmo este
Compl.	Predicador		Adj.	Sujeito

Crianças, quando terá ele?

Como conclusão, poder-se-á dizer que as interrogativas polares seguem o mesmo modelo estrutural da das declarativas, distinguindo-se apenas na entoação. Quanto às interrogativas *-ni*, verifica-se que esta partícula ocorre geralmente presa, excepto quando é Adjunto circunstancial de tempo *lini*, ‘quando’, de modo *tani*, ‘como’. Os papéis desempenhados pela partícula *-ni* são de Complemento-clítico, maioritariamente, e Adjunto. Na estrutura ou organização da oração interrogativa *-ni*, verifica-se que a unidade que contém a partícula interrogativa goza de uma mobilidade dentro da oração, podendo ocupar qualquer das posições, inicial, intermédia ou final, consoante as opções comunicativas que estejam na base da sua formação. Em última instância, ambas as interrogativas admitem mudanças da ordem dos seus membros, oscilando desde os mais flexíveis aos menos, passando por membros de mobilidade média.

5.3. ORAÇÕES IMPERATIVAS

O objectivo deste ponto é descrever a forma como as orações imperativas são estruturadas, ou seja, como são expressas gramaticalmente. Impõe-se desde já uma destriça: as orações imperativas estão no domínio das propostas (troca de bens-&-serviços) enquanto que as declarativas e as interrogativas situam-se no das proposições (troca de informações).

As orações imperativas são interpelações a alguém para que este faça alguma coisa. Portanto, têm como objectivo influenciar o comportamento do outro, levando-o a fazer-nos ou a dar-nos algo. O modo mais natural de obtenção disso é através da ordem. A oração típica da ordem é a imperativa. Tentar alterar o comportamento de outra pessoa, sobretudo quando se trata de um superior hierárquico, não é uma empresa fácil, pois requer a adopção de

estratégias comunicativas adequadas aos contextos existentes (Thompson, 2004: 232). Uma matéria tão complexa como esta exige eficácia, versatilidade, diversidade de linguagem. Daí que, entre formas congruentes e não congruentes, o número de imperativas seja elevado. Por isso, está longe de se esgotar neste espaço necessariamente limitado.

Antes de entrar em detalhes, importa sublinhar que, no domínio das imperativas, regra geral, as línguas não desenvolvem recursos especiais para realizar ordens e ofertas. A troca de bens-&-serviços é estritamente não-verbal, envolvendo tipicamente acções físicas. Nestes contextos, a língua surge como um coadjuvante do processo, funcionando simplesmente como um meio para alcançar finalidades essencialmente não linguísticas (Halliday, 2004: 110).

Tal como as orações interrogativas, as orações imperativas subdividem-se em dois tipos: (i) imperativas exclusivas ou imperativas ordinárias (*vd.* Halliday, 2004: 152) e as (ii) imperativas inclusivas ou imperativas sugestivas, uma combinação entre ofertas e ordens (Halliday, 2004: 457).

As orações imperativas exclusivas são as que traduzem a ordem propriamente dita. Como o próprio nome indica, esta ordem é exclusivamente orientada para o(s) destinatário(s), responsabilizando-o(s) pelo seu cumprimento; o grau de obrigatoriedade é total; o Sujeito não é explicitamente realizado mas em termos experienciais é considerado como sendo o participante Actor das orações imperativas e corresponde à segunda pessoa do singular ou do plural *you*⁶¹, em inglês; tu, vós, em português; *iwe* e *imwe*, em *nyungwe*. Nas duas últimas línguas, normalmente não são expressos. Este tipo de imperativas é designado por não marcado, isto é, não tem Modo verbal (Sujeito e/ou Finito) por oposição àquelas imperativas que têm Modo verbal, têm pelo menos Sujeito e/ou Finito expresso(s) (Thompson, 2004: 56).

Em inglês, a estrutura de imperativas de tipo exclusivas resume-se ao Predicador (Complemento, Adjunto) (Halliday, 2004: 154), o que significa que este é o constituinte principal destas orações. O mesmo acontece em *nyungwe*. A entoação destas imperativas em *nyungwe* é decrescente e constitui um dos aspectos cruciais da sua caracterização. As marcações temporais ou modais não existem, pelo facto de neste tipo de imperativas não se especificar a referência temporal do evento discursivo. Mas a polaridade (negativa) é marcada de acordo com os critérios gerais da marcação da polaridade em *nyungwe*, vistos aquando da descrição das orações declarativas.

⁶¹ O *tu*, 'you', é a realização típica do Sujeito em ordens; *eu* em ofertas; e *tu* e *eu* em sugestões (Halliday, 2004: 138-39; 147).

Para atenuar o carácter ríspido destas imperativas, há elementos linguísticos, semelhantes a uma espécie de incentivadores, que servem de atenuantes da ordem própria nestas orações (*nandi, kodi, ndipo* em posição de modificador).

Quanto às imperativas inclusivas ou sugestivas, estas são uma mistura de ordem e oferta. Nestas, a ordem é orientada para ambos os interlocutores, falante e ouvinte(s); surge como se de um convite, de uma sugestão, de um conselho ou como se de uma exortação se tratasse; o grau de assertividade é diminuto. Pelo contrário, procura-se a adesão e o comprometimento do(s) interlocutor(es), envolvendo-o(s) de modo a que ele(s) se sintam incluído(s). A entoação é também decrescente como em imperativas exclusivas. Estruturalmente, estas imperativas possuem um Sujeito realizado ou o seu co-referente (também designado por marca de Sujeito). Nos restantes elementos oracionais, a estrutura não difere da da imperativa exclusiva. Daqui se pode inferir, e Caffarel (2004: 94) atesta isso, que são as marcas de pessoa e número presentes no Predicador que são fundamentais na realização das opções das orações imperativas. Há que acrescentar que, em *nyungwe*, como veremos adiante, são estas e outras marcas que jogam esse papel.

Em *nyungwe*, as imperativas sugestivas que acabamos de ver são marcadas. Essa marcação é essencialmente realizada pelo uso do modo conjuntivo. Concorrem ainda vários tipos de marcas ou morfemas grudados no Predicador: (i) a clitização através de pronomes presos prefixados (*a-*, *ti-*), (ii) a prefixação de morfemas exortativos (*mba-/na-*), (iii) o recurso ao futuro remoto/direccional (*ka*), etc.

Outro aspecto importante a ter em conta nas imperativas é a sua variação em função da formalidade, havendo um contraste entre imperativas informais e imperativas formais conforme os contextos sejam informais ou formais. Entende-se por contextos informais aqueles em que os participantes têm estatutos ou papéis sociais iguais, amigo/amigo, colega/colega, etc. Pelo contrário, em situações formais, os estatutos ou papéis sociais são desiguais, patrão/empregado, por exemplo.

Em termos léxico-gramaticais, na situação informal, a imperativa singular governa-se apenas com o Predicador sem o morfema *-ni*. Em contextos formais, a forma imperativa leva sempre a marca *-ni*⁶², sufixada no Predicador.

Referindo-se às línguas *bantu* em geral, Nurse (2008: 44), chama ao imperativo informal de imperativo singular e, ao formal, de imperativo plural. Este, dado que, além do

⁶² Quando surge, o morfema *-ni* sufixado significa, das duas, uma: ou uma mera marca de plural ou marca de plural de valor formal. Em *nyungwe*, uma das formas interpessoais de formalidade, delicadeza e cortesia é marcada pela pluralização de tudo que seja singular e passível de sofrer a flexão de número (pronomes, demonstrativos, adjectivos, formas verbais, etc.), passando a tratar o que é singular como se fosse plural.

radical verbal, apresenta a marca do plural *-ni*, toma o nome de imperativo marcado. Pelo contrário, o imperativo informal é destituído dessa marca do plural *-ni*. Logo, será considerado imperativo não marcado. Este imperativo informal é usado em contextos também informais. No *nyungwe*, passa-se exactamente o mesmo.

Como ponto de partida para a descrição das imperativas do *nyungwe*, escolheram-se as imperativas exclusivas que, conforme referido anteriormente, na sua forma simples se apresentam apenas com um radical, podendo ou não possuir o morfema *-ni* sufixado.

A oração imperativa que se segue é exclusiva, com Predicador ^ Adjunto. Tanto o Predicador *lewalewa (lewa-lewa)*, ‘fala’, como o Adjunto *bwino bwino*, ‘muito bem’, são expressos por uma duplicação de componentes. O redobro é um recurso interpessoal muito produtivo em *nyungwe*. Serve, entre outras particularidades, para intensificar o significado antes expresso com um elemento. A oração inicia com uma interjeição que, em textos dialógicos, não será propriamente de estranhar. Esta imperativa, além de exclusiva, é também informal, marcada pela ausência do morfema *-ni* no Predicador *lewalewa*. A característica destas imperativas é o facto de o Predicador não ter nem marcação temporal nem Sujeito explícito, expresso. Mas é sabido que a ordem é endereçada ao destinatário – *iwe*, ‘tu’.

(5.3.1) *Ali, lewalewa bwino bwino.* (Texto 11)

ali	lewa	lewa	bwino	bwino
arri	fala	fala	bem	bem
	Predicador		Adjunto	

Oh, conta muito bem.

Na oração *Nemba, ndipo*, ‘Escreve, então’, os constituintes funcionais são Predicador ^ Partícula Interpessoal. O Predicador *Nemba*, ‘escreve’, é seguido pela Partícula Interpessoal *ndipo*, ‘então’, que está a funcionar como um incentivador, um encorajador para que o destinatário execute a tarefa. Portanto, incita o interlocutor a realizar a tarefa.

(5.3.2) *Nemba, ndipo.* (Texto 7)

nemba	ndipo
escreve	então
Pred.	NEG.

Escreve, então.

Predicador ^ Complemento é como se estrutura a oração *Nemba matomate mawiri*, ‘Desenha dois tomates’, abaixo. O Predicador *Nemba*, ‘escreve’, é o mesmo do de cima e tem as mesmas características dos dois anteriores. A diferença está neste ter o Complemento

matomate mawiri, ‘dois tomates’, como companhia. Este é pós-modificado pelo numeral *mawiri*, ‘dois’.

(5.3.3) *Nemba matomate mawiri*. (Texto 7)

nemba	matomate	mawiri
escreve	tomates	dois
Predic.	Complemento	

Desenha dois tomates.

Nyang'anisani pomwe, ‘Reparem outra vez’, oração estruturada por Predicador ^ Complemento, tem no Predicador *Nyang'anisani*, ‘Reparem’, o morfema *-ni* sufixado que os Predicadores acima não apresentam. Neste caso, trata-se de marca de plural. O contexto diz-nos que o professor se dirigia aos alunos da turma. Portanto, eram muitos e, por isso, reflectido na marca de plural. O seu Complemento *pomwe*, ‘outra vez’.

(5.3.4) *Nyang'anisani pomwe*. (Texto 7)

nyang'anis	a	ni	pomwe
olhem			outra vez
Predicador			Comp.

Reparem outra vez.

Esta imperativa exclusiva em concreto apresenta-se-nos com mais do que um elemento estrutural, Predicador ^ Adjunto ^ Vocativo. Os elementos interpessoais relevantes são o Predicador *salani*, ‘fique’, fulcro da imperativa, e o Adjunto *bwino*, ‘bem’. Além disso, este imperativo é formal, cuja marca é o morfema *-ni* sufixado no Predicador (*sala-ni*). No caso, o locutor de rádio trata os ouvintes com formalidade, tratamento institucionalizado. O Vocativo *andzathu*, ‘companheiro’, apesar de fazer parte da estrutura negocial, não pertence ao elenco dos elementos nucleares da oração. Nele, também está repercutida a formalidade através da pluralização de *mwandzathu*, ‘nosso companheiro’, para *andzathu*, ‘nossos companheiros’. A interjeição *Ohoo* é um elemento textual que está fora do nosso escopo.

(5.3.5) *Ohoo, salani bwino, andzathu*. (Texto 10)

ohoo	sala	ni	bwino	andzathu
ohoo	ficai		bem	nossos companheiros
	Predicador		Adj.	Vocativo

Fique bem, estimado ouvinte.

Posto isto, entra-se agora num outro tipo de imperativas, as imperativas inclusivas. Nelas, destacam-se como características estruturantes a sua ocorrência no modo conjuntivo, identificado pelo morfema *-e*, sufixado, cujo papel é o de expressar possibilidade, hipótese,

desejo, inclinação e o possuem um Sujeito expresso ou que, não estando expresso, têm impressa no Predicador uma marca desse Sujeito (MS). Estas imperativas soam como um apelo, como uma exortação para a acção, na qual os interlocutores (falante e ouvinte) são chamados a agir. Normalmente, estas imperativas geram em torno de si uma certa empatia e onda de solidariedade, de cooperação, resultando numa adesão de ambos. O Predicador *Mbatiyendeni*, ‘Vamos’, da oração abaixo, além do morfema exortativo *mba*⁶³, tem a marca de Sujeito *-ti-*, primeira pessoa, plural, que, conjugados, fazem o pleno no amolecimento do comando.

(5.3.6) *Mbatiyendeni pandja*. (Texto 7)

mba	ti	end	e	ni	pandja
		ir			fora
Predicador					Adj.

Vamos fora.

Neste exemplo (7), Predicador e oração coincide, *Naabwere*, ‘Que venha’. O Predicador é realizado pelo modo conjuntivo atrás referido e pelas marcas *na-*(morfema exortativo, *vd.* nota abaixo), prefixado, que, no caso vertente, serviu para incentivar os alunos a irem ao quadro resolver os exercícios. Mas, ao contrário do exemplo anterior, a exortação aqui é dirigida exclusivamente aos alunos, estes representados pelo morfema *-a-*, marca do Complemento-clítico, sem incluir o professor deles e, portanto, sem a tal solidariedade acima invocada. Isto é, a solidariedade invocada acima só existe se a marca de Sujeito for a primeira pessoa do plural, que não é o caso.

(5.3.7) *Naabwere*. (Texto 7)

na	a	bwer	e
	que	vir	
Pre.	Comp.	dicador	

Que venha.

A imperativa abaixo, estrutura-se em Predicador ^ Complemento. O Predicador *Tiyeni*, *tiyeni*, ‘Vamos, vamos’, é constituído pelo verbo *tiyeni*, ‘vamos’, repetido. A repetição marca, como foi referido, a intensificação. No Predicador *tiyeni* (forma sincopada de *tiyendeni* como em (6)) está prefixada a marca de Sujeito *ti-*, primeira pessoa do plural que, como já vimos, activa uma onda de solidariedade. E, como de costume, o conjuntivo que acompanha este tipo de construções, está presente. O Complemento *kuna Mambo*, ao Senhor, é preposicionado.

⁶³ O morfema *mba-* já apareceu com valor modal. Isto é recorrente nas línguas *bantu* como o *nyungwe* em que um mesmo morfema pode ter vários significados. Outras variantes do morfema *mba-* são *na-* e *nga-*.

(5.3.8) *Tiyeni, tiyeni kuna Mambo.* (Texto 13g)

tiyeni	ti	e	ni	kuna	Mambo
vamos	vamos			ao	Senhor
Predicador			Complemento		

Vamos, vamos ao Senhor

A oração imperativa *M'pase*, 'Dá-me', de único membro, Predicador, apesar disso, internamente, podem-se lhe reconhecer duas estruturas, Complemento/Predicado (*ndi-pase*). Este Complemento-clítico é aqui representado por *ndi-* (*M'*-⁶⁴), 'a mim' (Pelt, 1992: 60-1; *vd.* também Shimamungu, 1998: 92). O verbo embora esteja no modo conjuntivo, não parece gerar qualquer tipo de delicadeza no trato ou qualquer atenuante na ordem, amenizando-a como acontece em todos os outros casos vistos antes.

(5.3.9) *M'pase.* (Texto 11)

ndi	pas	e
me	dar	
Comp.	Pred.	

Dá-me.

A oração *Alatize bzwimwebzwo*, 'Mostra-lhes isso mesmo', estruturada como Complemento/Predicador ^ Complemento, faz parte das orações que temos vindo a apresentar e, portanto, exhibe características idênticas às das outras. Talvez a particularidade seja a de esta oração possuir dois complementos, sendo um clítico (o primeiro) e outro não.

(5.3.10) *Alatize bzwimwebzwo.* (Texto 7)

a	latiz	e	bzwimwebzwo
eles	mostrar		mesmo isso
Comp./Predicador			Complemento

Mostra-lhes isso mesmo.

Denotando a estrutura Predicador, *Apa, upfhudze ndipo*, 'Bem, que apagues, então', esta oração está, no entanto, rodeada de elementos de valor textual. O modo conjuntivo como forma de ordem é, em certas circunstâncias, preferível ao imperativo na sua forma directa. Assim, quando aquele substitui este, desencadeia-se um conjunto de mecanismos que redundam na tal moderação da ordem. É mais espectável haver maior gramaticalização na ordem formulada através do conjuntivo (exemplo abaixo) do que a ordem na sua forma genuína, mais comum (que simplesmente poderia ser *pfhudza*, 'apaga').

⁶⁴ Pode-se usar *m'pase*, *mpase* ou *ndipase*.

(5.3.11) *Apa, upfhudze ndipo.* (Texto 7)

apa	u	pfhudz	e	ndipo
aqui	tu	apagar		então
	Predicador			

Bem, que apagues então.

Embora o *corpus* não ofereça nenhum exemplo, isso não significa que não existam imperativas negativas como *Leka kupha*, ‘Não mates’, por exemplo.

Recapitulando, semanticamente, as orações imperativas podem funcionar ou como ordem, imperativas exclusivas, ou como pedido/sugestão, imperativas inclusivas, como parece ter ficado demonstrado nas páginas atrás.

Vale a pena também referir que a ordem ou sequência por que os elementos oracionais/frásicos se apresentam na oração não tem nenhum papel relevante no significado geral da oração imperativa, tal como acontece com as orações declarativas e interrogativas. Já a entoação joga algum papel e manifesta-se por uma ligeira subida de tom no início oração. O que verdadeiramente produz significados são as estruturas, ou seja, os vários morfemas presentes ou ausentes no Predicador. Dependendo do número e da qualidade dos morfemas em causa, assim temos imperativa exclusiva vs inclusiva, esta última subdividindo-se em suave, exortativa, etc., como tivemos ocasião de ver. O seu funcionamento passa por sucessivas operações de inclusão, exclusão e substituição dos diferentes morfemas intervenientes. O Sujeito destas imperativas é a segunda pessoa do singular, a primeira pessoa do singular ou a primeira e a segunda pessoa do singular em simultâneo.

As marcações temporal e modal (a marcação polar acontece em ambas) só dizem respeito às imperativas inclusivas e são feitas da mesma forma que nas orações declarativas e interrogativas, com o concurso de morfemas e/ou lexicalmente. A formalidade e/ou informalidade perpassa todos os tipos de imperativa. As marcas de Tempo e de Modo conjuntivo em imperativas inclusivas estão fundidas e têm a particularidade de se realizarem sufixalmente. E parece que o modo conjuntivo é o responsável pela presença das marcas de Tempo e de Sujeito, Complementos nestas orações. Nas imperativas exclusivas, o Tempo é marcado por infixos tal como é apanágio nas restantes orações.

A ordem pode estar apresentada sob forma de oferta, assunto a tratar no próximo subcapítulo. Se a imperativa inclusiva pode ser considerada como uma forma de suavização da ordem, a interrogativa modulada é mais subtil ainda, subtileza essa que desde logo pode ser assacada por não possuir uma configuração estrutural distintiva, típica.

5.4. ORAÇÕES INTERROGATIVAS MODULADAS

É objectivo deste subcapítulo falar sobre a correlação entre interrogativas modulares e ofertas. Uma oferta é uma função discursiva que envolve dar bens-&-serviços que se realiza congruentemente através da oração interrogativa modulada.

Até aqui, lidámos com estruturas gramaticais típicas que realizam orações declarativas, interrogativas e imperativas. No entanto, as orações com que fechamos esta temática – as orações interrogativas moduladas (ofertas) – não são expressas por estruturas gramaticais típicas, já que pedem emprestado a sua estrutura às orações interrogativas (Eggins, 1994: 186); Daí serem designadas de interrogativas. Mas, por outro lado, são moduladas por envolverem construções de modalização (probabilidade) e modulação (inclinação e obrigação). Portanto, uma interrogativa modulada realiza uma oferta através de uma interrogativa. Este tipo de interrogativas pode ser uma forma delicada de fazer pedidos. Sublinhe-se que as ofertas acima aludidas integram-se no grupo das propostas uma vez que são usadas para oferecer bens-&-serviços. E, em última instância, todas as orações usadas para dar bens-&-serviços realizam a função discursiva de oferta (Eggins, 2004: 178).

Quando a oração é usada para dar bens-&-serviços, a função discursiva que temos é oferta. Uma oferta é tipicamente realizada por uma interrogativa modulada. Mas esta não tem uma estrutura gramatical típica, ao contrário do que acontece com a declarativa, interrogativa, imperativa. Assim sendo, a interrogativa modulada socorre-se das estruturas da oração interrogativa, mas distingue-se desta por envolver obrigatoriamente expressões de modalização (probabilidade e usualidade) e de modulação (inclinação e obrigação) que ocorrem nas formas verbais (*idem*).

Em inglês, os elementos verbais da oferta (em termos semânticos) ou da interrogativa modulada (em termos léxico-gramaticais) normalmente envolvem a expressão de significados tanto da modalização (probabilidade e usualidade) como da modulação (inclinação e obrigação). Os recursos usados são, entre outras, *will* ou *shall*, *would like*. Estas estruturas expressam-se no Finito e/ou no Predicador (*idem*).

As ofertas podem ser realizadas sem usar a língua. Pode-se dar algo a alguém simplesmente estendendo-lhe a mão com essa coisa. A língua tem uma função mais auxiliar, servindo apenas para acompanhar a oferta (Thompson, 2004: 47).

Portanto, a oração interrogativa modulada é a oração que do ponto de vista lexicogramatical se apresenta mais comumente como interrogativa mas que semanticamente tem como significado a oferta de bens-&-serviços. Ora, como acontece que, tal como é

realizada por meio de uma interrogativa modulada, a função discursiva de oferta também pode ser realizada por meio de uma declarativa ou uma imperativa, há que concluir que o contexto exerce um importante papel na significação deste tipo de orações.

O que atrás ficou dito tem sustentabilidade nas afirmações de Matthiessen (2004: 611) que, citando Sadock & Zwicky (1985), afirma que a gramática das ordens, o modo imperativo, portanto, é geralmente caracterizada por um número reduzido de afixos verbais, se comparados à gramática das orações indicativas. Referindo-se ao que interessa para aqui, salienta que enquanto as línguas gramaticalizam as ordens como orações imperativas, não parece que gramaticalizem as ofertas como um tipo de Modo Oracional distinto, pela simples razão de que bens-&-serviços podem ser trocados sem a intermediação da língua.

Se bem que as orações interrogativas moduladas em inglês sejam realizadas por interrogativas com o concurso de verbos modais *can/could*, *may/might*, *shall/will*, *should/would*, *must/ought*, etc., em *nyungwe*, parecem ser interrogativas moduladas aquelas interrogativas que usam essencialmente os morfemas *-nga-* e *-e* em simultâneo.

Servindo-nos de alguns exemplos, vejamos na prática como funcionam as interrogativas moduladas em *nyungwe*. A oração abaixo *Mungafune kuyenda kalalira kumuy kwangu*, ‘Quereríeis ir jantar à minha casa’, ordenada em Complemento/Predicador ^ Adjunto, é formalmente interrogativa, sendo que a intenção do falante era que o seu interlocutor fosse jantar à sua casa⁶⁵. É como se dissesse, “Vamos jantar à minha casa.”, uma oração imperativa sugestiva. Mas, por razões de cortesia, de deferência ou outras, justificadas pelo contexto situacional ou cultural, optou-se pela escolha da oração abaixo. Saliente-se que *Mungafune kuyenda kalalira*, ‘Quereríeis ir jantar’, é um Predicador complexo, formado por três verbos. A marcação temporal e modal está toda concentrada sobretudo no primeiro verbo auxiliar *mungafune*, ‘quereríeis’, onde está alojado o Complemento-clítico *mu-*, uma vez que os dois restantes *kuyenda (ku)kalalira*, ‘ir jantar’, estão no infinitivo. Em se tratando de um evento futuro, não factual, encarado no plano das probabilidades, do hipotético, o modo verbal adequado nestas situações é o conjuntivo, marcado pelo morfema *-e* e coadjuvado pela marca temporal/ aspectual *-nga-*, este último morfema tendo ao mesmo tempo valor modal de modalização.

⁶⁵ Na ausência de exemplos em quantidade e qualidade suficientes no *corpus* usado para esta dissertação, socorreu-se a exemplos propositadamente concebidos por mim ou extraídos de outras línguas como o inglês para servir de ilustração de orações interrogativas moduladas. Esses exemplos não atestados no *corpus* são assinalados por um cardinal (#) no início de cada oração.

(5.4.1) #Mungafune kuyenda kalalira kumuy kwangu?

mu	nga	fun	e	kuyenda	kalalira	kumuy	kwangu
vós	poder	querer		ir	jantar	em-casa	meu
Complemento/Predicador						Adjunto	

Gostaria de ir jantar à minha casa?

Em *Ningakupaseni fodya ibodzi*, ‘Poder-lhe-ei oferecer um cigarro’, com a ordem Predicador ^ Complemento, continuam a pontuar as marcas *-nga-*, atribuindo valor de possibilidade, e *-e* com valor hipotético, de eventualidade do evento constantes no Predicador *Ningakupaseni*, caracterizadores de interrogativas moduladas em *nyungwe*. Estas também se caracterizam pela presença do coreferente do Sujeito *ni-*. Seguramente, o falante pretende que o ouvinte aceite o cigarro que lhe está a ser oferecido. O morfema *-ni*, funciona como um plural de deferência.

(5.4.2) #Ningakupaseni fodya ibodzi?

ni	nga	kupas	e	ni	fodya	ibodzi
eu	poder	dar		lhe	cigarro	um
Predicador				Complemento		

Poder-lhe-ei oferecer um cigarro?

A interrogativa modulada também se usa quando se pede conselho, permissão ou informação sobre direcção. Nestes casos, nem sempre a divisão entre informação e bens-&-serviços é clara (Eggins, 1994: 191). Transpondo para o *nyungwe*, repare-se que em *Mungatiwuzembo ndjira ya kuKanfiko*, ‘Dizia-me a direcção para Canfiko’, da ordem de Complemento/Predicador ^ Complemento ^ Adjunto, o que é trocado é informação – direcção para *Canfiko*, mas ao mesmo tempo, essa informação actua sobre o comportamento do falante – seguir as indicações do ouvinte. Destaque-se o Predicador *Mungatiwuzembo*, ‘Dizia-me’, com as marcas *-nga-* (Modalização), *-ti-* (pronome pessoal) na função de Complemento-clítico, e do morfema *-e*, modo conjuntivo (hipotético, eventualidade), além do coreferente do Sujeito *mu-* em posição inicial.

(5.4.3) #Mungatiwuzembo ndjira ya kuKanfiko?

mu	nga	ti	uz	e	mbo	ndjira	ya	kuKanfiko
vós	poder	nos	dizer		tb	caminho	de	em Canfiko
Complemento/Predicador						Comp.	Adjunto	

Dizia-me a direcção para Canfiko?

Na oração interrogativa *Apirimu, mumbadya ibzwi*, ‘Primo, come isto’, que se segue, organizada em Vocativo ^ Predicador ^ Complemento, mais do que perguntar se come ou não tal coisa, a intenção é mesmo a de oferecer esse bem. Como já foi salientado atrás, a oferta

não é expressa através de uma configuração gramatical distinta, antes recorre à estrutura gramatical da oração interrogativa (Eggins, 1994: 186). Em termos semânticos, este tipo de interrogativas moduladas distingue-se das interrogativas propriamente ditas por aquelas oferecerem bens-&-serviços. Esse valor semântico só o contexto o pode confirmar ou infirmar. O Predicador transporta consigo o coreferente do Sujeito *mu-* prefixado.

(5.4.4) #*Apirimu, mumbadya ibzwi?*

apirimu	mu	mba	dy	a	ibzwi
primo		costuma	comer		isto
Voc.	Predicador				Compl.

Primo, come isto?

O exemplo *Ningakufambisireni basa lanuli*, ‘Poderei encarregar-me do seu caso’, com a composição Predicador ^ Complemento abaixo, tradução de *Can I carry your case?*⁶⁶, parece dar consistência aos argumentos em *nyungwe* materializados nos elementos *ni-* (coreferente do Sujeito), *-nga-* (Modalização), *-e-* (conjuntivo), modo usual neste tipo de troca. O falante disponibiliza ao seu ouvinte os seus serviços, não impondo nada.

(5.4.5) *Ningakufambisireni basa lanuli?* (tradução)

ni	nga	kufambisir	e	ni	basa	lanuli
eu	poder	conduzir		vós	trabalho	seu este
Predicador					Complemento	

Poderei encarregar-me do seu caso?

Portanto, o *nyungwe* mais uma vez revela optar por realizar ao nível morfemático aquilo que em inglês, por exemplo, é realizado ao nível da palavra (dos verbos modais). Desses morfemas modais merecem destaque o *-nga-* pelo seu papel na Modalização e o *-e-* que remete para a eventualidade destas orações.

5.5. O LUGAR DO NYUNGWE NA DESCRIÇÃO SISTÊMICO-FUNCIONAL

O *nyungwe* no contexto da descrição sistémico-funcional constitui uma novidade. É a primeira vez que esta língua surge nos estudos sistémico-funcionais. Este seu surgimento nestas esferas é da maior relevância por maioria das razões: primeiro, porque todas (se não a maior parte) as línguas descritas até então em termos sistémico-funcionais são de cariz escrito e têm as suas descrições baseadas em textos escritos; segundo, porque, em dezenas de línguas

⁶⁶ Retirado de Butt et al. (2000: 119).

bantu moçambicanas, o *nyungwe* é a primeira a ser objecto de descrição sob a perspectiva desta teoria.

Uma vez que o *nyungwe* existe na forma oral, os poucos textos escritos que se conhecem são traduções de traduções de textos escritos em latim, português, castelhano, italiano, francês conforme as línguas dos missionários no terreno. Ou, em alternativa, são traduções para o *nyungwe* de listas de palavras ou de frases originalmente em latim, português ou outra língua ocidental. Caem sob esta alçada textos religiosos, já que, por regra, eram os missionários os mais interessados em estudar a língua *nyungwe*. Dir-se-ia que não há textos escritos autênticos *nyungwes* do domínio público e nem do domínio privado. Até porque o falante *nyungwe* ou é analfabeto (maioria) ou, se é alfabetizado, é-o em português, por isso, não sabe escrever em *nyungwe*, a menos que tenha aprendido por sua iniciativa.

À luz do exposto acima, nunca se teve um texto original *nyungwe* como objecto de estudo, mas versão das versões da língua. Este trabalho utiliza textos originais *nyungwes*.

Na sua descrição gramatical, tornou-se evidente o seu carácter eminentemente morfemático que distingue e afasta o *nyungwe* de algumas das línguas contempladas pela GSF tais como português, inglês, espanhol e o aproxima de outras com destaque para o tailandês, chinês, japonês.

Descrever um morfema com função na oração, quando esse morfema raramente ou quase nunca ocorre livre, ainda para mais, sem obras de referência nas línguas aparentadas com o *nyungwe*, até certo ponto pode ser um exercício aliciante, requer, sem dúvidas, um esforço redobrado. Identificar os morfemas e as suas funções e descrevê-los de modo a se tornarem transparentes para um leitor especializado ou não permite às pessoas um acesso facilitado à língua em questão. Pelo menos aqui se tentou ir o mais longe quanto às circunstâncias o permitiram. Essas circunstâncias prendem-se com vários factores, como os que de seguida são arrolados.

Os principais factores que determinam o lugar do *nyungwe* no panorama dos estudos sistémico-funcionais são: ser a primeira vez (i) que é investigada como língua autónoma, (ii) que se usam textos orais espontâneos, (iii) em que o estudioso a tem como sua língua materna, (iv) que o descritor tem uma base sócio-cultural da língua descrita, (v) em que alguém se dedica a tempo inteiro ao estudo do *nyungwe*, (vi) o *nyungwe* a estar associado a uma instituição exclusivamente linguística – Instituto de Linguística Teórica e Computacional (ILTEC), (vii) que uma academia científica portuguesa – a Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa (FLUL) acolhe um trabalho de descrição da sua gramática, (viii) que a língua tem um financiamento de uma instituição de investigação científica e tecnológica de

projecção internacional – a Fundação para a Ciência e a Tecnologia (FCT), (ix) a ser estudada para a obtenção de um grau académico de Doutor, (x) que a língua utiliza a LSF como seu quadro teórico. É também nestes aspectos que se joga o seu futuro.

Neste estudo preliminar, parece haver pistas suficientemente válidas que apontam para a não existência de Finito, uma das marcas distintivas indeléveis do *nyungwe*. As funções atribuídas ao Finito no inglês, por exemplo, em *nyungwe* são distribuídas pelos diversos morfemas que o Predicador pode possuir. O Predicador passa então a operar inúmeras funções além de conter o processo. Acumulando mais do que uma função, é normal que o Predicador se torne susceptível de sofrer transmutações como sejam o de ser Complemento/Predicador ou Predicador/Complemento, por exemplo, comparável (pelo menos remotamente) ao Finito/Predicador do inglês. Este é outro dos aspectos de distanciamento desta língua face às outras.

A existência destas estruturas complexas como o Complemento/Predicador deve-se, como foi referido, à aglomeração de morfemas numa só unidade linguística. Tome-se a título exemplificativo o morfema *ci-* em *cimwanambwa* (*ci-mwana-mbwa*), ‘à maneira do filho de cão, à maneira do cão’, e *mwambwa*, ‘filho de cão, cão’. A diferença de significado entre as duas palavras, uma com o morfema *ci-* e outra sem, fica evidente. Equiparar os morfemas às desinências verbais não só é redutor como até distorcedor da real dimensão dos morfemas já que cada um daqueles morfemas carrega consigo uma miríade de significados.

Uma outra conclusão a que se chega com este estudo é a de que o *nyungwe* é uma língua de Sujeito. Este assemelha-se ao do português mas também há algumas dissemelhanças dignas de realce. Em *nyungwe*, quando o Sujeito não é expresso, há sempre um coreferente (coreferente de Sujeito) que o substitui. Mais do que uma mera desinência verbal como em português, o coreferente é uma espécie de pró-Sujeito, i.e., um substituto do Sujeito ausente. A coreferência do Sujeito faz com que exista uma relação entre Sujeito e Predicador e esta seja forte ao ponto destes dois elementos da oração formarem um bloco a que se pode designar por Modo verbal. Enquanto que o Modo verbal em inglês, por exemplo, é constituído por Sujeito e Finito, na ordem variável, em *nyungwe*, será constituído por (Sujeito e) Predicador, também com variação da ordem.

CONCLUSÃO

Tirar conclusões de um trabalho que ainda agora começou é muito difícil. Mas, a ter que ser, uma conclusão parece óbvia: há ainda muito trabalho pela frente. Quiçá, esta seja a principal conclusão a tirar.

A questão de investigação principal desta dissertação é a de demonstrar como se realizam as afirmações, as perguntas, as ordens em *nyungwe*, questão que conduziu necessariamente à descrição das orações declarativas, interrogativas, imperativas. Neste processo, foi possível constatar que o *nyungwe* possuía a função de Sujeito, de Complemento, de Adjunto, excepto a função de Finito tal como ela é concebida em inglês. Com estas funções, vieram também à descoberto uma série de partículas interpessoais (PI) catalizadoras (positivas ou negativas) do discurso.

Aparentemente, parece uma questão muito simples, mas não é. Até porque essa descrição ainda não foi feita em muitas línguas incluindo a quase generalidade das línguas *bantu* (onde figura o *nyungwe*). Portanto, foi uma navegação à vista.

Este será provavelmente o primeiro estudo sistémico e sistemático sobre a gramática das orações da língua *nyungwe*. Se isto não fosse tido como mérito desta investigação, sempre sobraria o de ter sido o primeiro estudo a aplicar uma teoria de análise moderna na descrição da língua *nyungwe* e de ter mostrado que tudo ainda está por fazer.

O pioneirismo tem os seus riscos e custos, que se pagam caro. Daí que se aponte a falta de bibliografia de referência especializada como um dos enormes obstáculos enfrentados. Além disso, nenhum trabalho está isento de erros, omissões e imprecisões, pelo que este não será excepção. Tem-se consciência de que há aspectos a merecerem ainda maior atenção e alguns até a exigirem trabalho aturado e mais aprofundado, num futuro muito próximo.

A ordem dos elementos oracionais é irrelevante, tem uma expressão desprezível no significado das orações *nyungwes*, quaisquer que elas sejam. A descrição das orações em *nyungwe* revelou que a ordem dos constituintes oracionais tem pouca ou nenhuma relevância na construção dos significados da oração, a não ser a de foco. Os significados são codificados através de uma complexa combinação de uma gama variada de morfemas verbais (flexionais, derivacionais, extensões na óptica dos *bantuistas*), nominais e adjectivais patentes nas orações que serviram de exemplos das funções discursivas. A natureza da própria língua tornou obrigatória uma descrição mais fina/ pormenorizada da gramática ao nível do morfema.

Seja qual for a ordem dos componentes oracionais, o Predicador (presente ou elidido) está sempre presente em todas as orações. É o único elemento obrigatório. Por isso, é elemento-chave da oração e reúne em si funções bastantes para dar sentido completo à oração.

Depois do Predicador, o número de elementos opcionais, como Sujeito, Complemento, Adjunto e seus respectivos clíticos, varia. O Sujeito é realizado em orações independentes e frequentemente elidido em dependentes.

A oração *nyungwe* revela ter potencialidade de conter um número significativo de componentes oracionais que, em termos de sua ordem, obedecem a critérios lógico-semânticos bem determinados.

Quem estudou gramática nos moldes tradicionais, como eu, ainda se lembrará dos enfadonhos exercícios de divisão e classificação de orações extraídas dos clássicos ou inspiradas e inventadas pelo professor. Isto era repetido vezes sem conta até à exaustão. Mas pouca ou nenhuma atenção era dada ao modo como se construíam e funcionavam essas orações.

A ordem do Sujeito, Finito/Predicador em *nyungwe* é irrelevante na determinação do Modo Oracional. A entoação é que joga esse papel. Assim, a entoação é um dos recursos contrastivos cruciais, senão o recurso crucial para distinguir, por exemplo, dentro das orações indicativas, as declarativas das interrogativas polares, com estas últimas a caracterizarem-se por um ascendente entonacional no fim da oração.

Com efeito, cada tipo de oração adopta a sua entoação. A oração declarativa tem uma entoação constante em toda a sua extensão. A entoação da interrogativa polar é alta nas sílabas finais; na interrogativa *-ni*, a entoação alta concentra-se no elemento contendo o morfema interrogativo. O comportamento da imperativa no seu todo varia consoante o caso. No caso da imperativa ser informal ou formal, a entoação é forte logo nas primeiras sílabas do Predicador. Nos restantes tipos, a pressão maior desloca-se para as últimas sílabas.

A oração *nyungwe* pode ter mais do que um Complemento ou Adjunto. Estes podem estar seguidos um do outro, segundo uma determinada ordem, com ou sem mediação de um elemento preposicionado. São, em linguística *bantu*, os chamados casos de construções de duplo objecto (Cumbane 2009).

Em relação à marcação modal e à modalidade, registe-se a possibilidade de poder ser expressa por morfemas como a vogal final (VF) do Predicador, que se apresenta ou sob forma de *-a*⁶⁷ ou de *-e*.

Já projectado sobre o futuro, tendo em conta que este modelo de descrição das línguas nunca foi aplicado à língua *nyungwe* e considerando também que, ao nível da LSF, rareiam investigações de abordagem interpessoal com enfoque nas funções discursivas e sua

⁶⁷ Modo indicativo, o domínio do real, do factual.

respectiva gramaticalização, está preconizada a continuação da investigação centrada na Metafunção interpessoal, já que ainda há imenso por fazer. Desde logo, a necessidade de corrigir eventuais erros, omissões e imprecisões detectados e quiçá desenvolver e consolidar as partes mais bem conseguidas deste trabalho; outrossim, é explorar áreas que desta vez não foram objecto de análise, nomeadamente, as restantes metafunções: ideacional (com as componentes experiencial e lógica) e textual.

Constatou-se que o texto dialogado em *nyungwe* era recorrentemente pontuado por vocativos, PI (*na*), elementos enfáticos, geralmente sufixados (*-mbo*), etc.

A aglutinação é um recurso muito produtivo em *nyungwe* ao ponto de alguns *bantuistas* considerarem línguas como esta de aglutinantes. As várias elipses e truncagens constantes nas orações que abrangem elementos linguísticos diversificados (verbos) também parecem resultar da natureza tendencialmente aglutinativa da língua *nyungwe*.

A dificuldade de (li)dar com as orações interrogativas moduladas constituiu um dos pontos fracos desta pesquisa, precisamente por causa da dificuldade de as distinguir das outras interrogativas ou das imperativas. Não foi fácil desencantá-las nos textos disponíveis. A este propósito, a literatura específica contempla pouco espaço para esta matéria. Outro dos grandes óbices foi a redacção do Capítulo V pelo facto dos textos, na sua maioria, serem monólogos, não diálogos, o que complicou a extracção de exemplos ilustrativos de orações interrogativas e imperativas com forte incidência na interacção.

Esta investigação permitiu-me ter um olhar mais privilegiado, mais circunstanciado e mais informado do funcionamento da língua *nyungwe* em contextos muito diversificados. A juntar a todas estas conclusões, há uma que se impõe: é que durante estes anos todos de investigação, aprendi muito sobre a minha língua materna, mas também aprendi muito sobre a minha cultura. Afinal, língua e cultura são inseparáveis. Aprendi a olhar para a língua *nyungwe* não apenas emocionalmente, como um objecto cultural, mas também cientificamente, como um objecto de estudo. Foi, por isso, um exercício bastante estimulante e fascinante. Mas nem sempre terei conseguido manter a distância que caracteriza um trabalho de investigação sem deixar escapar as minhas emoções. Pelo contrário, razão e emoção fluíram juntas.

E, finalmente, gostaria que este trabalho que só agora vê à luz do dia, além do papel social e político que eventualmente possa ter, que possa contribuir para melhorar o ensino do e em *nyungwe* e que possa também despoletar mais descrições sobre esta língua.

BIBLIOGRAFIA E SITOGRAFIA

A. BIBLIOGRAFIA

- A.1 Linguística sistémico-funcional
- A.2 *Nyungwe*
- A.3 Não LSF sobre línguas *bantu* moçambicanas
- A.4 Não LSF sobre línguas *bantu*
- A.5 Geral

B. SITOGRAFIA

- B.1 Linguística sistémico-funcional
- B.2 *Nyungwe*
- B.3 Não LSF sobre línguas *bantu* moçambicanas
- B.4 Não LSF sobre línguas *bantu*
- B.5 Geral

A. BIBLIOGRAFIA

A.1 Lnguística sistémico-funcional

- Butler, C. S. (2003): *Structure and Function: A Guide to Three Major Structural-Functional Theories*. Amsterdam & Philadelphia: John Benjamin's Publishing Company.
- Butt, D. *et al.* (2000): *Using Functional Grammar: An Explorer's Guide*. Sydney: Macquarie University.
- Caffarel, A. (2006): *A Systemic Functional Grammar of French: From Discourse to Grammar*. London: Continuum.
- Caffarel, A. (2004): "Metafunctional profile of the grammar of French". In *Language Typology: A Functional Perspective*. Caffarel, A. & J. R. Martin & C. M. I. M. Matthiessen (Eds). Amsterdam & Philadelphia: John Benjamin's publishing Company, pp. 77-137.
- Caffarel, A. (2000): "Interpreting French Theme as a Bi-layered Structure: Discourse Implications". In Eija Ventola (ed.). *Discourse and community: Doing Functional Linguistics*. Gunter Narr Verlag: Tübingen, pp. 247-272.
- Caffarel, A. (1995): "Approaching the French clause as a movie in dialogue: interpersonal organisation". In Ruqaiya Hasan & Peter H. Fries (Ed). *On Subject and Theme, 1. A discourse functional perspective*. Sydney: Macquarie University.
- Caffarel, A. & J. R. Martin & C. M. I. M. Matthiessen (Eds) (2004): *Language Typology: A Functional Perspective*. Amsterdam & Philadelphia: John Benjamin's Publishing Company.
- Eggs, S. (2004): *An Introduction to Systemic Functional Linguistics*. 2nd Ed.. London: Continuum.
- Eggs, S. (1994): *An Introduction to Systemic Functional Linguistics*. London: Pinter.
- Eggs, S. & D. Slade (1997): *Analysing Casual Conversation*. London: Cassel.
- Freddi, M. (2004): *Functional Grammar: An Introduction for the EFL Student*. Bologna: CLUEB.
- Gouveia, C. A. M. (2010): "Towards a Profile of the Interpersonal Organization of the Portuguese Clause". In *Delta – Documentação de Estudos em Linguística Teórica e Aplicada*, Vol. 26 (1): pp. 1-24.
- Gouveia, C. A. M. (2009): "Texto e Gramática: Uma Introdução à Linguística Sistémico-Funcional". In *Matraga: Estudos Linguísticos e Literários*. Rio de Janeiro: Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Vol. 16 (24): 13-47.
- Halliday, M. A. K. (2004): *An Introduction to Functional Grammar*. 3rd Ed. revised by C. M. I. M. Matthiessen. London: Arnold.
- Halliday, M. A. K. (2002): *On Grammar*. London: Continuum.
- Halliday, M. A. K. (1999): *Learning how to Mean: explorations in the development of language*. Nottingham: University of Nottingham.
- Halliday, M. A. K. (1994): *An Introduction to Functional Grammar*. 2nd Ed.. London: Arnold.
- Halliday, M. A. K. (1985): *An Introduction to Functional Grammar*. 1nd Ed.. London: Arnold.

- Halliday, M. A. K. (1984). "Language as Code and Language as Behaviour: a Systemic-functional Interpretation of the Nature and Ontogenesis of Dialogue". Robin Fawcett, MAK Halliday, Sydney M. Lamb and Adam Makkai (eds.) *The Semiotics of Culture and Language Vol.1: Language as Social Semiotic*. (OLS). London: Frances Pinter. pp. 3-35.
- Halliday, M. A. K. (1978): *Language as a Social Semiotic: the Social Interpretation of Language and Meaning*. London: Arnold.
- Halliday, M. A. K. (1976a): "System and Function in Language:" In G. R. Kress (Ed.) *Selected Papers*. Oxford: University Press, pp.36-51.
- Halliday, M. A. K. (1976b): "A Brief Sketch of Systemic Grammar". In Kress, G. R. (Ed), *System and Function in Language: Selected Papers*. London: Oxford University Press, pp.3-6. [Reedição do texto "Systemic Grammar" (1969), publicado na Itália].
- Halliday, M. A. K. (1975): "Learning How to Mean: Explorations in the Development of Language". In Peter Doughty & Geoffrey Thornton, *Explorations in Language Study*. London: Arnold, pp 159-164.
- Halliday, M. A. K. (1973): "Explorations in the Functions of Language". In Peter Doughty & Geoffrey Thornton, *Explorations in Language Study*. London: Arnold.
- Halliday, M. A. K. & Hasan, R. (1985). *Language, Context, and Text: Aspects of Language in a Social-Semiotic Perspective*. Oxford: Oxford University Press.
- Halliday, M. A. K. & Hasan, R. (1976): *Cohesion in English*. London: Longman.
- Halliday, M. A. K. & Christian M.I.M. Matthiessen (2006): *Construing experience through meaning: a language-based approach to cognition. Study edition (of # 4.)* London: Continuum.
- Halliday, M. A. K. & C. Matthiessen (1999): *Construing Experience through Meaning: a Language-based Approach to Cognition*. London: Cassel.
- Halliday, M. A. K. & J. Webster (2006): *Computational and Quantitative Studies. Collected Works of M. A. K. Halliday, Vol. 6*. London: Continuum.
- Halliday, M. A. K. & J. Webster (2002): *On Grammar. Collected Works of MAK Halliday, Vol. 1*. London: Continuum.
- Hasan, R. & P. H. Fries (Eds) (1995): *On Subject and Theme: A Discourse Functional Perspective*. Amsterdam & Philadelphia: John Benjamin's Publishing Company.
- Hudson, R. (2007): "Towards a Useful Theory of Language". In P. K. Austin & O. Bond & D. Nathan (Eds): *Proceedings of the Conference on Language Documentation and Linguistic Theory*. London: SOAS.
- Kress, G. R. (1976): *System and Function in Language: Selected Papers*. London: Oxford University.
- Martin, J. R. (1992): *English Text: System and Structure*. Amsterdam: John Benjamin's publishing Company.
- Martin, J. R. Matthiessen, C. M. I. M. & Pinter, C. (1997): *Working with Functional Grammar*. London: Arnold.
- Martin, J. & D. Rose (2003): *Working with Discourse: Meaning Beyond the Clause*. London: Continuum.

- Matthiessen C. M. I. M. (2006a): "Frequency profiles of some basic grammatical systems: an interim report". In Susan Hunston & Geoff Thompson (Eds), *System and Corpus: Exploring connections*. London: Equinox. pp103-142.
- Matthiessen, C. M. I. M. (2006b): "The multimodal page: a systemic functional exploration." In W. Bowcher & T. Royce (eds.), *New directions in multimodal discourse analysis*. Hillsdale, NJ: Erlbaum.
- Matthiessen, C. M. I. M. (2006c): "Educating for advanced foreign language capacities: Exploring the meaning-making resources of languages systemic-functionally." In H. Byrnes (ed.), *Advanced instructed language learning: The complementary contribution of Halliday and Vygotsky*. London & New York: Continuum. pp.31-57.
- Matthiessen, C. M. I. M. (2004): "Descriptive motifs and generalizations". In A. Caffarel & J. R. Martin & C. M. I. M. Matthiessen (Eds): *Language Typology: A Functional Perspective*. London: John Benjamin's Publishing Company, pp. 537-673.
- Matthiessen, C. M. I. M. (1995): *Lexicogrammatical Cartography: English Systems*. Tokyo: International Language Sciences Publishers.
- Matthiessen, C. M. I. M. & K. Teruya & M. Lam (2010): *Key Terms in Systemic Functional Linguistics*. London: Continuum.
- Rose, D. (2004): "Metafunctional Profile of the Grammar of Pitjantjatjara". In J. Martin & A. Caffarael & C. Matthiessen (Eds): *Language Typology: a Functional Perspective*. London/ Amsterdam: John Benjamin's Publishing Company, pp. 479-536.
- Sadock, Jerrold M., and Arnold M. Zwicky (1985): "Speech act distinctions in syntax." In Tymothy Shopen *Language typology and syntactic description*. Vol. 1. Clause structure. Cambridge: Cambridge University Press, pp. 155–196.
- Thai, M. D. (2004): "Metafunctional Profile of the Grammar of Vietnam". In J. Martin & A. Caffarael & C. Matthiessen (Eds): *Language Typology: a Functional Perspective*. London & Amsterdam: John Benjamin's publishing Company, pp. 397-431.
- Teruya, K. (2007): *A Systemic Functional Grammar of Japanese*. London & New York: Continuum.
- Teruya, K. (2006): "Grammar as a resource for the construction of language logic for advanced language learning in Japanese." In Heidi Byrnes (Ed.) *Advanced language learning: the contribution of Halliday and Vygotsky*. London: Continuum. pp. 107-133.
- Teruya, K. (2004): "Metafunctional Profile of the Grammar of Japanese". In J. Martin & A. Caffarael & C. Matthiessen (Eds): *Language Typology: a Functional Perspective*. London & Amsterdam: John Benjamin's publishing Company, pp. 185-254.
- Teruya, K. & E. Akerejola & T. H. Andersen & A. Caffarel & J. Lavid & C.M.I.M. Matthiessen & U. H. Petersen & P. Patpong & F. Smedegaard (2007): "Typology of MOOD: a Text-Based and System-Based Functional View". In *Continuing Discourse on Language: a functional perspective*, Vol.2. London: Equinox. pp. 859-920
- Thompson, G. (2004): *Introducing Functional Grammar*. 2nd Ed.. London: Hodder Education.
- Thompson, G. (1996): *Introducing Functional Grammar*. London, New York, Sydney, Auckland: Edward Arnold.
- Webster, J. J. (Ed). (2006): *Studies in Chinese language*. The Collected Works of MAK. Halliday (8th). London/ New York: Continuum.

- Webster, J. J. (Ed.) (2002a): *On Grammar. Volume 1*. In the Collected Works of MAK Halliday. London: Continuum Books.
- Webster, J. J. (Ed.) (2002b): *Linguistic Studies of Text and Discourse Volume 2* In the Collected Works of MAK Halliday. London: Continuum Books.

A.2 Nyungwe

- Brauner, S. (1995): *A Grammatical Sketch of Shona*. Köln: Köppe.
- Courtois, V. J. (1900): *Elementos de Grammatica Tetense, Lingua Chi-Nyungue: Idioma Fallado no Districto de Tete e na Vasta Região do Zambeze Inferior*. Edition nouveau. Coimbra: Imprensa da Universidade.
- Courtois, V. J. (1899): *Diccionario Portuguez-Cafre-Tetense; ou, Idioma Fallado no Districto de Tete e na Vasta Região do Zambeze Inferior*. Coimbra: Imprensa da Universidade.
- Courtois, V. J. (1888): *Elementos de Grammatica Tetense*. Mocambique: Imprensa Nacional.
- Maho, J. F. (2001): “A tentative bibliography of Nyungwe”. In *Electronic Bibliography of African languages (EBALL)*. <http://goto.glocalnet.net/eball/eballoldstuff.pdf> (Consultado em 08/03/2008).
- Martins, M. dos A. (1991): *Elementos da Língua Nyungwe: Gramática e Dicionário (Nyungwe-Português-Nyungwe)*. Lisboa: Editorial Além Mar.
- Rego, S. (2007): “Interrogativos Enfáticos em Nyungwe”. In *Actas da Sessão de Estudantes do 75º Aniversário do CLUL*. Lisboa: CLUL. Disponível em <http://www.clul.ul.pt/artigos.php>.
- Rego, S. (2000): Contributo para a Constituição de um *Corpus* de Portuguesismos em *Nyungwe*. Dissertação de Mestrado. Lisboa: Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.

A.3 Não LSF sobre línguas bantu moçambicanas

- Afido, P. J. & G. Firmino & J. Heins & S. Mbuub & M. Trinta (Eds.) (1989): *I Seminário sobre a Padronização da Ortografia de Línguas Moçambicanas*. Maputo: NELIMO, Faculdade de Letras, Universidade Eduardo Mondlane.
- Cumbane, R. M. M. (2009): *As construções de duplo objecto em Xitshwa: repercursões em falantes do português língua não materna*. Lisboa: FLUL, Tese de Doutoramento.
- Cumbane, R. M. M. (2000): *A Construção Passiva em Xitshwa*. Dissertação de Mestrado. Lisboa: Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.
- Dalsgaard, J. (2005): *Tindzimi ta Mozambique - Language and language policy in Mozambique*. Århus: Århus University. <http://www.tindzimi.dk> (Consultado em 17/03/2008).

- Devos, M. (2004): *A Grammar of Makwe*. PhD Dissertation. Leiden: Leiden University.
- Firmino, G. (2000): *Situação Linguística de Moçambique: Dados do II Recenseamento Geral da População e Habitação de 1997*. Maputo: INE.
- Gonçalves, P. (2011): “Português e Línguas *Bantu* na Construção de uma Identidade Cultural Moçambicana”. Comunicação apresentada nas *V Jornadas da Língua Portuguesa*, Nampula, Universidade Pedagógica & Leitorado do Instituto Camões.
- Heins, B. (2003): *Observações Preliminares sobre os Demonstrativos na Língua Sena*. Beira: Sociedade Internacional de Linguística.
- Kröger, O. (2006): *Algumas Notas Gramaticais sobre a Língua Emakhuwa*. Nampula: Sociedade Internacional de Linguística.
- Lopes, A. J. (1999): “The Language Situation in Mozambique”. In Kaplan, R. B. & R. B. Baldauf Jr. (Eds): *Language Planning in Malawi, Mozambique and the Philippines*. Clevedon, Philadelphia, Ontario: Multilingual Matters, pp.86-132.
- Lopes, A. J. (1997): *Política Linguística: Princípios e Problemas*. Maputo: Livraria Universitária, Universidade Eduardo Mondlane.
- Maho, J. F. (2003): “Towards a Bibliography for Mozambican Languages - Part 1: The Smaller Languages”. In *Africa & Asia: Göteborg Working Papers on Asian and African Languages and Literatures*, N.º 3, pp. 147-154.
- Ngunga, A. (2002): *Elementos de Gramática da Língua YAO*. Maputo: Livraria Universitária, Universidade Eduardo Mondlane.
- Ngunga, A. (1987): “As línguas *bantu* de Moçambique”. In *Revista Limani, Linguística e Literatura*, N.º 2, pp. 59-70. Maputo: Faculdade de Letras, Universidade Eduardo Mondlane.
- Schadeberg, T. C. & Mucanheia, F. U. (2000): *Ekoti: The Maka or Swahili Language of Angoche*. Cologne: Rüdiger Köppe Verlag, pp. xiv, 272.
- Sitoe, B. & A. Ngunga (Eds.) (2000): *Relatório do II Seminário sobre a Padronização da Ortografia de Línguas Moçambicanas*. Maputo: NELIMO – Centro de Estudos das Línguas Moçambicanas, Universidade Eduardo Mondlane.

A.4 Não LSF sobre línguas *bantu*

- Barnes, Lawrie & Barry J. Funnell (2005): “Exploring the cross-border standardisation of Chisena”. In *Language Matters. Studies in the Languages of Africa*. Volume 36, Issue 1. London & New York: Routledge, pp. 41–60
- Gordon, Raymond G., Jr. (Ed), (2007): *Ethnologue: Languages of the World, Fifteenth edition*. Dallas, Texas. SIL International. <http://www.ethnologue.com/home.asp>
- Gordon, R. G., Jr. (Ed) (2005): *Ethnologue: Languages of the World*. 15ª ed. Dallas: Sociedade Internacional de Linguística.
- Guthrie, M. (1967-71): *Comparative Bantu*. Vols. I-IV. Clarendon: Oxford University Press.
- Guthrie, M. (1948): *The Classification of the Bantu Languages*. London: IAI/OUP.

[Reprint 1967].

- Heine, B. & D. Nurse (2000): *African Languages. An Introduction*. Cambridge: Cambridge University Press.
- Katamba, F. (2003): “Bantu Nominal Morphology”. In Nurse, D. & G. Philippson (Eds): *The Bantu Languages*. London & New York: Routledge, pp. 103-120.
- Maho, J. F. (2003): “A Classification of the Bantu Languages: An Update of Guthrie's Referential System”. In Nurse, D. & G. Philippson (Eds): *The Bantu Languages*. London & New York: Routledge, pp. 182-194.
- Marten, L., Kula, N. C. and Thwala, N. (2007): Parameters of morphosyntactic variation in Bantu. *Transactions of the Philological Society*, 105: 253–338. doi: 10.1111/j.1467-968X.2007.00190x.
- Mbangale, M. T. (1998): *Integração dos Empréstimos Portugueses em Suaíli: Aspectos Morfológicos, Semânticos e Lexicais*. Tese de Doutorado, Vol. 1. Lisboa: Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.
- Ngunga, A. (2008): “The Role of African Languages in the Development of the Continent”. Comunicação apresentada no *Special WOCAL 6 – World Congress of African Linguistics*. São Paulo, 11-15 Agosto. Disponível em: http://www.fllch.usp.br/dl/wocal6special/wocal_program.htm (Consultado em 22 de Julho de 2009).
- Ngunga, A. (2004): *Introdução à Linguística Bantu*. Maputo: Imprensa Universitária, UEM, Fundação Universitária.
- Nsiku, Edouard Kitoko (2008): “Dogs’ Languages or People’s Languages? The Returning of Bantu Languages to Primary Schools in Mozambique”. *Folha de Linguística e Literatura 11*, 7-17. Abril, Maputo, Universidade Eduardo Mondlane. Disponível em: http://www.flcs.uem.mz/index.php?option=com_content&task=view&id=108&Itemid=83 (Consultado em 23/11/2009).
- Nurse, D. & G. Philippson (2003): “Introduction”. In Nurse, D. & G. Philippson (Eds): *The Bantu Languages*. London & New York: Routledge, pp. 1-12.
- Nurse, D. & G. Philippson (Eds), (2003): *The Bantu Languages*. London & New York: Routledge.
- Nurse, D. (2008): *Tense and Aspect in Bantu*. Oxford: Oxford University Press.
- Pelt, P. V. (s.d.): *Gramática Swahili*. Madrid: Editorial Mundo Negro.
- Shimamangu, Eugène (1998): *Le Kinyarwanda. Initiation à une Langue Bantu*. Paris: L’Harmattan.

A.5 Geral

- Corrêa, E. F. de S. (2010): Fragmento da Monografia Final do Curso “Evolução do Pensamento Linguístico” (Mestrado no CNPQ/UC-Rio). <http://www.filologia.org.br/soletras/19/10.pdf> (Consultado em 05/11/2010).
- Crystal, D. (1997): *A dictionary of linguistics and phonetics*. 4th edition. Cambridge, MA:

Blackwell.

- Greenberg, J. H. (1963): "Some Universals of Grammar with Particular Reference to the Order of Meaningful Elements". In J. H. Greenberg (Ed): *Universals of Language*. London: MIT Press, pp. 73-113.
- Isaacman, A. F. (1972): *Mozambique: The Africanization of an European Institution: The Zambezi Prazos, 1750-1902*. London: The University of Wisconsin Press.
- Isaacman, A. F. (1976): *A Tradição de Resistência em Moçambique: O Vale do Zambeze, 1850-1921*. Porto: Edições Afrontamento.
- Ministério da Educação (1992): *Moçambique – administrativa*. Maputo: Editora Escolar.
- Newitt, M. (1995): *História de África*. Lisboa: Publicações Europa-América.
- Serra, C. (Dir.) (1982): *História de Moçambique, Vol. 1*. Maputo: UEM/Revista "Tempo".
- Xavier, M^a. F. & M^a. H. M. Mateus (Orgs.) (1990): *Dicionário de Termos Linguísticos, Vol. 1*. Lisboa: Edições Cosmos.

B. SITOGRAFIA

B.1 Linguística sistémico-funcional

- Matthiessen, C. M. I. M. (1994): "Letter to Mark Durieux". http://www.ling.mq.edu.au/nlp/network/debates/Matthiessen_Durieix94.html (Consultado em 25/04/07).
- Matthiessen (2006d): *Course 10 – Describing languages systemic functionally*. <http://www.pucsp.br/isfc/isfc/Post-Congress%20Institute/DD47B10C-907C-4589-A6FB-E4203A3421E0.html> (Consultado em 15-11-10).
- Matthiessen, C. & M. A. K. Halliday (iii/97): *Systemic Functional Grammar: A first step into the theory*. http://www.ling.mq.edu.au/nlp/resource/VirtuallLibrary/Publications/sfg_firststep/SFG%20intro%20New.htm (Consultado em 19/11/10).
- Matthiessen, C. & M. A. K. Halliday iii/97 http://www.ling.mq.edu.au/nlp/resource/VirtuallLibrary/Publications/sfg_firststep/SFG%20intro%20New.html (Consultado em 19/11/2010).

B.2 Nyungwe

- Ker, D. (2011b): *A New Negation in Nyungwe*. Presented at the FPX, SIL Nampula - Mozambique. <http://kanyimbe.ethnolinks.com/2011/08/a-new-negative-in-nyungwe/> (Consultado em 21/12/11).

B.3 Não LSF sobre línguas *bantu* moçambicanas

- Dalsgaard, Jørgen (2006): *Language and Language Policy in Mozambique*. [Online].
<http://www.tindzimi.dk/>. "Institut for Antropologi, Arkæologi og Lingvistik" Århus:
Århus Universitet (Consultado em 17/03/2008).
- <http://www.tindzimi.dk/En/Survey,%20table.htm> (Consultado em 17/03/2008).
- <http://www.tindzimi.dk/En/Language%20survey.htm> (Consultado em 17/03/2008).
- <http://www.tindzimi.dk/F%C3%A6lles/Bibliografi/bibliografi%20sprog.htm> (Consultado em 17/03/2008).
- Dalsgaard, Jørgen (2008b): *Language and Language Policy in Mozambique*. [Online].
<http://www.tindzimi.dk/>. "Institut for Antropologi, Arkæologi og Lingvistik" Århus:
Århus Universitet. (Consultado em 27/05/2009).
- <http://www.tindzimi.dk/F%C3%A6lles/Provinser/Tete.htm> (Consultado em 27/05/2009).
- Dalsgaard, Jørgen (2008a): *Language and Language Policy in Mozambique*. [Online].
<http://www.tindzimi.dk/>. "Institut for Antropologi, Arkæologi og Lingvistik" Århus:
Århus Universitet. (Consultado em 27/05/2009)
- <http://www.tindzimi.dk/F%C3%A6lles/Sprog/Enkeltprog/Cinyungwe.htm>
(Consultado em 27/05/2009).
- Dalsgaard, Jørgen (2008): *Language and Language Policy in Mozambique*. [Online].
Disponível: <http://www.tindzimi.dk/>. "Institut for Antropologi, Arkæologi og
Lingvistik" Århus: Århus Universitet. (Consultado em 27/05/2009).
- <http://www.tindzimi.dk/F%C3%A6lles/Sprog/Todas%20as%20linguas.htm>
(Consultado em 27/05/2009).
- Universidade Eduardo Mondlane (UEM), Faculdade de Letras e Ciências Sociais e
Humanas. Universidade Eduardo Mondlane, Faculdade de Letras e Ciências Sociais
(FLCS) www.bantu-languages.com (Consultado em 24/02/12).
- http://www.ethnologue.com/show_map.asp?name=MZ&seq=10 (Consultado em 06/07/2009).

B.4 Não LSF sobre línguas *bantu*

- http://www.nationsonline.org/oneworld/african_languages.htm (Consultado em 01/10/2009)
- Ker, D. (2012): <http://kanyimbe.ethnolinks.com/2012/01/mega-languages-macro-languages-and-micro-languages/> (Consultado em 13/02/12).
- Lewis, M. Paul (ed.), (2009): *Ethnologue: Languages of the World, Sixteenth edition*. Dallas, Tex.: SIL International. <http://www.ethnologue.com/> (Consultado em 31/01/2012).
- Maho, Jouni Filip (2003): "A tentative bibliography of Nyungwe", excerpted from *Electronic Bibliography of African languages (EBALL)*. (Consultado em 27/05/2009).

Maho, Jouni Filip (2008): <http://africanlanguages.org/bantun.html#top> Web resources for African Languages, updated on 2008-05-15. (Consultado em 27/05/2009).

www.africanlanguages.org (Consultado em 13/02/2012).

Maniacky, Jacky (2007): Map of African Languages/Countries, African Studies Center, African Languages at Michigan State University (MSU) (<http://www.isp.msu.edu/AfrLang/AfrLangMap.htm>) (Consultado em 08/10/2008).

OAU (s.d.): *Language Plan of Action for Africa*. <http://www.bisharat.net/Documents/OAU-LPA-86.htm> (Consultado em 01/09/2009).

Rádio Moçambique. <http://www.rm.co.mz/>

B.5 Geral

Corrêa, Elisa Figueira de Souza (2010):” Fragmento da monografia final do curso Evolução do Pensamento Linguístico (Mestrado CNPQ/UC-Rio). <http://www.filologia.org.br/soletras/19/10.pdf> (Consultado em 05/11/10).

Gordon, Raymond G., Jr. (Ed) (2005): *Ethnologue – Language of the World*. Dallas: Summer Institute of Linguistics (SIL). [<http://www.ethnologue.com/>] (Consultado em 25/05/2008).

http://196.22.54.18/home_page/censo07/ (Consultado em 05/11/10).

<http://lingweb.eva.mpg.de/numeral/> (Consultado em 02/02/2012).

<http://www.ethnologue.com> (Consultado em 13/02/2012).

http://www.ethnologue.com/show_language.asp?code=nyu (Consultado em 06/07/2009).

Instituto Nacional de Estatística de Moçambique (INE(M)). *Quadros do 3º Censo Geral da População e Habitação 2007*.

Ker, D. (2011a): <http://kanyimbe.ethnolinks.com/2012/01/mega-languages-macro-languages-and-micro-languages/> (Consultado em 13/02/2012).

ANEXOS: *CORPUS*

ANEXO I – TEXTOS

ANEXO II - CALENDÁRIO ANUAL *NYUNGWE* DE REMÍGIO ESCRIVÃO JOSÉ

Nota explicativa

Os textos que compõem este *corpus* foram colectados em Portugal e em Moçambique nos anos de 2008 e de 2009, respectivamente. São textos de natureza diversa, quer escritos quer orais, incluindo textos religiosos (estes provavelmente foram escritos em português e traduzidos para o *nyungwe*), escolares, musicais (canções), conversacionais e da rádio.

ANEXO I – TEXTOS

Texto 1 – kumata mbalame (Portalegre) (texto instrucional)

(Two rings phone) - Sim, boa noite! - Didi? - Sim! - Ndine, uno! - Ah, lewa tibve xa- - Tani, ulipo? - Ndiripo! - Iwe, una nthawe? - Yaciyani? - Ninfuna kukubvundza, uyu: u-, kule ku... kumata... mbalame na ulimbo, ambacita tani? – (...) ambati kumata mbalame, xamwali. - um? - Uma, ambati- kumata mbalame. - U-, sim, inde kumata mbalame na ulimbo... - Inde, ambati kumanga mbalame. Mbalame ambazimata na ulimbo só. - Tsono ambacita tani ulimbo bwacebo kuti amate? - Ah, ambacita tenepayu: bulipo ulimbo bwa xikonkho, - Hahum - Umbadziwa xikonkho yire ikapita m'maso imba uyu, imbapha maso bwire? - Ah, nin'bwidziwalini, ambati tani? - - XIKONKHO. – Ai é?! – Hãã, bulipo ulimbo bwa khoma, - Huhum - bulipo ulimbo bwa cidya akolo, - Huhum - agora, pana ulimbo ulimbo. Bulipo bwa khomabo ambati bwa bwa bwa...uyu, bwa... kuNyungwe kule, Nyungwe cidade mule, tikhamata na ulimbo bwa uyu bwa bwa bwa sikonkho - ãhãh - tikhayenda konkule, sikokhoyo tipo cactus - ãhãh - Tikhaciceka terepayu – Inde... - cicimbacoka nkaka - U- (+ mimic) - nkaka ucena mesmo – ãhãh - - Tikadzaza nkaka ule, ucena ule, nkhuenda kawphika. - KAWPHIKA? - Hãã - ãhãh – Kuwuphika, kuwuyika tenepayu moto brando - ãhãh - - Ucimbayamba kupferuka, iwepo ucimbabvundula basi ninga un'bvundula phala laciwuyu pale, até kukhota. – Inde. - Então umbacosa bom'bule ulimbo bule, - ãhãh- (agreement mimic) - Sempre (portuguese word) pakuti iwepo wuyu ukayenda kayikha mata uyupo ukhabu- wuyu ukhabupfherusa na madzi - U- - Eh, bukapferuka na madzi tenepayu kutenga n'tepa ule, kuwutotesa pang'ono na madzi - N'tepa? - N'tepa, inde, onde você aplica o o o o ulimbo - Hãhum - Ah? – ningati ncamu... n'tepa, inde. (fala incompreensível) - (fala incompreensível) - Concire akhambacemera n'tepa oo akhambacemera dzina linango?! - Ah? – Akhamba--n'tepa concire-- concire? – Mas, olha lá, eu nem tenho dúvida disso porque eu eu passei a minha vida, a maior parte da minha vida kumata uyu- - Ah, lewa ndipo - Ah, ambati n'tepa - Ah, - N'tepa wa ulimbo. – Huhum. – Então, metes um bocadinho de água - Huhum- - para não haver uma adesão... permanente. - Kutu, cikakupita muu-- m'maso bwisaye kukuphata naa? - Não não não. (portuguese words) Ukayikha ulimbo bule see kutoma kuaplicar água, uma película de água por cima desse n'tepa, - Hum. – você nunca mais vai voltar uyu- ambati kupulula uyu ulimbo, un'kwanisalini kupulula. – Hãã. – Ati fica cola mesmo, adere - (sound agreement mimic) - Adere como adere também o pássaro - Ah, - Porque se o pássaro viesse com as patas molhadas aí não se pegava– Ai é! I--Ikhamatikalini! – Sim. – ikha ikha in'matikalini. Da mesma maneira, ukayikha n'tepa ule madzi, kuphata kule kumbayamba kuaplicar, umbadziwa kuaplicar - ku-ku - Ya (sound agreement mimic) kuyikha pawuyu pan'tepa pale kuvzwengeresa vzengereza pa- - (sound agreement mimic) - película mais ou menos aceitável, kuvzwengeresa vzengereza até pa uyu wamanga nkhuenda kukabumanika m'mudzi, mu uyu-

mu um uyu oo pancera oo oo miti momule m'misaw mule momw- tikhadziwa momwe mumbabwera mbalamezo – Huhum - Winango até akhawmangirira n'tepayo – Huhum. – Mas, geralmente, tikhawmanika tenepayu oo até tikha u- tikhaciwdjirikira citisa terepayu ku ku uyu... kuu kuphesi nee - Ndipopo ndikha- ndikhathi n'phesi, likhalilini- n'tepayo – NÃO É n'tepa wa phesi, não, n'tepa ni muti – Hã - Phesi é só pra sustentar pra ir aplicar lá... no coiso - Ããã (sound agreement mimic) - Ah (sound agreement mimic) - Lewa tibve - Tikhawmanga, ou mês kumanga n'tepayo kuwmanga tenepayu na mpira (portuguese word) tepayu kuphesi – Umhum (sound agreement mimic). – Então, phesi lire litali kwene-kwene oo por exemplo [portuguese word] ntsungwi, nkhuenda pam'pale pale pa uyu pamuti pale ee...colocar como se fossem também ramos daquela árvore [portuguese word] – Hãn (sound agreement mimic) - Zikabwera mbalamezo, zikhambuta pamwepale. Zikambutha, nkhumatiwa - Ãã (sound agreement mimic) - Tikamala tsapano, tikhayikha ma ma- m'mandjamo madzi, nkhuapulula, kucosa ulimbobo. Mangwana yandzace nkhubwera pomwe kupferusa pomwe uyu para activar. - Ubodzibodzibo ou já akhafuna-? (fala incompreensível) Ubodzibodzibo até kuwu bu-- kusaluka - (sound agreement mimic) - Levava muito tempo - (sound agreement mimic) – Agora, bulipo bwa acidya akolo, é uma coisa que anda lá nas árvores, no coiso no nas montanhas. É uma árvore como... também tem leite, ou uma resina também em coiso, mas bumwebo já tikhabuphika na manduy - Um - Ah. Agora bulipo bwa khoma, khoma lire- bwa khomabo já tikhabuphikalini, tikhabubudya tenepayu ticimbacosa ndjere za khoma zire, - Hum. – khumbasala-- ficava só a a goma, não é - Ah - É na na boca. Então, tikhacosa pam'pale kubuyikhiratu uyu... ku kun'tepa. - - Bumwebo já bukhapululukalini, bukhayikha mun'tepa ukhuyikhiratu pan'tepa, já não não, não tinhas formas de como tirá-lo. [portuguese word] Até kusakuka. Nkabumata bobule, cerca de três dias, ndipo bukhambasalukambo. Hahan – Kusa-- Kusaluka ni- já ndiko kulewa kuleka kumata, na? - kumata mbalame, ya. - Ya. Mas kusalukako ndiko kulewanyi, ndiko kulewa ku- ku- kumata mbalame naa? - Exactamente, ninga munda wasaluka [wasuka]! - Ãã - (fala incompreensível) - (fala incompreensível) - Acabou prazo - - Õõ (sound agreement mimic) - bswire bwa- bswakusodza ukonde? – Há, ukonde, ukonde ifepano tikhamanga nawu nawuyu naa na uyu bwa bwa bwa uyu uyu bwa mulambe, uyu bwa mulambe. – Uhum (sound agreement mimic) - Tipfew-- tikhapfenda ndzoy zamulambe - Uhum (sound agreement mimic) – Kubuposa - Uhum (sound agreement mimic) – Então, ukaposa pam'pale, ukamala pale nkhuizamanga ninga un'manga bwazi. Tsono bwazi n'bwa m'madzi, ukonde n'bwa n'bwa uyu - Um (sound agreement mimic) – Depois, ukondebo akhayikha ningati uyu, ambati cikhoma, não é? - Uhum (sound agreement mimic) – Cikhoma ubu um-- era um pau, bem trabalhado, tipo uma uma bengala mas mais grossa e duro pra aplicar nas pontas de-- do ukonde - Um (sound agreement mimic) – Então, é aí onde ela se enrolava, desenrolávamos e fazíamos lá, aplicávamos lá, não é, amarrávamos o o coiso lá nas pontas duma árvore ou coiso, uyu tepayu. Ya, depois ligávamos outra, só para-- Wanthu akhagonera ukondebo. Kugonera o que é? As pessoas ficavam nas pontas, akabwera nyasa, akadzacula kule marede, não é? - Uhum - Ehee, bobule bukhakhala ningati cimika tenepayu porque tinha uma corda que passava assim horizontalmente na ponta... o coiso, em cima e horizontalmente em baixo. Tikabukucita tenepayu ninga cortina, não é? – Mas akhayikha kuponi u-- ukondebo, kuthengo? - Ni nthengo inde - Umbayikha kuponi bwazi? Bwazi bzazi é (...) umbayikha m'madzi. – Uhum. – Em vez de kuti ku-- como nyama imbapitalini m'madzi, imbapita nthengo, tem kuyikhambo n'thengo (risos) – A diferença é que ukonde n'bwa uyu...bwazi n'bwa m'madzi - Mas mbuto yace ikhali ikulu pathengopo, ikhacita ningati...? - Depende da quantidade de ukonde e das pessoas. Porque o que acontece, ifepano tikhambadziwa kuti nyama ziri uku tepayu – Hum - Tikhayenda kazinyosa kule terepayu kuti ziyendere kumweko kuna ukondeko. – Uhum. - Ikafika kule n'kucula, zikhacula ningati ntsomba imbacula bwazi. – uma rede duas pessoas que era... quando o animal entrasse aí... até se podia apanhar vivo, mas a a a, a coiso não era

essa a a a. Akhapheratu na bonga – Uhum – Hum. – Hãh. - E a divisão... - Neye kubva? – era em função a coiso, aquele que que abvulumusa ci-- nyamayo, anya- akuwa, aa akha-- akhana uyumbo. A divisão era em função do papel que você teve nessa caça. – Uhum. – Hum. – Thangwe winango akhanamantha thawa na? Bzwobzwire bzikabwera bkwizi-, bzikha-- , ikhali ngozi imweyiretu.... - Ah? - Pinango pakhawoneka ngozi, pinango bzirombo bzikhabwerambo icombo cinfunambo upulumuka. Até pakhawoneka uyu... wanthu kupwetekeka naa? - Era muito raro, até kupwetekeka angadapwetekeka kuti munthu alikubwera kule, uyumbo akubwera kule kuti aphe nyama yire. – Ãhãm. - Nkhuthusa bonga, akhamenya mwanzace. Daí que nunca tinham o hábito de ir pegar o animal porque angadakwetekeka na uyu—angadakwetekeka na—na nyanga za ibzwo... na bzirombobvo – Ãhãm – Ãã. Daí que optavam por matar logo, nem tinham a hipo--, nem colocavam a hipótese de kuphata vivo.

Texto 2 – Peripécias para vir para Portugal e a infância de um m’nyungwe em Portugal

- Ãã, ati bzwinango, iwe ungalewe pacizungu u-- uyu wako udacita tani, kuti ubwere kuno tani? - Ãh? - Ungalewe paciNyungwe bkwomwe uda-- udacita, kubonera kuti ufike kuno? - Ãh, ningalewe inde. - Lewa tibve! - Ãh, coka apa, diabo (risos) – Haha, xamwali, lewa, ndi-- ndiwuze, ninkufuna, pa. – Ningalewe. – Ãh. – Primeiro, posso contar a minha infância paciNyungwe... - Ãh, cita, pode cita... - como que é... kuti n'dabwadwa kuponi, – Ãhã. é... mbani adandilera, – Ah – ndidabwadwa tani, - Iya. – Depois, may wangu aku-- uyu pakuyenda kumunda akhacita tani, inepano ndikhakhala na yani, - - Ãã? - Lewa ndipo bkwimwebzwo. – Ndidadza-- - Han? Bkwomwe unfuna iwebzwo... - Há, eh pa, eu sou nyungwe pa, falo isso, só estou te a dizer como como contar a minha história cara- - Ndipopo ndiwze tso-- ndiwze ndipo xamwali - Mas não é agora patelefoni, ndikuphika xamwal- - Haa, lewa pang'ono-- ka ka kang'onong'ono ninfuna-- - Inepano ningalewe kuti ndidabwadwa kuponi. – Umm. – Haa. kuwawuza kuti pamwepo kuti mimba ya may wangu ne iribe pa pa pakhayendalini kuhospital pa-- nyengo zimwezo. Inembo n'dabwadwambo tenepoyo sem may wangu sem kuwoniwa na doutor nem na tani nem... N'dadzabwadwa pale. Tsono papuy may wangu pamwepa akhambalima, akhamba uyu na mimbayo tani N'dabwadwa m'nyumba. Ndiribe kubwadira uyu nem muhospital. – Aham. Hum. – Ahh, até kucoka pacikuta. – Ya, ati tani? – Han? – Ambati kucoka ci-- cikuta. Não é cikuta? – Cikuta, ya. Até pampale uyu kumanga combocombo... wanthu... mbani adandibereka, ma ma maparteira tradicional. – Ma não é kubereka, kubazika, mbani adakubazika. – Ambati adalo-- lo—ambati n'dabereka ku uyu... ou kubazika mpswibodzibodzi. – Uhum. O primeiro pode usar também essa palavra kubera. – Uhum. – Não, não, kubereka ya kubala, na? – Inde. – Iya, inde, inde. – Uhum, ndipopa kubazika adaku—adaku-- khala ninga tuparteira. – Iya, mbani adandibazika... - Uhum. – parteira tradicional acimanga chombochombo... - Ahum. – Acindicita uyu tepayu uyu... mankwala yomwe n'dasamba ine acimbacita tani, akhazimanga tani, akhazimanga tani n'ciwunomu, na vacina ife. – Iya, amba-- akhacicemera tani, bkwimwebzwo? – Mphindi. – Nthindi? – Sim. – Hum? – São uns tronquinhos assim, furam... - Hããn, n'nibzwidzwiwa, tsono dzinalo ninti akhatirini – Ambati mphindizi. – Akhati mphindi, penu nint-- - Inde, nandi. – Ãn. – Sim. – Inembo n'dabwadwa ku—tsono... - Han? – só madzi madzi Yale ntukalango tukalango tung'ono... - Yinde, kusambayo... - Iya, mukhana mizi – Mankwala – kusamba. – Han. – Ma-- - Não é só mankwala yomweyo yakusambayo. Akhamanga uyu... nkuzi wa nyamphiri. – Ahãn. – Hum. Pinango até akhayikhambo na tumisanga pang'ono para kuti udeke. – Hem. – Hum, mas tumiti tule, tani. – Acimbakumwesa bkwimwebzwire... - Ucimbamwambo, akhamwesewa na mandja. – Uhum, (risos). – Não é

na colher, não. – Inde, cadidi, iwe. – Uhum. – Udabwadira-- udabwadira ku-- kumuy, - (imperceptível) inembo

Texto 3 – Grevistas EAT (cidade de Tete)

- Yathu ndjimweyino. Akakotoka, nkukotokambo. Yiwe... leka tinfuna kuwawuza awa. – Awa ankuyenda konkule, na? – Até ifepano... - Nandi, nyamulanimo ng'omazi tikatule ndipo nkati mule/mucarro mule. – Bwerani tidzanyamule umbani, ng'omazi. – Ng'oma, abale. – M'mandjamu mwapswa kale, penu. () n'ne, imweyi idalira(?) mpaka kuMoatize, kudzatula, tibwere, ticzanyamula, kubwera kudzakala.

Texto 4 – Alumbwana wa ngolo (rua cidade de Tete)

()mwana ati yunwii. Ifepano ndiribe kutakula cinthu, ine. - Haa, ifepano tiribe kutakula cinthu.... Ne na mil pano, desde ya macibese. Até nkhadagona kule ... ndipo cibere za paka wuyu. – () iwe. – Iwepo nin'dzakusenda na katana. – () tiyende kasiya utu, tibwerere. Ndati iwe unkusenzeka kuyipa. – Hee, anda cá. (...) Iwe, iwepo uli kuvzwenga pale, uli kuyenda kuponi? – bzwobzwi bzwakung'ambika kumatakobzwi (risos) Haa, mano (...) Mufuna kubonera wana weneciro. () bzwobzwi bzwakung'ambika kumatakobzwi. Ah, mano, () kundofuna kubonera wana wa wenekaciro. () lero akhadabwera. Adalewalewa na – () – Ah. (o resto do texto é inaudível)

Texto 5 – Mercado OUA de Tete (vendedores e clientes)

– Un'dziwa lero akhadabwera, adalewalewa na... – Aí dez dez. (...) mil basi, mano. – Iyi mwati tani? – Dez dez yentseneya. – Aya aya ngakufwira aya oo ne? – Yakufwira bwino. Mun'dziwa mwekha, basi. Munkuwalini kufewaku? – kucidadeko... paga bem. – Mwati dez, na? – Dez, sim. – Ntenepo basi kumala kwa pantsi. Munti ada... ada... adayimba ule adaphonya? – Kumala kwa pantsi, na? – Huum. – Pali kumaladi mesmo? (...) Pantsi pabwino bwinopa pali kumala mesmo pantsipo? – Pali kumala. – Hã hã, mukuyenda ku? – Macassete dzanayo kuno, pa. Kodi munsiya kuponi, m'bale wangu (...) – Yadakoma, hãã. – Yadakomatu? – Ngakuponi yamweya? – Chimoio. – Nga kuChimoio? – Hãã. – Nkati umm ... ndjakuBoloma. – kuBoloma? – Humm. – Yambasala () ali khale! Muli tani? – Tiri bwino (...) penu arapaz wanuwo. – Tiri bwino nawo, penu andzawo. – Escola inkufamba bwino? Nada ninfuna kumaliza uyu kutsogoloko mukhalembo ninga ine. – Kubambo bwanesa. – Nfuna kubiri penu. – Ninfuna dinheiro. Quero dinheiro. (...) nfuna iwepo... unfunayo... não pode kucita ciya. (...) unyang'ana pamwepa kuti ucite cikuti. Kubiri unyang'ana kuponi? (...) Mas inepano nimbaphata basa ya kugulisa madzi ine. (...). Kubiri ya madzi ndiyo nimbaphatira nayo basayo. – N'thuciyani tumweto? – Tuoni, papá? – Munkugulisato? – Ntusumo utu, papá. – Mumbacita ndimwepo? – Hãan? – Mumbacita ndimwepoo? – Yindee. (...) kuyenda kaba kule mbava waba pale. Bzwimbalemeratu. Inde, na? – Éééé.

Texto 6 – Aula em Misawa (muito incompleto)

– Tinfuna kuti tibzwiyezeze ibzwi apa. Mwawona bzwomwe ndanemba inebzwo apa, na? Mafala yamweya mwa. Ndalewa ndati mugawe. Ndiribe kulewa kuti munembe mucisiya tenepoyo. Nemba. Unsaya kunemba? Huum? – Hé, mbani akulewalewayo? Huum? Mugawe ninga mumbagawa mafala, na? Ne kunemba mucisiya. Hé, baludya, han! Ici nciyani? Kulumizani, kulumizani, kulumizani. Madzana mawiri makumi matatu na zixanu kuthumizira amalayo abwerese. – Ndayenda, mwabva? Pfhundzani bwino.

Texto 7 – Aula em Kacembe (AKA)

Ãã, iwepombo khala apa. Iwepo khala apa. Iwepo khala apa. Cada qual ayende katenge cadeira (). Iwe, bwera udzakhale apa. Imwepo fenderani apo, khalani apo. Andzanu alibe kudziwa kuti (...) lero? (tosse) Podemos, hum, talvez. Aqui. Se-- segundo o que está a dizer Não não, aqui mesmo. Pode estar atrasado. Nada, anango ndi... amwewa A mim... Hãã! já já me conhecem. Nimbapfhuwa makutu ntsiku zinango agora imwe mwati ha ha omwewa acokera kuponi? Mbatimusane, na? Khadamusana kale? – Tikanati. Mbaticiteni. (...) escola. apfhundzisi tin'dzawonana. Tin'dzawonana, já? Tin'dzawonana mangwana? Hãã! Mangwana. N'neye. Hãã, thangwe ninyi tapfhundza kale... munkuwona ninga kugoneka, na? – Sim. – Ãã, ne, nkugonekalini. Tinfuna kuyimba? Tinfuna kuyimba, ne? Sim. Sim/ Tinfuna. Tinfuna? Sim. – Tinfuna kutani? – Kuyimba. – Cimbo canyi? Sim. Kuyimbaaa. Ifepano tinfuna tani? Tinfuna ku-- sanganiza ici na ici zakwane ziwiri Ici na ici na ici, zikwane zingasi? – ZIWIRI. – Zikakhala ziwiri. kuphataniza na cinangoci, zin'kwana zingasi? Ãhãã. Cata--, ZITATU. – Ahãã. Cina cimbo cace, na? – Sim. – Ambayimba tani cimbo con'cire? Mbani akucikumbuka? Sim. Lewa, tibve. Ãã? – Posi, piri, tatu (musicado). – Ãhãã. Posi, piri, tatu, nay, xanu, tanthatu, cin'sala cibo cikwane khumi. – Imwepo munkuyimbalini bwino bwino. Mwawona () ali muno, na? – Sim. – Amwewale abwera kudzapfhundza cimbo cimweci ati nimbakomezedwa naco kwene kwene. Mbatwayimbire. Amwale akapfhundzisembo wana wawo kule. Mwabva, na? Mbatiyimbeni, ndipo. – Camala? – Ciribe. – Mbatiyimbeni, basi. Ndimu. Mbatikhaleni. – Ife tin'khala. – Ife tin'khala. Uhum. Alipo alova, na? Alova azindjisa. Alova azindjisa, na? Sim. Sim. Mbangasi ayenda kanyang'ana bwithungubva? – Awiri. – Angasi? – Awiri. – Awiri. – Atatu. – Gulu iyi na iyi, na? – Sim. – Uhum. Mbangati omwe adacoma aciduwala dzulo? – Alibe kubwera? – Hãã. – Pai wace wayenda kale(?) – Ati tani? () ambakhala() alibe kubwera. Baba wa m'bale wace wayenda naye. – Alewa kuti akadaduwala? – Penu. Inepano nimbakhalalini kumweko tsono iye alibe kubwera. A-- walewa kuti akadaduwala? Penu. Ifepano, lerolino, tinfuna kuwona bwinthu bhwomwe kumuyiku timbabzwiwona, na? – Sim. – Timbabzwiwona kumuy, nee? – Timbabzwiwona. – Timbabzwiwona kumuy. Inepano n'khafuna tani, n'khafuna kuti lero tidye malaranja, tsono ndayasaya. Alipo omwe anayo kumuy? Malaranja, alipo anayo kumuy? Alipo anayo, palibe? – Palibe. – Bzwimwebzwi ibzwi bhwomwe mudasuzira malaranjabzwi, mpswiyani? – Limão. – Hãã? – Limão. – Bhwomwe bhwimbacemerredwa ciyani, ndimu, na? Timbacemera ciyani? Limão. Ndimu. Ndimu. Mbani pai wace anazo, ana dimba la ndimu? Ana dimbe-- ana dimba la malalandja, mbani? Bzwinangobzwi, ibzwi, mpswiciyani? – Matomate. – Maciyani? – Matomate. – Matomate, na? – Mbani pai wace ana dimba la matomate? – Ine. Ine, ine. – Yafwiri, yakanati? – Yafwiri. – Mbani yakanati? – Ine. Ndine. – Mbani yafwira? Yalikuyamba/Yafwira. Ine. Ine. – Mwentse, basi? Mbatigweseni. – Mbani yafwira? – Ine. – Gwesani. Mbani yakanati? – Ine. – M'bodzi. Mbani pai wace alibe? – Ine. – Azindji. Ankukondza dimba? Hãã? Ine. – Kumpfhidze. Inde, kumpfhidzeko, phaponiponi, paciyani? Tani, ninga pale pale, na? – Ine nimbakondza(?) Kacembe. – Kuponi? – Kacembe. – Nkacembe. – Muna ciyani nKacembemo? – Ncenga. – Muna ncenga na ciyani? – Ndovolo. – Hãã? Ndovolo. Ndovolo? Bzwinango? Bzwickhale bhwatota tepayu ambacita tani ambacita kubzwapwipira mata? – Nnee. Sim. – Ambacita tani? – Ambatsirizira. Madziyo ambakayatenga kuponi? – Nkacembe. Tsirizira/Madzi. – Pancera. – Pam'gidjo? – Nnee. Hãã? Kacembe, na? Kandjeredwe.(?) Nnee. Pandjerera/Kacembe. – Sim. – Hããã. Lerolino ifepano tinfuna kupfhundza bhwimwebzwi bhwimakhuli, matomateya m'mangasi, ndimuzi ndzingasi? Ifepano tinfunalini ndimu. Tinfuna malalandja. Tsono tayasaya. Tinfuna kudziwa bhwimwebzwi kuti mpswingasi? Mwabva, na? Mukubva bwino bwino? – Sim. – Muli kubvibva? – Sim. – Mbani anfunu kulewa ibzwi, ibzwi mpswakuti? – Ine. – Ine. – Naabwere. – Mbani? M'bodzi. Bzwiphate, uwawuze andzakowa kuti ibzwi bhwimwebzwi dzina labzwene mpswakuti, ni ngana, bhwiripo bhwakuti. Phata bhwentsebzwu, uwalatize andzako.

Awuze. Alatize bzwimwebzwo. Awuze pamwepo. Awuze kuti bzwimwebzwi bzwimbacemerredwa bzwakuti. – Matomate. – Alipo mangati? – Matatu. – Uku matatu, uku mangati? – Mayiri na libodzi. – Nikubvundza umweyu. Uku mangasi, uku mangasi? – Uku mayiri, uku libodzi. – () pomwe ucite mawiri. Awuze amwewa. Awuze kuti mangasi. – Manayi. – Awuze, iwepo una matomate(?) mangasi? N’ mangasi yamweya? – Mawiri. Awuze tepoyo. – Awuze kuti matomate mawiri. – Matomate mawiri. – Ukumbo?(). – Libodzi. – Ahãã. Mwayawona, nee? – Tayawona. – () tani? – Mbani anango? – Ine (coro). – () Lewa dzina labzwene. – () Mbani winango? – Ndine/ Ine (coro). – Ohoo! Lewa dzina labzwene. – () – Bwera, bwera, bwera. – () Dikira. Dikira. Dikira bzwimwebzwi(?). Ahãã. Awuze. – Ici nciwiri, ici ncibodzi. – Nchiciyani? – Limão. – Alatize. – Limão. – Zingasi? – Cibodzi. – Ciyani? – (). – Uwawuze. Ziponi ziwirizo, tem kuti (). Mpswiponi bziwiri? Bzwiri bziwiciyani? – Limão. – Limão ziwiri (). Lewa limão ziwiri. – Limão ziwiri. – (). – Libodzi. – Lewa limão ibodzi. – Limão ibodzi. Ahãã. Mbatinembeni, na? Wakwanisa, nne? – Wakwanisa. – Tsapano, ine panano ninfuna tani? () Leima. Leima, ahãã! M’ngasi yomwe watengaya? – Libodzi. – Libodzi. Tenga mawiri. Alatize andzakowa. Awuze. Awuze kuti matomate mawiri. – Matomate mawiri. – Dzusa ndipo boko. () matomate mawiri. Matomate mawiri. Lewa, tibve. Matomate mangasi? – Mawiri. – Matomate mawiri. Kutu yakwane matatu, yansala mangasi? – Libodzi. () Alatize, alatize, tumala

Iwepo, ndoko pamwala pale ukanembe matomate mawiri. Ndoko, katenge bzwakunembera bzwire. Tende ntotoyo, phata cakupfhudzira. Uhum. Nemba, matomate mawiri. – Ah, iwepo umbakhala(?) pamwepo? – Ah. Panyantsipapa () – Tikudziwalini (). Nãõ. () Pacizungu ambati tani (?)? – Dois(?). – Nemba ndipo. Ngaponi? Aya na? Apa wanemba tani pamwepa? Lewangani pamwepa. Yasala ibodzi, na? Nemba linango. Yali pace pace? () Unkuwonalini yali pace pace (). Nemba ndipo. () yentseneya, mawiri na libodzi kusanganiza, bziwinkhana mangasi?. – Três. – Nemba três, tiwone. () ankala kuponi umweyu? Trêsuyu ankala pambali? Kutsogolo : Nemba tsapano. () Apa, ikha cizindikiro ca kutu tasanganiza. Ikha cizindikiro cakusanganiza. () – Ciribe. – Ahãã! Tasanganiza bziwiri kusangana na cibodzi, bziwawana? – Bziwainayi. – Ah? – Bziwainayi. – Bziwainayi, na? – Bziwintatu. – Bziwawana bziwainayi, bziwintatu? – Bziwintattu. – () Awawuze wale. – Mpswingasi? – Mpswingasi, bzwimwebzwo? – (). – Hãn? Bziwintatu. Mbatifunguleni livro lathuli, tifungule livro. () Iwe ukugona? Ukugona? Umbadzwiwa kugona kwa () nkhutani? – Ngaponi? () – Uku libodzi, uku mawiyi. – Dois mumbamudziwa? – Sim. – Ambayamba tani? – (). – Nneye. – Mukuwona? Mukuwona, neye? () M’ mangasi? – (). – Mangasi? () Penu mpswiwiri, mun’lewa bziwiri, penu mpswainayi, mun’lewa bziwainayi (). – Apa? – Bzwingati? Palivropa? () – Mwabva, na? – Sim. – Mwabva, n’ne? – Tabva. – Wabwera kale iwepo. Mbani, winango? () – Uyo, ahãã. () – Nemba. Ziwi na ziwiri, dois – Wakwanisa, alibe? – Wakwanisa. () – Munkwanisa? – Inde. – Cadidi? – Cadidi. – Iwe, (). – Wayenda kale umweyu? – Anati. – Ksanganiza, mpswingasi? – Mbani ankwanisa kudzanemba? – Ine. – Iwe wabwera kale, iwepo. – Uyu anati kuyenda (). – Uyu akanati, uyu. – Bziwiri kusanganiza cibodzi mpswingasi? Cizungu ambati tani? – Três. – Nemba ndipo trêsuyu. – Wakwanisa, alibe? – Wakwanisa. () pakudya pana nthawe yace. () – Bwera, xamwali. Ndoko. Matomate mawiri, laranja ibodzi. () ndoko pale pa() pale ukanembe () phata cakupfhudzira, uhum, nemba matomate mawiri. Ikha mizi() sanganiza. – Ah. – Ah, tani? – Alibe kunemba bwino. – Anango akuyu apa(?) – Munfuna? – Sim. – Uku uku ninkuwona azindji ankufuna. () Kutsogolo – Um. Nemba um. Bziwiri kusanganiza cibodzi. Bziwiri kusanganiza cibodzi, mpswingasi? Nemba doisuyu apa. Wanemba bwino doisuyu? – Nnee! – Mbani an’dziwa kunemba bwino bwino? () – Ninfuna kuwona nguponi dois an’coka bwino. () – Ndokoni mukakhale, ine panano n’lewa kutu uyu () Cada munthu an’dziwa três wace. Mbani wanemba três uyu? – () – Uponi, ayime. Wakwanisa, alibe? – Alibe/ Wakwanisa. () Awa mba três, uyu ni três, uyu ni três. () – Alipombo anfunu kukhala aprofessor panu? Anfunu kukhala mpfhundzisi, mbani? – Eu. – Ndine. – Apa trêsuyu an’khala apa? () – Mbani anfunu khala

mpfhundzisi? – Ndine. – N’nidzakupasani wana kuti mumbakaapfhundise kumuyi. Apfhundzi wanu imwepo. – Tin’dzaapfuundisa (?) iwepo un’dziwa kale. – Aprofessor/ Augusto(?) na’dziwalini uyu. – Munkawuzalini m’bale wanu wokha. – Aprofessor/ winangowa(?) an’dziwalini uyu. – Bwera, bwera, tiwone, leka kuphonya. Umberto? – (leka, tiwone, leka). Gwanankhula, gwanankhula, gwanankhula. Iwe, gwanankhula apa. () – Imwepo mwapfhudza, wabzwidziwa? Inepano ndawona? – Inepano n’natere(?) – (funa apa? – Ninfuna kuwona adoisiwi. – Ona magirazi! – Yewe, akulentsa imwe kani? () – Umweyu akuletsa. – () – Iwepa (). – Iwepo ukutenga () kuyikha pa(). – Iwe, (). – () apa bzwinangobzwi (). – Apa ulibe kunemba iwe. Nemba apa. – Ulibe kunemba apa. Ndimu, ndimo, ndimo, bwerani. Pfhudzai. Pfhudzani, ndimo. Pitani, pitani, ndimo. () – Wawona, três wakoyu adakhala ninga tere(gestos?) Umbakadziwa kalombo kale kambagwa(?) utowa? (nome de pessoa?), umbamudziwa kafa utowa? Kadodo ule ambacemerredwa kafa utowa, umbamudziwa? Umbamudziwa, umbamudziwalini? – Timbamudziwa. – Akagwa, ambacita tani minyendo? – (). – Minyendo ambayimisa kuponi? – (). – Limphatana(?). Ona, caphatana lero(?) cimphatana munthu(). Unfuna ()mweko umweyo? – (nembalini. – Wanemba(). – Wa(), gwata. – Apa unanyi(?). – Iwe mpase mala(?). – Apa, upfhudze ndipo. Akunemba basi (). – Wanemba dois. – Alonga (). – Iwepo una ntima wakuyipa(). – Lero tin’dzakumbira ntoto sakhayire tolo. – Hiii. Mbani() an’dzanemba pomwe kawiri. – Mwabva, na? – Hii. – Mbani wa(), Sete(). Mwanemba mangasi(?), (sala mangasi? Anemba ()mweyi, alibe? Muniyenda kuna bola? – Ankupfhuyira adzace malivro. – Hãn? Apa não é (?): () – Haa, ankubisira(?) andzace malivro. – () Imwembo kunemba (), só ()? – Mwanemba kale? () – Bveranani, mukucedwa (). – Un’dzawona(?), mangwana un’dzamaliziratu bzwimwebzwi (). – Iwe wamala (). – Dooko. – Iwepo wandigwinya, na?- Mbani watukwaniwa? Mbani alipo? Lewa, mbani alibe kudya? Munthu wadya pano, alibe(). Mbani ndiribe kuwona? Mbani ndiribe kuwona, kule ndagwata, kule ndagwata. Mbani alibe kuwonedwa? Talewenga, tiribe? – Talewenga. – Talewenga bwino bwino? – Sim. – Tawonedwa, tiribe? Kowonedwa. Tawonedwa, tiribe. Nembanimbo nkulu. () – Umweyu an’dziwalini. () – pacadeirapo. – Ukuwona conta yakoyo ukhal()? Hum? Bzwitatu unibzwidziwalini, bzwiwiri unibzwidziwalini. – () Três uyu, uyu ni seis. () He, he, he, bwererani, bwererani, ninfuna kumuwona (). – () Atsuka (), mbani? – Mulibe lapizeira iswipa(?) – Womwe anfunalini kuwonesha, alibe nee nakucita cinthu. () – Iwepo () kale? – (). – Penu. – Hãn? Ona, uyu uyu an’bvumalini kuwonesha. – Wacita cinthu iwe? – Haa (). – Apa? – Ninfuna kukupasani wana kuti mumbaakapfhundzise kumuyi. – Ifepano, mangwana, hee, iwe apa, tetekera. Muti ngwanyani nawo? Unfuna kutoswola nawo andzako. Mangwana, tikayenda kumuyiku, lero, tinfuna kukanemba minfolo mingasi? – Cinco. Mingasi? – Cinco. – Mingasi minga-- – Mixanu. – Mifolo... – Mixanu. – Mifolo mixanu. Nfolo wakuyamba tinkamemba três, três, três, três. Mifolo mixanu. A três três wokha wokha. Mwabva? – Sim. – Tikalewe(?) nfolo uyu ngwa aum, winango ngwa atrás, winango ngwa atrás, winango ngwa atrás, winango ngwa atrás. Uyu uyu wakuyamba, wa ciwiri, wa citatu, wa cinayi, wa cixanu. Tabvna? – Sim. – Nkhunemba pomwe mifolo mitatu ya adoisi: dois, dois, dois, dois, dois. Hãn? Adoisiwi para(?) nfolo ubodzi adoisi anayi. Nfolo ubodzi adoisi angasi? – Anayi. – () pale, nfolo ubodzi atrás axanu. Munkuwona? Munkuwona? – Sim. – Thangweranyi? () – Thangwe trêsuyuyu, azindji, lerolino, munkum’gadamisha. Munkuncita terepa. Apa uyu ni três uyu? – Neye. – Apa winango munkupfhuwa tenepa. Ni três uyu? – Neye. – Ndipopa inepa-- Ndipopa ndipo...Ndati tani? Boko lirule, ambakanembe atrás azindji, azindji. Mumbadziwa kunemba tenepa? Hãn? Wonani. Wonani. Nyang’anisani kumweko, mwabva? Nchiyani ndanembaci? – Três. Quatro. – Hãn? – Quatro. – Nyang’anisani pomwe. – Um. – Hãn? – Um. – Nyang’anisani pomwe. – Zero. – Kodi ambati niyani umweyu? – Swii. – Hãn? – Swii. – Hãn? – Swii. Ndiko kulewa kuti ndiko(?) palibe, na? Ndati kumuyi tinkanemba ciyani na ciyani? (nome de aluno) – (). – ()lathu la kumuyi nkanemba ciyani? – Atrês. – Atrês angasi? – Axanu.

– Hãn? – Axanu. – Adois angasi? – Anayi. – Anayi. – Tabvana, na? – Sim. – Mbatiyendeni pandja, tikapumule pang'ano. Imani. – Ife tirikuyima. – Imani.

Ãã, iwepombo khala apa. · Iwepo khala apa. · Iwepo khala apa. · Cada qual ... · Iwe, bwera udzakhale apa. · Imwepo fenderani apo, khalani apo. · Andzanu alibe kudziwa kuti (...) lero? · (tosse) Podemos, hum, talvez... · Nada, anango ndi... amwewa · A mim... · já já me conhecem. · Nimbapfhuwa makutu ntsiku zinango · agora imwe mwati ha ha omwewa acokera kuponi? · Mbatimusane na? · Khadamusana kale? · Mbaticiteni. · Tin'dzawonana jay? · Tin'dzawonana mangwana? · Hãã! · Hãã, thangwe ninyi tapfhundza kale... · munkuwona ninga kugoneka na? · Ãã, ne nkhubonekalini. · Tinfuna kuyimba? · Tinfuna kuyimba ne? · Tinfuna? · Tinfuna kutani? · · Kuyimba. Cimbo canyi? · Ifepano tifuna tani? · Tinfuna ku-- · sanganiza · ici na ici · zikwane ziwiri · Ici na ici na ici, zikwane zingasi? · Zikakhala ziwiri · kuphataniza na cinangoci zin'kwana zingasi? · Åhãã. · Cata--, · - Cina cimbo cace, na? · - Sim. · - Ambacita tani cimbo con'cire? · - Mbani akucikumbuka? · - Ine. · - Lewa, tibve. · - Posi, piri, tatu... · Åã? · - Åhãã. · - Posi, piri, tatu (musicado) · Imwepo munkuyimbalini bwino bwino. · Amwewale abwera kudzapfhundza cimbo cimweci ati nimbakomezedwa naco kwene kwene. · Mbakayimbire. · Amwale akapfhundzisembo wana wawo kule. · - Mwabva, na? · - Sim. · - Mbatiyimbeni ndipo. · - Yamala? · - Iribe. · - Mbatiwerege, basi. · - Ndimu. · - Mbatikhaleni. · - Ife tin'khala. · - Ife tin'khala. · - Uhum. · - Alipo alova na? · - Sim. · - Alova azindjisa. · - Sim. · - Alova azindjisa, na? · - Mbangasi ayenda katenga bzwi...? · Angasi? · Awiri. · Guku iyi · na iyi · na? · - SIM. · - Uhum. · - Mbangati omwe adacoma aciduwala dzulo? · Hãã. · Ati tani? · Alewa kuti akadaduwala? · A- · walewa kuti akadaduwala? · Penu. · Ifepano · lerolino tinfuna kuwona · bzinthu · bzinwome kumuyiku timbabzwiwona, na? · Timbabzwiwona kumuy nee? · Timbabzwiwona kumuy. · Inepano n'khafuna tani, n'khafuna kuti lero tidye · malalandja, · tsono ndayasaya. · Alipo omwe anayo kumuy? · Malalandja · alipo anayo kumuy? · Alipo anayo, palibe? · Bzinwwebzwi bzinwome mudasuzira malalandjabzwi mpswiyani? · - Limão. · - Hãã? · - LIMÃO. · Bzinwome bzinwwebzwiwona ciyani, ndimu, na? · Timbacemera ciyani? · - Ndimu. · - Ndimu. · Mbani pai wace anazo, ana dimba la ndimu? · Ana dimbe-- ana dimba la malalandja, · mbani? · Bzinwwebzwiwona ibzwi ibzwi, · mpswiyani, ibzwi? · - MATUMATI. · - Macani? · Matumati, na? · - Mbani pai wace ana dimba la matumati? · - Ine. · - Ici ici. · - Yine. · - Yafwiri, yakanati? · - Mbani yakanati? · Mbani yafwira? · - Mwentse, basi? · - Mbatigweseni. · - Mbani yafwira? · - Yine. · - Gwesani. · - Mbani yakanati? · - M'bodzi. · - Mbani pai wace alibe? · - Azindji. · - Ankukondza dimba? · - Ambakondza bzinwome mbani? · - Kumpfhidze. · - Hãã? · - Kumpfhidze. · - Inde, kumpfhidzeko, paponi poni, paciyani? · Tani, ninga pale pale, na? · - Ine mba Kacembe. · - Amba-- kuponi? · Muna ciyani n'Kacembemo? · Muna ncenga na ciyani? · Hãã? · Ndovolo? · Bzinwwebzwiwona ambacita tani ambacita kubzinwwebzwiwona mata? · Ambacita tani? · Ambatsirizira. Madziyo ambakayatenga kuponi? · Pam'gidjo? · Hãã? · Kacembe, na? · Hããã. · Lerolino · ifepano tinfuna kupfhundza · bzinwwebzwi bzinwome mbani, · matumatiya m'mangasi? · ndimuzi ndizingasi? · Ifepano tinfunalini ndimu, tinfuna malalandja. · tsono tayasaya. · Tinfuna kudziwa bzinwwebzwi. · kuti mpswingasi? · - Mwabva, na? · - SIM. · - Mukubva bwino bwino? · - SIM. · - Muli kubzinwwebzwi? · - SIM. · - Bzinwwebzwi. · uwawuze andzakowa · dzina labzwene, bzinwome. · ni ngana · bzinwwebzwi bzinwome. · - Phata · - Phata bzinwwebzwiwona uwalatize andzako. · - Awuze. · Awawuze pomwepo. · - Awuze kuti bzinwwebzwi bzinwwebzwiwona bzinwome. · - Tumatumati. · - Alipo mangasi? · - Matatu. · - Uku matatu, uku matatu. · - Mbani watukwaniwa? · - Mbani alibe kudya? · - Munthu wadya pano... · alibe kuwonedwa · - Tawalewenga, tiribe? · - Tawalewenga, tiribe? · - Tawalewenga. · - Tawalewenga bwino bwino? · - Sim/Yinde. · - Bwino bwino? · - Bwino bwino bwino? · - Ifepano... · mangwan-- hee yiwe apa, · tetekera, muti ngwanyu nawo? · Unfuna (inaudível) mafala na andzako. · - Mangwana, · tinfuna kudzanemba minfolo · mingasi? · - CINCO. · - Mingasi? · - CINCO. · -

Mingasi mingasi? · - Mixanu. · - Hãn? · - Mixanu. · - Mifolo... · - Mixanu. · - Mifolo mixanu. · - Nfolo waku(...) · Mifolo... · mixanu · Hããn? · Nfolo uyu uyu ngwa a(...) · - Tabvana? · - Sim. · - Nkhunemba pomwe... · mifolo · mitatu · ya adoís: · dois · dois · dois · dois · dois · Hãn? · Adoijiwa (...) · adoís anayi. · Nfolo ubodzi · adoís angasi? · - Anayi. · nfolo ubodzi, · atrês, · axanu, · munkuwona? · - Munkuwona? · - Sim. · - Thangweranyi? · Thangwe dezjiyu uyu uyu, azindji · lero lino · munkugadamisa · mukucita terepa · - Apa uyu ni dez uyu? · - NNEYE. · - Apa wanango mu(...) tenepa · ntrês uyu? · - NNEEE. · - Ndipopa na · Ndipopa (...) · ndati tani? · Boko lilule, · akati anembe · atrês azindji · - Wonani · wonani · Nchiyani ndanembaci? · - QUATRO · - Hãn? · - QUATRO. · - Um. · - Hãn? · - UM. · - Hãn? · - UM. · - ZERO. · - SWIII. · - Hãn? · - SWIII. · - Hãn? · - SWIII. · - Swii. · Ndiko kulewa kuti (...) · palibe, na? · pandja tikapumule pang’ono. ·

Texto 8 – Dyoko dyoko na sososo (DYOKOSO)

- Pale, ifepano, kubusa mun’dziwa makabusa tem kudziwa bwzwinthu bwzizindji. Pinango tikhayamba kugwatambo mpira tenepo kuyikhambo kumphanda kuymanga manga uku tikhambabambo uku ntsapato za butsu yakale ali gwata gwata khandalo kudzamangambo uyu kumanga uyu mpirayu mphanda ibodzi wana ang’ono akhacita tani umbadziwa tumazay twaceto tontule. Tsono Inepano n’dapfondiwa kwene kwenesa. Umbati ukapfondiwa na malume kucita alergia. Kutenga khondje yale khubvanya bvanya pang’ono khugwata muti tepayu ndzoyi tenepayu khumbaposa yang’anambo mas kwathu kule khacita na khondje kanyang’anambo masamba, masamba ya thu—tikhambayikhambo kuti siri siri akabweratepayu não pode adzawone. Sisiriyo, nkhangá masamba yalembo ngati masamba ya uswa. Kumanga chinga (...) pay wangu akhacita bwzomwebzwi para para kuti muti wace kubvanya bvanya bwino bwino kucosa mafuta yace. Depois mafuta yaceyo – Nada, kwathu nnee

Texto 9 – Kuceza.diso (Castelo Branco)

– Hoyee! – Uli bwino? – Tani moyo? – Huum, kodi telefone yakoyo ngwi ngwi ngwi, basi. – Uli bwino? – Ndinawo. – Yaa, ine ndiri bwino, ndiri kulonga longa lero. Ndamaliza kuphata basa kuno. – Anhan. – Já ndiri kupreparar kuyenda kuCastelo Branco já. – Uniyenda lini? – Paciposi ndikuyenda kanyang’ana nyumba kumweko. – Aaa, ukanati kunyang’ana? – Aaa, coka, ndikuphata basa pano, lero foi último dia. – Kodi kudapusa kumweko kunyang’ana nyumbako? – Ninti kudapusaku posa kuno. Zidafewera kuposa kuno. E ni maior cidade kuposa kuno. – Tsono... uniyiwo já... iwe tem ku--ti, bzwi--bzwinfunika kuti utome kukhala lini kumweko? – Ine pano tem kuyenda kayamba kuphata basa dia dois. – Aaa, dia dois. – Huum. – Lero ni dia dezanove, yaa zikalipo. – Yaa. Último dia meti umas feriazitas. – Áhan. – pra ficar a—a ver esta coisa. – Exacto. – Isaias como ainda não me chamou acho que não vou a Moç.--. Isaias como não me chamou acho que não vou a Moçambique. – Iwepombo, tani? – Ndacoka m’comboio tsapano ndiri ku—ndiri kugwata um uyu pale muestação ndikuyenda kumuy. – M’bale wakoyo adayenda? - Adayenda dia dezassete, penu. – Dezassete não era último dia? – Nada, dezasseteyo ndiyo ikhalia ya kuyenda. – Uuum. – Yaa. – Com que impressão ficou? – Aaa, em termos de ... académicos não aproveitou nada. – Nada? – Yaa, agora, o resto “ati aaa, como eu lá tenho biscates... trabalho”. – Hii, imwe ndaw. – Ele agora arranjou uma expressão... Un’dziwa akhambati tani? – Uum. – Tawawonera azungu. (risos) – Em de kulewa “Tadzawawona azungu... – Taawona... “Ati taawonera.” – Inde penu. – Para ele... isto aqui... – Não vale nada. ...“O rei vai nu”, como eles dizem. (...)– Agora, omwewa am’pombola B.? – Adacoka pabodzi, tsono penu adapombolana penu alibe mas ninti ada... ada... em conversa pang’ono, deu-me a entender que B. alibe kumpasa. Thangwe

adacitambo ninga kulamwa, “Ati arri diabo, ine... ine – Ndina dzoka kwene kwene. Iyaa. Tsono B., B.mbo alibembo kuti amupasiretu, – Ninga angadadya. – Iyaa. – Wamuwona T. iwe? – T. n’dagumana naye, tsono, tsono, alibe kuu... acho que o meu irmão não se mostrou muito interessado. – ndikhadamuwuza kuti tiyende mas eu também fui um bocado culpado porque disse-lhe em cima da hora konkule kwaa... kunyumba kwawo kule ine n’dadzayenda ndekha. – Nkazako tani, afika kuEspanha? – iyaa, aaa, tsapano tiri ku-- tikunyosana nyosana, diabo. – Thangweranyi? – Aaa, tsapanopapa, ndamunembera mensagem, iye nkholewa, “aaa, ndiribe kugostar mensagem yako yire. Thangwe ine ndamuwuza, “pôrra”, fim do ano tin’dzapita pabodzi, kuno kuLisboa. Já wasanduka... wasandula já wati já ninkapita ku uyu ku-- kuSevilha, kumuy kwangu. N’kapita fim do ano na axamwali wangu, mwawona? – Puxa! – nkudzati ine n’sayranyi kukuwuza kuti uyende kuSevilha iwepo? – É isso, ati tidzagumane penu kuAlgarve, penu. – Umweyu ni livre demais pa. – Iyaa. Aliás, inepano ndine n’dacita wuyu, ndzodzo. Ule anfunu só kupombolana basi. Kupombolana... ine n’dadzacimangu kuti aaa, tani, ticate mwana, tani. Aaa, iye anfunu bzakupombolanabzwo. – Mas iye ambakufuna uyo, tidawona pale. – Ambandifuna inde. Tsapano adacita terepoyo. Un’dziwa akazi adanesa. – Adanesa nimbawadziwisisa. Em Castelo Branco, qual é a zona mais perto da Espanha, pa? É uma cidade bonita, n’daiwona. – Ndakawona kaHospitaliko nkhakulu kwene kwene. – Ããã, udayiwona painternet? – Huum. – Uli kuponi iwepo lero? – Ndiri kumuy kwangu. Kuli ziii, thangweranyi? – Nada, até a televisão iri ligado só que está com o volume baixo. – Pois, wakhalambo ningati munthu. – Iya, ukadzafunga maso, basi, omwe wasala. – Watiwona, tsapano? – Watoma kuuu—ndabva kuti já--waaa wacosa carta, wapassar? – Uum. Iya, tsono unati kutoma kufamba, na, kufamba famba? - Inde, pang’ono pang’ono. – Ukanati kutoma ooo watoma? – Como ndikanati, ndinayo uyu-- – Ndikufamba pang’ono pang’ono. – Uum. – Huum. – Inde. – Citadi pang’ono pang’ono, senão... – Ndati até n’niyendalini na imweyi kuCastelo Branco. N’niyenda na autocarro, ncibwerera. – thangwe cimweco cingakhale ninga cibawulu cako kufuna kucifambisa não pode kumwa, senão – Já nimbamwalini. – Ntsiku zire ukhali paaniversário pale. – Mbani adakuwuza ndikhamwa? – Haa, ungakwanise iwe aniversário nnee kumwa? – Bvundza ndiwo akhadayendawo? – Iwe, já ukulewalewa ninga nkazako? – Nkazangu alikucita curso ya inglês. – Haha. – Umm. – Kulewa lewa kwakoko ningati já sotaque yace. – Coka apa. – Cadidi... uum já. – Haha, iwepo não pode kundibusaritu. – Mwaphataa...(risos) Wacibva ciDD catoma aaa não pode kundibusari. Mwaphata. Wayamba magayo yako yale, na? – (risos) – N’khupusa penu kumweko. – (risos) Cadidi penu ninga ningati NN mesmo kubva fala lakolo na na nsambo wako wakulewalewa. – Haa! – ningati NN. – Nada. Wanthu pabandja akadzakhala pabodzi... – Apa iyepo un’passar kuponi Natal, pa? – É pá, un’dziwa nintiii—ninti nin’dzamali-- nin’dzamalizira kuyenda kwa uyu uko -- kwaa-- Luzia. – Ããã. – Iye akhada akhadandibvundza assim indirectamente kuti tani, ine ndikhada ine ndikhadakumbuka bwakuyenda kule ku uyu pale, na... kuyenda kuAndorra, tsono n’niyendalini. – Ããã. – Ndipopa ali ngi ngi ngi tiyende kuLisboa. Iwe ine n’ninfunalini. “Ati n’niyenda ndekha. Ndoko, ine n’ninkhala pano.” – Ããã. – Iyaa. A mim o Natal não me diz nada, pá. Não me diz rigorosamente nada. – Só que como o ambiente fica mesmo ukakhala wekha bwimbanesa pang’ono thangwe... wanthu umbawona palibe wanthu não sei quê... iyaa. – Mpswawombo uko. Eu quanto muito iria ficar com um amigo e ponto final. – Iyaa. – cultural (...) ife mpswathu bwimwebzwo? – Mpswangulini ibzwo. – Iya. – Tsono iwepo mpswako (risos). Alienadowe! – Haa iwepo... inepano gidu! – (risos). Haa, ambacita kuyikha uyu cala uyu nchala padzinopa gi... Ukubva? – Ndabva. Ée terepoyo. Akadzati. – kumponda, iya. – dzino languli ligululuke. – Inde. – Ndipopa gidu, ziyaa. – Cadidi. – Pois ééé. – An’ndicitanyi ine! – Ããã. Iya. – Está bom. – E depois, uyu nkaziyu, ati “Ãn, houve mal entendidos. Então mal entendidos zanyi, então... - Nkazi uponi umweyo. – Umweyuyu italianayu. – Hãhã. – Wanemba mensagem muito sentida ati “Ãn, é pá... a vida... é curta, pá.

Não vale a pena a gente não sei quê – Uum. o que temos que fazer é... - Kodi umweyu ana magole mangati? – Ana 41. – Poxa, essa gaja não quer ficar séria pá?! – Iyaa. O que temos que fazer é dar e receber amor e... e de-- dentro das possibilidades. – Mas umweyu anfunalini kubala wana tsapano, wana an'dzabala lini umweyu? – Ããh, wa-- wana anfuno, tsono até n'da n'dacita na Zizi iye ati mphimpha ino kuno, nyumba ino kuno ambayfunalini. Tem que ku-- uyende kucentro de Lisboa. – Tsono konkule kubiri kwene kwene. – Iya, posi, caciwiri ati tem kucita teste kuti iwepo uwone una citenda ou nnee. – E... - Haa, isto é legítimo. Mbwetsebwzi ine n'damuwuzo kuti “inde bwentsebwzi ine nincita”. Tsono iye thangwe ana... ci-- befu befu ati “Já wacita? Thangweranyi unsaya kucita? Nkati soo já umbondolewa pakamwa kuti undifuna, tsapano kuti na prática, nada.” Mas aa kule-- bwakulewa mbwee, mwene nkadabva anyungwe. (...) Não, ainda não. Thangwe ati “waa, já... ndakodwa, ndakodwa uyu... preservativo, ninfunalini preservativo. Ninfuna... ninfuna mandja na mandja. – Inde, thangwe anfuno kukumpswompwona. – Iya, então. Mas iye ndamuwuzo “Yinde, nincita. – Haa,” Tsono ninfunalini kuyenda cimédica cangu cire. É pá, ouvi também mesmas queixas da... do médico dele ou dela que que – Mas isso podes ir num centro de saúde qualquer, fazes no anonimato, não precisas de fazer com a tua própria médica. – Iyaa, pá, não é? – Não, não. – Uhum. – Não precisa mesmo. (...) Pois, adandiwuzo kuti... Mas ninti já nin'dzayenda, como não é preciso passar pela... minha médica de família. Nyumba n'damuwuzo kuti yiwe bwaza kuti nyumbabwzi hi... ndikasankhula ndine já un'dzayamba kuti haa imweyi nniyifunalini, não sei quê. Ndipopo, bwiri bwino iwepo – Ukabwera, tidzasankhule pabodzi. – Huum. Wacita bwino. – Iyaa. Mas haa, ambati... não ela... ela é... anfuno mamuna ningati iwepo. Mamuna nyaku—kalipa kalipa. Anfunalini mamuna nyakudodoma. – Hum, coka apa. – Ãaa, a sério. Adalewa kuti “Gosto de um homem que...” é que... como ela, digamos assim, é leviana, – Huum. – precisa de um gajo que lhe ponha travões. Pomwepa ati yaa, pana mamuna. Agora, nyakudodoma já nada. – Coka apa (...) udadodoma iwepo? – Inde, ndibzwo ankulewa... – Mbani ankutaza iwe? – Iyaa, uhum. – kumweko... operação kumweko... Apa relatório mwayicita? – Já, nda... pre... apresentar lero. – Uhum. – Iya. – Apresentação o que é, entregar ou ku... – Não, entreguei o relatório e fiz uma apresentação em powerpoint. – Hahaa. – Hum. – Ucimba—ci—ucimbale(wale)wa terepayu? – Inde. – Uhum. – Muito calmo. – Nnee kubva? – Inepano nimbalewalewa muito calmo. – Iya. – Para kuti não pode kuphonya. – Tsono nthawe... penu aka-- akakupasa nthawe ing'onong'ono, unkwa-- un'malalini. – Temos que resumir... – Iya. – e sem perder consistência. – Exacto. - – Uhum. E, aliás, muitas das vezes, tens que pôr poucas palavras e falar muito. – Exacto. – Exacto. – Uhum. – Ndibzwo timbacita. – Uhum. – Inde inde. – Ãaa, mun'bwidziwa. – Mwawona uyu wapita bwaza inglês na, mpswabwino. – Yani? – NNayo. – Ãaa, wapita bwaza inglês. – Iyaa. – Também aniyenda kuCastelo Branco ankacita licenciatura ya inglês já. – Hahah? – Uum. – Esta a pesar entre fazer o Mestrado ou uma segunda licenciatura, preferiu uma segunda licenciatura. – Huhuum. – Uum. – Iya, mas kumweku wati na'mala mangwana inglês iyo, cingerezico ou an'mala... – Lero. – Hahaa, cikhali ya ntsiku zingasi? – Aaa, quer dizer, aquilo era de três em três semanas ou de duas em duas semanas. Depois metia-se num outro curso. São estes cursos do Sócrates. – Iya. – Uum. – Huhuum. Depois ainda lhe pagavam por isso. – Hããã. – Aaa, é muito baratinho. (...) – Ambati novas oportunidades, na? – Não, novas oportunidades são pra aqueles que não têm licenciatura pra indivíduos licenciados que andam desempregados e outra coisa. Novas oportunidades estão-lhes a dar novas oportunidades a indivíduos que (risos) andam no oitavo, nono, sétimo. – Ndakomwedwa, pá. Lerombo wakhalambo ningati munthu, pá. – Sempre. Haa, sempre wakwayani, diabo? – Coka apa. – Huum. Lerombo ningatimbo munthu mesmo. – Ine ndine munthu sempre, só que... - Haan! – Está bom. – Undandipasa thupo iwepo kwerekwene, desta vez, pá, fogoo! – Coka apa. – Inde, pá, Kukhala ninga cikambowa, pá. – Cikambowa, (risos) coka apa. Kambowa ndiwepo, penu. – Ati munthu médico uyu mesmo, uwa! – Ndine

ine. Un’ndicitanyi? – Haaah! – Huum. – Bzwidayipa! – Vai embora, pá. Vocês dramatizam coisa que não existe. Eu sempre fui assim e serei sempre assim. – Haah, tsono... – Está, ciao. – Basi... – Ndayenda. – Ndokoni (risos) – Tin’dzagumana ntsiku zinango. – Ndokoni na ndjala zanu. – Coka apa, nnee nkakhala kumuyi kwako nne umbandiphikiralini nne. – (gargalhadas) (inaudível). – Agora ndiri kutali wati “ndokoni na ndjala zanu”, copa!. – Palibe ufa, tingadakuphikirani... – Ciao. – Ok, obrigado. – Tin’dzagumana fim de semana! – Iyaa, ciao, ciao.

Texto 10 – nkhani zancinyungwe (Tete, 2009)

M’ma-- M’boma la Guru, ncigawo ca Manica. Nthenayi yati kuwonekera ku wanthu wentse ndiko kungathandize kumala na mabvuto yomwe cipita cawo ankufikiridwa nayo. Aphungu wa kunyumba ya malamulo makamaka kapswika komwe kambawona bzwakafambidwe na kupakasa mabasa ya nyumbayi, Kati kakhale mbuto ibodzi na cakulinga kufuna kufokotozerana bzwomwe bzingadzawoneke na kuthumizira ntsiku zam’gumano wa cikhuri wa aphungu wale, ayayi adzatala m’gumano unango wa pamphundzu. Nkati wa m’gumano wa lerolino anfuni kuti akhale wa kubweza m’ndandanda wa citalo ca malamulo wa ufulu wa cibalidwe wa wanthu na mabasa wa phungu wale. Dziko la Alemanha liti lidzapereke kobiri zakuposera pa culu ca bzwulu mbondo ibodzi na maxereni masere za euro pa thandizo lomwe liti lidzaperekedwe kuna dziko la Moçambique. Kobirizo zin’dzaphatisiridwa basa nkati mwa maluwala ya citukuko ya ncimidzi ca kuthangata mabasa, mabandja, kaperekedwe ka mapfhundzo na mpfhundo zinango zomwe zingathandize na kubwera bwino pakati pa mbumba kubzwigawo bzwa Inhambane, Sofala na Manica. Pam’ngano wapakati pa poma na atongi wa kuAlemanha. Iri dzikoliri lin’dzaperekembo culu ca bzwulu maxereni manayi pa thandizo la cuma ca boma la Moçambique kuna gole rino. Nkhanizi mulikuzibva kucokera kuno kuRádio Moçambique ncinyungwe. **Nazo zathu za madziko ya kundja.** Atola nkhani wa m’dziko la Zimbabwe akumbira boma la ubale lomwe liripo kuti liringeringe pamalamuloyo yawo yomwe yakumangidwa mulandu pakulewa mabasa yomwe yambaphatidwa na iwo ngakufuna kuthandiza maparty yakusaya kubvana na boma. Bzwentse bzwanyosedwa pomwe anyatola nkhani awiri na matsambambo mawiri ya kumwaza nkhani yamangidwa pakuwalewa kuti adamwaza na kunemba nkhani zakunama. Atola nkhani wowa akudikiridwa lero lino kukatawira pakati pamaso pa yawamphala. Ayimikiri wakusiyanasiyana yamadziko ya kuno kuÁfrica ankuwoneka mu nzinda wa Windouk mu dziko la Namíbia momwe ana cakulinga kukhudzirana kafambidwe ka bzikasi bzwa mphapo mphimpha za ncimidzi. Nkati mwa ntsiku ziwiri ali kudziko la Namíbia ati akhale wa kugawa ndzeru pakati pa luso lomwe analo na kukhazikisa mpata wakukhumisa mabasa yentse yomwe yali nkuphatidwa na atolakhani wa mphimpha za ncinizi. Zozi ndizo zikhali nkhani zathu za ncinyungwe. (intervalo musical) Tibwere pomwe pandime yathu ya ciwiri ya ndibzwo mudatikumbira, ndipo icikhala ya kumalizira. Tikacoka pamwepa, hãa, m’magonekano abvesere wathu. Tiyambe na yani? ARaúl Vicente Escrivão muli km 18 (...) mwati kuna akazanu, ASanta Raúl, waciwiri ni wana Adeusa, Imagem, mwati kuna yani apa tikati tiwawone, kuna Alfredo Samo, aFrancisco Siyani, aFernando Tiago, aMário Domingos, umpakirana mota aManuel, axamwali aLénine, aCifundo, aMarco Salazar, aErnelio Fola, Feliciano Diogo na madzi ncera kwace nkumbirira nzukulu (...) mwati haa atambirembo moyo wa mbambande. Tiri kuti nenene andzathu salani bwino, Mulungu akafuna, titi tidzawonane. Huum, landifikira tsamba pano penu ndayani, lekani tiriwonetsetse abvesere wathu, matsamba yanango ali kuponi kodi, ngamweya tiri mpekete peketeya. Eya, aSérgio Inoque Cagaka, imwe, pa nthawe ninga ino, mwati moyo ugwere kuna umbani alnoque Cagaka, ankuwoneka kumweko kuKapanga, kuna akazanu alSabel Maurício, (...) kuna wana Amélia, Sérgio na Inoque, abale pano aJoão, aGenito, aArnília, Docásia, Beto, Papaito,

aZinha, Soraia, awa ankuwoneka kumweko mwati kuCiuta. Ababa Alberto Moisés Joaquim, kuna Anselmo Chato, mwati kwakumalizira moyo ugwere kuna yani, ugwere kuna Sinistra Luís, amibzwala wanu ali kuwoneka kumweko kuNyawufa, mwati atambire moyo. Ohoo, salani bwino, andzathu. Kodi muli bwino aBrás Verniz M’sangazi? ABrás Verniz M’sangazi nthawe ninga yino mwati moyo ugwere kuna akazanu aElsa Carlos Sande, kuna wana (...), abale aCastigo Arbisto M’sangadzi, aFernanda M’sangadzi, aSilva Sande, aJoão Janota, Mixeque, aDário, Albertino, aMourinho, aDoni Silulan, aBelinha Castigo kaa--na Katambalale, amibzwala Carlos Sande na Ermelinda Makhata, azixamwali aWemba Rastaman, aMaganga de Abreu Ntengandjira, Manuel Victor Million, aNelson Picardo, aMiguel Beula, aEstêvão Botão Saene, aRafael Driver, aTomato Horácio Conforme, aMatias Manuel, aDurão Kaceni Mecânica, mwati na wentse ankudziwani, atambire moyo. (...) (intervalo musical) (risos) Akali pandjira ati awa. Akali pandjira. (...) Tiri kuti tatenda kwerekwene pa kubvuma imwe kutifikira muno mu Estúdio. Mankadani andzathu. Muli bwino aaa-- yani tikati tiwawonesese pano aaBule Alexandre Vicente, imwe mukuti nembera kucokera kumweko (...)Juca, mwati moyo ugwere kuna yani. Hoo, mwati apfhatsembo pano aPaulino. Hoo, mwacita bwino (...). Atambire moyo wambambande. Tiri kuti salani bwino andzathu. Matsamba muno m’mazindji yentse. AGeraldo Deta, muli kuponi andzathu? Muli kuNyantazi, Doa, Mutarara. (...) Moyo, ngumeyu tawupereka. Nyimbo tsapano abvesere wathu. Huum, bzwentse bzza avaria bzwokha bzwokha. Haa, sabwanyi tenepayu? Ntenepoyolini. Ife tinfuna nyimbo iyi. Tsokalo lacokera kutali kwentse abvesere wathu. Huum, tsokalo lacokera kutali kwentse. Nyimbo tikhadayikhira imwe aGeraldo Deta (lista de nomes). Abvesere wathu, nthawe yathu ikukhala ningati yamala. Bzwokonyiwa ana moyo. Mundicitanyi ine? Winango ati haa Bzwokonyiwa wafa, winango ati aaa tidayikha dzulo, winango ati ali nkayidi. Ndikuwuzani inepano khabe ninfalini ine (...). Bzwokonyiwa ana iwe. Wandirewa bzwakuyipa. Tsapano tina Juca, omwe alinkuti “Dormir na praça”. Anango nkhumbadzabvundza ati praça mpompale ambacita misinda ingakhala yafika ntsiku “Heróis Moçambicanos”. Ayayi praça nkholewalini kuti mpopale pokha. Pali pentse pomwe pangakhale ninga panzinda, pode tingacemere ninga praça. Male yomwe angathemerelini kuti munthu nkugona. Katenga cicartolina kukafunika, katenga sakha wa gundii kayesa ntsago. (risos). Eya abvesere wathu. Nyimbotu imweyo ya mbambande ya kuyimbidwa na Juca kucokera dziko la São Tomé e Príncipe. Na nyimbo imweyi tafika kuphampa kwa mabasa yathu yomwe ife timbayacemera m’ninyungwe. Mabasa yomwe kawiri kawiri timbafika nayo ntsiku ziri zentse. Ndiye m’pfsatso wa kwa ife, m’pfsato wa kwa imwe, bzwentsebzwi bzwatifikira kuphampa ntsiku ya lerolino, ntsiku ya cipiri, khumi na ziwiri, mwezi wa mphepo, gole la bzuwulu bzuwiri na mapfemba. Eya, tigonekane, nee? Kunchini kutomera pa nthawe zinome na ina pakati mpaka na panopa, mwaperekezidwa na Joaquim Manuel Rondão, ndipo muno um Estúdio na ine wanu wa ntsiku zentse. Tiri kuti tiriibe cinango comwe tingakuphatireni koma kukusiyani m’nyumba ino ya mphepo kuti tipereke mabasaya m’mandja mwa andzathu.mwa nciportuguês. Salani bwino. Ninkuyenda ncirira thangwe mpfhatso uli kwa ine. Kuyimba kumweko kwa Seal omwe ankuti “I am so happy. I can’t stop cry”.

Texto 11 – Mafala ya ncikasi (Tete, 2009)

(música) Mulumbwana ule, pakuwona kuti akhana na ndzeru za kuti akhale na mwinango murapaz, ntsikana ule nkukhala ninga akuduwala. Kala ninga akuduwala bvititii. Ule nkhubwera ma-- nkwende wace ule.”– Aãh, ukubva kuwawa? – Aã, ndikubva kuwawa yaa. – Ok, inepano ndikuyenda kacita cita basa, nin’bweza”. Ule bwere pamay pa-- pa pa ma pa pankazi ule, awona palibe. Hah, umweyu alikuponi? – “Mitedwe iripo pafupi: the the the. – Ngrirrirri – Aãh, uli kuponi? – Hãã, ndiri pamuy pa may. – Uli pamuy pa may? – Inde. – Pasa

telefoniyo mayiwo ndilewelewe nawo. – Hãã, nee, iwo wacoka. – Acoka? – Inde. – Pasa telefoniyo m’bale wako wacimunayo ndilewelewe naye, ndiwone kuti ukunamalini. – Hãã, nee, iye palibe. – Pasa cunhadayo, cunhadayo, ndire-- . – Hãã, nee, palibe. – Ali, lewalewa bwino bwino. Fala bem. (risos). Lewalewa bwino bwino. Uli-- Iwepo uli pamuy pa may? Lewalewa bwino bwino. – Aaa, nee, ndiri kumuy kwa kwa kwa kwa xamwali wangu wa cikazi. – M’pase ndilewelewe naye. – Hah, ayenda kaperekaza kam’kwende wace. – Ããã, he wena? (risos) – Ah, ine pano nimbafunali bzwimwetu, kumbadzateweredwa teweredwa mbuyokutu. – Hum uhum uhum, wawona, wayamba kuabusar! Tiribe kulewa ife kuti una munango waponda mwala? Mukadzabva phofu akalewa kuti ninkubona, aponda kale mwala. (risos)”. Haaa, iwe, fala bem. Lero kunyakalipa pomwe, bzwatani? Abvesere, nthawe zathu, khumi na ibodzi, madzana makumaxanu na ibodzi, onze horas e cinquenta e um minutos, Rádio Moçambique, mabasa ya ncinyungwe yayimira pano. Yambwera kumawulo kuno kuyambira pa nthawe zinayi na mphindi makumi manay na zixanu mpaka nthawe zitanthatu na mphindi makumaxanu na zinay. Muno mu Estúdio, kulewa kwa cimu mukhana ine pano Armando Khembo, mwana wa Khembo, nzukulu wa Khembo, kubala kwa Khembo, nimbapita na pansuwo. Ningafuna kucoka, nimbacokambo na pansuwo. Omwe n’dapita ine, ndikucoka naye, ni Virgílio Pedro Jequeseni, pauwiri bwatu coo goda, salani bwino. Penu tayaphonya mabasaya, mutirekerere cakuyipa cathu. Penu tayatoweza, oh, m’mandja umo: kho kho kho. Tatenda kwene kwene abvesere wathu. Sirisiri akakhuta, si ambagoneka banda. Ine nin’bwera ntsiku ina Mulungu. Tatenda kwene kwene abvesere wathu. Sirisiri akakhuta, si ambagoneka banda. Ine nin’bwera ntsiku ina Mulungu.

Texto 12 – Mabasa ya m’cinyungwe (Tete, 2009)/ ugulo

Lero ciposi, khumi na ibodzi, mwezi wa mphepo, gole la bzwulu bzwiri na mapfhemba. Tirikubveka m’kati (...) Thawe ninga imweyino cikumwarizani mabasa yamweya ya pancenga yino nembo nomwe, mega hertz. Titi tikawone pomwe ticikumwazirani ya andzatu pa micini yathu ya kancangeni ya muno m’Tete, dzana libodzi na nembo mega hertz, Maputo makumapfhemba fundo nomwe mega hertz, BBC Londres makumasere nembo funde sere mega hertz. Abvesere wathu, ife takutapirani mabasa aya: ndikowondo kumala kuno titibwera na nkhani zathu kucokera kuMaputo, tikadzamalapo, tin’dzabwerera na nditi wathu wa bzwidiwiso. Ibwzi bzwidziwiso bzwikanati kufika ni zathu zalero na midzaliziro yace. Ni zokha zokha nyimbo mpaka na cayizo nthawe zixanu na mphindi makumaxanu na zipfhemba, na ciphatano na andzathu kuMaputo dzafika na nthithi wathu wa nkhani za ncinyungwe na za ncisena. Nthawe ikadzakhala iripo tititidzakuthusireni ndibzwo mudatikumbira. Cândido Bernardo Moisês kuncini, muno mu Estúdio na ine wanu wa ntsiku zentse tiri kutiabvesere wathu titambireni na mandja mawiri. Mawlo mawlo ya bwino. (Intervalo musical) Bverani cigawo cino ca Tete pa nthawe yace. Kwa imwe mwentse omwe nthawe ninga ino mungakhala muli kutibva abvesere wathu tiri kuti mawulo ya bwino. Gole limwerino mbuto zentse za nkawoko zomwe ziri muno m’Tete zingadzafikiridwe na bvuto la phoso. Zina nkhani zomwe tinazo zirinkulewa kuti muno m’Tete miti yomwe ikukhala yakugwatidwa iri kudzakhala ningati izindji yentse ndipo palibe na cibodzi ndico cirikucikita. Ibwzi bzwirinkucitika pomwe ankufukula malaxa. Na mbuto zinango omwe ankufufudza penu malaxayo yalipo pinango pentse mulibe. Zozi na zinango abvesere wathu ndizo nkhani zathu zomwe titikubwereserani um zanthu zalero. Omwe ankuwoneka pano ni Mário Guemo pabodzi na Cândido Bernardo Moisês tiri kuti titambireni. (intervalo musical). Bwerani tsono tiwone bzwomwe bzwirikucitika nkati mwa cigawo cino. Tome na tome, tiyambe taphata na-- , na mwanzathu, uyu ni Iltoni Qualquer omwe anfunu kutiwuza kuti gole limwerino bvuto la phoso. nkudzafikira mbuto zizindjisa za nkati mwa ncigawo cino ca Tete. Kodi bzwobzwi bzwingadzacitike tani mwanzathu Iltoni Qualquer? – Azindji omwe anti agumanidwe na

mabvuto ya kusayika kwa cakudya ndiwomwe ambatenga nthawe nkawoko, nyumba za umangi. Zentsezi nkhani zidabveka pa ntsiku ya dzinga idapitayi, pakati pa nsinda wakufungula na umangi m'dziko muno. Tsiku yomwe iti ikumbukidwe, pantsiku kumi na zinomwe za mwezi unoyu. Malingana na nkulu wa umangi muno m'Tete, ntsiku zinozi irikukulakula nkawoko ndipo likulu lawo liribe komwe angaphate pakuti akwanise cakudya comwe angape akumangiwawa. Mbuya Jamal Chande atsimikisa kuti palibe ndjira ina yakulangira akapondo koma bzwomwe bzwinkufunika mpswakuti wowa ambazindikire bzwapezi bzwomwe kuti wowa alibe komwe angawape nkawoko mule. (Intérprete directo) – Nthawe zinango tenepa timbakhala ne palibe madzi yakumwa yokha kuyenda kampase munthuyo madziyo. Ambakhala ali mwadidi. Nee angawonembo kakubiri kuyenda kagula pão yokha kuti akam'pase munthuyo, ambakhala alibe. Alibe ndjira inango kuti kwanisa kuntenga nayo munthuyo a não ser kuntenga aciyenda kanfungira m'nyumba, khala (...) palibe. – Mafala mwamala kubvaya nga ntsogoleri nkulu wa umangi muno m'Tete, pomwe akhasimba za madede yomwe yankufikira nyumba zankawoko, m'dziko mwathu muno. Cakudziwika ncakuti ukapondo bum'malalini. Awumangi ati ali nkulinga kukhwimikisa mabasa yawulindiri bwa ncmidzi mbuto zawumanga mpaka mabairro. Kuwonekera kwa mbumba comwe akulu akulu wa umangi ankukumbira. Ndipo ibzwi bwiri nkuwoneka kale ntsiku zino pomwe mbumba iri nkuzindikira pa kugwirizana na wawumangi. Kudziwisa awumangi wale omwe ana nsambo wapezi pakati pa wanthu ni ndjira ina pomwe pangakwanisike kulimbana na bzwiwengo. Bzwina bzwomwe takhala tucidziwa mpshwa kuti nkati mwa minyezi mitatu yapitaya, wanthu makumayiri na apfhemba adakwira tsoka la kuluzo moyo nkawoko ni thangwe la matenda, ndipo wina ni thangwe la vinga la alindiri. Mukadatsogola mucibva zathu za lero kucokera kuno kuRádio Moçambique. Ncigawo cino ca Tete, miti ikukhala yakugwatiwa kwene kwene na thangwe la basa la kufukula malaxa. Mukadatsogola mucibva zathu za lero kucokero kuno kuRádio Moç kufukula malaxa. Malingana na mãe Lucinda de Abreu, nthena ya kuyang'anira ya bwinthu bwacirengedwe m'dziko muno, nsambo umweyu wa kagwatidwe ka miti uli nkuwoneka kwene kwene kuboma la Moatize na kuna macompany mazindji yomwe nga kufukula malaxa. Ninga yomwe yalewera nthenati, pambuyo paboma la Moatize, nsambo ubodzibodziyu unkuwonekambo kumaboma ya Cabora-Bassa na Changara komwe kuna mbuto zizindji zomwe ziribe miti na thangwe la kutema nkhumu, nkhumu na kutentha masimbe. Nthena ya kunyang'anira ya bwinthu bwacirengedwe idalewa pomwe kuti idaceza na atawiri wina wacompany ya Vale Moçambique Rivers' Vale na wa HCB kuti awone za nkhani yoyi ninga momwe iwo mama Alcinda de Abreu alikufokotozera mwa tere: - Ife tirikudzawonalini kokha ninga kukokoloka kwa nthaka, komambo tinkumbawona ninga kagwatidwe ka miti bzwomwe bwirinkutipasa thupo kwene kwenesa pakati pa cikhalidwe cathu. Mafala yoyo yakulewedwa na mama Alcinda de Abreu pa kukhala pa kuthumizira pomwe kuti bwinfunika kuti pawoneke ndjira caiyo omwe ingaphatidwe. Pinango pentse, kupereka mpata kuti bwentse bzwomwe bwincitikabzwi bwikhale m'mandja wa atongi wa ncmidzi bwinfunika kusamalira mathengo ncmidzi pakufikira maboma yentse, malingano na mafala ya nthena yakunyang'anira cirengedwe m'dziko muno, mama Alcinda de Abreu. Kuna mphanayi, kucipande ca nsambo umweyu wakugwata miti idatenda ndzeru yakuperekedwa Company Vale Moçambique omwe idakhala ya kutsimikiza kuti ina citalo ca kudzabwala miti mbuto zomwe iwo ati adzafukule malaxa komwe ka nzinda ka Moatize. Nkhani zomwe tinazo kuno ku nyumba ya mphepo ziri kulewa kuti Company ire ya kufukula malaxa iti idzabwale miti mbuto zomwe ziri mphepete mwa midzi yomwe ikufikiridwa na mabasa ya kufukula malaxa mpata mu um mpaka mu--mbuto zomwe yiwo ankufukula malayo pakufuna kunchenka kudzongeka kwa mathengo napo kwa nyengo. Mukutsogola mucibva zathu za lero kucokera kuno mu Rádio Moçambique ncinyungwe. Pomwe gole rino likanati kuti limale, maboma yentse ya m'dziko muno yati yadzakhale na mulapi wa mapfhundzo ya patsogolo ninga

momwe yalewera thena yakunyang'anira moyo pakati pa wanthu, Baba Ivo Garrido, ndipo ayalewa mafala yoya pomwe akhacita ... wakulapi mpangano wa kagulire kamankhwala na bzuwitsulo bzwa kutombolera bzwa kudzafikira kobiri culu mbondo ninomwe dólar. Awa atsimikiza pomwe pa kulewa panopa, boma liri lentse, lina ngolo ya kunyamulira atenda. Pana wanthu womwe amposera ayayi kufikira pa khumi omwe ambafa thangwe la kufikiridwa na bzuwirombo bzwa ukali kwene kwene pa mwezi uli wentse. Mbali ya kusaya kubvana kumweku kwa pakati pa wanthu na bzuwirombo bzwa nthengo ku-- kumbawoneka m'phepete mwa nkulo wa Zambeze. Mwa Citsandza Cikoka, wanthu wakuposera dzana libodzi adafa Boma ya Zumbo, Mágoè na Moatize nkati mwa ncigawo cino ca Tete. Nkhani yabveka pomwe kuLichinga, ncigawo ca Niassa momwe mwacitikira m'gumano wa kupakasa ndjira za kuphingizira bvuto limweri pakati pa wanthu na bzuwirombo bzwa nthengo. Awonekera apenyu wakusiyana siyana wa madzikombo ya pantsi pano. Pokhapokhapo, Baba Lucas Chomera, wakunyang'anira za utongi kuna boma ati nkwakufunika kuti paphatike miti ya kukhocerera mabvuto ninga yoya pakati pa mbumba. Nkhanizi mulinkuzibva kucokera kuno ku Rádio Moçambique ncinyungwe. ZA KUNDJA. Cimacomaco ca pansewu comwe cidacitika komwe kuNigéria, cidacitisambo kuti wanthu makumawiri na anomwe asayike cibondzi cidanyosedwa pa kusunthana ngolo ziwiri cinango cidakhala nthangwe la kutaza kuyambuka pansewu bzuwomwe bzuwidaphesa azimayi khumi na atatu omwe akhawoneka ngolo idakasunthana na kangolo kanango kang'ono. Komwe kuGuiné-Conacry, ntsogoleri wa acikunda omwe adakhala wakupamba boma la dziko lire pambuyo pa kufa kwa Lasana Comté pa mwezi wa Dezembro gole lapitali, wati cipo kudzacita pale pacisankho pa golerino. Mafalayo yabveka Mbuya Musa Camara akkhala wakutsimikiza ninga mpata ubodzi wakufuna kupasa mwawi kwa adzitsogoleri omwe mba acikundalini na kubweza kakholidwe ka kale m'mandja mwa mbumba. kuSomália, wanthu makumatatu na axanu aphedwa pa nkondo ya kunyosedwa pakati pa acikunda boma na gulu la akapondo lomwe lirikumomedwalini na ufulu wa m'dziko mule. Wanthu azindjisa afuluka um nzinda Mogadíscio pakukayang'ana pakukhala pambuyo pakuwoneka nkondo yomwe yafikira mbuto zentse kuphatanidza na za mapembero. (ugulo) Na terepoyo abvesere wathu tafika ku phampha ncinyungwe, lero lino ni ntsiku yomwe tikhadakubwereserani mabasa ninga yoya. Ife mangwana na zina zathu za lero. Zentsenezi muli kuzibva kucokera ku Rádio Moçambique ncinyungwe, lero ni ntsiku ya ciposi ntsiku yomwe azindji ankudikira kuti angawone bzuwinthu bzuwakusiyanasiyana pakati na kumawulo kuno mabasa yathu akufamba mwa terepayu andzathu anango akotoka macibesebeseya, ndipo kumawulo kuno anku kubasa mun'dziwa kale kuti yani. Hum, mbandzathu omwe ambakhocerera bzuwinthu bza kusiyanasiyana pa udidi ninga mun'dziwira kale kuti ntsiku zino mbuto ya akapondo ikuyenda icikulakula ndipo bzuwifunika kukhala na yani mulingiro pamuyi. Mawulo yabwino abvesere wathu. Mbatibveseni tsono ku Bzuwiziwiso: apensar Marcelino Meque Thayo pabodzi na wa dzindza wentse muno m'Tete, Kadzimbira, Dake, akuziwisira kuna mama Domília Marcelino, Mosse Joana, kuDoa, Mutarara, Zélia Marcelino kusayika kwa Mama Máquina Manhoso waluzwa moyo pa ntsiku ya dzana pa nthawe kumi na zitatatu pa ()yakutoma kumawulo. Nthundi adapendesera kale pa ntsiku zipfhemba, nthawe zipfhwamba komwe Kaphiridzandje. Ndiye ati kutsogolo kuno ati adzadziwise misinda inango. Abale wawo a Eugénio () akubvera ni ndjira ninga ino kudzadziwisa na axamwali ().kuti gulu Lucky Tembo na M. Brothers liti lidzayimbe pantsiku malikhuma kokhakokhako. Pa ntsiku kumi na zitanthatu, paMazoe, ndipo pa ntsiku khumi na zinomwepaNsawa. Alinkuti pansuwo ni theni libodzi lokha. Thungali lin'dzayamba nthawe zisere za usiku. Lekani kuluza mpata ninga umweyu wakuyenda kagumana... kayibzwina nyimbo za Lucky Tembo. Wat. Turismo Company ibodzi yomwe kawiri kawiri imbakhala icitenga wanthu na bzuwinthu pabodzi ciyendanabzwo mu zinda wa Beira kucoka kuBeira ikuziwisa kuti kugumaniza kwa nsewu wa Liberdade cixanu ng'ambu na ng'ambu na mpira muno muTete za mwezi umowuno. Na

tenepo, alinkukumbira kuna wentse omwe angakhale wakufuna kumanga nawo ulendo kuti iwo ana bwentse. Kuti mupakire ni mbondo zitanthatu zokha. Omwe angafune kubva bwizindji nkhubvana na ntedwe uyu: 847227001. Ibzwi ndibzwo bwiziwiso bwomwe tikhanabzwo kucokera kuno ku Rádio Moç. ncinyungwe, abvesere wathu. (Faixa musical) Lero ni ntsiku khumi na ibodzi, ntsiku yomwe adafa tsantheba uyu (faixa musical). Nanyimbo kamweko kakuyimbidwa na tsantheba omweyo omwe ali kuti “Could you be loved?” Uhuum, kodiii n’zimwezi zokha zomwe munthuyu adayimba? Pana zizindji zentse zomwe adaziyimba, zizindji zentse abvesere wathu zomwe tikatiziwone zakuyimbidwa na tsantheba ninga umweyu Bobby Marley. (Faixa musical) Cibveka kwenekwene madziko yentse ya na Bobby Marley. Pano takatenga Alpha Blond, Costa do Marfim. Abvesere wathu zomwe ife tinazo kucokera kuno kuRádio Moçambique panthawe ninga imweyino za ncinyungwe na ncisena. – Nyungwe ninziwerenga ndine pano Qualquer. Anyabasa omwe ali nkuposa makumaxanu wa Company Água Rural muno m’Tete ayamba pomwe na ciphiringu cawo lero Lino. Ndipo bwentse ni thangwe la alinkudandawula malipiro yawo nkati mwa minyezi khumi na ibdizi omwe anati kutambira mpaka na pano. Malinga na nkulu wa ka mafambidwe mabasa kuCompany ire, Mbuya Felisberto Andrade, ati alikudikhira agulise Company aya pakuti anyabasawa watambire malipiro yawo kutomera mwezi wa Março bwomwe bwizinati kuwoneka mpaka na pano. Pabodzibodzipa munthu nyakuwonera Kamangidwe maluwala muno m’Tete kumacibese kuno akhadakhazikisana pantsi likulu lakuwona za udidi kuna anyabasa wa Company ire pakuti atale ndjirayo ndja kufuna kumala na mabvutoya. Ntsogoleri nkulu wa umangi muno m’Tete, azindikira zakusayika za cakudya kuna nkawoko nkati mwa dziko lathu lino. Mbuya Jamal Chande asimpha zakuti zentsenezi ni thangwe mbogo ya wanthu omwe alinkumbapita nkawoko pantsiku ndipo lawo liribe kubiri yomwe ingakwanisa kugula cakudya kuti apereke kuna wanthu wa kumangiwawa. Mbuya Chande pabodzipodzipa, adati omwe tirikufunika bwakuti alinge ndjira ina na kuwona kuti comwe angacite koma ankusunga omwe ana nsambo wapezi na pomwe ankudziwa kuti palibe cakudya comwe angapereke kuna wanthuwa. Pakuti alimba na bwobzwi, awa ali kuti kukhwimikisa mabasa ya ulindiri bwa ncimidzi kufuna kukhazikisa malo yomwe nga umange mpaka na m’mabairro yakusiyanasiyana. Wa Company ya HCB adapereka micini ya luso na makumatatu na itatu kuna nyumba zitanthatu za mpfhundziro za ncigawo cathu cino ca Tete. Panyumba za mapfundziro zomwe tinkusimba ni Criador do Homem Novo, da Liberdade kuSongo, Secundária de Tete, Dona Ana kuMutarara. M’Songo, na Escola Profissional ya kuSongo pomwe ndipo dziwani kuti micini ya luso yomwe idaperekedwayi ambalingana na nkhani zomwe zabveka na ntsogoleri wa nkulu wa Company ya HCB, Mbuya Paulo Muchanga, ali kuti nthandizo zacitukuku mphimpha za ncimidzi. Pabodzibodzipa, ati ata() mabuku omwe yali kuposa madzana manayi yomwe yakunembedwa na wanthu wa luso nkati wa dziko lathu lino. Ndipo mabukhuya zakusiyanasiyana za muno m’Tete. Mpaka pamwezi wacikhumi na wa ciwiri wa gole lino la Boma la Mutarara, cigawo cathu cino ca Tete, liti likhale na malo ya kumwesera ngolo. Ndipo dziwani kuti panopa wa Fundo Nacional de Energia ndiwo omwe ankucosa kubiri mabasa yomwe ankukhazikisa kumwesera ngolo za kusiyanasiyana, makaphupha kubodzi malinge anga zabveka kule kuMutarara. Mbuya Mama() Boca Vale adati malo yale yati yayendekidwe na mwene cuma omwe wazindikiridwa kale ndipo iye ngwa pale paMutarara. Panopa mbumba kuMutarara alinkudimbikira na mafunda ya moto yomwe ambakagula kuCaia ncigawo ca Sofala ayayi pentse ambacita kuyambuka malire mpaka na dziko la Malawi. Patsiku ya mangwana, cipiri, pali pakhazikisidwe nsinda wa kuthusa mwala wakutoma kuyamba na basa la kuyimisa luwala lomwe liti idzakhale malo ya ku cisankho muno m’Tete. Ndipo dziwani kuti maloya yati yadzakhazikidwe kuBairro Chingodzi munzinda mwathu muno. Malinga na nkhani zomwe zabveka kucokera kwa wa STAE muno m’Tete. Ndipo aya malo m’mapswa yati yadzakhazikidwe mabvuto yentse yomwe STAE ikhagumana kutomera kale na kale. Panopa wa

STAE ankuphata mabasa m' malo singawo ndipo yalikukhalira pafupi na Mulatho wa Samora Machel, kuBairro Chingozi mu m'zinda muno mwa Tete. Kampeni zakusiyanasiyana za kosisimula mbumba zacirengedwe alinkutenga malo kucokera () ncigawo cathu cino. Ndipo dziwani kuti pakati pa mabasaya awa alikuyeruza mbumba kuti bwifunika akakhazikise basa lomwe ndakufuwa bwifuwo kufuna kulimba na lupswa napo na usodzi bwapezi ndipo na kufungula maloja nga wulimi bwaza bwinthu Malinga na Nthena kulengay May Alcinda de Abreu adati bwina bwibodzi bwomwe bwinkufunika pakuti alindiri wa ncimudzi akhazikise bwentse bwomwe mpswakufuna kulindira malo yawo yomwe iwo kutsogolera. Alcinda de Abreu lupswa kagwatidwe ka miti lakusaya na basa lentse nkati ncigawo cathu cino ca Tete. Yakumaliza nkhani ndja masendzeko ya mpira. Thimu la Cingale, na thangwe la kuluza komwe lidacita na thimu la Ferroviário ya kuBeira kuna mitatu mpira ubodzi liti likhale ninga pambuyo kusiyana na mathimu lina la 2009. Ndipo pabodzibodzipo HCB adaluzambo na Matchedjendipo ibodzibodziyi idakwanisikambo kuna na Futebol Clube ya kuLichinga. Ferroviário wa kuMaputo na liga ya Muçulmano. Ndipo dziwani kuti wa Costa do Sol Desportivo Maputo alibe kucolesana na mpirayo. Ferroviário ya kuNacala idawina Ferroviário ya kuNampula na mpira ubodzi kuna mpirayo. Ndipo dziwani kuti mbogo makumawi na ziwiri zixanu zokha. Eya, abvesere, izi ndizo nkhani zathu za ncinyungwe. Eya, abvesere wathu zozi munkuzibva kucokera kuno kuRádio Moçambique ncinyungwe. Ndiye mwatamala kubva nkhani ninga zozi ife tititibwere na zinango zozi zicikhala za nci nyimbo Nyumba ya renda iribe ubwino. Abvesere wathu tiri nkati mwa mabasa yathu, tiri kukuthusirani nyimbo za kusiyanasiyana za Reage, lero ni ntsiku khumi na ibodzi ntsiku yomwe adaluzamoyo Bobby Marley, tsanthemba m'bodzi wa dziko la Jamaica. () mukubva nyimbo zomwe mbazindji wentse omwe adakhalambo mbazindji wentse kucokera mbuto za kusiyana siyana. Mangwana titi tibwere pomwe, na mabasa na takusiyirani nyimbo zokha zokha za reggae thangwe la kufa kwa Bobby Marley. Tsapano tamaliza na mabasa yace ya nciportuguês. Tsapano bverani ina ya nciportuguês. Rádio Moçambique, Tete. RM.

Texto 13a – Lekani kucedwa

Lekani kucedwa kuticemera/ kutidikira. Mulungu ndiye ankuticemera/ ankutidikira. Mulungu wathu ankuticemera/ ankutidikira. Iye Mbuya ankuticemera. Fulumizani ankutidikira. Fambani mangu ankuticemera. Ni Mbuya Jesus ankuticemera. Ni Mpulumusi ankutidira. Mu eucaristia ankuticemera. Mu eucaristia ankutidikira. Tikamuwone ankuticemera. Na cifundo/ lufoy ankuticemera/ ankutidikira. Tetekerani ankuticemera. Tetekerani ankutidikira. Tawirani ankuticemera/ ankutidikira.

Texto 13b – Mulungu wangu

Ndinikupembani, Mulungu wangu. Sindikuwonani mu eucalitia, Mulungu wangu. Ninkupembani, Mulungu wangu. Iwe, tiye tikam'tambire. Mulungu na Baba, pabodzi na mwana, na nzimu wa moyo. Maso yangu siyanikuwonani. Mandja yangu siyanikukhuyani, Mulungu wangu. Na makutu yangu sindikubvani, Mulungu wangu. Ntima wangu wokha unkubverani, Mulungu wangu. Pantanda, Mulungu, mudabisika, Mulungu wangu. Pamawunthu panu pabisikambo, Mulungu wangu. Sindifuna cizindikiro cina, Mulungu wangu.

Texto 13c - Mbuya Jesus

Mbuya Jesus adatifera pantanda, ndiye mpulumusi wa wanthu wentsene. Tikondwe ife tentse. Adalamuka mweneciro wa moyo, acitipasa mwawi na moyo upswa. Adalamuka mweneciro

wa moyo, tikondwe ife tentse. Adakwiradi kudzuluko kwa Baba, komwe anidzaticondzera bwiza bwino. Adakwiradi kudzuluko kwa Baba, tikondwe ife tentse.

Texto 13d - Timusimbe Mulungu

Timusimbe Mulungu na Baba wathu, ntendere wace udze m'dziko la pantsi. Ife tinikulemekezani, ife tinikupembani Mbuya. Imwe mwekha Mambo wa kudzulu, munipakata dziko lentse la pantsi. Jesus mwana wace wa Mulungu, ndimwe municosa matazo yathu, Mbuya Mulungu Mambo. Imwe mumbiri yanu ya kudzulu, mutibvere ntsi ife wanthu, Mbuya Mulungu Mambo. Jesus ndimwe wakuposera, ndimwe mwekha wakuceneratu, Mbuya Mulungu Mambo. Ndimwe nzimu wakucena, Mbuya, municenesa mizimu yathu, Mbuya.

Texto 13e - Tamuwona Mulungu

Tamuwona Mulungu ... mwace ... kuyimba ... kucena kwace kukulukulu, Mulungu ngwa kusimbiwa. Wabuluka Mulungu mu Templo mwace, ... kuyimba wanthu... Wadzaza na mbiri yanu. Wakusimbiwa omwe ankudza mudzina la Mbuya, mbiri kudzulu.

Texto 13f - Tamuwona Mulungu

Tamuwona Mulungu mwana, wanthu wentse titsamule nyimbo. Wabwadwa Mulungu mwana, tiyimbe kubwadwa kwace. Yafika ntsiku yadidi, ntsiku ikhadalewa aprofeta. Yafika ntsiku yadidi, ntsiku ya kubwadwa kwace. Thanga ndiro nyumba yace, uswa pakugonera pace. Thanga ndiro nyumba yace, Mulungu anibzwiceswa. Onani kufewa kwace, sekera na nkope yace. Onani kufewa kwace, sikamwana kadidisa. Kudzulu kwa bwifungula, kucitoya pamaso yathu. Kudzulu kwa bwifungula, kucitipasa Mulungu. Padedza pana nyenyezi, nyenyezi ya kubwadwa kwace. Padedza pana nyenyezi, kumayi ndiwo mwezi. Maria mwananu Jesus, ambakhale kumphandwa kwathu. Maria mwananu Jesus, ambatipakatiretu.

Texto 13g - Tiyeni, tiyeni

Tiyeni, tiyeni kuna Mambo. Ah, ife tabwera kuna Mambo. Ankuticemera na cifundo. Tiyeni, tifique kuna Mambo. (tiyeni) Tikapite nyumba yace Mambo. Iye ambatifuna ntsiku zentse. (tiyeni) Tikamuyimbire na kukondwa.

Texto 13h - Maria, mama

Ndi(n)kulira kwa imwe Maria wabwino. Mundisunge mwananu pa nkondo na diabo. Maria, mama, tikumbirirenimbo. Pantsi pano pentsene, palibe winango angakome pakulu puposa imwepo. Maria, mama, tikumbirirenimbo. Jesus ni mwana wanu adakupasani nkhombo zace zizindji na mphambvu zentsene. Maria, mama, tikumbirirenimbo. Maria ntima wanu wa ntsisi zikulu, kutigawire ife cuma ca Mulungu. Maria, mama, tikumbirirenimbo. Thangwe ndaphonya kale ndiniphwiriziwa, tsono ndimwe mamangu, ndinikhulupira. Maria, mama, tikumbirirenimbo. Kufa ndiri kugopa, kugopa Satanás, bwerani mangumangu mudzandirombole. Maria, mama, tikumbirirenimbo.

Texto 13i - Natimupembe

Kueucaristia alipo Jesus na moyo wace ninga kudzulu. Munkate mule muna Mulungu na mbiri yace ikulukulu. Natimupembe, natimupembe, ni Mbuya, ni Mbuya/ Mpulumusi. Na mphambvu zace wabisalika, mumakhalidwe yakuwoneka, maso ya pantsi yanimusaya, kubvera kokha kunimuwona. Natimupembe, natimupembe, ni Mbuya, ni Mbuya/ Mpulumusi. Kazindji kentse adalatiza kuti anidzakhala cakudya/ cakumwa. Natimupembe, natimupembe, ni Mbuya, ni Mbuya/ Mpulumusi. Adapicira kukhala nafe pamoyo wathu ntsiku zentsene. Siringaphonye fala la Jesus lina cibatso ca uMulungu. Natimupembe, natimupembe, ni Mbuya, ni Mbuya/ Mpulumusi.

Texto 13j - José wakucena

Mbiri, mbiri, mbiri kuna José wakucena. Ndiye nkombezi wathu na nchengeti wathu kudzuluko. José nchengeti wace wa Jesus wangu na Maria, iye ambatifuna, ambatisunga, ambatirera. Mbiri, mbiri, mbiri kuna José wakucena. Ndiye nkombezi wathu na nchengeti wathu kudzuluko. Jesus, Mulungu wangu adamubera na Maria. José wakulungama na cifundo na kucena. Mbiri, mbiri, mbiri kuna José wakucena. Ndiye nkombezi wathu na nchengeti wathu kudzuluko. Tinkulemekezani, tinkusimbani nkombezi wathu. Ife tirikutenda mwati pakata wana wanufe. Mbiri, mbiri, mbiri kuna José wakucena. Ndiye nkombezi wathu na nchengeti wathu kudzuluko.

Texto 13l - Aleluia

Tikondwe! Aleluia! Naticondwe! Mulungu wathu! Aleluia! Mãe, Maria! Pantsi pentse, mbatikondwe.

Texto 13m - Nthawe yafika

Nthawe yafika, Mbuya, yakupereka mphatso, Mbuya. Imwe ndimwe Mbuya, ife ndife wanwa. Apa mutitalise, citani bwantsisi, Mbuya. Nimbakufunani, imwe mun'bwera, Mbuya. Imwe mun'bwera, imwe wa ntsembe yathu, Mbuya. Sacramento yanu, ina bwabwino bwentse, Mbuya. Muna bwabwino bwentse, mule mueucaristia, Mbuya. Momwe timbawonera moyo wanu, Mbuya.

Texto 13n - Mambo wathu

Mbiri kuna Mulungu kudzulu! Mambo wathu, Mambo wathu Mulungu, tinkulemekezani. Na pantsi pano ntendere kuna wanthu. Timuyimbire, Mambo wathu tinkulemekezani. Thangwe iye antifuna ife. Mambo wathu, Mambo wathu Mulungu, tinkulemekezai. Ife tinkutumbizani, Mbuya. Timuyimbire, Mambo wathu tinkulemekezani. Tinsimba ticikupembani. Mambo wathu, Mambo wathu Mulungu, tinkulemekezani. Ife tinkulemekezanimbo. Thangwe ra mbiri yanu ikulu. Ife tinikutendani, Mbuya. Mulungu, baba wa mphambvu zentse. Imwe ndimwe Mambo wa kudzulu. Mbuya wathu ndimwe Jesus Cristo. Mwana wa Mulungu m'bodzi yekha. Bira wa Mulungu ndimwepombo. Ndimwepombo Mulungu, Mbuya wathu. Mucososa bwakuyipa bwathu. Bzwakupemba bwathu, bvani, Mbuya. Mudakhala kudzandja ladidi. Ndimwe mwekha Mbuya wakucena. Sabwa imwe mwekha Jesus Cristo. Ndimwe wakuposera, Mbuya. Munkhala na nzimu wakucena. Mumbiri ya Mulungu baba, amen. Timuyimbire, Mambo wathu tinkulemekezani.

Texto 13o - Dzani, Mbuya

Mbuya, thandizani África, dzina lanu likhale Mambo, dziko lathu lino libvume, Mbuya, thandizani. Dzani, Mbuya. Dzani, Mambo, tithandizeni. Mbuya, ifepano, ife wana wanufe.

Texto 13p - Baba wathu

Baba, baba wathu, baba, baba, tipfhundziseni kupemba, baba. Baba wathu muli kudzulu. Dzina lanu likhale na mbiri. Baba, umambo bwanu bufike kuno. Baba, kufuna kwanu kucitidwe pantsi pano ninga kudzulu. Baba, tipaseni lero kudya kwathu kwa ntsiku zentse. Baba, tirekereni mangawa yathu ninga ifembo tinirekera andzathu wentse mangawa yawo. Baba, tisungeni tingapumpswiwe, tipulumuseni m'bwakuyipa.

Texto 14a – História de um cão maltratado

Tongani bwino, ndikhale namwe, na ulombo, mbwaya. Apa nyama nimphata ndine mbwaya, walendo angabwera n'niwuta ndine mbwaya, tubzwi twa mwana n'ndiya ndine mbwaya. Ndikaphe nyama ndidye mawumbo penu mbwaya. – Menyani na muti, mbava. Nditongeni bwino, ndikhale namwe. Apo phosoli mundiphonyera, mbwaya. Mundipase gaga, penu, mwati ngwa nkhumba gagayu. Mwati nkhumbei ina kubiri, kuposa(?) mbwaya. Matika mbwaya ni utira ndine, mbwayambo. Mbava ingabwera, n'niwuta ndine mbwaya. Ntongeni bwino, ndikhale namwe. Ndiduwale cifuwa penu munditatarimbo, mbwaya. Ati pfhuwani, mutaye, inkucita barulho. Ine nditongenimbo bwino. Kwaazungu ndikhadyerambo m'prato, mbwaya. Kwa azungu tikhasamba na sabão, mbwaya. Kwa azungu ndikaduwa, ndikhanambo injeção, mbwaya. Ndicigonambo pacama, pomwe, mbwaya. N'cifunikiziwa lençol, mbwaya. Sou eu Lázaro Vinho, grande político. Eu tenho o direito a emitir os homens que históri do cão não compreendem. Não compreendem, eu larguei. Eu durmo bem, falo bem português. Os outros(?) que foram possíveis. Nditongeni bwino, ndikhale namwembo. Eu lavo bem, tomo banho bem, visto bem, os outros não contam (...) comigo, sabem? Ndikhale namwe, ndina ulombe mbwaya. Sou grande artista da Frelimo, a nossa moçambicano. Vamos mostrar esta gravação ao nosso camarada Presidente Samora que Lázaro Vinho encontrei presente. Ndina ulombo, mbwaya. Tongani bwino, tikhale namwe. Ulombo buno, mbwaya. Kantsima kapantsi kalokota ine, mbwaya. M'bulombo buno mbwaya. Tubzwi twa mwananu ndadya ndine mbwaya. Ndamala kunyanguta mphasa, menya icoke pandja, in'dzaba, mbwaya. N'ntongeni bwino, tikhalenamwembo.

Texto 14b – Nyakufuwiwa

Nyakufuwiwa ndina ulombo. Ndikaphe nkhangana penu nyakufuwiwa. – Ati bzinganga bwakobzwi bwidatonhomoka. Ndikateme nkhuu penu tidzawothe. – Ati bzingunibzwi (...) tina bwadwa pano? – Tani ndikaphe ntsomba penu. – Ati ntsomba zakozi untiphayisa na minga. – (...) nkateye ntsana penu. – Ati ntsana zakozi zintibowola m'mimba. – Inde penu nganu mwanayu. Penu ngwanu manayu. Penu ngwanu manayu (...). – Ndidyembo phoso na andzangu, ati nyakufuwiwa antimalira kudya ndipo. Ati nyakufuwiwa mupe m'dziye. – Apa ndicite kudera ndjera penu icene. – Ati ndjerayo wamala kudya thenderende(?). Ndicite kukatsuka, ati wamala mphundje. Mbulombo (...) Lázaro Vinho umweyo ankuyikhirani dzina m'Maputo muno. Ndiri muno m'Maputo, ndafika lero. Kuti abale wangu mwentsene mudziwe kuti Lázaro Vinho mbani. Mbatiyende nandi Lázaa. Mbatiyende nandi Lázaa. Tiyendeni nandi Laza--. Teku, teku, teku. Nyakufuwiwa ndina ulombo. Mbatiyendeni nandi Láza--. Tiyende nandi Láza--. Mbulombo. Penu ngwanu mwanayu. Ndipeye ndjerayi penu, ati walamba kudya ku udakhuta mphundje. Hii, were were mbulombo.

Texto 14c – Ncakalapindu

Djo djo, wawuwona ncalapindu. Sala ndiwe nyakudeka. Wawuwona ncalapindu? Sala ndiwe nyamagunkha. Apa kusamwaku kwadzanyanya mwanawe. Lekani kundisamwira, ncalapindu, ncalapindu. Mwanawe panyungwe pano. Lekhani kundisankhula, ncalapindu. Sala ndiwe nyamagunkha.

Texto 14d – Ntsandje mbu tenda ubu (abundantes imperativas)

Ntsandje, ati nkazangu () adagona na mwanzangu. (...) pinango dakondzeka, wati pinango (...) nabzwo. (...) Inembo mwamunambo ndjibodzi, basi. nabzwo pawekha wekha. () nako kankazakoka. Teka, teka, teka, cho cho cho – Bo bo bo. Ndiyo nchandje. Apa wabwereranyi, mwanangu, nkati mwa basa muno? () basa ndabwera kudzaku-- bwino. () ali kubwera pale bayako uyu. Teka teka teka. () Bo bo bo. Watengeni akuwasa wanuwa. Bo bo bo. Khoma thumbalo, ntsima adye mwanayu. Khoma thumba, mwanangu. Go, go go, go. Koce koce koce. Mapira yangu yakumala na mbalame kumuyi. Manduyi yangu yakumala na mbewa kumuyi. Iyo nchandje. Ndoko, ukapereke poto(...). Teka, pereke. () tule. Kokololo. Kampase adye mamuna wako. Teka teka teka bvibviriri(?). Co, goda, bo bo bo bo. Dyani ntsimayo, pai, timusane bwino. Tenge ncho, thabi, tenge ncho, thabi. (...)n'cha mungu. Tenge ncho, thabi, tenge ncho, thabi. Dzatenge prato zako, mwanawe. choo, goda, bo bo bo bo. Ndiye nchandje! Apa mu () Apo wati mapirayangu yakumala na tumbalame kumuyi! kudzatengiwambo na . Wati manduyi yangu yalikumala na mbewa. (...) kumunda. Ndoko, iwepo, kumatako(?). Teka () mapira yangu. M'nyumba pati, psway psway psway, moto phatize, m'golo mpshwa, kumadzi, kubwere tule, bvemberekete, poy, poy. Ntsandje mbutenda ubu.

Texto 14e – Kalombo

An'dzakulirani (dzakulirani) mbani, kalombowe? Hi mamayne, hi mamayne! Ambayamenya malimba, ambayamenya malimba. Pana nkumbuso. Kudya nkhudjera m'nyumba. Menyani malimba. Pana nkumbuso, pana nkumbuso. Inde, menyani malimbayo. Na'dzakulira mbani, kalombowe? Dzagalire nkazi (ngawe. Akazi anyanya. Ndidzagulire nkazi, kalombowe.

Texto 14f – Mulandu

Ndalamba, ndalamba mulandu, kumuyiko. Penu mundiwuzirembo(), ndalamba, ndalamba mulandu. Penu mundiwuzirembo(), Quinhentoxanu ndiri(iyi). Apa kaxereni apa ukagule tumphete, maxeri maxanu cibato, xamwali. Ndala, ndalamba mulandu. ndisalasala(?), nintayirambo. Nibzwibva, nkondo nyamala nabzwo. Apa lekani(?) mundikudula, wanamwe. () mwanayo garrafinha imweyo. Apo nkumba kuti watenge mamunayo. Ati nada yanyanya, mwanayu. Nguno mulandu kumuyi kuno. Nyonyo ine, mulandu waanzangu. Ankala pano pamuyi(?) Ankala pano doutor, pinango ankala() Nterepo mulandu. Apa ni gunkha un'mala nalo pantsi, xamwali. Kunyanya kusenzeka na akazi wandzako, ankumanga mulandu. Wati n'dadala kale, n'nazo kubiri. Mwana umweyu aniyimba utale. Lázaro Vinho wakusamba bwino ine. Bvuni(?) dziko lentsene para kudziwa kuti mbani am'pindza basa. Fala la mamuna limweri ningati nkazi. Mukakhala, khalani(?), n'khalambo. N'nibzwibva(?), nkondo kunyamala nabzwo. Kutu ni tsuku () mbawene. Nimpata nembo zokhasi, zinango mubise. Kugopa mulandu kumuyi kwanu, ndalamba. Khazikika, mwanangu(?), xamwali iwe. ()kuwengapo. Ndala, ndalalamba mu--, kumuyi kwangu.

Texto 14g – Ulombo2

Nyakufuwiwa ndikatenge nkhuhi, nditenge(?) nkhuhi nyakufuwiwa, tidzawothe. Ati bzwinkhuhi bzwakobzwi () na bwadwa. Apa ndikaphe nkhangha, cisayi. Ati bzwinkhangha bzwakobzwi bzwidatonthomoka. Nandi, ndikaphe ntsomba, penu. Tsomba zakozzi ati untiphayisa nazo na minga. () wangu akacere ntsana, penu. Ati bzwintsanabzwi muntibowola nabzwo m'mimba. Penu ngwanu mwanayu, ndibzwo mungamucite? Ndidere ndjera, penu, nyakufuwiwa. Ati ndjerayi udamala kudya (). Ndicite kukaytsuka, penu, (). Ati wamala kudya mphundje (), ndjerayi. Penu ngwanu mwanayu, ndibzwo mungamucite? Apa nyakufuwiwa ndina ulombo. Ndidyembo na andzangu, penu, nyakufuwiwa. Ati un'dziwalini kudya, pomwe, nyakufuwiwa. Ndicite kukayipeya ndjera itete(?), ine. Ati wamala kudya mphundje, yacepa ndjerayi. Mbatiyende, nandi, Layna. Mbatiyende matsano(?) wangu tikaphate basa. Teka teka teka. Tiyende, nandi, Layna. Mbatiyende, nandi, Layna. Penu ngwanu mwanayu! Ndikakhalembo na andzangu, ati un'pghudza ife nyakukufuwa.

Texto 14h – Kolo walemwa

Hii, kolo walema. Apa masamba mulambe mwacita therere. Mabade ya malambe mwati ncikungu. Mbuyu mwacita nthuwiwo. Malambe mwaphika bwadwa. Malambe mwaphika phala. Malambe mwaphika bozo. Malambe mwaphika sumo. Malambe mwamunya na nkaka. Vida yangu basi ya ine kolo. () mulambe mwaphenda () za mphase pomwe, andzangu. Pamphasapo mwabala mbumba yawanda. Wagwa mulambe wabvunda mwati bowa. Hii, kolo walema. () Mwati mwaya mpfhuti pomwe na uta. Mwati mbatidye já koloyu ni nyama pomwe. Hii, kolo walema. Masuku mayiri ninga akazanuwa. Apa mudawuma moyo cayiko. Hii, kolo walema. Usika mwamunya na dotha, andzangu. Usika mwacita ntsasu za bwadwa. Usika mwaphika muwata. Usika mwaphika sumo, andzangu. Usika mwaphika phala. Usika mwacita ntsasu za bwadwa. Apa () bzwentse m'pswa ine. Masawu mwaphikambo kacasu. Kacasu mwagula tunkhuku. Nkhuku mwagula mbuzi. Mbuzi zawanda mwagula ng'ombe. Ng'ombe mwagulisa madimba pomwe. Vida ya kolo mwakondzesa cama ya matábua. Pinango mwakondzesa misuwo. Pinango akondzesa armário. Pinango akondzesa mpfhuti. () bwera, kolo. Pinango mwagulambo kandjinga. Pinango akondzesa cadeira na mesa. () na'dzadya kolo. () ndjangu misawuyo. Ah, kolo walemwa kolo. Apa terepa terepa. Nkhuni mwatema (). Nakubvundza ntsiku za mbvula. Akadza Mulungu mwati(). Usika mwamunya na dotha, andzangu. Usika mwacita ntsasu za bwadwa. Usika mwacita muwata. Usika mwaphika sumo, andzangu. Usika mwaphika phala. Usika mwacita ntsasu za bwadwa. Apa () bzwentse m'pswa yine. Masawu mwaphikambo kacasu. Kacasu mwagula tunkhuku. Nkhuku mwagula mbuzi. Mbuzi zawanda mwagula ng'ombe. Ng'ombe mwagawulisa madimba pomwe. Vida ya kolo(?) mwakondzesa cama ya matábua. Pinango mwakondzesa misuwo. Pinango akondzesa armário. Pinango akondzesambo mpfhuti. Ati ukadzabwera(?) mpfhuti yanguyi, kolo. Pinango agulambo kandjinga. Pinango akondzesa cadeira na mesa. Mwati mbatitsentse(?) misawu an'dzadya, kolo. Mwati para () uyu. Kolo, kolo walemwa. Apa terepa terepa. Ntheme mwatema mwawamba. Nakubvundza () ntsiku za mbvula. Mulungu Akazi. Apa matondo mawisi mwatema. Mwati mbaticite kuwocha, matondo. Hii, kolo walemwa. () Matondo, mwatema. Mwatemala munda mphiri, n'nidyani, kolo? Matondo mafwira mwacita () pomwe. Vida yangu, basi, ine kolo. Matondo mwatema. Matondo mwawamba.

Texto 14i – Ubale

Hii, ubale! Nandi abale wathu ali pandja(?) mbawa. Kuwanda kudadeka wanangu. Kucita kundisankhula, ubale. Ubale. () kundisedula. Mbabale wangu wale, nda nda nda. Nkhone(?), ndoko (). Nyumba, ati ndine apezi. Phoso, (). Tembo(?), phata nkhuhi iswipa. Bowa(?),

katenge mphasa. Gwalimbo, phata mwana nkhuhi(?). () dziwana pawbale. Kucita kusankhulana, ubale. Lázaro Vinho, ndiye anku(rani dziko lentse lekani kusankhulana pawbale. () kuphika bwadwa, ubale. Ndiribe(?) kuphata nkhuhi, mwanzangu(?). Nandi

Texto 14j – bzipiripo bzipinfuna ubale

Bzipiripo bzipinfuna ubale. Bwadwa bwako, mwaya, basi. Bzipakubvala bzipako, bvala, basi. Apa nkhuhi zako, phaya udyere m'nyumba. Mbuti zako, phaya udyere m'nyumba. () padatalimpha pam'pale. Waduwala ngandicemererenimbo, m'bale wanguyo. Kumbirani ndjinga. Bzipiripo bzipinfuna m'bale wako. Nkhuhi zanu, dyani, basi. Bzipakubvala bzipanu, bvalani, basi. Wana wanu, tongani, musamwe, basi. Ng'ombe zanu, mphani, mubisale pamwekha. Mungadzaduwala (). Bzipiripo bzipinfuna ubale. Bzipiripo bzipinfuna ubale.

Texto 14l – Kusaya ndzeru nyasa

Kusaya ndzeru nyasa. Kupitidwa () kubwathama. () Nakuyenda nakuthamanga, wakacula ukonde. na (). Kuposidwa Wapitidwa na kasulo an'dziwa kumbzwenga.

Texto 14m – Ambaterepa

Ndaterepa, ndaterepa. () mulomo panupa, magunkha ife(?) mwanangu, Lázaro Vinho, umweyu. Ndaterepa, ndaterepa. Ambaterepa () lero. Lázaro Vinho umweyu. kafala ninga nkazi. Mamuna uyo. Anfuna kupasiwa ntsikana. Amba, amba, amaterepa. () ninga (), mwanawe. Pamulomo panupa, imwepo.

Texto 15a – Ntsengwa za phoso (preços de produtos agrícolas de primeira necessidade)

Kuna mwentse omwe munkutibva kucokera kuno kunyumba ya mphepo ya Rádio Moçambique tiri kuti tafika na basa lathu la malimidwe. Pomwe nkhuhi ikulu imbakhala ya kusimbirani za ntsengwa za phoso lomwe lirikugulisidwa ntsiku zino m'misika yakusiyanasiyana m'bwigawo bzwa Tete, Manica na Sofala. Tsono nkhuhi ikulu lerolino iti ikhale yakusinthwa kwa nthengwa komwe kwawoneka m'zinda uno. Citani cete ninga camapira. Ndipo lekani kuyebwa kuti pabasali mbakhala na João Maurício, kunchini pabodzi na Manuel Cardoso. Na tere, nkhuhi zomwe zabveka lerolino zirikulewa kuti nzinda uno pansika Kwacena kuNyartanda munzinda uno wa Tete, lata ya cimanga yakwira pambogo ya 20% kusiyana na ndzinga idamalayi. Tirikulewa pano paKwacena Kunyartanda lata ya cimanga iri pa conto madzana mawiri makumanayi e 40 Mt kusiyirana () idamalayi pomwe lata ikhayenda conto madzanamawiri. Cimbamba anti feijão manteiga na matomate kubodzi nga kuDomwe m'poma la Angónia ndipo na kuMakhate ncigawo ca kuManica. Pansika Ngwenya, boma la Angónia, nkati cigawo cino, ntsengwa ingagulisidwe () cicena ikali padzulu na lero. Uko ndikokulewa kuti iribe kusinthwa. Lata wa cimanga pansika wa Ngwenya iri madzana mawiri na makumawiri, 220 mil Mt. Ndipo cimanga ca kuDomwe komwe m'mandja mwa alimi akucigula pa conto dzana libodzi na zixanu za meticais, 135Mt. Pansika wa paMakanga, pabveka kuti lata ya cimanga iri paconto madzana mawiri ndipo ni cimanga calikuro pa boma la Furancungo. () m'mandja wa alimi cimangaci lata conto dzana libodzi makumaxanu za meticais, 150Mt. Cimbamba, comwe timbati feijão manteiga na manduyi mang'ono nga pamudzi wa Catete m'boma la Angónia. Tikati tiwone pa() ntsengwa ziri mwa tere: lata ya cimanga yakali padzulu, iri paconto madzana matatu, ninga momwe ikhagulisidwa pam'dzinga idamalayi. Ndipo cimanga ca ku () alimi adacigula paconto ()

240Mt, lata. () ibzwi bzwabveka kuti (), boma la Tsangano, ntsengwa liri () tiri kulewa pano, lata ya cimanga pa iri paconto madzana mawiri na () xanu, 225Mt. Ndipo na cimanga comwe adacita kucirima kuminda m'boma la Tsangano. Bwerani tiwone ntsengwa zomwe zikuphatisidwa basa () zino misika ya Chimoio na Beira, makamaka Maquinino na 38mm. Tikati tiwone ntsengwa zidakhala zakukwira pang'ono kucipande ca nzinda wa Beira () Maquinino, lata ya cimanga () madzana matatu. Quilo iri conto khumi na ibodzi. Ndipo cimbamba, lata iri paconto madzana manomwe. Ndipo quilo iri paconto makumanayi. Lata ya manduyi mang'ono iri paconto madzana matanthatu. Lata ati quilo iri paconto matatu na zinayi. Phosoli, makamaka cimanga, ncha kuVanduzi, cigawo ca Manica. Manduyi nga um nzinda wa Nampula. Ndipo manduyi mang'ono nga mu nzinga wa Lichinga. Tikati tiwone pansika wa 38mm, lata ya cimanga cicena iri paconto madzana mawiri makumanayi, 240Mt. Cimbamba ati feijão nyemba iri paconto madzana manayi ndipo manduyi mang'ono ali paconto madzana mawiri manayi na makumasere. Ndipo manduyi makulu ali paconto madzana manayi yokha. Na tere, tikati tiwone mpswiponi bzwomwe bzwidagulidwa bzwinthubzwi. Nkhani izi zomwe zabveka ziri kulewa kuti () 38mm za um nzinda wa Chimoio, ntsengwa zakhala ninga zakukwira pang'ono kusiyana na ntsengwa idamayi () kumbali ya cimanga, kukwira kwace ntsengwa yace ()khala ninga ya 9%, nyemba pa 33%, ndipo cimbamba ati feijão manteiga, ntsengwa yace yagwa pa 33%. Ndipo manduyi mang'ono, talewa kale, na makulu yagwa pa 20%. Lata, takuwuzani kale kuti, iri paconto madzana mawiri na makumanayi, ndipo cimbamba, feijão nyemba, conto madzana manayi, feijão manteiga conto madzana manayi na makumasere. Feijão manduyi makulu na mang'ono, mpswibodzibodzi madzana manayi na makumasere, makulu, conto manayi yokha. Na tere, cimanga ca kuNampula, feijão manteiga m'boma la Tambara, cigawo ca Manica. () manduyi makulu nga kuAngónia, mang'ono nga muno munzinda, nyemba ndza kuTambara, cigawo ca Manica. Zentsenezi abvesere muli kubva kucokera kuno kunyumba yathu ya mphepo ya Rádio Moçambique, mabasa yathu ya ncinyungwe. Tiri kukusimbirani za ntsengwa zomwe zirikuphatira basa ntsiku zino mphimpha zakusiyanasiyana za cigawo cino ca Tete na bzigawo bzwa Manica na Sofala. Tikati tiwone ntsengwa zina. () kwa Angónia, quilo ibodzi ya ntsabola iri paconto zipfhemba na meia. Quilo ibodzi ya matomate iri conto khumi na zitatu. Ndipo repolho iri conto zinomwe, couve, conto zitanthatu, ndipo quilo ibodzi ya mbatata iri conto zipfhemba, mafigo, quilo ibodzi iri conto khumi. kuMacanga ()bodzi ya ntsabolo iri na ziwiri. Conto khumi quilo ibodzi ya matomate. Conto zisere () quilo ibodzi. () couve, iri conto zinomwe na meia. Mbatata, iri conto khumi na zipfhemba. Ndipo kudzabwera quilo ya mafigo ya kuMakanga iri conto khumi na zixanu. () quilo ibodzi ya ntsabola iri. Ndipo matomate ali conto ibodzi, ndiye repolho ali conto zipfhemba. Tikati tiwone makamaka matomate ku19, Tsangano irir conto kumi() na meia. Ndiyo repolho iri zipfhemba, couve iri conto zisere, mbatata, quilo ibodzi iri conto khumi na zixanu. Ndipo mafigo yali conto khumi na ziwiri. Uciyenda pansika () Bwerani tiwone phosoli mukakhala kuti mwaligula. Mungakaligulise tani, mphimpha zakusiyanasiyana za bzigawo bwino bzwa Tete? Pakutoma tifuna kuyamba kukuwuzani kuti tikati tiwone bwino, mukakhala kuti mwakagula cimanga canu cicena, ciri kulemera quilo dzana libodzi () wiri, kuDomwe mpaka na Vila Ulongwe () kungolo mun'lipiri conto makumatanthatu , ndipo katundu wanu, conto makumatatu. Mbatata, ati mbatata reino, quilo dzana libodzi makumasere mucoka naco kuMapulangwene mpaka kuVila Ulongwe pangolo, imwe muli saco wanu mulipira nayi. Cimbamba ati feijão manteiga, quilo dzana libodzi () mawiri, kuDomwe mpaka na kuVila Ulongwe pangolo, mulipira conto makumatanthatu conto makumatanthatu, ndipo saco wanu, conto. Tikatiwone cimanga cicena comwe cirikulemera quilo dzana libodzi makumawiri kucoka naco kuMacanga mpaka kuno kunzinda ()makumaxanu, katundu wanu libodzi lokha. Cimbamba, feijão manteiga, quilo dzana libodzi, kucoka naco kuMacanga mpaka kuno kunzinda pacamião, mun'lipira conto madzana mawiri na makumaxanu, ndipo katundu wanu

mulipira dzana libodzi. Cimanga cicena, quilo dzana libodzi, kuno mpaka pacamião, mulipira conto madzana mawiri, ndipo saco wanu, dzana libodzi na makumatatu. Tikatiwone repollo, kulemera quilo makumanomwe, kucokera Nkhuchamano mpaka nzinda () pacamião, mulipira imwe () na makumawiri, ndipo saco wanu, conto. Cimbamba, feijão manteiga, quilo mapfhemba () mpaka kuno kunzinda pachapa 100, mulipira conto dzana libodzi. Mpswibodzibodzi na katundu wanu. Cimanga cicena, quilo makumatanthatu, kucokera kuNtsembezi mpaka () pangolo, imwe mulipira conto mawiri, makumanyi mulipira saco wanu, manduyi mang'no, quilo, dzana libodzi, kucokera kuCingwe mpaka na kuXiyandame, pacamião, mulipira conto madzana matatu. Madzana mawiri mulipira masaco wanu, mbatata, anti mbatata reino, quilo makumapfhemba, kucokera kuKawuzuzu mpaka paXiyandame pacamião, mulipira conto, dzana libodzi na makumanomwe. Tikati tiwone cimanga cicena, quilo () dzana libodzi na makumaxanu, kucokera Ku() mpaka na Tsangano () pandjinga, ntsengwa yace iribe kubwera. Mbatata, ati batata reino, quilo ibodzi na makumatanthatu, kucokera kuTsangano, sede, mpaka na Tsangano (), pangolo, mulipira conto makumapfhemba, ndipo saco wanu mulipira conto makumanomwe. Abvesee, likhali mabasa lathu la malimidwe ()mbirani za ntsengwa zomwe zimphatisidwa basa ntsiku zino, bzungawo bzwa Tete, Manica na Sofala, ninga momwe talewa kuti ntsengwa zakhala ninga zakutsintha pang'ono. Mukhana João Maurício pabodzi na Manuel Cardoso. Mulungu akatisunga tin'bwera()mangwana. Salani bwino.

Texto 15b – Continuação feita por um locutor diferente

Masukani() yalime ni basa lomwe timbabwe nalo ntsiku ziri zentse zacixanu pa nthawe zipfhemba na ina pakati kuti tikukhudzireni ntsengwa za bwinthu bzakusiyanasiyana bzymomwe bzuwirikuphatisiridwa basa nkati mwa misika ya muno n'Tete, Manica na Sofala. Bwerani tiwone kucipande ca ciperemanga. Tsono tikanati kuti tifike kumbali yoyo, munkuperekezedwa na Mário Gemo pabodzi na may Maria Gavilha. Kwa imwe mwentse tirikuti macibese ya bwino. Tsono pa n'dzinga (semana) omwe uno unkumalawuno, ciperemanga komwe kuMacanga cagwa ntsengwa yace kwa kuti bwerani mudzawone kufewera pakufikira pafupifupi uta bwa makumawiri na nomwe nfunde nomwe kusiyana na n'dzinga unangoyo. Nsika wa Ciyendame bzuwasiyana, ciperemanga cadzawumira pafupifupi kuthumizirika kufupi kwa pauta bwa makumanay. kuKwacena Kunyartanda, ciperemanga cakhala ninga cakufewera pomwe kusiyana na n'dzinga wamalayo. Nkati mwa n'dzinga umwewuno, n'golo ubodzi wa magaba makumawiri wakhala ucigulisidwa pambondo na maxereni matanthatu. Mbali kule ciperemanga coci cirikucokera kuGuro, cigawo (divisão) caManica ndipo ankucigula n'golo wokhawo patheni na maxereni matanthatu. Kwa Ngwenya, m'boma la Angónia, nsika kwa mbali imweyire, ciperemanga comwe cikugulidwa na kugulisidwa kwace kokhakhako ciribe kusiyana na ntsiku zinangozi. Pakuwoneka ninga wanthu ankgula patheni libodzi na maxereni matanthatu ndipo acigulisa pambondo ibodzi. Ici cikucokera kuLivilandje. N'sika wa Cayendani ninga momwe tidalewera kale pakutoma kuti ciperemangaci cathumizirika ntsengwa yace pakufikirana pafupifupi pauta bwa makumanayi. Ndipo kuthumizirisa koko kwabweresesa pomwe ninga thupo likulisa. Bzwentse ni thangwe la ciyani? Ndzinga wamalayo, ciperemanga cikhakhala cikugulisidwa pambondo na maxereni manayi. N'dzinga uno, cagulisidwa mbondo na maxereni masere. Ici ciperemanga cikucokera kumiyi ya Kandjedzi, kumudzi kwa Denque, Água Boa, Nsamadzi na Madibi. Ndipo ankumbafikisa ciperemanga coci pansika ule acita nyamula pansolo. M'boma la Macanga, kumweko kwawonekadi ninga kufewera kwa kuti bwerani mudzawone kusiyana na nthawe zentse. Cafewera kucokera na mbondo na theni na maxereni matanthatu kudzafikira pambondo na maxereni manayi, m'golo ubodzi. Ibwini ndiko kulewa kuti cimanga cokhakhaci mbali zinango cikugulisiwa pambondo na maxereni mawiri ninga

kuCidzolomondo, Kampala na Namadendzi. Kumisika inango kuMaquinino, munzinda wa Beira, bwerani tiwone ndzinga uno na ndzinga udamalayu, ciperemanga ciribe kusiyana na pang'onopo ntsengwa yace pakugulisidwa pambondo ibodzi na maxereni masere kulewa kuti quilo ikhali xereni na quinhento zitanthatu. Nyemba, m'golo ubodzi wamagaba makumawiri uli mbondo zitatu na theni na maxereni mawiri. Nkulewa kuti, ndzinga wamalayu, kudzabwera gaba ayayi quilo akhali pa maxereni manayi na quinhento zitatu. N'dzinga unkumala uno, bwasiyana, m'golo ubodzi ulikugulisidwa pambondo zixanu, kulewa kuti quilo ni maxereni matanthatu. Cimbamba, bwiribe kusiyana, ntsengwa n'dzinga udamalayu na n'dzinga uno. Pambondo zitanthatu, m'golo ubodzi, kulewa kuti quilo ukugulisidwa pamaxereni manomwe. Manduyi mang'ono yakhadawumira panzinga udamalayu pambondo zonomwe quilo ibodzi maxereni mapfhemba. Ndipo n'dzinga uno, manduyi yokhayokhaya yali mbondo zitanthatu, quilo maxereni manomwe. Manduyi makulu yalibe kusiyana ntsengwa yace. Pambondo zisere n'dzinga udamalayu, ibodzibodzi iri kuphatisiridwa n'dzinga uno ndipo kucipande ca quilo ni maxereni mapfhemba. Mbali ikulu ya bwinthu bwobzwo kucokera Kunyartanda n'cigawo cokhacokhaco, ciperemanga cikucokera kwa Angónia, nigawo cino ca Tete, ndipo cimbamba comwe cikucokera cigawo ca Nampula ndipo na manduyi yace kubodzi. Pansika wa 38mm munzinda wa Chimoio, apa ntsengwa zikukhala ninga zizindji ziribe kusiyana kondo kusiyana ciperemanga cokha. N'dzinga udamalayu cikugulisidwa mbondo ibodzi m'golo, kulewa kuti ikhali pafufupi na xereni na quinhento ziwiri pakufuna kulewa ninga quilo ibodzi. Ndipo n'dzinga ici cikugulisidwa pambondo na maxereni manayi. Kudzabwera quilo ni xereni ibodzi na quinhento zitatu. Nyemba, cimbamba, manduyi mang'ono na makulu, ntsengwa zace ziri mwatere: panyemba, n'dzinga wamayu zikhali pambondo zinayi, quilo ikhali pamaxereni maxanu. Mpswibodzibodzi na n'dzinga umwewuno. Combamba ni mbondo zixanu, quilo ikhali pamaxereni maxanu na quinhento zinomwe. Mpswibodzibodzimbo na n'dzinga umwewuno. Manduyi ndiyo omwe yadzaposeratu. Pambondo zinayi, kudzagulisidwa mbondo zitanthatu, kudzabwera quilo pamaxereni maxanu kudzafikira maxereni manomwe. Manduyi makulu, pambondo zixanu kudzagulisidwa pambondo zitanthatu. Quilo n'dzinga idamalayi ikhali pamaxereni matanthatu na quinhento zitatu, n'dzinga uno ni maxereni manomwe na quinhento zitatu. Bzwintubzwi: ciperemanga cikucokera kuboma lamang'ono la Makhate. Nyemba, ncigawo ca Sofala, cimbamba cikucokera m'() manduyi () kuAngónia mpaka ncigawo cire. Tsono kodi bwinthu bwobzwi bwikugulisidwa tani pakati pawale omwe ambagula bwizindjisa, kuphikula akamala khukagulisirambo andzawo? Komwe kuAngónia, ncebola quilo iri kwa maxereni mawiri na quinhento zinayi. Matomate, maxereni mawiri na quinhento zinomwe. Repolho, maxereni mawiri na quinhento zinayi. Couve ni maxereni mawiri. Bambayira () maxereni mawiri na quinhento zitatu. Mafigu yali pamaxereni mawiri na quinhento zitanthatu. Komwe kuMakanga, ncebolazo ziri pamaxereni matatu na quinhento ziwiri. Matomate, maxereni matatu. Repolho, maxereni manayi. Couve, maxereni maxanu na quinhento zitanthatu. Bambayira () nimaxereni mawiri, mpswibodzibodzi na mafugu, quilo. kuCandame, ncebola ziri pamaxereni matatu na quinhento zitatu. Matomate, maxereni matatu na quinhento ibodzi. Repolho, maxereni manayi. Couve, maxereni mawiri na quinhento zinayi. Bambayira (), maxereni matatu. Mafigu, maxereni matatu na quinhento ibodzi. Munzinda uno wa Tete, ncebola, quilo zikugulisidwa pamaxereni mawiri na quinhento zinayi. Matomate maxereni mawiri na quinhento zipfhemba. Repolho ni maxereni matatu na quinhento ziwiri. Couve, maxereni matatu. Bambayira muyinho(?), ni maxereni matatu na quinhento zinayi. Mafigu ni maxereni mawiri na quinhento zinomwe. Bzwinthu bwokhabzwokhabzwi unkabzwigumana bwomwe kawirikawiri bwimbakagulisidwa m'madimba momwe mungakafikiridwa na wanthu. Kodi bwikugulisidwa tani? Nkhulewa kuti ntsengwa zace ndzibodzibodzi? Mpswimwebzwolini. Tikafika komwe kwa Angónia, ncebola ukakafikira padimba cayipopo, zikugulisidwa paxereni ibodzi na quinhento

zipfhemba, matomate, maxereni mawiri, repolho, xereni ibodzi na quinhento zipfhemba, couve, xereni ibodzi na quinhento zisere, bambayira (), pafufupi maxereni mawiri, mafigu, mpswibodzibodzi, maxereni mawiri. Komwe kuMacanga, ntsabola ni maxereni mawiri na quinhento zinayi. Matomate, maxereni mawiri na quinhento zitatu. Repolho, maxereni matatu na quinhento zitanthatu. Couve, maxereni maxanu. Bambayira munyu(?), maxereni matatu. Mafigu maxereni () Ciperemanga, sacco wakulemera quilo dzana libodzi, uyu ni wa malata matanthatu, kucokera kuNkondedzi mpaka na muno m'Tete, ali pambondo ibodzi. Munthu, sacco ni mbondo na maxereni(). Nkhudzabwera ciperemanga cakucokera kuGuro mpaka na muno m'Tete, sacco wakulemera quilo dzana na makumanayi, kunyamulidwa pangolo zozi zikuluzikulu, munthu ankumbalipira pafufupi theni () munthu ni mbondo na theni, kudzabwera sacco ni mbondo ibodzi. () Na nkhani yoyi, tafika kuphapha kuna basa lathu lomwe nda Masukani yalime. Tsono wa União Provincial de Camponeses de Tete (UPCT), iwo alikukumbira muno m'Tete, pakugwirizana na waDilso(?) omwe ankupereka thandizo lentse kuti basali likufikireni kucokera kunyumba ino ya muno m'Tete kuti kabzwipimiseni thupi lanu penu kuti mudziwe kuti mungakhale na kalombo kaSida. Penu munako, tsono nkwa bwino kuti mudziwe, pakufuna kuthangata moyo wanu na wa azindjisa. Uyu ni nkumbiro wa iwo. Omwe akupasirani ni Rádio Moçambique, Mário Guemo pabodzi na Maria Cavilha tiri kuti salani mpaka n'dzinga la mangwana.

Texto 16 – ANYUNGWE

– Mungafuna kutoma já... – ANYUNGWE. Kodi anyungwe mbani? Anyungwe ni wanthu omwe ambacita cipande ca mathimu yomwe yambalewalewa cisendzi comwe cimba- - lewedwa pakati na kunyantsi kwa dziko la muÁfrica: Wanthu = Bantu. Cinyungwe ndico cirewedwe ca anyungwe. Na tenepa, natiwone kuti iwo khuli lawo liri ncigawo ca Tete na kutewera nkulo wa Zambezi, kucokera kuZumbu mpaka Dowa, Boma la Mutarara. Ndipo maboma yanango ngaya: Moatize, Changara, Cabora-Bassa, Mágoé na mbuto zinango za Boma la Marávia/ Fíngwe. Tsono apa, yalipo ma- malivro yanango yomwe yambafokotoza kuti yalipo mabungwe ya anyungwe kumadziko ya kundja ninga Malawi, Zimbabwe na kuZâmbia. MULEWENGO WA ANYUNGWE. Mudziko lathu lino lokha, na kusaya kulewenga omwe ali m'madziko yakundja ninga momwe ndalewalewa kale, tiripo ma- ma madzana mawiri naku- na makumi mapfemba na-- na:: masere ya culu... madzana manomwe na khumi na matanthatu. Ya... Ndiwo n'nembo way- wa wanthu omwe ambalewalewa cinyungwe. Mulewengo umweyu udadziwisidwa na anembi wa n'nembero wa gole la... culu cibodzi, madzana mapfemba, makumi mapfemba na manomwe m'Moçambique. Tsono apa, tingatsimikize kuti kufikira lero lino, nthambo ya wanthu yomweyi, ningakha- yingakhale yakupitirira kuposa. MAKHALIDWE, BASA NA CUMA. Kuyambira kale na kale, anyungwe akhakhala paciwudzindza ayayi na madzindza-- madzindzambo yanango yomwe yakhakumbira ubale nawo na kuyendezana kwawo. Iwo akhambakhala pomwe na kutewezana mitupo yomwe ikhali ninga ubale: mumadzindza. Ndipo midzi yawo ikhamangidwa mphepete mwa mikulo yomwe ikhana madzi kuti ambaphatisire mabasa ninga kucita madimba, ukhombwe, kufambirana na mimwadiya mumikulo mikulu-mikulu. Pomwe akanati kukhala mbuto ibodzi yakhazi- ya- yakhazikiko, akhakhala mumatsasa kulonda bzwi- bzwi- bzipatso, nyama za nthengo, uci na bzinango. Atakhaliratu mbuto ibodzi, ndipo adayamba kulima, kufuwa, usodzi, ukhombwe bwa khom- bwa khokota, ukonde na unkhumbalume bwa kupha nyama zikulu-zikulu zanthengo ninga ndzowu, pembere na angoma na zinango na kuphatisira basa mpfuti ya cikodola. Ndipo pomwe, ndipo- ndipo ndipo pamwepo adayamba kumanga nyumba zamiti zakuzungulira na kuzidjeda na kuziswimpha na mawuswa. M'midzi m'mwemo, akhatongana nkhani yawo na Mwene-Nchiri ayayi Mwene-Mudzi. Iye akhathandizidwa na akulu-akulu na:: azimambo wa mphondolo na winango omwe akhana

luso la kuwa- la kulewalewa na kutonga. Cuma cikulu kwene-kwene ca anyungwe cikhali ulimi, kufuwa ng'ombe, mbuzi, mabira, abulu, nkhumba, nkuku, mabatha, unkhumbalume, ukhombwe na kumola uci bwa nyuci. Bzwinango, bukhali kusona mphasa, bzapewu na kuna kupakasa ntsapu, magumbu, bzuwero, bzuwitundu, kusema mabanda, ndiro na kulukha nguwo na bzuwakufunika. Akazi akhambawumba bzuwombo ninga mitsuko, bzuwikalango, mbale na bzwinango bzuwaku- phatisira panyumba. Umisiri bwak- bwakukondza bzuwitsulo, bzuwa usodzi, mapaza, mbadzo, misewe, ukonde, makhonga, na bzuwaku-- lukhira bzuwakubvala na bzuwakufunika. Magole yakusaya mphfumba, penu ya ndjala, akhakasundza m'madziko ya andzawo na kucindjana bzuwa cuma cawo na ca andzawo ayayi, kuphata basa. Nkhani ya ndjala, na kusaya kugwa kwa mbvula akhathira midzingo kuti wakumbire mbvula kuna Mulungu na mizimu ya anyamuya. Na tenepo, akhapangana atongi na wanthu wawo kutsonkha pang'ono pang'ono bzuwakudya na bzuwakumwa kuti akakumbirire mbvula kuna Mulungu - Dedza muma mudzina la mambo wa mphondolo. Zikafika ntsiku zomwezo, akhayenda kumbuto kumbutoko na mphatso zawo kukathira patsinde lamuti. Ntsembe zomwezo, zikhatakulidwa na madende yomwe yakanati kugwa pantsi yacikhala yacikhulupiro pabodzi na nkhalamba za udziwi bzuwa bwa bzuwa nyengo na makhalidwe yadidi m'mudzimo. Mabasa yomweya pinango pinango yakhambawoneka kuti ni cadidi na thangwe la kuti bzuwikamba bzuwikambagwa mbale ncisayi pakubwerera, wakhatota na mbvula ya kuti bwerani mudzawone. Pakawoneka bzuwa bzuwa matenda yakunesa, misinda ikhacididwa tenepayo tenepoyo na kakumbiridwembo kace ninga kacisi, kupetexa, na kuthira mizimu na kuleke-- tera kulingana na matsawutso yao. Ntsiku zomwezo, zikhana makhalidwe yabwino yomwe yakhana cikholidwe cakulemekeza malango, kucokera ku ubaba na ku umay mpaka pa bandja lace. Kukhapfundzidwa makhalidwe ya ciremekezo kuna baba na may, akulu, atongi, mpaka kuna mwa—mwana mwandzace. Mwana wacikazi akakula ayayi akagwa pantsi akhamuyanyira ntsankulu kuti amulange bzuwentse bzuwa pabandja na bzuwa makhalidwe ya pantsi pano. Tsankulu ndiye akhamumalizira bzuwentse kuti adzakwanise kuyendesela bandja na makhalidwe ya bwino na malango, ndzeru, ciremekezo ca kakhalidwe kabwino kuna wantu na bayace. Bzuwentsenebzuwi akhabzuwiphundzira kuna azitsankulu wa-- wa-- wa azimayi na azibaba ang'ono wa dzindza lawo. Zikakwana ntsiku za basa limwero, akhakamupereka kwa ababace kuti akacite nsinda wakumalizira – cinamwali. Mu tsiku yomweyo, kukhakhala na madyo, mathunga, na bzuwirango bzuwa acibale na winango akulu akulu wa cikazi. Kuna mwana wa cimuna, kazindji akha-- akhalibe tsankulu. Tsono, akha-- akatenepo ana baba n'ng'ono, m'bale wa babace, ndiye akhambamuyeruzwa bzuwa makhalidwe ya pantsi cire-- ciremekezo na bzuwa mabasa ya pa bandja. MALOWOZI Kale lentse, wanthu wakhalowolana kuti wamange bandja mu ndjira yakulungama. Mwana akakula, akafuna kulowola, pakutoma akhamanga gowero lace acimba-- khongobzuwa pang'ono pang'ono bzuwakubvala bzuwa nkazi na bzuwace na bzuwombo bzuwaku-- bzuwakuyambisira bandja. Akawona kuti bzuwamukwanira akhawuza amay ang'ono kuti yiwo akamupfitsire ma-- mafalayo kuna azibabace kuti an-- mwananu anifuna kulowola Bzuwatakwanisika bzuwomwebzwo, akulu wa kwa akulu akha-- mulatiza dzindza la makhalidwe ya ya kulungama kuti akasankhule ntsikana ayayi akamulowolere ndiwo. Na tenepo, akha-- bvazika nkazi zikafika ntsiku zakupangana. Bzuwatomala bzuwentse, mamuna akhayamba kukagona kunthanga kwa nkazi: "kupondera nguwo". Tsankulu wa-- wakwacikazi ndiye akhafambisa mabasa yentse mpaka kudzapereka kubandja lawo. Bzuwikamukomera mamuna, wa--wa-- wakwace wakhapereka ng'ombe na mwanace: "nthamula nsana" ayayi kubiri zomwe angamukumbire azibabace wa kwa nkazi. Winango akhamuphatisa basa nkwasayo magole yomwe angamulewere. Na ibzwobzuwi, mwamuna akhamukumbira kusewula nkazace kuti ayende naye kwawo. Akabadwa mwana, wa kwamamuna akhacosa cinthu kuna ambuya ntumbzuwi - kubiri - kukalewa cikuta. Wale, akhaka-- akhata-- akhaka-- akhatambira mafala aci-- wuzambo acibale wa pafupi kuti adziwembo. Zatapita ntsiku pang'ono, akhadera

ntsengwa ya ufa, nkukuku kumandja na garrafa la kacasu kuti akawone mwanayo kuti akamusekerere kuna mbuya ntumbzwi wa cikazi. Bzwika-- bwikafamba bwino bwino, akhamba-- cita madyo nakukondze-- nakondzekerera mathunga kuti adzafupire ndipo aciditya na kumwa, kubzwina, na kukondwa kukulisa pa:-- pamadyopo. Bandja lipswali, likadza-- lima bwino bwino, ku-- kuphi-- ha:::: kuph kuphunga phoso bwino, likha-- dza-- citambo madyo yakulisa mudzi wawo na bandja lawolo. PHWANDO, MISINDA NA MATHUNGA. Kuyambira kale na kale, mpaka na lero lino, mbumba ya anyungwe, ikhana mathunga yakusiyanasiyana, tsono mazindji yadamala kunyembereka na kusaya kunembedwa na kusaya kuyimbidwa na thangwe la nkondo. Ninga nin'dzaku-- nibzwakudziwa kale kuti mathunga yambalatiza na kufokotoza bwizindji ninga kusekerera, kuphunga, kufunga kwa gole, mpfumba, kupereka takhuta, misinda ya bona, malombo, nkhwawa, kubonera na matenda, kutambira atongi wa boma, wa igreja na bwizindji. Na ibzwobzwo pomwe, mathunga yambalatiza makhalidwe na cirewedo na ciremekezo ca ntundu wa wanthu. Pakati pa-- pa mathunga yomweya, yalipo yomwe na lero yamba-- yimbidwa na misinda na misinda pa ci-- pa cikondwerero: kulatiza matsawutso, kukondwa ayayi kusunama. Mathunga ya anyungwe ya pa misinda na pa kukondwa ngaya: gweteka, n'day, ngololombe ayayi nyanga, ndjole, dande, santsi, mafuwe, valimba. Mathunga ya misinda yokha yokha ni: malombo. Pa kuyimbira pa mathunga yomwe ndalewa-- ndalewaya mazindji ni ng'oma, nyanga za ntsungwi, nkhocu na kuthandizira na m'mandja, pitu, na kuyimbirira na mulomo na magong'ozu. Kukakhala na misinda, kazindji kentse, yambayimbidwa usiku bwentse mpaka kucena, pinango, kucomerera. Mathunga ninga gweteka, n'day, ngololombe, mafuwe, na valimba yambabzwiniidwa na amuna na akazi pabodzi na ulonkholokho bwace, m'mabzwiniidwe. Kudzati ndjole na mafuwe ni mathunga ya akazi okhawokha. Amuna ambabzwina-- ambabzwina ninga ku-- kusuzira. Dande ni thunga la malombo la amuna napo acibzwina ninga kusenzeka pa kukondwa. Pa malombo ninga-- ninga-- Malombo ni thunga la misinda. Kuna amuna, akazi omwe ana mambo wa kugwa kale na bwombo bwace bwentsene ninga malombo ya kacecece, ntsato, na yanango. BZWA NKHAWA Impfha ndiyo ntsiku, mwezi na gole la kumala kwa moyo wa munthu pantsi pano. Anyungwe, ikawoneka nkhwani ninga yomweyi, kalekalero, akhatoma kuwuzana pa ubale wa pafupi na winango wa m'muyimo kuti wapangane bwakucita. Wakatenepo, akhakondza mphasa yabwino-- bwino wabakagonesere ntemboyo na kumufunikiza cakufunika ninga bulangeti ayayi ciriya. Bzwentsenezwi bwikhacitidwa na kasisi ayayi nkulu wakudziwa bwakwani. Kuti wanthu wentse adziwe, akhayimba ng'oma yomwe ikhacemerredwa kwendje. Watamala bwomwebzwo, akhacosa cinthu comwe cikhacemerredwa camalodza comwe cikhayende-- cikhayenda kwa atongi wacibale na kwa nkazi na kwa cimuna na kwa atongi apafupi: anyakwawam ayayi mpfumu kuti adziwe bwakwani. Akabwera wanthu wale – madumbzwi na akulu akulu – akhacosa cinthu comwe cikhalewedwa kuti utenda bwadza na maluwi. Nkhawani na camalodza n'cimweci, tiwonere pabodzi nkhwani yomwe mwabwerera. Acifokotoza mayambidwe ya utenda. Bzwatamala bwomwebzwo, akhapangana pakutoma na makasisi wa thendje la kwawo ayayi akhagula mbuto ya thendje la komwe wafera na komwe wafera, bwita-- bwika-- tazika kuyenda kwawo. Bzwatakwanisika tenepo, mu ntsiku na na nyengo ikha ikakwana akhatoma kuyenda ni wanyakukakondza muy pabodzi na kasisi kuti akawalatire mbuto. Penu munthuyo ngwa thendjelini lomwero, akhamuyikha kumbalimbo kwa anyakudza ayayi alendo. Wanyakusala kumuy wale akhamala kukondza bawulu akhayimira ntumiki wa kuthendje kudzalewa kudzalewa mafala kuti bwakwana. Kukakhala kutali wakhambatewera na citandaco kuti agumane naye mundjira ntumikiyo. Akafika kuthendje, akhayima pambuto pomwe pambacemerredwa pampumiro. Pamwepo, akhagodama akazi ndipo amunambo akhandjunga acimbabubudza m'mandja na kukumbira mbuto kutambiridwa kuna anyamuya wacibale ayayi kuna mizimu yabwino na kuna Mulungu. Na tenepo, kabandazi ntumiki akhakacemera kasisi kasisi kuti abwere kudzatola kudzaatola kuti

akamuku-- akamugonese pa nyumba yace yakumaliziratu. Akanati kumufucira, kasisi akhabvundza kuti penu angakhale na mafala ayayi mirandu, mangawa, misinda yaciwbale. Pakakhala palibe, munthu wule akhamugonesa m'muy na kumufucira. Kayikhidwe kantembo wa munthu n'thendje, anyungwe ana misirikiti (macitacita) na kuyenera na mathangwe yace ayayi dzindza lace. Na apo, bwerani tiwone: omwe alibe misirikiti, akhayikhidwa n'dindi, acifuciridwa na mataka. Winango akafa na matenda yakuyipa, cifuwa ca katsakotsako, akhambayikhidwa m'muti ayayi akhayikhidwa ne kufuciridwa, akhatondo kugwatira ntsambvu la minga padzulu pabawulu n'dindimo. Mbutu zinango, ninga mphimpha za kuChangara, N'temangaw, akhayikha akhayikhana m'mphako mwa minyala, winango kumanika m'miti. Ndiye pale, atamala kuyikha ntembo ule akhagodama wentse wakazi na amuna kuti wagoneke nakububudza acimbaleketera mu dzina la mizimu yace munthuyo ayayi kuna Dedza nyakumulenga kuti amutambire ninga mwanace. Akafika kumuy, akhatambiridwa na omwe akhadasala pamuyipo Watamala kumusana n'tontholo wakafambidwe nakayendesedwe ka basa la bzwa-- bzuwakayikhidwe ka ntembo. Atabvana bwinobwino pabzwezensene, kukhana-- kuna anyakuyenda na anyakusala, pakhacosedwa cakudya ninga ntsima, mphala la malambe, manduwi; kuna anyaku-- kuna anyakumwa kukhana kacasu, bwadwa, ntakula, na nsuzi wa-- wa masawu. Atamala kudya na kumwa, akha-- akhafusula kasisi nyakuyimba kwendje, nyakusambika na nyakutaya mawuwo. Kalekale, akulu akhagonesalini mawuwo kudikira kudikira ntsiku yakusengana, yaku-- yawu ya yaku-- thira phala. Na thangwe lakuti akhati-- tingasunge tingasuze bzuwinango, angafe pomwe munthu. Ndipo zatapita ntsiku zina-- zinomwe, kucokera ntsiku yomwe nyamuya adafa, akhayenda kumi-- kumisinda ya kuthira phala ayayi kukabowolera. Akabwera komweko, akhadzasengana tsihi kumalizira mawuwo na kufusula pomwe kwanya-- anyabasa lomwe lacididwa pa asabwira. Akanati kugoneka akuluakulu, wenekaciro nkhwawa akhapanganiratu bzuwakhulungwa ayayi bzwa bona: ntsiku, na mwezi penu gole. BONA Bona ndiwo nsinda ukulu wakaperepere wa misinda yentse ya kufa. Nsinda wa bona ayayi khulungwa ukhambacididwa kalero mpaka na lero lino ukali mbandanga. Zikafika ntsiku zampangano, akhacendjezana mafala aya: "Kundja kwacena: kodi mafala yale nakucosa cinthu cakufokotozera naco - kubiri. Ndipo pakhasankhulidwa nkhalamba zacizacikazi ndizo zikhaphika bzuwakhonde: bwadwa bwa misinda. Kudzati bwadwa bwa azindji bukhaphikidwa na achembere na nkhalamba ziwiri zakudziwa bwino bzwa bona. Bona likakha la--- lamwamu-- lamwamuna ndiye nyamuya, nkazace ndiye akhalowo-- akhaloweka bzwa pabzwa pakhonde, akatenepo alibe mphica, ndiko kuti alibe kumoga ntemo. Bzuwakudya, bzuwakumwa na bzuwinango bzuwikhali bzuwizindji bzuwamwene muy. Bzuwinango ni bzuwacibale na bzwa-- na bzwa-- ntsonkho na bzwa-- ntsonkho wa pagole bzuwomwe bzuwikhapatidwa na nyakwawa ayayi nsungi cuma. Mabiko yamweya yakhamala m'dzinga wa thunthu icimaliratu. Ntsiku yaku-- yaku-- yakutokota kwalene ndipo pakhakhonchedzana abale wentse wa kwa nkazi na wa kwa mamuna na abale wentse omwe wapafupi kufikira na wa ntali ntali na omwe adatsonkha. Kutu bzuwifambe bwino, akhacemeridwa anyamathunga ninga gweteka, n'day, mafuwe na yanango kuti adzatumbize bonalo. Zatakwana nthawe zakucita nsinda, wakha-- wakhatoma ku-- kathira ntsembe patsinde pamuti pa-- pamphundzu, patali pang'ono na pamuyiwo na pamuyipo n'nkacisi. Akhayenda kuntsembeyo a a a akhayenda ku ntsembeyo ni akulu akulu wa kwacikazi na wa kwa-- kwacimuna na winango adziwi waciremekezo wa pamuyipo. Komweko, akhatakula bira, mumbu wa ufa, galafa la kacasu, na nyama ya kuphikaphika kuti akathirire mizimu nkacisi - kanyumba ka kucitira mizimu - komwe kambakondzedweratu kumawulowulo. Akafika kule, akhatoma kukhala pantsi na bzuwinthu bzuwawobzwo. M'bodzi wa iwo omwe ni ntsoholeri wa-- wa misinda akhafokotoza bzuwentse bzuwamabasa yomwe nyamuya adacita pantsi pano nakuleketera mafala yacitawiridwa na andzawo kuna mizimu ya kwa anyamuya wabale na wanyamuyawo nanya-- na wanyamuyayo. Ataterepo, akhaceka pakhosi bira ule, mulopa ucimbagwera

mukacikalango kapswa. Akamala, akhatsikitiza nkati mwa kacisi mule. Natenepe, yayambikana ntsembe: kuthira bzwakudya bzwire cibodzi cibodzi na boko ladidi na ladzere na kuleketera na na ntsoholeri ule kulewa naku tu-- na kukumbira cithandizo, udidi, moyo wabwino kuna anyamoyo wa anyaku-- anyamuyayo na kutambiridwa acimbalewa terepa: Pepa, pepa! Ndipo na kuthandizira na mibubudzo ya m'mandja. Akamala, pakubwerera kumuyi, palibe omwe akhacewuka m'mbuyo m'paka kufikira kumuyi. Bira ule akha-- akhabwerera naye kumuyi kuti akamucite cisay ca nsinda wa bzwapakhonde. Atabwerera, akhamusana ntontholo akuluakulu winango na kufokotoza bzentse ninga momwe bzwafambira. Bzwikaterepo, kukhacididwa madyo ya ciraliro kuna wentse omwe akhacita mbali ya nsindayo. Mpaka na lero, bzikalipo mumbali zinango zam'midzi ya anyungwe, penu kulewa bwino, m'makhalidwe yawo. Bzwa kucekera bira bkwidamala na thangwe bkwihacekera ndiko kuti bkwihapa kazindji wentse wanthu wacibale. Bzwakudya bkwihakha-- ah:: bkwihazgawidwa na kulemekeza ndjira hiyi: madumbzwi wa kwa mamuna na wa kwa nkazi, ampfumu, kasisi, abale wa kwentse kwentse, asabwira na azixamwali m'mathimuthimu. Kwatamala kudya kule, akhacosa tacu ya bwadwa yomwe imbaceredwa kugwata nkunda. Na terepo, n'tsoholeri wa nsinda akhalalikira kuti nsinda ukulu wayambikana ndipo anyamathunga ayambe kuyimba. Wanthu wentse akhawundjikana m'mathimu ya ciwugo bwawo kuti ambapasidwem bzwakudya ayayi bzwakumwa bwinango. Azitsa-- azitsanthemba akhana-- ciremekezo kwenekwene kuti nsinda uyende bwino na tsangato na masendzeko. Na iwombo abzwini akhay-- akhayimba na kubzwina kwadidi na mphambvu zentse usiku bwa thunthu mpaka kucena. Kuna anyama-- kuna anyamathunga, bzwakudya, bkwaku-- bzwakumwa, nthawe na nthawe bkwikhasayikalini na mpfhupo zace ninga bkwisero bzwa manduyi, pinango pinango mbuzi, bkwitundu bzwa ufa, ayayi nkuku zace kuti waphate basa la kuwoneka kulemekeza nsinda wakumalizira wa nyamuya. Kukanati kucena, macibesebese, thimu lire lomwe kumawulo lidakathira ntsembe, limbayenda kuka-- kukazondera. Ndipo likakawona mumbu wa ufa ule ulibe kudzongeka ndiko kuti nyamuya watambiridwa kuna mizimu ya na Mulungu. Na anyamuya na anyakusala ani-- khala na moyo wabwino. Ndipo akakawona bkwadzongeka, palibe cabwino kuna wentse wanyamu-- wa nyamoyo kubodzi. Akabwerera, akhadzamusana ndipo akha-- yendesa basi patsogolo nsinda mpaka kumalizirana. Pakakhala kuti pana bzwakumwa penu bzwakudya, akhapitiriza mpaka mawulo wacitsangalaza na mathunga. Pakumalizira, penu panga-- funike nthaka waka-- wa kwa nkazi ayayi ndja kwa mamuna, akha-- kumbira nkazi wa nthaka. Bzwingasaya kukwanisika, akhacita kumu-- benda nyanthakayo acimuphatikidza. Pakat- Pakati pa [Pakanati] ibzwobzwi, kumba-- cosedwa cinthu: "Takumbira", cicibwezedwa, kutawiridwa penu kulamba [kobiri]. Bzwikafamba ninga-- momwe bzwingafambire bzwa bwino, akhacita ninga lero lino mpfhupiro na kupereka dzina na kumu-- pasa malango pakumufupapo. Madzina ya nthaka ya... yakha-- pasidwa ndipo na lero lino yali kuyenderera na makhali-- yambayenderera na makhalidwe yace ya nyamuyayo: "Kuyezeza n'kudinga!" Cafuwa, Cafewa, Cawola, Cagwatika, Cayima, Caleka, Calimba, Calungama, (wa ya cimuna yamweyo). Kucikazi: Mwan'dinga, N'daza, Nkondwenyi, Mwampundiza, etc. Na terepo, kukhacosedwa bzwakumwa kwa amuna na kwa-- kwacikazi, sabwira na winango kupereka tatenda, takhuta kuna basa lomwe laticika pakati pa-- nsinda wa ku-- malizira wa nyamuya. Tsapano, akhasala kumaliziraletu akulu akulu ninga madumbzwi, ya kwentse kuti agonekane na bzwa ku-- na bkwamalo-- na bkwamala bzwa nsinda. Na ibzwobzwi, ndafika pa phampha pa ndime ya kufokotoza bzwa makhalidwe, ncidwe, moyo wa anyungwe ninga momwe ndida-- wonera na kubva makolo yangu, kubva, kuwona na maso. Ndine wanu n'nembi Remígio Escrivão José. Ntsiku zisere za mwezi wa cixanu bkwulu bkwiwiri na mapfhemba. Nyungwe - Moçambique.

Texto 17 - TPC

– Anango anemba (), mukuwona carro yangu? – Hey, ciao. – Ukuwona? Beni? Ninkhadziwa zimwezi. – Ciyani? Nkhuyenderatu! Kodi ndja caderno ndinembe iyi. Ciyani? Ninfuna kunemba carro. Carro, penu! yokhayo basi... ndiyenderetu.. (buzina?) – Lekani ndiyikhe apa ici, mwabva? Cirekeni pamwepa. – Lekani kuphataphata. – (risos) Cirekeni pamwepa. (risos e barulhos) Apa un'dzaswipiza. – Apa apa? – Ona andzangu (...). (barulhos) Nditando kunemba carroyo ()– Iwe, ndisiye, wabva na ntsapo?(?) Siya. Asiye, anembe. Iwe, nyamala. Ndapasiwa kwe. – Ine ndatazira. Susana, Tânia(?) lero alova? (...) lero alova? Querina, alewa munembe munembe mulivro carro? Ah:: alewa m'caderno? – Apa anemba lero. – Wawona dois wangu? – Apa manwana ndapanemba, na apa ndapanemba. Ndapasiwa gwa, gwa, gwa, gwa. Apa mangwana ndikunemba. Zana, tiyende, Zana, tiyende. Elsa! Na apa ndapanemba, basi. Aaaa, munembe caderno, carro, inde! Iri viri. Lamala /Yiwe! Umbaniwe, hi::! Carro? (gargalhada) (f.i.) Carro? ãã (...) Apa ndipasembo lapiyo ndipintalisiwa. Ndalunga! Banana! Mabanana mazindji yentse! Onani. Inde. – Ndamala carro ziwiri. Ine ndizo zinembe carroyo yokha, ndiyenderetu. – Ine ndanemba kaexpresso. () carroyo yokha. – Ine n'nembalini pomwe bwzwinango. Un'nembera kumuyi? Paphata ferrypo pa. Ndaro, m'pembo lápís de cor ndipintaliri carro yanguyi. – Wamala? – Iwe, ukudziwa bwzwentse! Aaan ine ndikuy--cadzongeka. – Aaa, unciyikha wekha. Unciyikha wekha, apa. – Penu ndipembo penu. Uniyikha wekha.– Ndjiponi ifwirayo? Iyi, ndaywona. – Ine ndaluza. (gargalhadas) – Ubzwiwikhe bwzobzwi. – Nin'bzwiwikha N'niziyikha. – Aaa, fulumiza, bwziwikhe. Alewa tani? Imwe kulumizani, ndipembo Feli. – Ati mukanembe, mukamala, mupintalimbo na lápís ifwira. – AJay aJay, mune-- mupintali carro zikakhale ninga ziwiri. – Indee. Indee. Inde, nin'membalini carro ine. N'nembalini ine. (risos) Indee. Alipo ali mukapintali zikakhale ninga ziwiri. – Wekha. () na womwewa? Inepano nim'male tsampanopa nopa nopa nopa nopa. Ine ndikuyenda apo. Hiyi ifwirayoo. Wabwera na amwewa. Nimpintaliri ndeke já. Ceru, ungamala, ndipembo. Iimwe, ukupintali imwey ifwiray basi? (...)pintali ifwiray basi! – Iimwe ndamala? Aaa mukusamwa penu! – Ndikusamwa ine, ndikupintali? – Baludya! Badikhirani ndiwsa(?) nde-- Ndalokota lápís. (grande gargalhada) Hiiiiiii. Oh, mukondoyikha pomwepapa(?) Ndipembo. – Badikhira ine... não pode pintar. Badikhira. Ukucedwa pomwe. Muci-- mwati tani? – Nemba, ine n'kanembera kumuy ine. – () kanemba wentsene? An'kandipfundzisa abale wangu. Ndoko, kanembe Hey, ndapfundzisiwa! Imwepo mulibe estima? Ndanemba ndeke. Leka nka Gota(?) atambira kwee. Alkupintali iyi, imwe! Ni-- n'nemba ndekha. – Atambira pfhee. – Apasiwa. Ndipintali ndeke yanguyi. Ati mukapintali ziwiri, basi! Xi, ndipintali ndeke yanguyi. – Não pode kumpswinkha imwe. Funa kunembatu inepano. – Unfuna ndipintali na lapis? – Pintali nandi na lapiyo. Unfuna ndipintali na lapis? Óoo! – Na lápís bwzimbadekambolini. Só bwzimbadekambo na lápís de cor basi. Maliza, iwe mawuyu madez dez yakoyo. Badikhira. – Ine ndatayziwa kale muEscola. – Ukubva, un'dzakwanisa (?) Badikhira. – (falas sobrepostas) – Ine katenga kagolo. () – Pintali pomwe imwe. Alewa cayi(?) Ndagwanako. mupintali, inango zikhale ziwiri zidapintali na ifwira. Alibe kulewa? – Tani? – Upintali imweyi zikhale ziwiri ziwifwira. – () kusaka ina. – Anango Alewadi. () umbadziwalini kunemba. – Yinde! Anango akudziwa tepayu(?) akhandisiya musala kuti umbadziwalini kunemba Ndeke. – Ndisiyeni. – Inepano ndatazira. Anelsa. Nelsa! He, ici nchangulini ici. Iwe unfuna kumala lápís de coreyo. Unkubva? – Iwe wamana lápís de cor yako. (...) kumana lápís de cor kukhala ninga yace. Lekani kuyimala imwe. Mukuwona? Búlio(?), acita kuyitula pompa? Acita kuyitula pompa? (gargalhadas) – Aaaa, cokani, nembani mwekha. Ndine professora wanu inepano? Bunio! Inde ciao. (?) vídeo. – Aykhiratu vídeo. Pfhudza ndikunembere cibololindoci. Ici ici penu, ndiyo iyi. Leruza(?) m'peni cakupfhudzira. N'bzwanumbo. Borracha. (?) cakupfhudzira ine? Ndisiyeni. Ona awa akunyang'anisisa. M'pembo ndipfhudzirembo iwe iwe. Imwe mwanemba kale. Ndakasiyambo. Féli, Féli, ukuwona cikutekenyeka? (risos, gargalhadas) Féli, nemba wekha.

Iwe, ukucita ciripa(?) undziwa coci...(risos, gargalhadas) unkumbuka coci cidakhala tani? Não é cifone, ici. Imwey ni fone iyi tu. Iyi ne rádio. Kaima(?) atoma kaberinde kang'ono? Fone ya kobiri iyi. Ona, coci. Humm. Cinkucosa foto. – Cikuwonesa vídeo. uciwoneka momu iyepo. Makani, basi! Ndiribe ine ina-- ina-- ina Katawyu(?). Nemba. N'nembenyi? Iwe, ndja Kalodzatu! (...) ciborracha ciri nkati. Ingati phokera? Ukumana?

Texto 18 – Conferencistas SIL almoço

- mwawona ...

– Mwatani imwe? Fungani pang'ono. – Lekani mantha. Ninfuna cinyungweco basi. – Āhāhā, na? Ife pano tikhambalewa kuti mesmo mukambapita Zambeziyu pang'ono munkamphata basi kucoka kuboma Cabora-Bassa uko (...) Nyungwe nchiyani? Nyungwe mbani? Nyungwe nkhwelwanyi? – Kulewa m'nyungwe n'mbana, munthuyo adabwadwa. Não é kuti munthu adabwera apfundze nawo, ati n'nyungwe, ngwathu. Não é tenepoyo. Ngati ine terepayo nkhwelwalewa namwe cinyungwe, na khumbati ngwathu umweyo? M'dayenda kale Iwepo kuDzobwe kule. Iwe m'bale wangu, un'dziwa nyungweyi (...) Nyungwe sikuti ni grupo ambati biridji, na?

Texto 19 – Telefone toca no Porto

– A::h– Ahaa: – N'kunyang'ana basa...

– Estou, sim, boa noite. – Ndine, Z, ndine. – Eh, imwe, xi, que surpresa boa. – Ahan. – Chiça, há quanto tempo! – Lewa, tibve. – Eh, tiri kuno ife, kubonera nawo, vida za-- za-- zakuno, zaazungu. – (risos). – (risos) Muli kubonera ou ni malewedwe? – Imwe, imwe, penu penu ni malodwe yamweya, penu já nkhu-- nkhubonera, imwe imwe! – Āãã. Tatzanda nayo vida iyi, kunyang'a-- kunyang'ana bwinthu bwa bwa kwakuphata. – Ahāhā. – Basa. – Ahaa – Basa iro lanesa. Lanesa basa. Ainda nda pomwe () ndagumana libodzi lero, – Ahāhā. – mas akhafuna kundipasa contrato () akundipasalini. – Thangweranyi? – Thangwe ndiribe Autorização de Residência iripo pa visto adandiyikha kuti “não sou autorizada para trabalhar”. – Āãã. – Já viu? Esse é outro problema que me vai fazer não arranjar emprego. Ou quando arranjar, tem que ser um que não dêem contrato e que isso também me prejudica. – Mas, iwe, ulibe () kukwanisa kumudar bwa bwa kwakuphata? – () Autorização de Residência inde ndiribe () ndjiru da pessoa que me atendeu, sabe? () eu já estou cá há cinco anos () não tem direito a Autorização de Residência? Iye nkhwelwalewa “Ah, só depois quando fizer seis anos pede logo a nacionalidade”. Se eu não quero nacionalidade, quero Autorização de Residência. “Ah, Autorização de Residência vai ter, sim, mas de estudante.” () ine já khu-- fiquei sossegada a pensar que era. – Ah, ninti alibe kucita ndjiru. Akhakumbuka kuti pinango ungafune wuyu ... nacionalidade ... kuti já uuu... udzamaliretu kubonera pomwe. – Nada, até foi ndjiru mesmo porque já tinha entrado aquela lei que seja estudante () não sei quê – Exacto. – () território português a mais de três anos, pode pedir Autorização de Residência. Já tinha saído essa lei. Só que () quando eles descobrem que a pessoa não está informada, então eles gozam com a pessoa. – Ya. – Aproveitam. – Iwe, ulibe kuyezera ku-- ku--ku—kukumbira wale ati dr. X kuti akuthandize umwewule nya-- nyaku-- ati ambati tani Casa de Moçambique – Portugal – Hāã. – Aaa, wanthu wale adanesa, wale. – Ahan. – Adanesa, só ambondothandizana entre eles. – Ya ya. – Humm. – Nem akulu wale ambaphata basa ku-- Centro kule ati aBoa-- aBoa-- , não é Boavida, ambati tani, aBoane, aBoene? – Nada!(bocejando) – Mas udayezera ou ulibe nakuyezera? – N'niyezera, mas, ahh, aquela gente, oh, pa. Ahh. – Uhuum. – Aquela gente ali, uuum humm. – Mas mba-- mbacita kuwapswetera. Ntereoyo, basa... kuti iwo ali bwino, iwe () Nem amwale umbacita nawo curso yako ya História wale, akulu wale ambati ayani dzina lawo, se angakuthandizembolini? – Penu, basi, ninkaabvundza kumweko kuti

ndithandizeni pelo menos ... se não for Autorização de Residência, pelo menos autorização para me dar autorização para trabalhar, não é? – Uhum. – Assim já seria um passo. – Yaa. – Seria um paso. – Mas iwe uli bwino, apa, tsono? – Ndiri bwino, ine, só uyuyi, basi, basalo, basi. – Já ukhadagona, ndikubva fala lakolo já-- – Ndikhagona já com tanta desmoria--desmoralização. – Uhuum, umbagona kweru? – Ndikhagona já. – Ahh. – Aquela coisa de deixa descansar um pouco, ona nkugoneratu já. – Yaa. – Huum. – Apa bzwa-- bwa--bzwauyu bzwakobzwo adati tani?... bzwimatese bzwakobzwo? – Ãã, iri kufamba pang’no pang’ono. Ndirikunemba, já entreguei um primeiro capítulo ao dr. X. – Huuum. – Uhuum. Entreguei o primeiro capítulo ao dr. x. Agora, estou à espera. Estou à espera de ele me dizer alguma coisa enquanto ele não diz nada, eu vou fazendo o segundo. – Exacto exacto. – É isso. Só que estou a fazer... (espreguiça-se), desculpe. Só que estou a fazer às cegas porque estou à espera das correcções que ele vai dar, não é? – Uhum. – Para saber se está tudo bem, se estou a ir no bom caminho... Tsono, hii, dr x dele é muito ocupado. – Yaa, wentse, xamwali, wentse. – Hiii, muito ocupado. Nem kulewalewa bzwa tempo alibe. – Uuum. – Só espero que no dia em que ele for me entregar as correcções, tenha pelo menos tempo de ficar comigo pelo menos uma hora de tempo. – Uuum. – de explicar tudo, que olha, isto () kulewalewa alikuthamanga, alikufamba, eh pa! – Uuum. – Eh pa, isso... – Mumbanemberanalini maemail? Pinango ucimbanemba, unimuwuza bwentse bzwomwe bwirikukunesa, iyembo ankutayira, mumbacitalini terepoyo? – Penu, basi, acindiwuza bzwimwebzwo já poderia ser outra coisa. – Uhuum. – Poderia ser outra coisa. Mas eu vou ver, quando a gente falar, vou dar essa sugestão e... também vou dizer que olhe gostaria que tivesse sempre o trabalho para que quando houvesse qualquer coisa para acrescentar até pôr uma observação, não é? – Yaa. – Podia pôr uma observação e depois enviava-me um email, olha acrescenta algo neste sítio, acrescenta ali neste sítio. – Uum. – Mas... – Uum. – Op, pá. – Uyu, tani, kumuyi? Umbatambira uyu, mafala ya kumuyi? – Nibatambira uma vez e outra. Alibembo kobiri para me telefonar toda a hora, mas às vezes falo com a mana x por email, não é? – Uhum. – Mando uma carta e e, falo com ela e responde-me se está tudo bem. – Mas, tani kumweko ali bwino iwo? – Ali bwino, ããã, ali bwino. – Godi gole-- gole Lino ni gole la ndjala, kulibe kubvumba bwino kumweko ou idabvumbisa? – Inde, inde kulibe, kulibe kubvumba bwino. Apa hii... com aquelas cheias que houve. – Uhuum. – Heehi, hum, não sei como é que está aquela gente lá. – Ali kuSongo ou ali pakaNyungwe pale? – Nada, ali kuSongo. – Hãã. – Ali kuSongo. – () ukhati ambaphata basa m’Banco, na? – Um, Uhum. – Ah, já... ali ali te-- ali bwino pang’no, na? – Ali bwino pang’ono, ah. Agora o problema lá é dos velhotes por ser reformados. – Yaa. – Mas, olha... – Acimatambira tuma reforma twawo twa nem kugula munyu tunkwanalini nee. – Inde. – Ahuum. – E depois eles não falam. Quando eles estão a passar crise, não dizem nada, ambondoti “ah, está tudo bem, está tudo bem” que é para não nos preocupar, não é? – Yaa. – Ficamos sem saber. – Ni nsambo wa wa waakulu akulu wa kale wale. – Inde, ambalewalini. Ambatondi “está tudo bem”, iwo na’dziwa kuti akupassar dificuldade. – Iyaa. – Mas não dizem nada. – hoo. – Inde. – O seu trabalho, como vai? – Ah, ni ni apa ndirikulewalewapa, ndaba wuyu... telefone ya kuno basa. Bem, ndiribe kuba, ndakumbira mwanzangu kuti “tani, ninfuna ndibve uyu novidade za...za anantsi. Ndiye andiwuza ati ah cita, utelefonaliri... Não, ah, basa langu liri... likhala ninga layima yima thangwe bzwinfunika kuti ine pano ndiyende kuMoçambique kacita... – Ah, trabalho de campo. – Trabalho de campo, ya. Ndipopo já... Tsono kuti ndiyende kumweko, tem kuti ndikumbire uyu kuno... (estalido de língua) ndikumbire ningati ati... financiamento, na? – Inde (). – () kuti andipase financiamentoyo tem kuti ndiwaw-- ndiwaw-- ndinembe bwentse “ninkacita ibzwi, ninkacita tani, terepayu, terepayu, mundipase ibzwi thangwe la bzwakuti”. Bzwimwebzwo ndibzwo ndiri ndiriku-- ndiku-- ndikutoma kucita. – Ãaaa. – Uuum. Lero ndalewalewa naye uyu wangu ambandi-- orientador wangu. – Uhum. – acindiwuza kuti cita tere cita tere, udzandi-- udzandi-- udzandirize,.depois tidzagumane pomwe. Yaa. – Ok. –

Ninfuna kuwona penu ndiyende um Outubro... akandipasa kubiri n'niyenda mu Outubro. – Pois é. – Yaa. – Uum. Kalani na força () ajudinha aí. – Pois, porque, quer dizer, só de passagens é uma média de 1.000,00€, hii, n'bwizindji. – Ããã. – Kusaya kulewenga na zinango zaku ukafika kumweko zaku-- unkadyanyi, – Sim, hospedagem

– Lanesa basa! Ine ndagumana libodzi lero mazi akhafuna kundipasa kontrato, mazi alikundipasalini kontrato mas akundipasalini. – Thangweranyi? – Thangwe ndiribe atorizasaw de residensya ipo pa visto pa pa andiyika kuti não sou autorizada a trabalhar. – Ahaa:: – Já viu, esse é outro problema que me vai fazer não arranjar emprego, ou quando arranjar tem que ser um ... que que no no no dêem o contrato e isso também me prejudica. – Mazi iwe ulibe ulibe ku ku kukwanisa ku ku kumudali bzwimwebzwo kuti ukhale na visto ya wuyu-- – Ya atorizasaw de residensya inde ndiribe, sabe até ni ndjiru da pessoa que me atendeu, sabe! Porque eu até perguntei a pessoa olha eu já estou cá cinco anos já apa não tenho direito de autorização de residência? Iye nkundiwuzwa “Não, só depois quando fizer seis anos pede a nacionalidade.” Disse ah nacionalidade se eu não quero nacionalidade, quero autorização de residência! – Uhu:m – Nkhuti a:h, autorização de residência vai ter sim, mas sim de estudante! – Uhu:m – Nkhumbandiwuzwa kuti tenga autorização de residência mas de estudante, yine jay nkumba fiquei sossegada pensando que era -- – Não na-- ninti alibe kucita ndjiru uyu thangwe akhakumbuka kuti pinango ungafune: wuyu: nacionalidade kuti ja: u: bzwi-- udzamaliretu kubonera pomwe na? – (respiração) Nada até foi ndjiru mesmo porque já tinha entrado aquela lei de que seja estudante ou não sei quem... – Exacto – Stiver a residir em território português há mais de três anos pode pedir a autorização de residência! – Uhu:m – Já tinha saído essa lei. Só que esses tipos dos SEFs aqui, quando eles, descobrem que a pessoa não está informada, então eles, gozam com a pessoa! – É verdade, é verdade. – Aproveitam! – Iwe, ulibe ku ku kuyezera ku ku kumbira wale ati dotori X kuti akuthandize umowule nya nya ati mumbati tani kwanuko, Casa de:: Moçambique – Portugal? – Yi: “Espaço Moçambique!” – Ah – há:, wanthu wale adanesa wale! – Aha:n – Adanesa, so: ambandothandizana entre eles. – Ya ya – U:m – N'ne akulu wale ambaphata basa ku kuCentro kule ati Abowa Abowa, nowe: Boavida, ambati tani Bowe--, Bowane, Bowene? – (Bocejo) Nada:! – Mazi udayezera o: ulibe nakuyezera?! – N'niyezera, mazi ah aquela gente ali, o:pa, o:: – Uhum – Aquela gente ali, umm hum! – Mazi mba:, mbacita ku kuwapswetera, nterepoyo basa kuti, iwo ali bwino ... Yiwo:, n'ne n'ne: amwale umbacitanawo kursu yako ya istoliya wale, akulu wale ati ayani dzina lawo siagakuthandizembolini? – Penu basi, ninkaabvundza kumweko kuti onani ndithandizeni pelo menos, se não for para autorização de residência pelo menos para me darem autorização para trabalhar, ne:?! – Uhum – Assim já, ja- seria um paso. – Uhum – Já seria um passo. – Mazi iwe uli bwino apa, tsono? – Ndiri bwino yine:, so wuyuy basi, basalo basi. – Ja: ukhadagona, ndikubva fala lakolo já: ninga kuti ... – Ndikhagona jay com tanta desmorili-- desmoralização (riso) – Aha:, apa umbagona kweru? – Ndikhagona jay... — Aha: – Mas é aquela coisa de deixa descançar um pouco, ona nkhugoneratu jay. – Uhum – Apa bzwa bzwawuyu bzwakobzwo adati tani tsapano (20s) bzwamateze bzwakobzwo?! – (20s) bzwamateze bzwakobzwo?! – Uhum – Uhum... Uhum – ...entreguei o primeiro capítulo ao X – U-- – agora estou à espera – Uhum – Estou à espera de ele me dizer alguma, enquanto ele não diz nada vou fazendo o segundo – Exacto exacto – Uhum, é isso. – Uhu:m – (bocejo) – Iuhu:m – (bocejo) Só que fazer, hai. desculpe, só que estou a fazer às cegas porque estou à espera das correcções que ele vai dar né:... – Uhu:m – para saber se está tudo bem, se estou a ir num bom caminho, tsono yih, dotor X dele é muito ocupado – Ya wentse xamwali, wentse! – Iyi:, muito ocupado n'ne kulewalewa bzwa tempo alibe... – Uhum – Nada, só espero que no dia que ele for me entregar as correcções tenha pelo menos tempo de sentar comigo uma hora de tempo... – Uhum – pra me xplicar tudo que olha isto é assado cozido ambandolewalewa alikufamba, kuthamanga, eh, pa! – Yah! – Eh, pa, é isso (fala incompreensível)... – Mu mumbanemberanalini ma emeli, pinango: ucimbanemba

na emeli unimuwuza bzwentse bzwomwe bzwiri kukunesa iyembo aciku:TAYIra, ambacitalini terepoyo? – Penu basi, até angadacita bzwimwebzwo, jay até seria outra outra coisa! – Uhum – Seria outra coisa! – Uhum – Seria outra coisa, mas eu... vou ver quando a gente falar vou dar essa sugestão, e: também vou dizer que olha, gostaria que ele tivesse sempre o trabalho, pra que quando houvesse qualquer coisa pra acrescentar, ele até podia pôr uma observação, ne: – Yeah! – Podia pôr uma observação, envia-me via email que olha acrescenta algo neste sítio, acrescenta ali neste sítio! – Uhum – Maji... – Ya – oh, pa! Uyu tani kumuy, mumbatambira uyu m-- ma mafala ya kumuy? – Nimbatambira uma vez e outra, alibembo kubiri para telefonar toda a hora mas às vezes falo com a mana Y pelo email, nowe:? – Uhum – Mando uma carta, e: falo com ela, ela responde-me se ta tudo bem – Mas tani kumweko, ali bwino iwo? – Ali bwino, ahan, alibwino... – Kodi gole gole liro ni go: gole ra ndjala liribe kubvumba bwino kumweko o: idabvumbisa? – Kuliibe inde, ihi kulibe kubvumba bwino, apa ihi: depois com aquelas cheias que houve... – Uhum – Ehe:, não sei como que está aquela gente lá! (fala incompreensível) – Ah,ali kuSongo o: ali pakaNyungwe pale? – Nada ali kuSongo... – Ahã – ali kuSongo... – Ba-- bomwewa ukhati adaphata basa m'banko na:? – U:m, uhum – Ah, ja: alirinin-- ali bwino pang'ono – Ali bwino pang'ono, ã:, agora o problema lá é dos velhotes, professores reformados – Eya: – (clique com os braços) mas olha – Amba ambatambira twareforma twawo ne:, ne: kugula munyu tu: tun'kwanalini – Yinde! – Uhum – E depois eles não falam, quando eles estão a passar crise, não nos dizem nada! Ambandokutiiza ku-- Está tudo bem, está tudo bem que é pra não nos preocupar, ne:? – Eya! – Ficamos sem saber. – Ninsambo wa wa akulu-akulu wakale wale, eya. – Um: inde, ambalewalini, ambondolewa stá tudo bem, stá tudo bem Yiwo an'dziwa kuti alikupasali difikuldade konkule. – (baixinho) Humm – Mas não dizem nada ... – (fala incompreensível) – Não dizem. – (fala incompreensível) – E aí, o trabalho como vai? – Ah, ndirikulewalewapa ndaba uyu terefoni yakuno kubasa, que-- dze-- ndiribe kuba ndakumbira mwanzangu ndati tani ninfuna: ndibve wuyu navidade za za aNAntsi, ndiye andiwza kuti ah –: (fala imperceptível) – Ndiye andiwza kuti ã: cita telefonaliri –: O: – Ya:, basa langu liri ... lidakhala ningati layima-yima thangwe bzinfunika kuti ineapano ndiyende ku kuMusambike kacita – ã:, trabalho de campo. – Trabalho de campo, ya. Ndipopo já: tsono kuti ndiyende kumweko tem kuti ndikumbire wuyu kuno, (clique) ndikumbire ningati ambati financiamento na:? – Yinde, tem que pedir... (fala imperceptível) – Pla kuti andipase financiamentoyo ten kuti ndiwa ndiwa ... ndinembe bzwentse ... ndi-- ninkacita yibzwi, ninkacita tani, terepayu terepayu, mundipase yibzwi thangwe rabzwakuti na bzwakuti. Bzwimwebzwo ndibzwo ndiri ku-- ndiri ku-- ndirikutoma kucita. – ã: – Hum:, lero ndalewale – wuyu wangu ambandi – orientador wangu... – ã: – ...acindiwza kuti citatere citatere, wandiwza ndiye, udzandi-- udzandi-- udzandiratize depoj tidza-- tidza-- tidzagumane pomwe tani. Ya: – Opa: – Ninfuna kuwona penu ndiyende mu Outubro, akandipasa kubiri n'niyenda mu Outubro – Pois é: – Ya: – Ihi:, oh, pa, olha força aí há-de há-de sair qualquer ajudinha aí. – (fala incompreensível) Pois, porquê só de passagem, uma média de mil euros, iyi, mpswizindji! – Ahã: – Kusaya kulewenga zinango uka-- ukafika kumweko unkadyanyi – Sim, hospedagem – Eh: eh: – Essas coisas todas, deslocações – Exacto exacto – Fotocópias não fotocópias, revistas – Eya eya – Yinde, mbayikhani pamwepo mukacita wuyu: kaorçamento do que vai gastar, ikhani pamwepo kâmara fotogrâfica, ikhani uhum: coiso pra: – Eya: nkada, lero ndiribe kumuwuza bzwimwebzwo ninfuna ku ... kumutoma pang'ono pang'ono na: eya: kuti lero ndam'kumbira bzinwango ehe: ya kâmara fotogrâficayi yibwino kwene-kwene thangwe ncimbati onani akhalewalewa tirepayuwa mbomwewa. – Mbamwewa, sim – Akhacita terepaywa mbomwewa – Gravador de voz pra gra-- – Eya: – pra gravar as entrevistas. Isso vai ser necessário também: – Yinde, yiwe X () ambaphika tani masendera? – (fala incompreensível) Ndiribe kuperceber!? – Ndati inde:wandikumbusa masendera masendera ambaphika tani? Un'nkumbuka, un'dziwa? – Ihi:, nada – Nada. – Nada, masendera é aquilo que fazem com

sementi de de abóbora na? – Ah, pinango angayikhe bzmwebzwo mazi amba – ambacita wuyu cimanga: cakudera na manduwi! – Ih:, já: ndayebwa ja – (fala incompreensível) – Ndayebwa porque não estou a ver bem qual é o prato, se é aquele kucita senmnti ambadera kucita ninga mafuta, na? – Ahã – Depois ninkhuphika nayo – Ico não é ciwombo ico? ... ninti nci-- ciwombo, ninti mpswimwebzwolini. Masendera yadakhala ningati, bzmwebzwi makaboverdiano ambati kacupa, tsono ife timbayikhalini nyama cibereco na:: na nthuWIro ... na nthuwiro. – Ahã: – yiwe wuyu wangu andi andi wandibvundza nyakulewalewa ciNyungwe akuwuze ambacita tani i i i penu khuphika ntsima, penu nkhuphi mikate, bzmwome un'dziwa kucita: ungandiwze? – Ihi, mikate até sei um bocadinho, ntsima nimbadiwambo, mas esse outro já não sei como! – Mas ndiwuze bzmwome umbadiwa ku kuphika, lewa ambaphika tani! – Yine nimbadiwa kuphika nkhangwe – Nkhangwe ambacita tani, lewa tibve. – Nkhangwe ambaphata madobrada yale – Ahã – Nkhuyatsuka bwino ... na: as tripas – Uhum – Lavar bem as tripas ir cortando aos quadra ... ir cortando aos pedaços pequenininhos nkhangwe nandi! – Uhum – a dobrada e enrolar na tripa – Uhum – Enrola-se na tripa – Mas tnkufala ... tenku kulewa paciNyungwe – (riso) – (riso) – Depois, ambaphika na ... Ah: como se chama aquilo pulmões, masapi na? – Ahã, masapi sim – Pulmões e fígado ... – Hum – Junta-se com aquilo e khumbacita ninga wuyu: kadjonco à parte – uhum – Depois, nyama yire inga ingakhala já bwino yatokota nkhuikhya kuymistirari ai no kadjonco – uhum – Nkhusanganiza mukadjonco mule – uhum – E é assim que que se faz o o nkhangwe – []- [] é assim que se faz o o nkhangwe – (fala incompreensível) – Agora, (clique) wuyu nin'dziwalini bem bem ndibzwo ambayikha m'mikate, nin'dziwalini bem bem ambayikha ciyani? – Uhum – Mas ineapano ningavundze mana X – Uhum – Angandiwuza, depois, eu mando uma mensagem para si na internet – Uhum – Um – Therere la lakadududza ambacita tani? – A: therere liripo la lakukhwakhwasa na lire la: la ninga ambacita gizado na! – Uhum – Lakukhwakhwasa é só kutenga:, ambagwata na às rodelas therere lire – Lakubala limwero já – Uhum, there lakubala li --, podi até mu-- ule katsapi ambacitambo tenepa wule – Uhum – Katsapi nya tsamba wule – Uhum – É mesma coisa é só levar aquilo, se for labula, nkhuwata às rodelas. La: ma lamatsamba é só inteirinho. Ambacita wuyu:: ai: (clique) Ndirikuyebwa dzina, mazi ambatenga – Aham – As cinzas, dipoji de kuphika na? – Aham – Leva-se as cinzas – ndayebwambo yimweyire – Tem um nome, estava-me a vir à cabeça, dirikuyebwa – Aham – Ndirikuyebwa – Ciku – Cidulo – Cikungu – Uhum – N'cikungu na? – Cikungu o: cidulo? – Ahã: ninti n'cikungu ndakumbuka – Ambatenga umuwle ... Aquelas cinzas – Uhum – Põe-se numa: numa panela assim, ninga coador, na? – Uhum – Mas um coador que deixe penetrar água muito lentamente – Uhum – Kuyikha madzi padzawlu ya-- daquelas cinzas – Uhum – Água assim morninha – Uhum – E deixa-se escorrer. Aquela água quando escorre, escorre um bocadinho assim: tipo ácida ou qualquer coisa – Uhum – E depois pega-se aquilo é que se põe lá em vez de pôr água lá no quiabo, ntherere mule, khuyikha cidule cire – Uhum – Põe-se esse cidulo. Cozinha-se, põe-se sal, põe-se tomate, põe-se cebola, ao gosto da pessoa – Ah, ine nkhati cikungu cire cimba cimbacitira ningati munyu pomwe, cimbasuzira munyu, cimbasuziralini munyu na!?! – Munyu pode kuyikha pang'ono... – Uhum – porque aquilo já fica assim meio salgado – Ahã: – Pode kuyikha pang'ono munyu – Uhum. – Pode kuyikha pang'ono munyu. Winango ambacita só na na na madzi yomwe yale yacidulo na munyu, basi. Água e sal, está a andar, não é? – Uhum. – Winango ambayikha já tomate, ambayikha cebola, imbakhala ninga guisado já. – Ya. – Uhum. – Basi, khalani bwino. – Onani, hii, foi bom ter telefonado. – (risos). – Humm. – Não acredito. Estou a rir-me porque não acredito. Ukhadagona, já wayesa ningati ndaku-- ndaku-- ndakuchatear. – Não, não. Nda, (risos). Nada, foi bom. Há muito tempo que a gente já não falava. – Pois é, não sei penu já minyezi... minyezi miwiri. – Há muito tempo que a gente já não falava. – Humm. – Foi bom. Kugonaku, imwe, nkhuweta. Ndafamba lero. – Kufamba, na? – Ndafamba kwene kwene kunyang'ana basalo. () pacamapa, katulombo nkhubwera já. – Uhum. – Thangwe lakuneta. Lero até

n'ninembalini teseyi. N'nigona até mangwana. Senão vou passar toda a semana cansada. N'nigona pang'ono. – Uhum. – Mangwana, ningalamuka, n'ninemba. – Iwe, wadya? – Ah, ndadya pão, basi, pomwe ndafika. Ndadya pão. – Ah ah, iwe, mwanawe, ulikuboneratu! – N'khudzakhala pacamapa, já nkhuboneratu... na ciya na kuneta... (risos). – Iwe, XX, ulikuboneratu! Kudya pão (), basi!? – Hii, ndirikuboneera, ndikubonera, kudya pão – Ah, ah! – Aaah, imwe imwe. Até tenho aí uns pedacinhos de frango para kuphika. Mas na ciyaci... ah, na ciya, na kuneta, ndati nada, n'nimphika mangwana. N'nidya pão, n'nigona, n'nidya mangwana. () – Apa, masikati wadyanyi? – Masikati ndadya. Almocei. Comi na rua. Não comi quase nada. Tomei *croissant*, tomei um leite. – () – Ndafika pamuyi pano... Estes últimos dias estou a abater muito os quilos, muito mesmo. – Exacto, kuwonda na ndjala, na bzuwukumbuka. – Na bzuwukumbuka, é verdade. Já emagreci. Estava a pesar 53, hoje fui para a balança, estou com 49. – Ah, ah, ah! – Estou com 49. É verdade. – Iwe, leka kucita nsobwetu! – Imwe, imwe! N'nidya, n'nidya. Às vezes, nkhusaya mesmo. Kuti apa lero n'nimphikanyi? Ine kubiri não fui, não fui... não tenho emprego, não estou a receber. Até ambandiciza dra. X, pang'ono. – Ya, adandiwuza ati “ah, inembo ndiribembo caku cakumunyang'anira, ndipopo ndiribembo... nimbantandizalini kwene kwene thangwe inembo ndasayambo”. Ndibzwo adandiwuza. Adandinembera email ati “ah, tikhaceza... ndikhaceza na X, tida-- tida-- tidadzagama iwepo, ndicibvundza thangweranyi kusaya kubwera, tani”. Apa andicemera ati ndibwere para reunião dia 23, penu 23 – Uhum. – Mas ine n'niyendalini. N'niyendalini. – Oh, pa, iye ambandiciza pang'ono, ningayenda konkule cancitira limpeza uma vez por semana – Uhum. – Ambandipasambo ou kavinte euros ou kavinte e cinco. – Uhum. – Eh, mas, hii, as contas são muitas. – Pois, são muitas, pá. – São muitas: a Residência a pagar sozinha, depois isto está a 180. – Apa, muquartomo uli wekha ou... – Ndiri, ndiri ndekha. Ndiri ndekha. Na outra Residência é onde há quartos duplos, adandiwuza kuti kulibe lugares. – Uhum. – Kudzabwera kuno nesta Residência onde eu estou, só tem quartos assim individuais, mas são muito pequeninos, muito desconfortáveis. – Uhum. – Uli kulewalewa kuno, avizinho ali kubva. – (risos). – Unganya pfhuzi, avizinho ali kubva. – Nkonono, mpswibodzi bodzi, basi? – Ooh, un'bvaletu porque tem umas divisões ninga madeira, eh, pá. Não sei como nos põem nestas condições ainda a pagar 180€. Está a ver? Não, não tem privacidade nenhuma. Ukati... Apa, ndirikulewalewa, vizinhombo ali kubva. – Ali kubva. – Inde. Porque é como se estivéssemos no mesmo quarto. – Haa. – Inde. O que... o que nos separa é só ka ka kaparede ka kawuyu, kamadeira. – Haa. – Está a ver? Mas, oh, pá. E vou estando aqui. Agora, outra coisa, eu costume receber produtos ali na... naquela Associação que ajuda estudantes carentes, esses do... Pastoral Universitário. – Uhum. – Ambatipasa mpunga, massas esparguete, bolachas, mas apa mpungayo na massa esparguetiyo n'nimphika tani? () Ndiri-- ndiribe nyama, ndiribe ntsomba, ndiribe (risos). – (risos). Imwe, imwe, vidambo zandonesa izi (risos). – Mas iwo amba-- ambakupasani bzuwimwebzwo kuti mupembe kuti mucite tani? – Nada, ambo-- ambatipasa mesmo tuajuda a estudante e comunidade carente. – Alibe... alibe nsambo wa kuti ah, mwa-- thangwe tikukuthandizani, imwembo tem kukhalambo tenepayu, mucitani-- mucitembo tepayu, nada? – Nda, nda, nada. Nada, palibe. – Ããã. – Quem... anfunu kupemba, ambayenda kapemba. Quem... quem quer ir a igreja, vai. Depois, é só uma vez por mês, aquela missa alusiva a África. – Uuum. – Faz-se em todos os finais do mês. Quem quer, vai, quem não quer, olha... Muita gente até costuma ir porque depois dão almoço de borla. Ndipopo wanthu azindji ambayenda. – Uhm. – Mas, caso contrário, eles não não não obrigam. Não obrigam e a gente recebe os produtos e às vezes até tingakhala na sorte, bzuwinkakhala bzuwa kuBanco Alimentar... – Uhm. – ambatipasa nkaka, yogurtes... – Poxa! – Então, – Wawona munthu wadzakhala ningati ulibe, ngati ulibe mandja, ningati ulibe nsolo, ningati ulibe minyendo, kuti, iih, bzuwanesa haãã. – Inde, bzuwanesa. – Kukhala ningati kuthandiza uyu, munthu uyu... nyakulemala, nyakusaya uyu... – Inde. – Ine m'bale, wangui, ndidakhalambo nayo ndjala... bzuwomwe unkulewabzwo já

n'nibzwidziwisisa bwino bwino. Apa ukhalewa pale já kucita ningati nsozi munsolo thangwe bwimwebzwi cadidi inembo n'dabzwpita. – Uumm. – N'dabzwpita. Munthu kubonera kumweko () padzulu, kunyang'ana pantsi, kunyang'ana cipande yici, cipande ucisayiratu mesmo cakucita. – Kusayiratu cakuphata ou kuponda. – Kusayiratu pakuponda é n'cadidi. – Inde. – Eh, pá. – Kusayiratu pakuponda. (estalido com a língua) – Ou ungadakhala... unfunalini ku-- kudzakhala kuLisboa? – Onani, ningagumane emprego, ine ndikuyenda. Onde encontrar emprego, onani, ndirikuyenda. – Yaa, pá. – Porque agora já não dá para escolher kuti ninfuna kukhala uku, ninfuna kukhala kuponi. – Ya. – Nada! Onde encontrar emprego, eu vou. Já me disseram que aí há muitas ofertas de emprego. – Uum. – Agora, o único problema que tenho que resolver é esse visto de Autorização de não trabalhar – Uum. – eu tenho que desfazer isso porque senão em todos os sítios onde me aceitarem... – Uhum. – não... aí em Lisboa até pode haver possibilidade. Porque há uns patrões também que aqui mas, não é? – Uhum. Porque conheço que já estieram na mesma situação e o patrão deu contrato, a pessoa levou o contrato para a Divisão Nacional do Trabalho – Uhum. – o contrato foi carimbado e depois de ser carimbado a pessoa levou para o Serviço de Estrangeiros e Fronteiras e o Serviço de Estrangeiros e Fronteiras com contrato na mão não tem como negar. – Inde. – Mas agora assim quando querem dificultar, () pronto, dizem, olha, estamos à espera dar Autorização. Os do SEF também ungayenda kumweko começam-se a chuatar a bola entre eles. – Uhum. – E a pessoa fica fica ninga dzenga, na? Pakati pa. Agora, depende da do da Entidade Patronal que apanhar. Se forem de boa fé, dizem, olha, nós já adiantamos, está aqui o contrato. Leva para o Serviço de Estrangeiros e espera ouvir o que é que vão dizer. – Uhum. – Mas há outros que não querem ajudar-te dessa maneira. Não querem. Imwe, bzwinthu bzwanesa ibzwi. () bolsa também não aparece, nem nada. Até nem vale a pena contar com bolsa porque () já não vou conseguir mesmo. – Uhum. – Porque parece que para mestrado eles dificultam também as bolsas. Só com se for para doutoramento, ambapasa. – Uhum. – Mas, aah, foi também falta de sorte. Eu vi muita gente que concorreu comigo, conseguiram bolsa. Ine ndiribe kukwanisa. – Uhum. – Ndiribe kukwanisa. Mas pronto, (estalido com a língua). – Yaa. – () nestas condições. E tenho me alimentado muito mal ultimamente. Muito mal mesmo. Estas preocupações, ou ndirikufamba, ningafika, ndaneta, já não tenho paciência para cozinhar, nkugona. Ou ningafika porque tenho mpunga, ndiribe nyama, ah, () mangwana n'nidya, é outro dia. Ndikufamba. Iih, já abati muito. Hoje subi para a balança lá no no Posto de Saúde, fiquei muito... estou um bocadinho... – Até iwepo ukhana kankombo kabwino, já ninti ka() – Aah, katerera já. Katerera já. (risos) Katerera... – Yah. – Está bom. () vai dando sinal porque nós outros não temos dinheiro no telemóvel. – Yah. – Quando puder, vai dando sinal. Eu também quando entrar na internet, vou dando sinal. É isso aí. – Yah. Ciao a ti, yah? – Ciao, muito obrigada. – Obrigado eu. Beijinhos, com licença. – Beijinhos.

Texto 20 – Entrevista de emprego

Tsono ineapano nimbakhalalini pano. Nimbakhalalini pano. Apa nkhafuna kucoka dia sete depois de amanhã. sabwa(?) tina reunião, tin'cokalini. dia yanyi? n'na quinze dias. N'kakoka pale ndikuyenda kuChimoio. Awa ambandidziwa. Ndati(?) apa ni meninoyo basi. M'bodzi yekhaya basi. Mukadzam'phikira, nkudya na imwe basi nkukhala. nkumbawona pamuy pano pali tani pali tani, basi. – Até... – Pode kugona pano. – Uhum. Às vezes mukafuna kugona kuNyamabira khumuwuza mun'gona –Khugona. Wuyu kodi ku... Penu munfuna Penu penu... – Penu munfuna kubwera kuMatema... – Hum. – Pode kubwera. – Ndipopa iwepo.. tem kugawa preço... (gargalhada) Hahaha... yakuti imwepo mwadziwa kuti pano palibe basa. – Hum. – Hãã. E um milhão munkulewa imwepoyo, ine nimbatabiralini um milhão kubasa kwangu. – Sim. – Não estou a lhe obrigar, na? Thangwe imwepo tem kuti muti tani,

mucadjembo(?) preço yomwe..., yomwe andzanu panombo akhayitambira ou ni... mukati muthumizirambo ni pang'ono, ne inembo... inepano ningacite ikamala mwezi inepano ne ku-- ne ku-- kudza kudzakupasani kudzakupagali kubiri thangwe ndiribe. Mwawona! – Kulewa lewako já bzinango bziwiri... Bzinango(?) munkulewa tani? (risadas) Na yewo(?) kulumizani pano mundi...ire penu AEliya? (riso) Pano pano ndiripo mundiphikire ntsima yire ndabwera na m'bale wangu. M'bale wangu wacokera kuPortugal, aEliya. Ndikadatongana na na akazanuwa. – Ali ku? – Awa awa penu. Awa mba doutor acokera kuLis-- boa, ambakha-- – akhakhala kuInglaterra, kuHolanda ambabwera pacixanu. Abwera kubasa ne kundiona ne. (inaudível). – (inaudível). – Muniwadziwalini. – Ywepo apo m'bale wakoyo anati kubwera. – Anati, ambakhalalini muno. – Humm. – Hum hum. (riso) Umbakha-- ambakhalalini muno. Ndiphikireni ntsima ya m'gaiyiwa mas muciti kuxiririsa bwino bwino, adyembo – Amphika. – Huum. Ninfuna yakudyayire paobra yire. Adye bzuwacisendzi bzuwathu kuno. – Ndibzwo nimbafuna, ndibzwo bzuwimbapasa mphambvu. (riso) – Mwawona. Onani inepano ndipangane nawo awa. Omwewa an'ndiphikira apa awa? – An'mphika, hãã. (inaudível) Hãã, tsono an'dziwawa ndiwo an'dziwa kugona ambagasa tani moto, bzuwentsene, amwewa an'dziwa. – An'gasa omwale, inepano n'niphika. – Uum. Lewani bwino preçooyo tibve. – Ninfuna kundi-- Tá bom... – Huum Umm – Vai fazendo essa coisa... – Lewani ndibve peresoyo... – Trezentos, basi. – Trezentos? – Yah. Mukhale pano. Mukadzaza pano mumbayende kule ku umbani... Até yambiratuni apa jay. AEliya ankupfundzisani. Tem kuti muphike ntsima pano. Ne pano ni ndjala iri pampano! Hum Yakusaya kudya phoso pano! ãã! Haa podi. Haa nimbadya. Kapanganeni kule na amuna... aaa ok. Ninfuna muphike ntsima ya m'gaiyiwa mukhwakhwathise kwene kwene tikagule bacalhau ou cikowa ndidyere na m'bale wanguyo pano. Bzuwamala. Mizimu yawoneka. Umweyu ni mpfumakazi yababathu m'bodzi yekha. Babangu amba-- yi-- Ni ntsiku ikulu kwerekwene kwa inepano kuwoneka kwa umweyu. ãã, vamos lá. Eu... Depois mukamala ninkuphikirani pampano. Ein, mas antes quero dar contas contigo. hãã.

Texto 21 – LisboaFaro

– Ndine W. – Então, W, una moyo iwepo? – Ndire bwino, imwe muna moyo? – Ine n'na moyo, ine. – Mukhadagona? – Nada, ndikugona, ndalamuka tsapanopa kuti ndiwonembo jogo, pá. – Mbani aku-- aku-- akucita jogo imweyo? – Akujogar Vitória de Setúbal na Porto. – Ah, na Porto, ya. Imwe ndimwe aportista, imwe? – Nada, ndine Boa Vista, ine. – (risos) Ah, ine ndine portista. – Pois é, Porto akuganhar 3-0. – Akuganhar 3-0? – Huum. – Hiiii! Ai-- ai-- ayipiratu, ya. – Pois, pois, pois. – Ya. – Uhuum. – Diogo adandiwuza kuti imwepo mudakondza festa ikulu ya-- Ya. – ya ya 07 de Abril. – 07 de Abril... – Hii, xam-- xamwali, imwepo ne kundicemerambo ine, ne? – () porque foi de repente porque estávamos à espera. Kubiri ya. – Uhuum. – Acindithusirambo pang'ono () adandithusira lini, 5.^a-Feira. Heyi. – sábadu ticitambo kafestako jay. – Inde. – Ndabva kuti imwepo ndimwe akulu kumweko. – Haa, mumbandokubva, penu. (risos). – (risos) Mas, até ndakomwedwa kwene kwene. Imwepo muda-- mudacendjera.

Texto 22 – Emissão em nyungwe, gravado do rádio

Ah, John Cibadula, ah John Cibadula n'nimutenga kuti atiyimbire nyimbo... nyimbo zace zingasi? Nandi, ndicite kuwona bwino bwino. Nyimbo zace zintatu. Atiyimbire zintatu. Zintatu na thangwe ni munthu wa kuno kuTete, ndipombo bzuwomwe iye akhayimba mpshwakubveka m'nsolomu. () ntsiku ya malinkhuma, nandi? Kuperekeza omwe nthawe zinozi ah, anango ali kuti n'ne, tingatirini kuti ah lero ni fim de semana tikhale pamuy, ayayi. Tumanduyi tun'dzaphata n'chendje, tumataka tun'dza--, tuma-- tumatanga tule tun'dzadzongeka ()

katenge tenge. Tumulo-- tucimanga tule (). Anango ati na kantamboka ndikacite kutema - kubvani kuno () n'damanika rádioyi. Anango ati ah tiri muno nkandere ndere, timbacite iiii pang'ono pang'ono timbatakule wanthuwa, tikaasiye. Anango hoo, tirikusona sona ntsapatozi, anango ati tiri pano kukondza kondza relógiozi. Ninga ine Fokoloni apa, ine kolo kwaye mbano apa paKanongola kusona sona () gunguwo ntsapatozo () ati n'ne, tiri pang'ambupa apa ah paKapangapa apa () bzwamapemphero yathu. Oh, ne, pembani, ife tina nthawe yakupemba, ife? Ha, mwabva tsapano? (risos) Haa, ninterepo. Wanthu ambacitalini cinthu cibodzi. Tingadakhala tandendemera tentsene panopa, haa, n'ne, bzingadathemalini. Tenepo, bwerani tibve Cibadula. Zacayizo zisere na mphindi zixanu. Oito e cinco. Ah, zadzakwana. Talewa zítatu. Ati mwalewa zingasi? Ati talewa três. Três, kuti três. Ni três. Un'dziwa nkholewa tani kuti três, três? Um, dois, três. Bzwítatu. kulewa katatu. Ohoo. Ok, ok, ok. Apa mun'cita tani? Ooo, nyimbombo muno ni magwangwa na magwangwa. Ah, munombo ni magwangwa na magwangwa. Lekani mantha, mungacite kutibvundza pomwe? Mukavundza ife, jay mukuphonya penu. Kulewa kuti imwepo munkayikhanyi apa, muli kuyendapa? N'chani comwe imwepo munkacita, muli kuyendapa? Mun'dziwa bzwomwe muniyenda kacita apa? (risos) Haa, mubvundze ife? Uwaa. Kuyimba kumweko kwa andzathu. Tikanazo zizindji kuno, zadidi za kuMoçambique na madziko yakundja. Zacayizo zisere na mphindi makumaxanu. Oito horas e vinte e cinco minutos. Huum, nthawe zacayizo, zisere na mphindi makumatatu. Bzwinfuna kumbathandiza mwandzako. Mwandzako ndiye ambathandiza. Xamwali ndiye ambathandiza. Tenepa panthawe zinozi tiri kuti tin'dziwisisa kumweko kuRádioko, ambalipira tsono tiri patali, tiri kuno kuNtsebedzi. Ndiko tiripo, kuNtsebedzi penu ni mphimpha iponi, n'nicita kabvundza, penu mphimpha iponi, penu. Tsona ati wona tiri kuno kuNtsebedzi tidagwedwa. Ndcitenyimbo, tingati n'ne tingadaalatiza mphophomu. Amphophowa ndiwo ndiwo a ambaphata basa limwero. Ati nada, taphata minyendo. Tsono ah, tinirewa, nkafika momu ninkadandawula, pakuwona kuti ali kuNtsebedzi, ali kutali wanthuwa. () aKhoza Kaphesi asayika dzulo, nthawe khumi za kumacibese kuNtsebedzi. Ali kuti ntembo wa nyamuya un'pendesidwa mangwana kumweko kuNtsebedzi. N'nibwereza: () Ah, mwawona kuthandiza xamwali wako ntenepa. Ali kutali, ali kuNtsebedzi. Kucita kuti nandi, ndaphata minyendo. Nandi, nandi, nandi, muna wanthu mphophomo ndiwo ambacita basa lomweri, ndathulini iri. Iri basali nda kundolewalewa basi. Ife basa lathu kuno, mukafuna kucita kukapawona ifepano tidayenda kadinda, munkawona nkholewalewa kokha. (risos) Ah, -rambo n'ne. Mukawona ankucita mabasa yanango, khuphonyeka kumweko. Ankucitalini bzwobzwo. Tsono ati n'ne taphata minyendo () pabasa pabasa, tsono, umbataza dzindza iwe kuno? Taphata minyendo, tiri patali. Kucita kuyenda paphiri, tawonambo popano pana kacelular kaemicel. Aha, oh, tabva. Tsono tinkacita kudandawula, basa, munti tincita tani. Ibwzi mpswa mpswathulini. Mpswa, mpswa, mpswa azindji. (risos) Bzwínthu bzwá azindji mumbabzwidziwa kale bzwida(). Ndipopo ndiri kuti mundirekere cakuyipa cathu. Tiri kuti nzimu wa nyamuya () Kaphesi uwose mwantendere, abvesere wathu. () Pepani, abvesere wangu, ticite tani? Tibve zina.

Texto 23 – Ntsembe

() ife tingadanyang'ana kudziwa, penu. Thangweranyio? Thangwe () imwepo akazimwe, mungadadziwa kuti bayanu ana nkazi umango () as coisas () kunemba tsamba Não é assim? – É.

ANEXO II - CALENDÁRIO ANUAL NYUNGWE

M'ndondondo wa minyezi ya gole la 2009

M'ndondondo wa minyezi ya gole la 2009, 'Calendário dos meses do ano de 2009', é o nome deste calendário concebido por Remígio Escrivão José, que mo cedeu. Na primeira coluna da esquerda, estão os sete dias da semana, contados a partir da segunda-feira e dispostos em três grupos. Nas quatro restantes colunas, estão os doze meses do ano, contados da esquerda para a direita a partir de Janeiro e formados em três grupos de quatro meses cada.

O calendário *nyungwe* gira em torno das estações do ano e das actividades a elas inerentes. Neste contexto, alguns meses do ano têm a ver com as actividades agrícolas, como a sacha, 'tsakulo' (Janeiro), a sementeira, 'm'bwalo' (Novembro), a colheita, 'm'bvuno' (Abril), enquanto que outros reportam às condições climáticas, como o frio, 'mphepo' (Maio), o estio, 'nkakata' (Março), etc. Os dias da semana subdividem-se em dias úteis e dias de descanso. Os cinco dias úteis seguem uma lógica cronológica de primeiro, segundo, terceiro, quarto e quinto dias, os dias de descanso são pautados por uma outra lógica. O sábado, 'malinkhuma', por exemplo, significa véspera (da semana inteira) e o domingo, 'm'dzinga', a própria semana (inteira).

	Tsakulo	Kambzombzo	Nkakata
Ciposi	5 12 19 26	2 9 16 23	2 9 16 23 30
Cipiri	6 13 20 27	3 10 17 24	3 10 17 24 31
Citatu	7 14 21 28	4 11 18 25	4 11 18 25
Cinayi	1 8 15 22 29	5 12 19 26	5 12 19 26
Cixanu	2 9 16 23 30	6 13 20 27	6 13 20 27
Malinkhuma	3 10 17 24 31	7 14 21 28	7 14 21 28
M'dzinga	4 11 18 25	1 8 15 22	1 8 15 22 29
	M'bvuno	M'phepo	Zawe
Ciposi	6 13 20 27	4 11 18 25	1 8 15 22 29
Cipiri	7 14 21 28	5 12 19 26	2 9 16 23 30
Citatu	1 8 15 22 29	6 13 20 27	3 10 17 24
Cinayi	2 9 16 23 30	7 14 21 28	4 11 18 25
Cixanu	3 10 17 24	1 8 15 22 29	5 12 19 26
Malinkhuma	4 11 18 25	2 9 16 23 30	6 13 20 27
M'dzinga	5 12 19 26	3 10 17 24 31	7 14 21 28
	Mpepedza	Cirino	Tsosa
Ciposi	6 13 20 27	3 10 17 24 31	7 14 21 28
Cipiri	7 14 21 28	4 11 18 25	1 8 15 22 29
Citatu	1 8 15 22 29	5 12 19 26	2 9 16 23 30
Cinayi	2 9 16 23 30	6 13 20 27	3 10 17 24
Cixanu	3 10 17 24 31	7 14 21 28	4 11 18 25
Malinkhuma	4 11 18 25	1 8 15 22 29	5 12 19 26
M'dzinga	5 12 19 26	2 9 16 23 30	6 13 20 27
	Phumphuli	M'bwalo	Mayindza
Ciposi	5 12 19 26	2 9 16 23	7 14 21 28
Cipiri	6 13 20 27	3 10 17 24	1 8 15 22 29
Citatu	7 14 21 28	4 11 18 25	2 9 16 23 30
Cinayi	1 8 15 22 29	5 12 19 26	3 10 17 24 31
Cixanu	2 9 16 23 30	6 13 20 27	4 11 18 25
Malinkhuma	3 10 17 24 31	7 14 21 28	5 12 19 26
M'dzinga	4 11 18 25	1 8 15 22 29	6 13 20 27

M'kondzi: Remígio Escrivão José (Tete, 01 de Janeiro 2009)

